



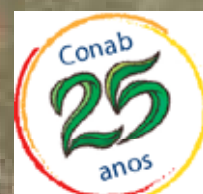
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 5 - Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2016**



Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Kátia Abreu

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Lineu Olímpio de Souza

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Rogério Luiz Zeraik Abdalla

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Roberto Naves e Siqueira

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Giovanna Freitas de Castro (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Guilherme Queiroz Micas (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA **grãos**

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 5 -Quinto levantamento | **FEVEREIRO 2015**

Monitoramento agrícola – Cultivos de verão (safra 2015/16)

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5- Safra 2015/16 - Quinto levantamento, Brasília, p. 1-182, fevereiro 2016.

Copyright © 2015 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)	João Marcelo Brito Alves (Geint)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)	Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)	João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)
Leonardo Amazonas (Geole -soja)	Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)	Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)
André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)	Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)		

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Eude Andrade, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Barbosa, Paulo Cláudio Machado Júnior, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Arquivo Geosafra/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com/> Martha Gama de Macedo, Francisco Olavo Batista de Sousa

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	08
----------------------------	-----------



2. Introdução	10
----------------------	-----------



3. Estimativa de área plantada	12
---------------------------------------	-----------



4. Estimativa de produtividade	15
---------------------------------------	-----------



5. Estimativa de produção	17
----------------------------------	-----------



6. Crédito rural	20
-------------------------	-----------



7. Monitoramento agrícola	43
----------------------------------	-----------



8. Análise das culturas	96
--------------------------------	-----------

8.1. Culturas de verão	96
------------------------	----

8.1.1. Algodão	96
----------------	----

8.1.2. Amendoim-----	102
8.1.3. Arroz -----	108
8.1.2. Feijão-----	114
8.1.2. Girassol -----	126
8.1.2. Mamona -----	128
8.1.2. Milho-----	130
8.1.2. Soja-----	138
8.1.2. Sorgo-----	148
8.2. Culturas de inverno-----	149
8.2.1. Aveia -----	149
8.2.2. Canola -----	150
8.2.3. Centeio-----	151
8.2.4. Cevada-----	152
8.2.5. Trigo-----	153
8.2.6. Triticale-----	155



9. Balanço de oferta e demanda-----	157
--	------------



10. Preços -----	159
-------------------------	------------



11. Câmbio -----	167
-------------------------	------------



12. Exportação e importação -----	169
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/2016

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 210,3 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 1,3% em relação à safra anterior.

A área plantada prevista é de 58,5 milhões de hectares, crescimento previsto de 1% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pela redução de área no Nordeste, principalmente na Bahia, segundo maior estado produtor.

Amendoim: a estimativa é de aumento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo crescimento significativo da área plantada em São Paulo. Aumento na produtividade média e produção total.

Arroz: há perspectivas de redução de área em quase todos os estados produtores, o que afeta a produção total.

Feijão: aumento da produção e produtividade do feijão primeira safra, mesmo com redução de área.

Mamona: estimativa de aumento na produção, área plantada e produtividade.

Milho: perspectiva de redução na área plantada e produção de milho primeira safra em comparação com 2014/15.

Soja: apesar de problemas pontuais, como atraso de plantio, a estimativa é de crescimento na produção e

na produtividade. Safra estimada de 100,9 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o acompanhamento da safra brasileira de grãos, procura oferecer informações e conhecimentos contextualmente relevantes para todos os agentes que estão envolvidos com os desafios da agricultura, da segurança alimentar e nutricional e do abastecimento.

O relatório foi construído de maneira a registrar e indicar variáveis que podem auxiliar na compreensão dos resultados da safra de grãos e que se inserem como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

A Conab, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, a pesquisa subjetiva de campo, além de outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse relatório, que aborda as informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra, que se encontram nas fases desde o desenvolvimento vegetativo ao início de colheita, no caso do feijão primeira safra, consta os resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia no território nacional, indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e

preços, bem como informes da situação climática, o acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que, a Companhia tem a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos, com o envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados ora divulgados devem ser registrados como esforço e colaboração de profissionais autônomos e técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Registra-se nossos agradecimentos pela indispensável participação de todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,5 MILHÕES DE HECTARES)

Para o quinto levantamento da safra brasileira de grãos, a estimativa é que a área plantada alcance 58,5 milhões de hectares (Tabela 1). No total absoluto, isso representa um aumento de 593,5 mil hectares frente à safra passada, que chegou a 57,9 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por mais de 56% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento 3,6% (1,1 milhão de hectares) na área cultivada com a oleaginosa. O algodão apresenta redução de 1,7% (17,0 mil hectares), reflexo da opção pelo plantio de soja na Bahia, segundo maior produtor do país. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução de 6,8% na área (418,9 mil hectares), a ser cultivada com soja. Para o milho segunda safra, a expectativa é de leve aumento de área. O feijão primeira safra apresenta redução de 2,7% (28,3 mil hectares).

Esta é a quinta previsão para a safra 2015/16. As culturas de primeira safra tiveram o plantio estendido até meados de janeiro, em algumas regiões.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Jan/2016 (b) ¹	Fev/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	960,6	959,2	(1,7)	(17,0)
AMENDOIM TOTAL	108,9	106,6	120,7	10,8	11,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	95,6	110,5	13,1	12,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,4	10,2	(8,9)	(1,0)
ARROZ	2.295,1	2.143,5	2.125,6	(7,4)	(169,5)
FEIJÃO TOTAL	3.040,0	3.022,1	3.003,6	(1,2)	(36,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	1.024,3	1.024,9	(2,7)	(28,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.318,5	1.310,4	(0,6)	(8,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	668,3	679,3	668,3	-	-
GIRASSOL	111,5	111,5	111,5	-	-
MAMONA	82,1	128,4	125,1	52,4	43,0
MILHO TOTAL	15.692,9	15.215,9	15.341,8	(2,2)	(351,1)
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.665,3	5.723,4	(6,8)	(418,9)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	9.550,6	9.618,4	0,7	67,8
SOJA	32.092,9	33.228,4	33.234,0	3,6	1.141,1
SORGO	722,6	733,0	698,8	(3,3)	(23,8)
SUBTOTAL	55.122,2	55.646,0	55.720,3	1,1	598,1
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ¹	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	189,5	189,5	-	-
CANOLA	44,4	44,4	44,4	-	-
CENTEIO	1,7	1,7	1,7	-	-
CEVADA	102,4	102,4	102,4	-	-
TRIGO	2.448,8	2.448,8	2.448,8	-	-
TRITICALE	21,5	21,5	21,5	-	-
SUBTOTAL	2.808,3	2.808,3	2.808,3	-	-
BRASIL	57.930,5	58.454,3	58.528,6	1,0	598,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.



Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)

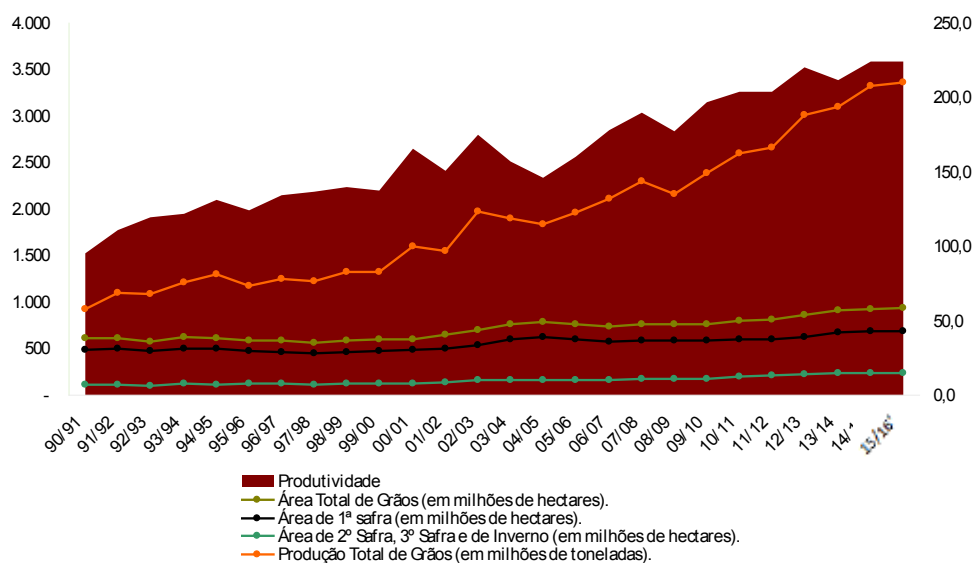
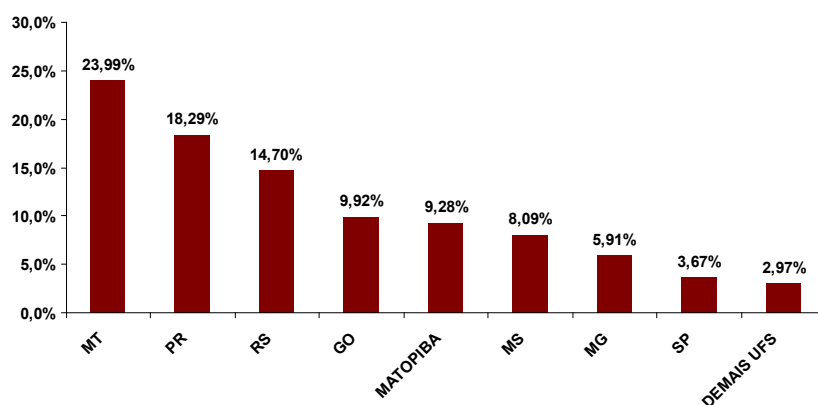
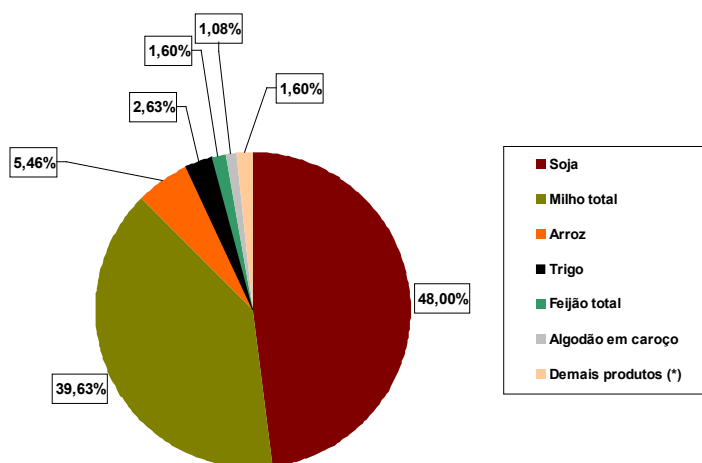


Grafico 2 – Brasil - Produção total por unidade da federação



Fonte: Conab.

Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto



Fonte: Conab.





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A Conab utiliza de metodologia estatística baseada em séries temporais, para estimar a produtividade das culturas que ainda se encontravam em fase de plantio, tendo em vista que ainda são escassas as informações de campo. É o que ocorre para as culturas de segunda safra. Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita é levado em consideração as informações de produtividade apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado desses estudos auxilia na redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é que a produtividade seja levemente superior à safra passada.

Para as culturas de terceira safra (feijão), tendo em vista que o plantio inicia em janeiro e abril, respectivamente, as estimativas de produtividade permanecem aquelas calculadas na metodologia estatística, lembrando que esses valores são sobrepostos com os pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Jan/2016 (b)	Fev/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.406	2.356	2.363	(1,8)	(43,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.568	1.573	(1,7)	(28,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.305	3.430	7,8	247,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.416	3.541	8,4	273,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.425	5.399	(0,4)	(20,0)
FEIJÃO TOTAL	1.025	1.103	1.122	9,5	97,2
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.157	1.233	14,8	158,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	858	964	959	11,8	100,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.276	1.292	1.270	(0,4)	(5,5)
GIRASSOL	1.374	1.613	1.590	15,8	216,7
MAMONA	573	728	777	35,7	204,5
MILHO TOTAL	5.396	5.411	5.432	0,7	36,4
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.901	4.953	1,1	55,1
MILHO 2ª SAFRA	5.716	5.713	5.717	-	1,3
SOJA	2.998	3.073	3.037	1,3	38,6
SORGO	2.844	2.635	2.778	(2,3)	(66,2)
SUBTOTAL	3.654	3.670	3.662	0,2	8,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	1.853	1.853	-	-
CANOLA	1.236	1.236	1.236	-	-
CENTEIO	1.706	1.706	1.706	-	-
CEVADA	2.568	2.568	2.568	-	-
TRIGO	2.260	2.260	2.260	-	-
TRITICALE	2.647	2.647	2.647	-	-
SUBTOTAL	2.230	2.230	2.230	-	-
BRASIL (2)	3.585	3.601	3.593	0,2	8,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2015.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (210,3 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 210,3 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse aumento equivale a 1,3% ou 2,6 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15 (207,7 milhões de toneladas) (Tabela 3).

A soja apresenta o maior crescimento absoluto, com estimativa de aumento de 4,7 milhões de toneladas, estimada em 100,9 milhões de toneladas. Os ganhos de área e produtividade da cultura refletem num aumento de 4,9% na produção total do país.

Para o arroz, milho primeira e o algodão a estimativa é de queda na produção total, impulsionada pela redução na área plantada. A recuperação das produtividades de feijão reflete em aumento da produção, apesar da queda na área plantada do país.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	Jan/2016 (b) ³	Fev/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.254,1	2.266,2	(3,5)	(82,4)
ALGODÃO EM PLUMA	1.562,8	1.500,2	1.508,4	(3,5)	(54,4)
AMENDOIM TOTAL	346,8	351,9	414,0	19,4	67,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	328,2	391,3	22,5	72,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	23,7	22,7	(17,5)	(4,8)
ARROZ	12.436,1	11.628,8	11.475,3	(7,7)	(960,8)
FEIJÃO TOTAL	3.115,3	3.334,6	3.385,6	8,7	270,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.185,0	1.276,1	12,8	144,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.131,1	1.271,6	1.260,3	11,4	129,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	852,5	877,8	849,0	(0,4)	(3,5)
GIRASSOL	153,2	179,8	177,3	15,7	24,1
MAMONA	47,0	93,5	97,3	107,0	50,3
MILHO TOTAL	84.672,4	82.327,4	83.336,0	(1,6)	(1.336,4)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	27.764,8	28.345,6	(5,8)	(1.736,4)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	54.562,8	54.990,6	0,7	400,1
SOJA	96.228,0	102.110,5	100.933,0	4,9	4.705,0
SORGO	2.055,3	1.931,4	1.941,4	(5,5)	(113,9)
SUBTOTAL	201.402,7	204.212,0	204.026,1	1,3	2.623,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	Dez/2015 (b) ¹	Jan/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	351,2	351,2	-	-
CANOLA	54,9	54,9	54,9	-	-
CENTEIO	2,9	2,9	2,9	-	-
CEVADA	263,0	263,0	263,0	-	-
TRIGO	5.534,9	5.534,9	5.534,9	-	-
TRITICALE	56,9	56,9	56,9	-	-
SUBTOTAL	6.263,8	6.263,8	6.263,8	-	-
BRASIL ²	207.666,5	210.475,8	210.289,9	1,3	2.623,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.487,5	(0,1)	3.205	3.078	(4,0)	7.979,2	7.657,0	(4,0)
RR	44,7	59,9	34,0	3.559	3.649	2,5	159,1	218,6	37,4
RO	463,3	472,9	2,1	3.295	3.303	0,2	1.526,8	1.562,1	2,3
AC	55,5	52,7	(5,0)	1.953	2.142	9,7	108,4	112,9	4,1
AM	24,4	24,4	-	2.148	2.221	3,4	52,4	54,2	3,4
AP	5,0	5,0	-	880	960	9,1	4,4	4,8	9,1
PA	648,9	647,0	(0,3)	2.947	2.934	(0,4)	1.912,3	1.898,5	(0,7)
TO	1.248,0	1.225,6	(1,8)	3.378	3.105	(8,1)	4.215,8	3.805,9	(9,7)
NORDESTE	8.120,7	8.010,5	(1,4)	2.049	2.126	3,8	16.643,2	17.029,0	2,3
MA	1.728,7	1.574,9	(8,9)	2.392	2.480	3,7	4.134,2	3.906,4	(5,5)
PI	1.410,6	1.382,8	(2,0)	2.222	2.274	2,3	3.134,3	3.143,8	0,3
CE	907,7	905,3	(0,3)	336	448	33,4	304,8	405,7	33,1
RN	59,3	59,3	-	373	454	21,6	22,1	26,9	21,7
PB	122,9	122,9	-	299	389	30,1	36,8	47,8	29,9
PE	460,1	460,1	-	320	399	24,6	147,4	183,5	24,5
AL	79,9	79,9	-	841	755	(10,3)	67,2	60,3	(10,3)
SE	214,8	214,8	-	3.389	3.901	15,1	728,0	838,0	15,1
BA	3.136,7	3.210,5	2,4	2.572	2.622	1,9	8.068,4	8.416,6	4,3
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.269,2	1,7	3.855	3.841	(0,4)	88.167,1	89.388,8	1,4
MT	13.586,9	13.772,0	1,4	3.803	3.674	(3,4)	51.670,2	50.603,2	(2,1)
MS	4.043,7	4.160,7	2,9	4.150	4.100	(1,2)	16.782,4	17.057,2	1,6
GO	5.100,4	5.180,2	1,6	3.718	4.040	8,7	18.961,2	20.927,2	10,4
DF	142,4	156,3	9,8	5.290	5.047	(4,6)	753,3	801,2	6,4
SUDESTE	5.105,3	5.146,0	0,8	3.772	3.941	4,5	19.257,4	20.281,2	5,3
MG	3.227,1	3.204,7	(0,7)	3.662	3.893	6,3	11.818,8	12.477,4	5,6
ES	32,5	29,7	(8,6)	1.105	1.714	55,1	35,9	50,9	41,8
RJ	4,8	3,7	(22,9)	1.875	1.865	(0,5)	9,0	6,9	(23,3)
SP	1.840,9	1.907,9	3,6	4.016	4.060	1,1	7.393,7	7.746,0	4,8
SUL	19.341,3	19.610,8	1,4	3.910	3.872	(1,0)	75.619,6	75.933,9	0,4
PR	9.585,7	9.781,8	2,0	3.920	3.944	0,6	37.579,8	38.576,7	2,7
SC	1.300,8	1.279,7	(1,6)	4.936	4.954	0,4	6.421,0	6.348,5	(1,1)
RS	8.454,8	8.549,3	1,1	3.740	3.627	(3,0)	31.618,8	31.008,7	(1,9)
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.498,0	(1,1)	2.321	2.351	1,3	24.622,4	24.686,0	0,3
CENTRO-SUL	47.320,0	48.026,0	1,5	3.868	3.864	(0,1)	183.044,1	185.603,9	1,4
BRASIL	57.930,5	58.524,0	1,0	3.585	3.593	0,2	207.666,5	210.289,9	1,3

Legenda: Legenda: (*) Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.





6. CRÉDITO RURAL

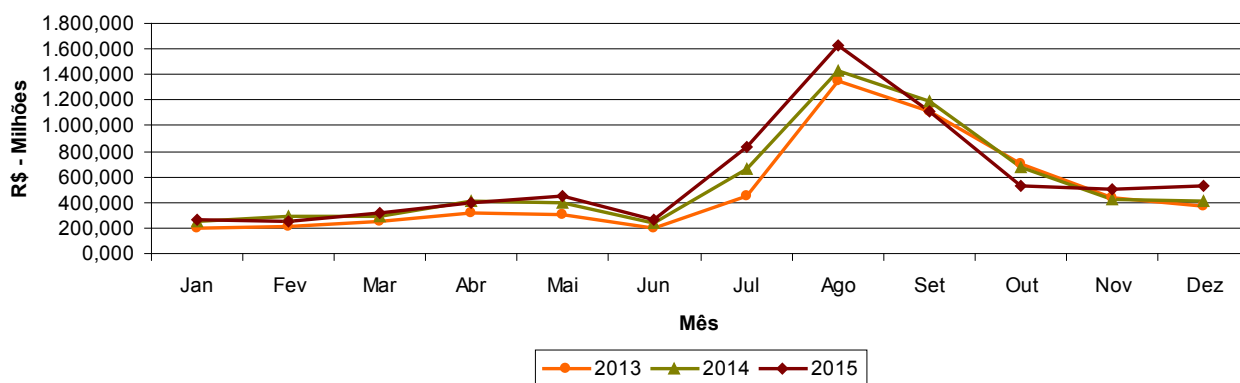
As informações do crédito rural são parte do processo de avaliação do plantio da safra 1516. No presente texto será objeto de análise os anos de 2013 a 2015, para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja.

Deve-se ressaltar que a Conab se pauta nas informações do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso para o presente texto foi em 18 de janeiro de 2016. Importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

A análise utiliza os financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pro-namp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e financiamento sem vínculo a programa específico.

No Gráfico 4, apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015 para o Pronaf. Ao observar o comportamento do crédito, percebe-se que sua utilização é superior aos anos anteriores. O financiamento da soja se destaca no período de 2015.

Gráfico 4 – Pronaf - Crédito



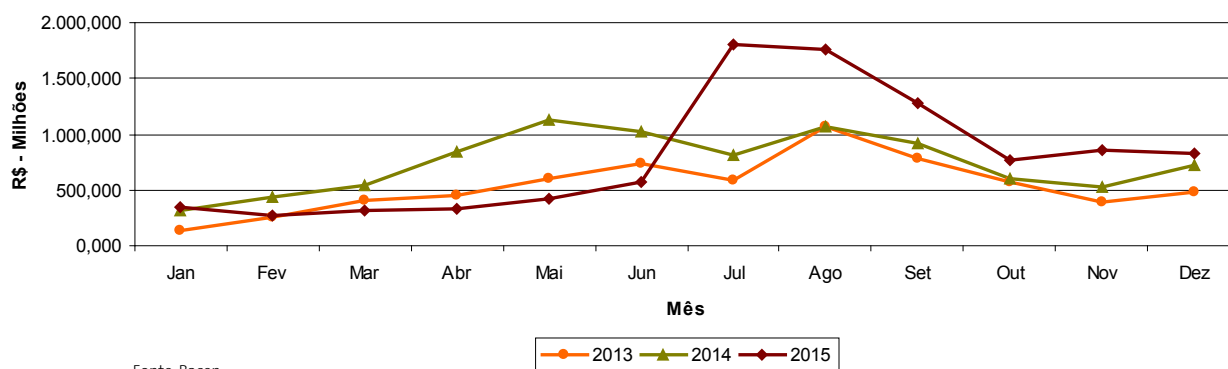
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

No Gráfico 5 apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015 para Pronamp. Os recursos do Pronamp estão sendo mais utilizados no ano de 2015. Observa-se, também, que os créditos em 2014 já demonstravam tendência de melhoria, quando com-

parados com 2013. O comportamento que se observa é de que, diferente dos anos anteriores, os recursos foram mais utilizados a partir de julho de 2015. Destaca-se utilização de crédito para arroz, milho segunda safra e soja.

Gráfico 5 – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

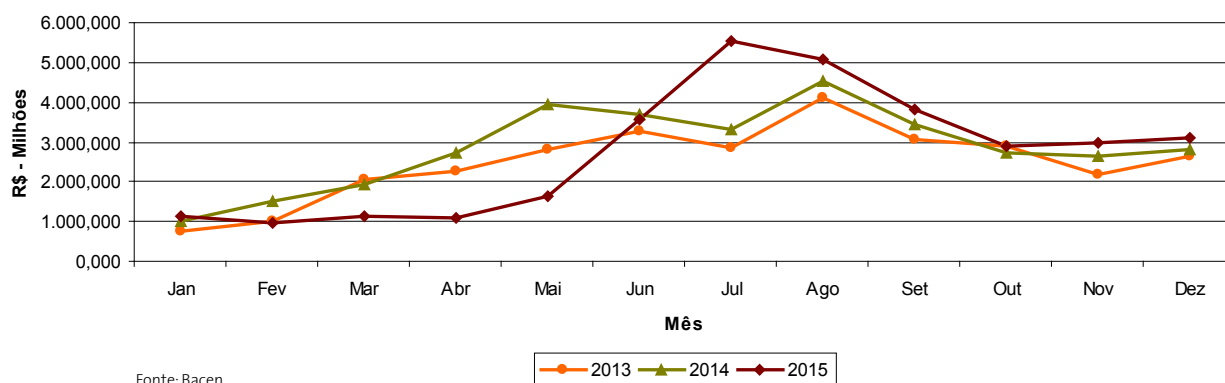
Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

No Gráfico 6, apresentam-se os valores para janeiro de 2013 a novembro de 2015 para o tipo de financiamento sem vínculo a programa específico. No ano de 2015 o comportamento é diferente dos anos anterior-

es, pois o aumento de crédito se destaca nos meses de julho e agosto. O financiamento de algodão, arroz, milho segunda safra e soja se destacam no período de 2015.



Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.

6.1. ARROZ

A Tabela 5 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113

Fonte: Bacen.

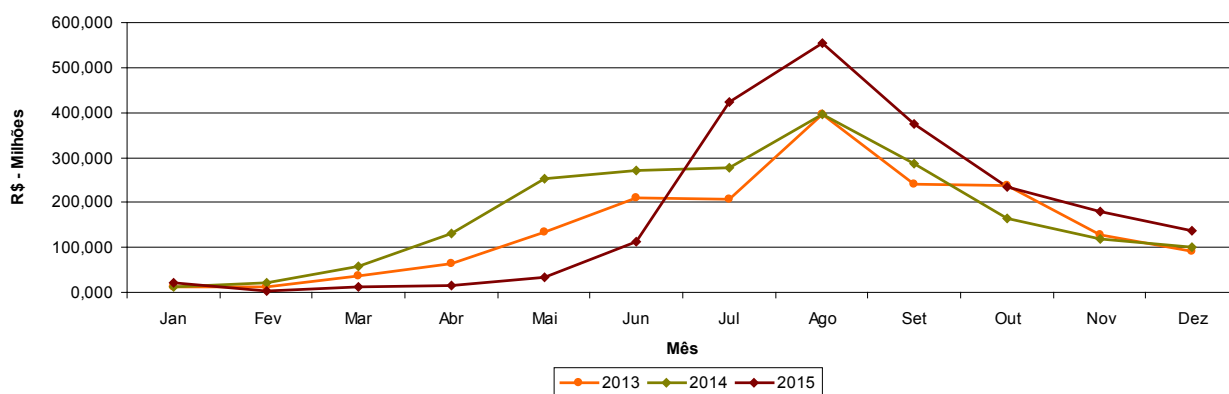
Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 7, 8, 9, 10 apresentam o total dos valores disponibilizados para o produto e os valores aporta-

dos pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



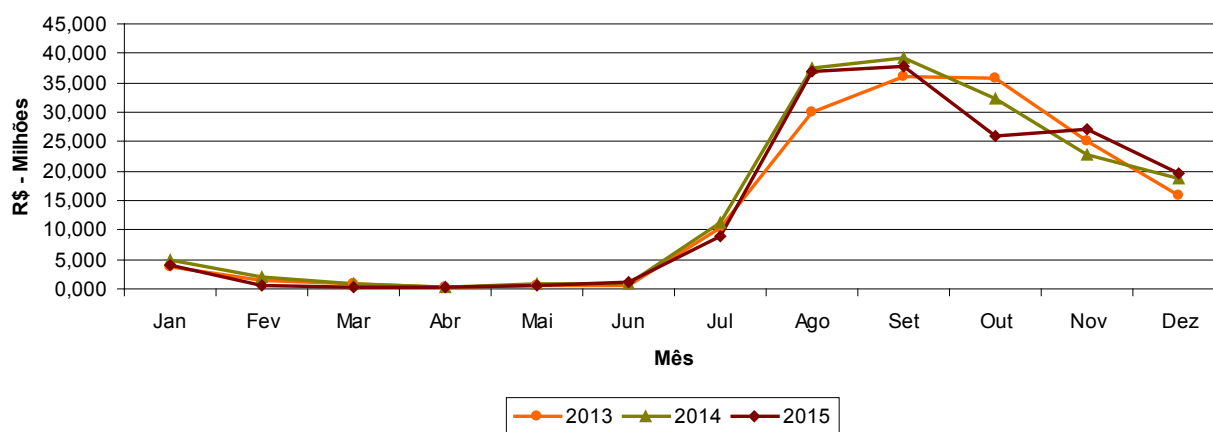
Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

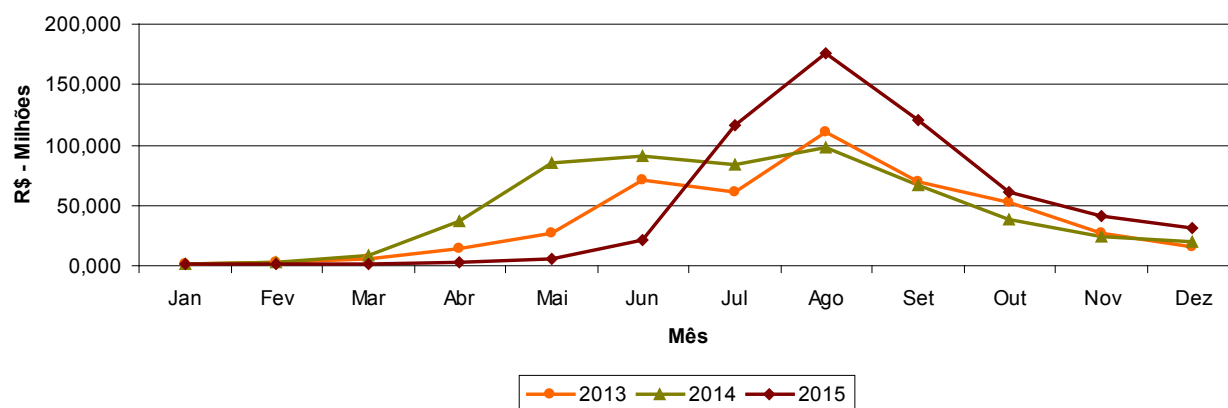
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a novembro/2015.

Gráfico 9 – Arroz – Pronamp – Crédito

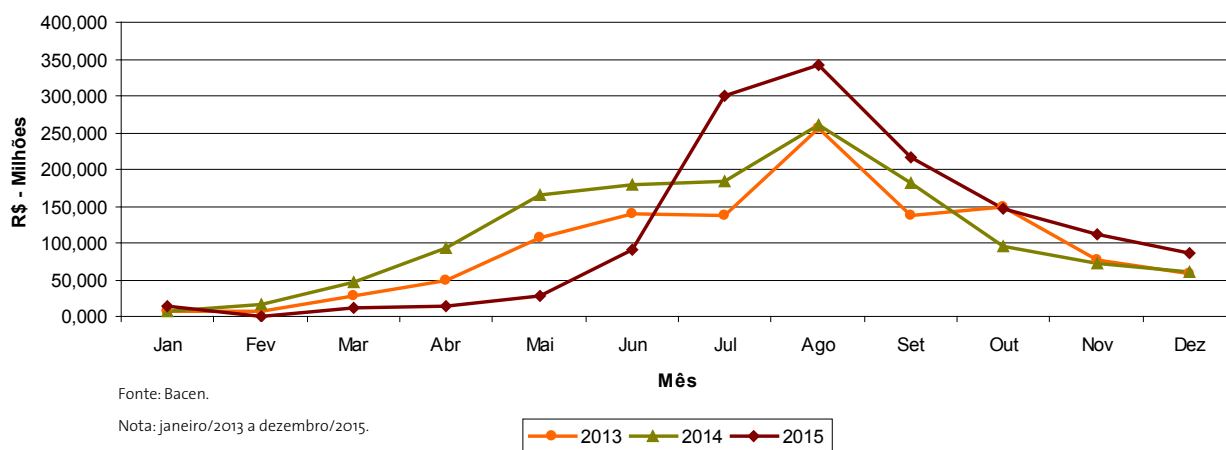


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Gráfico 10 – Arroz – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Sob a ótica do PRONAMP e do financiamento sem vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito nos meses de Janeiro a Junho de 2015 foi inferior, se comparados com o mesmo período de 2014 e 2013. Porém nos meses de Julho e Agosto observa-se aumento do valor disponibilizado em 2015, em relação aos anos anteriores. Na linha do PRONAF o aporte em 2015 permanece relativamente idêntico ao observado em 2014, sendo que em Novembro o aumento do crédito pode ter relação

com o plantio principalmente na região norte e nordeste. Sob o aspecto geral, o comportamento descendente da curva em setembro pode ser considerada normal em virtude do pico do acesso nos dois meses anteriores e do início de plantio nas principais regiões produtoras.

A Tabela 6 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto arroz.

Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897
Total Global	12,575	11,543	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703
NORTE	1,371	2,040	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037
Total Global	12,967	21,566	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113

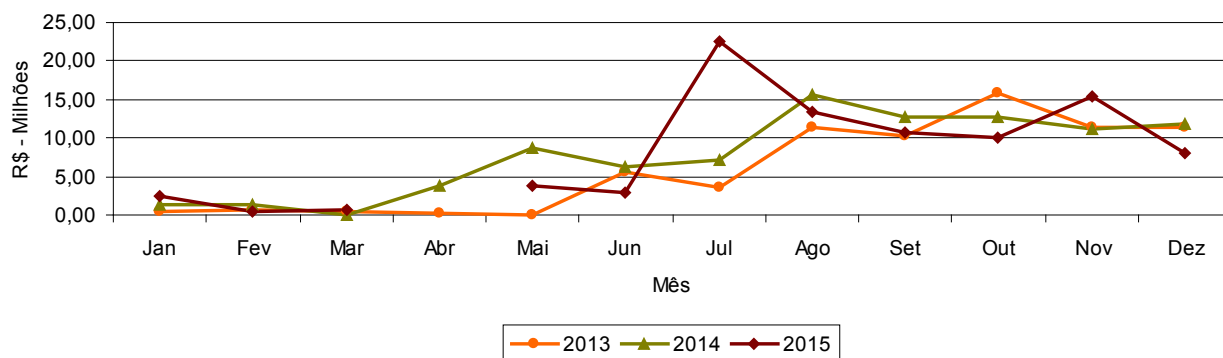
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Os Gráficos 11, 12, 13, 14 e 15 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras para o produto arroz.

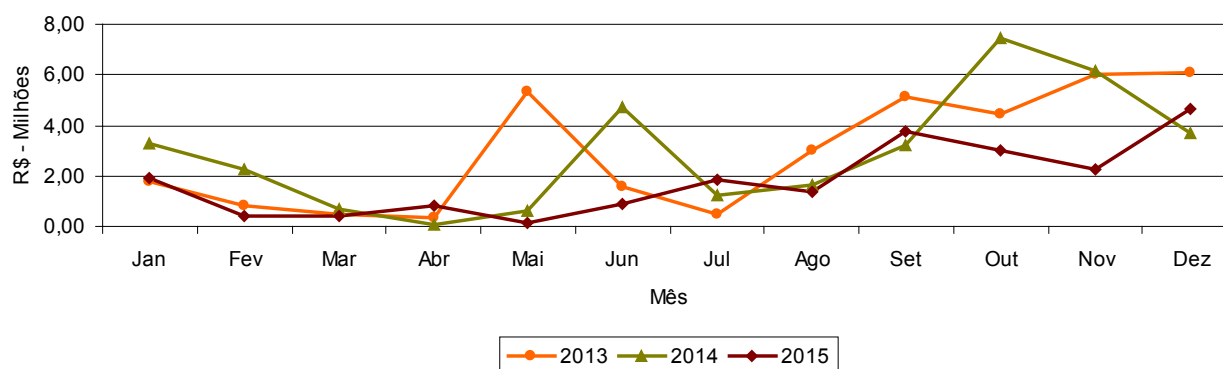
Gráfico 11 – Arroz – Norte - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

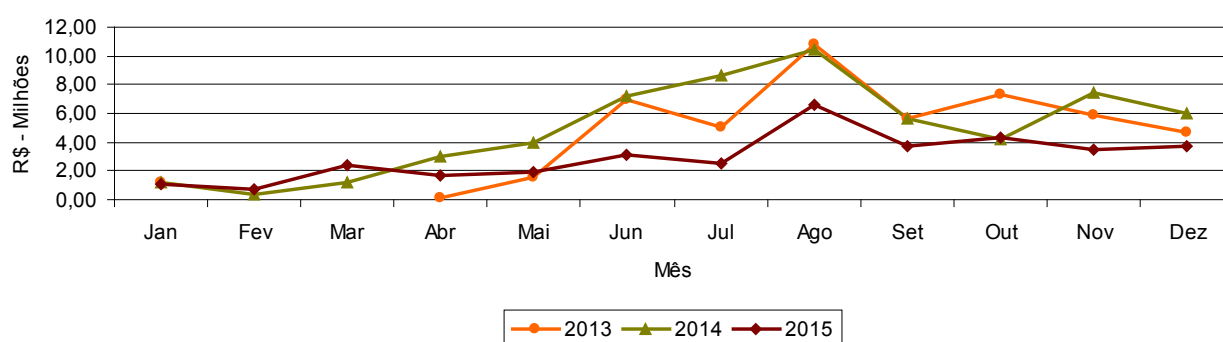
Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito

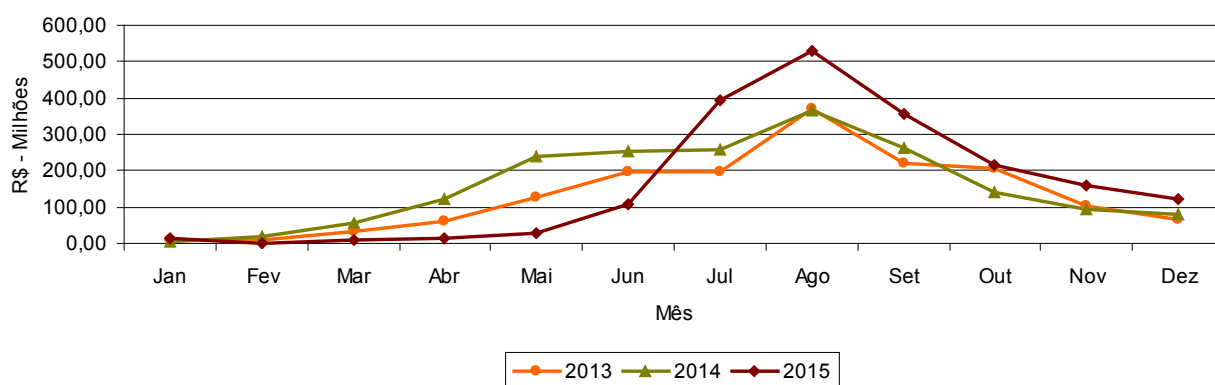


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



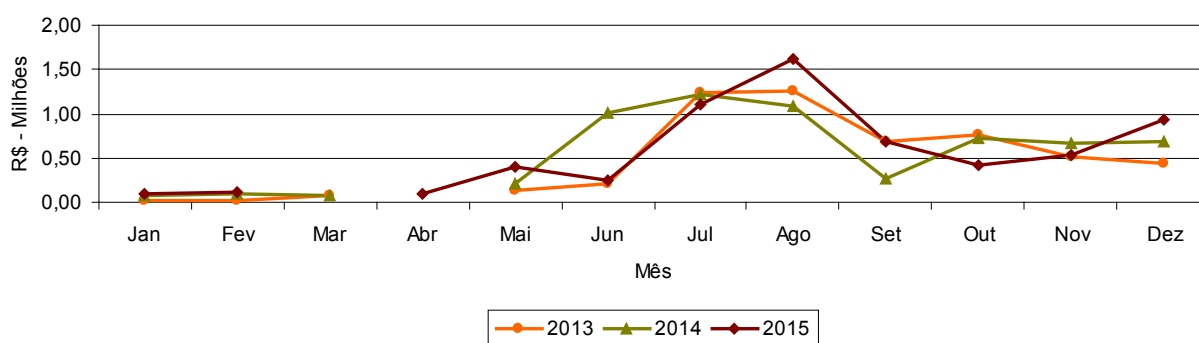
Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

A produção de arroz se concentra na região Sul e o calendário de plantio, no Brasil, tem seu início em setembro e se estende até dezembro. A utilização do crédito, na maioria das regiões a partir de junho está compatível com o processo de produção. O que se observa é que nas regiões Centro-Oeste e Nordeste

a redução na utilização do crédito tem relação com a diminuição do uso da cultura para abertura de novas áreas e queda de plantio, seja por motivos econômicos ou por problemas climáticos. O aumento na utilização do crédito no Sudeste e Nordeste, em dezembro, tem relação com o calendário agrícola dessas regiões.



6.2. MILHO

A Tabela 7 apresenta os valores de crédito por tipo de financiamento para o milho.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	94,760	110,327	64,880	29,528	27,278	7,913	129,519	476,370	367,179	192,774	93,984	99,481
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,513	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,702	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,290	218,811	645,995	1.088,766
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018

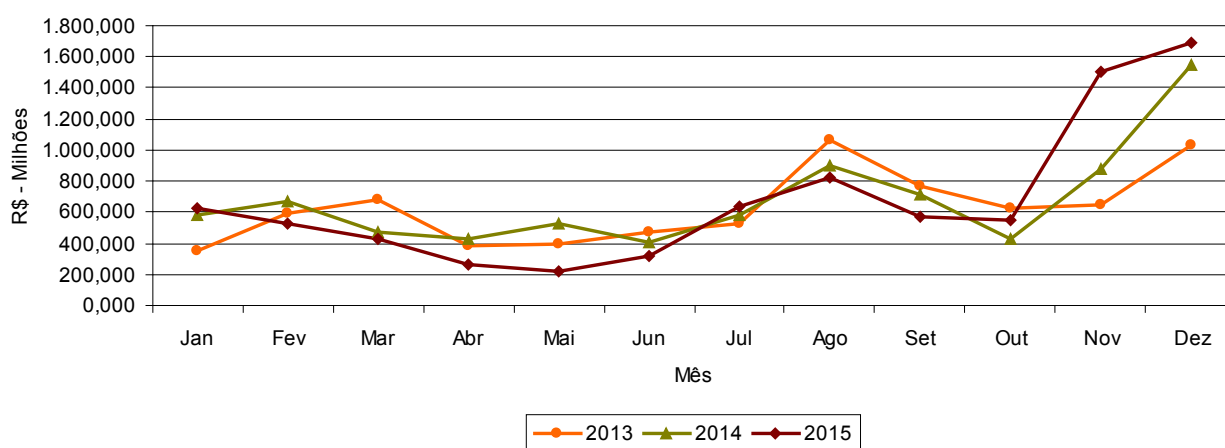
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 16, 17, 18 e 19 apresentam para o produto milho, o total dos valores disponibilizados os valores

aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Gráfico 16 – Milho – Total de investimentos

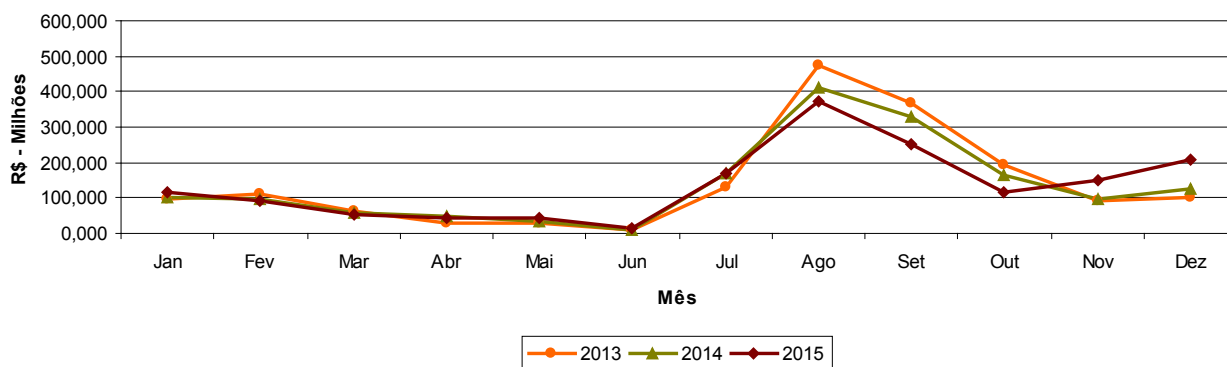


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



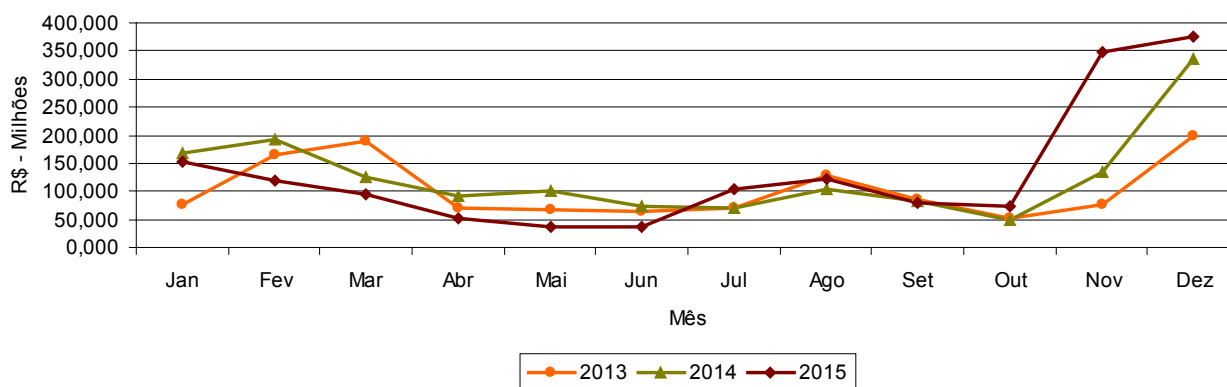
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

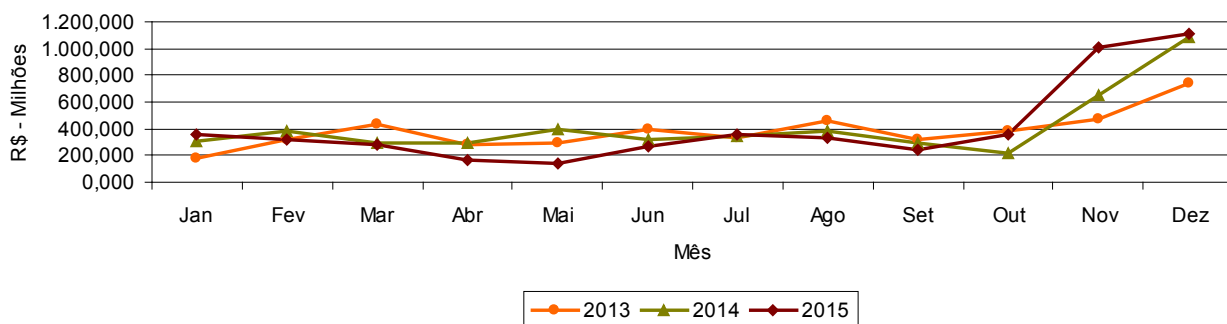
Gráfico 18 – Milho –Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 19 – Milho – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Observa-se que o total de crédito disponibilizado em 2015 foi inferior aos anos de 2014 e 2013. No entanto, o comportamento a partir de outubro e novembro (aumento no uso do crédito) explica-se pela escolha dos produtores em utilizar recursos para o plantio de outras culturas na primeira safra e buscar crédito no plantio da segunda safra no momento mais oportuno, como se observa no comportamento do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico

e uma pequena variação no Pronaf. O uso dos recursos na agricultura familiar estão levemente abaixo de 2014, mas com o custeio tem sua indicação para o uso na primeira safra do milho.

A Tabela 8 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira exclusivamente para o produto milho.



Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

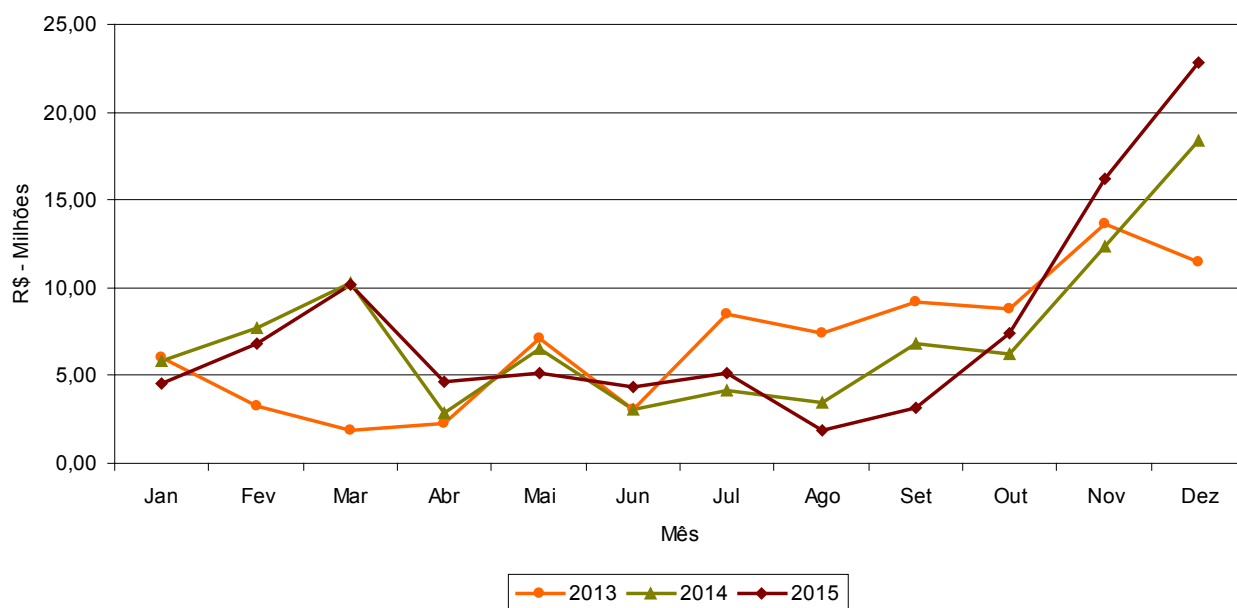
2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658
NORTE	6,039	3,286	1,915	2,271	7,102	3,067	8,543	7,380	9,175	8,780	13,622	11,465
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055
Total Global	348,791	597,191	685,505	385,707	390,426	466,575	528,021	1.065,464	771,556	624,425	645,590	1.034,637
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774
Total Global	577,588	668,429	475,408	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 20, 21, 22, 23 e 24 apresentam para o produto milho os valores disponibilizados nas diferentes regiões brasileiras.

Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito

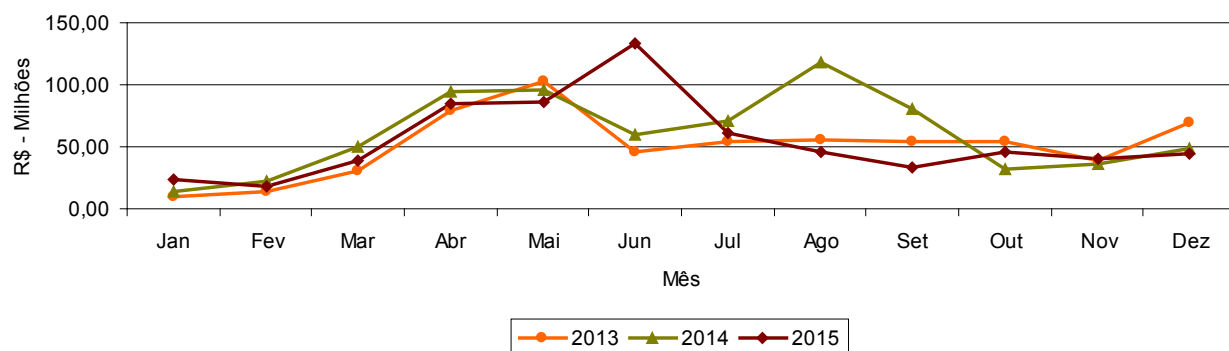


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



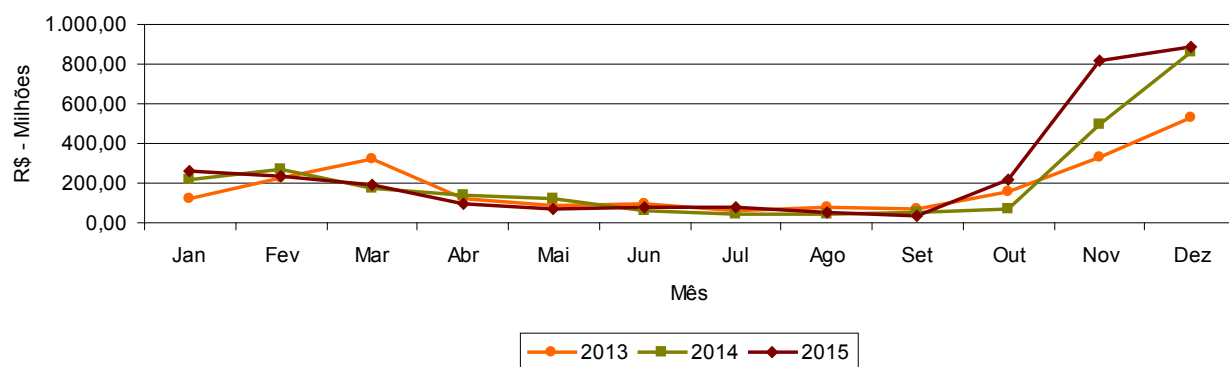
Gráfico 21 – Milho – Nordeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

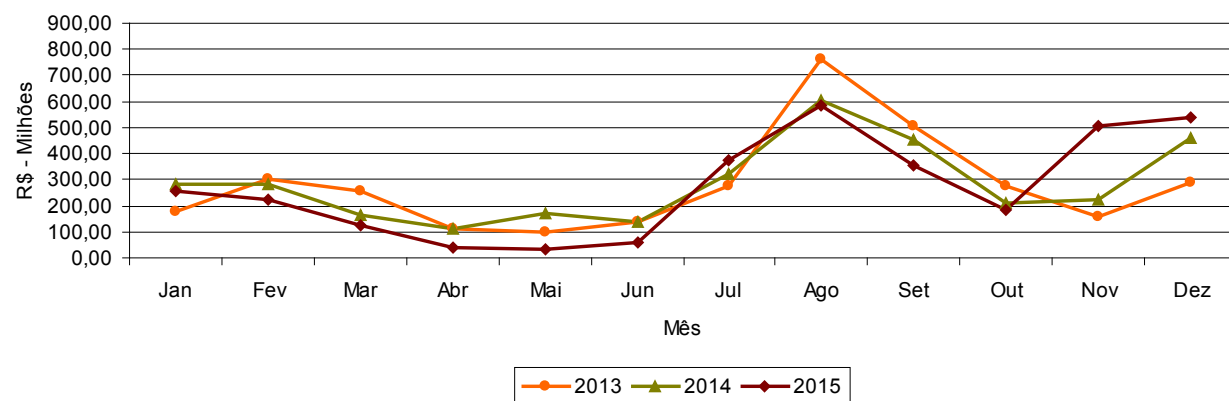
Gráfico 22 – Milho - Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 23 – Milho - Sul – Crédito

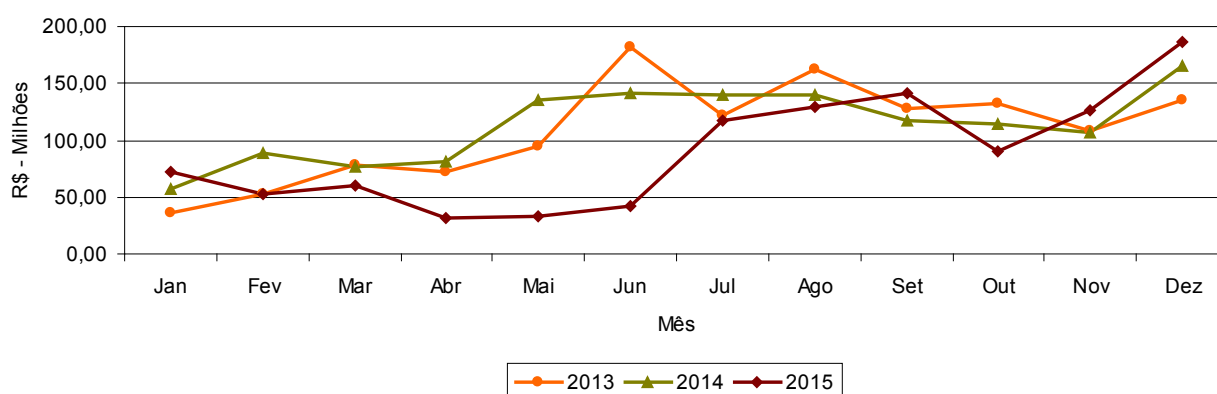


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Gráfico 24 – Milho - Sudeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

O calendário de plantio do milho primeira safra, no Centro-Sul, tem, no geral, o início em agosto e término em dezembro. outro aspecto da cultura é que a segunda safra de milho tem sido de maior destaque no total da produção. Observa-se que nas regiões Sude-

te, Sul e Centro-Oeste há aumento no uso do crédito a partir de outubro, o que se explica pela necessidade de iniciar os preparativos para o plantio da segunda safra de milho. nesse contexto, o uso do crédito é compatível com a situação observada.

6.3. SOJA

A tabela 9 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,797
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234
Sem Vinc. Espec.	87,403	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,875	1.388,044	2.048,040	1.204,513	938,132	553,577	566,786
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652
Sem Vinc. Espec.	116,860	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605

Fonte: Bacen.

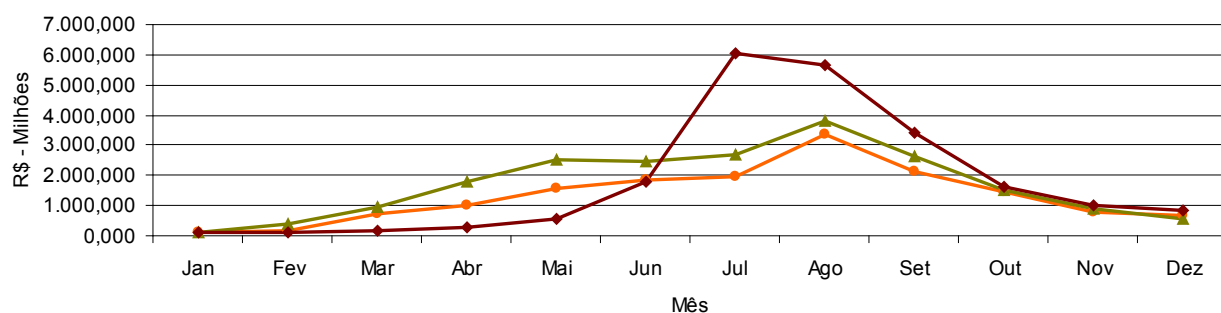
Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 22, 23, 24 e 25 apresentam os valores apor-

tados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.



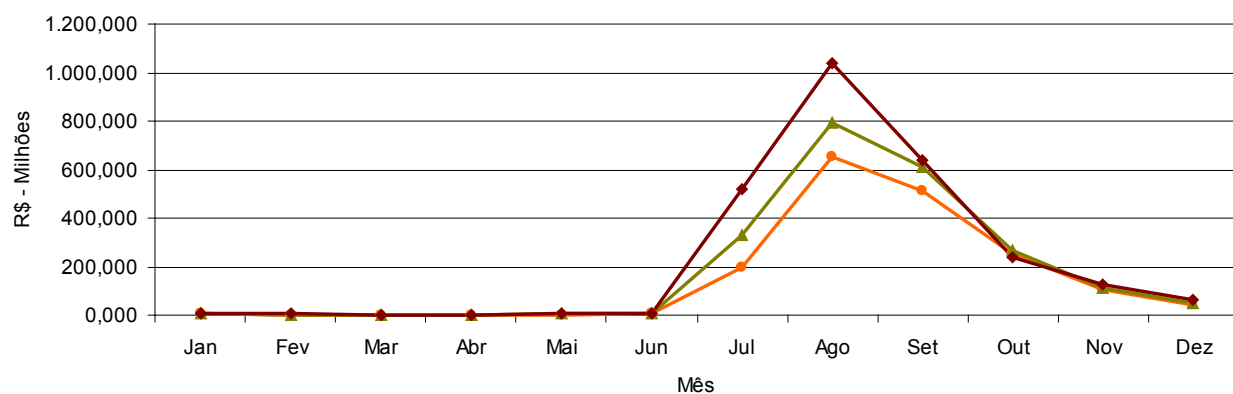
Gráfico 22 – Soja – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

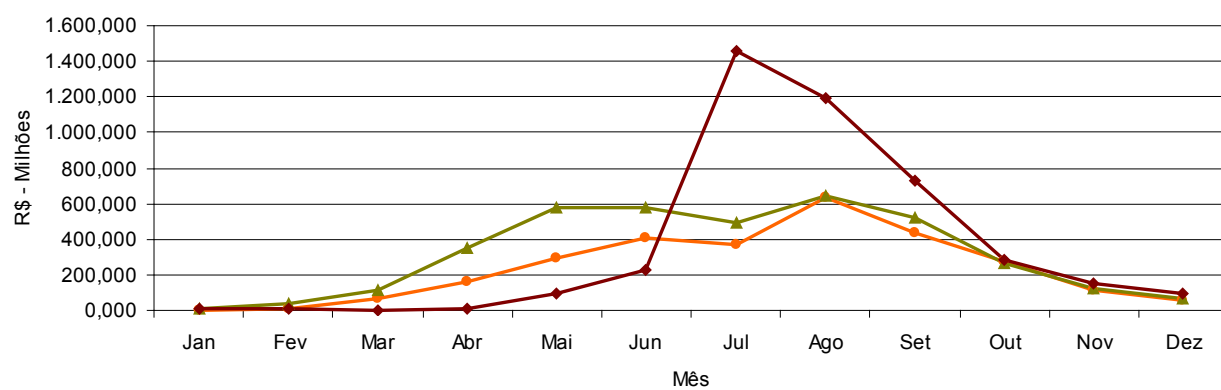
Gráfico 23 – Soja – Pronaf - crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 24 – Soja – Pronamp - Crédito

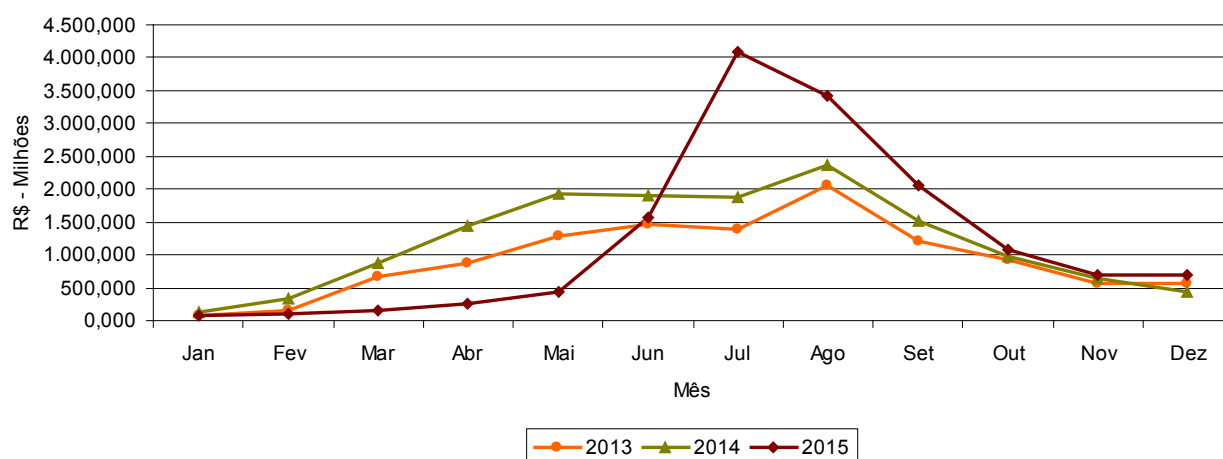


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Gráfico 25 – Soja – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

A disponibilidade caracteriza o comportamento das diversas fontes é a semelhança no aumento do uso de recursos a partir de junho 15, diferente do observado nos anos anteriores quando havia tendência de distribuição no uso do financiamento.

A Tabela 10 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira exclusivamente para o produto soja.

Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757
NORTE	4,310	8,610	13,671	17,962	45,696	77,326	60,380	77,688	52,060	55,856	43,585	27,923
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184
Total Global	95,901	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.873,078	1.947,807	3.333,954	2.151,471	1.466,533	772,818	666,817
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441
NORTE	12,202	16,982	24,083	37,368	101,423	108,502	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624
Total Global	130,769	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,224	3.804,347	2.658,318	1.513,220	875,573	568,224
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605

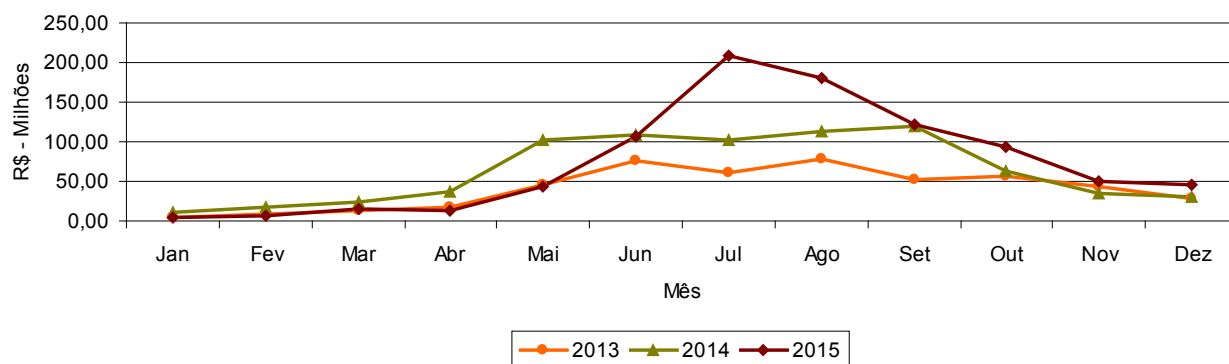
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Os Gráficos 26 ao 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.

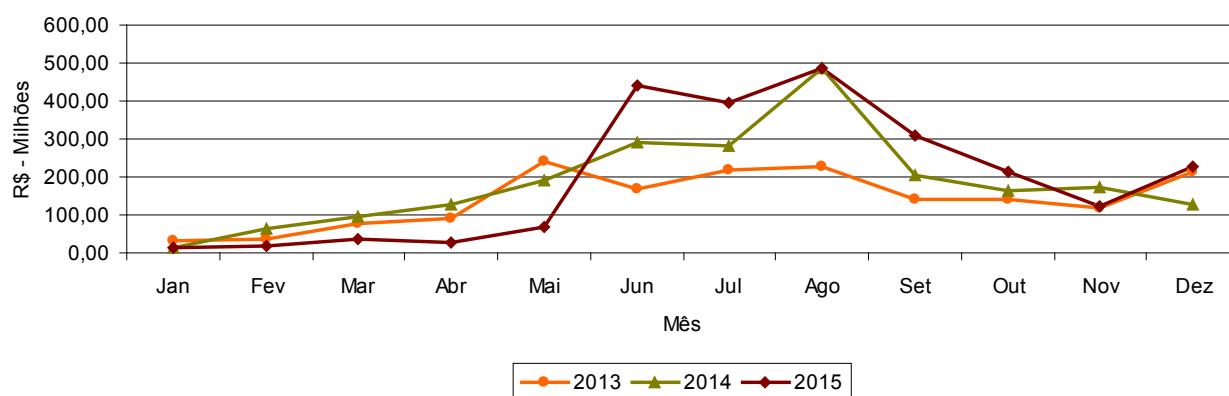
Gráfico 26 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

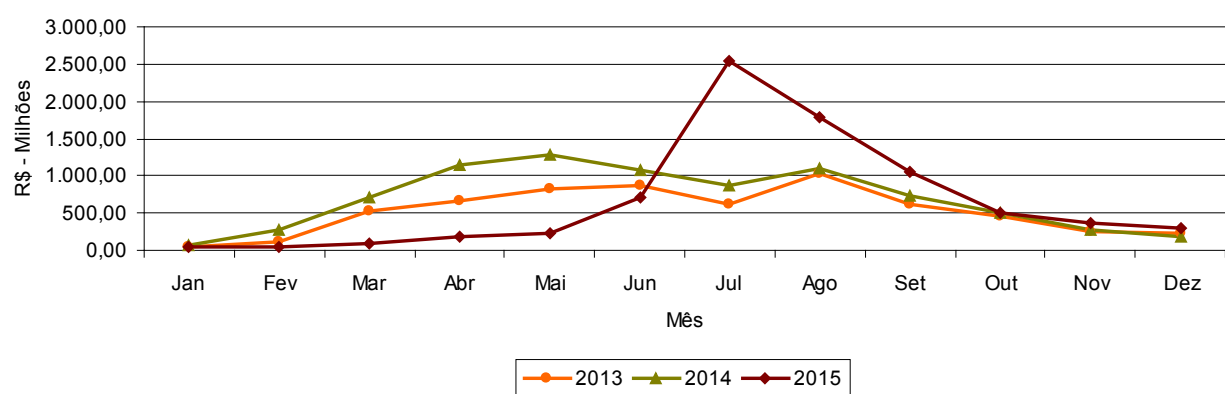
Gráfico 27– Soja – Nordeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 28 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

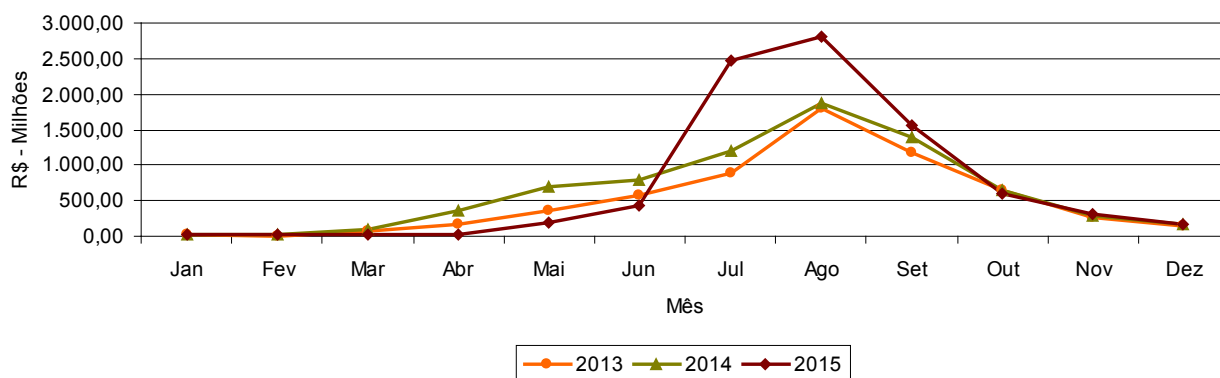


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



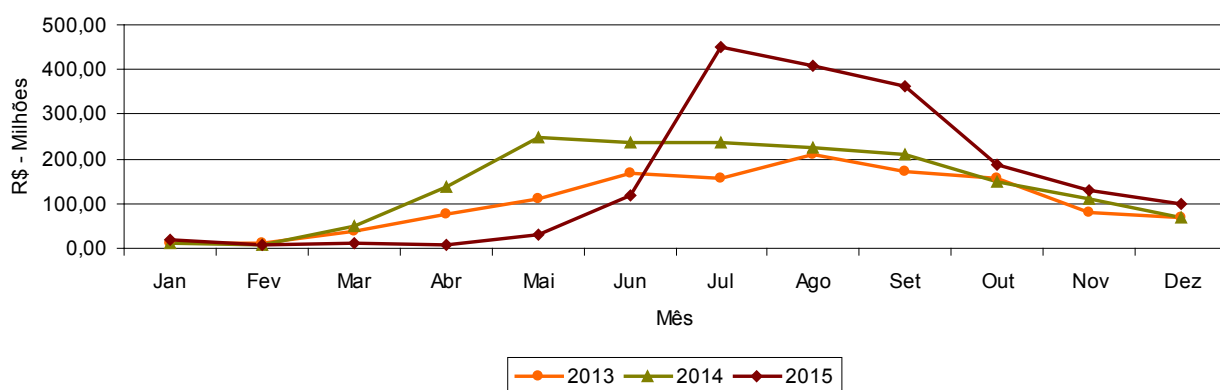
Gráfico 29 – Soja – Sul - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015..

Gráfico 30 – Soja – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Observa-se que a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. O comportamento da disponibilidade do crédito em 2014, bem superior a 2013 corrobora com tal afirmativa. A situação do financiamento em 2015 demonstra a ten-

dência de escolha pelo produtor. A produção de soja se concentra no Centro-Oeste e no Sul, com aumento significativo em todas as regiões geográficas. O comportamento da utilização do crédito é compatível com o calendário de plantio.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 11 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento, exclusivamente para o produto algodão.



Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,163
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									0,009			
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236		
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669

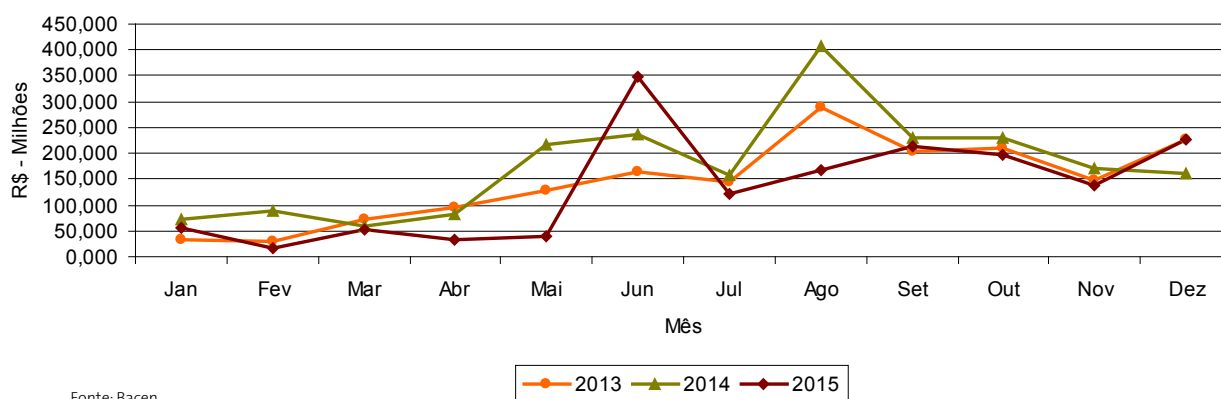
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Como observado na Tabela 11, a parte majoritária dos aportes financeiros para a lavoura de algodão está sob o tipo de financiamento sem vínculo específico

com programa. Apresentam-se, a seguir, apenas os Gráficos 31 e 32.

Gráfico 31 – Algodão – Total de financiamento

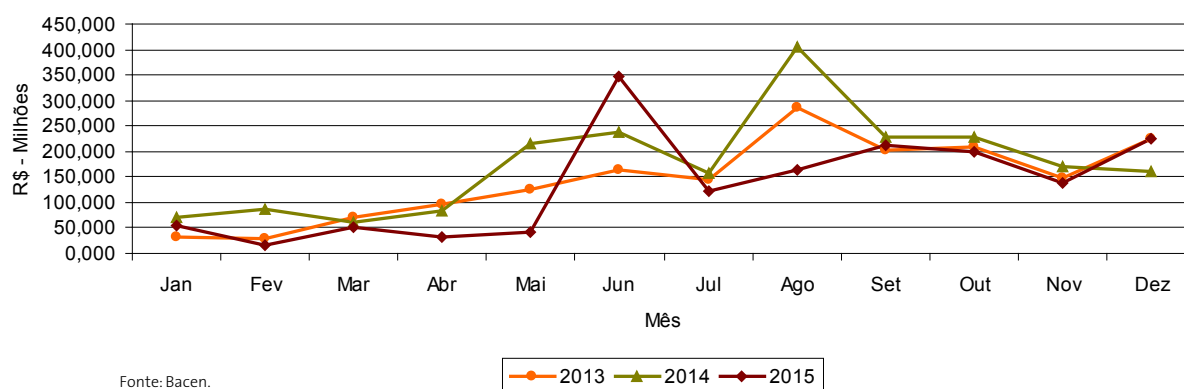


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



Gráfico 32 – Algodão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Os valores disponibilizados em 2015 são inferiores a 2013 e 2014. Assim como nas análises anteriores se observa comportamento de uso de crédito diferente no ano de 2015, neste caso com pico de utilização em junho.

A Tabela 12 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto algodão.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812
NORTE								0,200	0,472		3,335	
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280
SUL												
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436
SUL				2,803								
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609	
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837
SUL												
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669

Fonte: Bacen

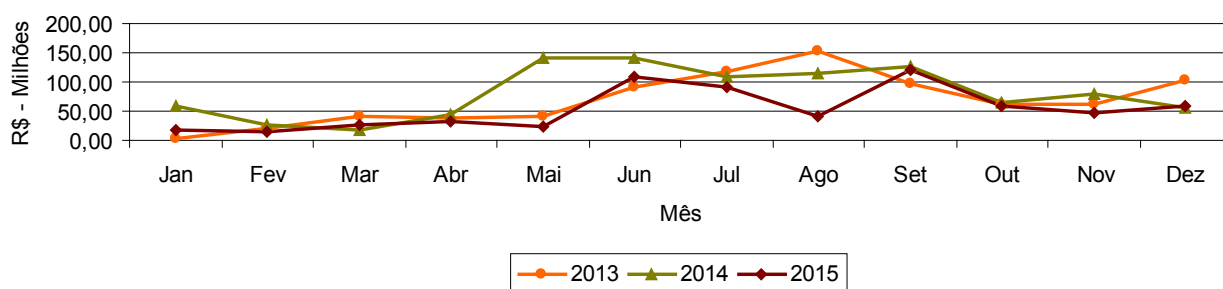
Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Observa-se que a maior parte do crédito disponibilizado está retido nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. Isto posto, apresenta-se a seguir os Gráficos 33 e 34 as

quais ilustram graficamente os valores mensais aportados nessas regiões.



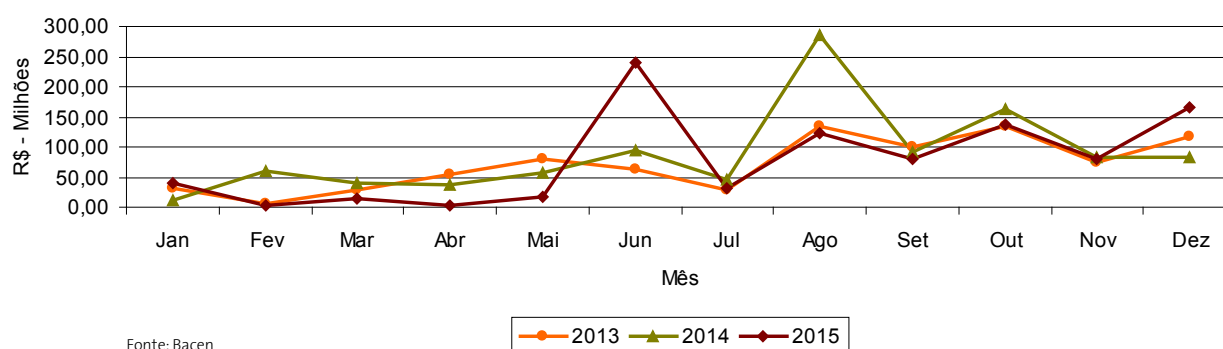
Gráfico 33 – Algodão – Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 34 – Algodão – Nordeste - crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os estados da Bahia e do Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Na região Centro-Oeste, principalmente no Mato Grosso, já se observa a migração de cultivo do algodão para a segunda safra. Pode-se explicar a utilização dos recursos

em junho como parte do processo de compra antecipada de insumos com vistas a redução de custos. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cultura.

6.5. FEIJÃO

A Tabela 13 apresenta os valores de crédito por tipo de

financiamento exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

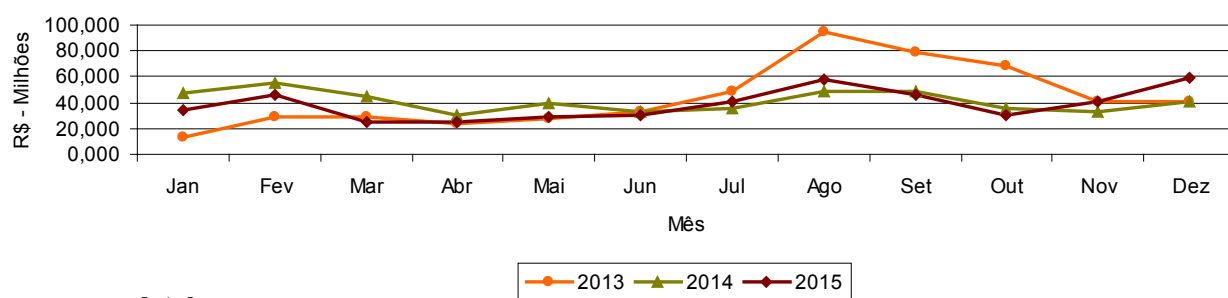
2013												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,917	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 35 a 38 apresentam o total dos valores disponibilizados para o feijão e os valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

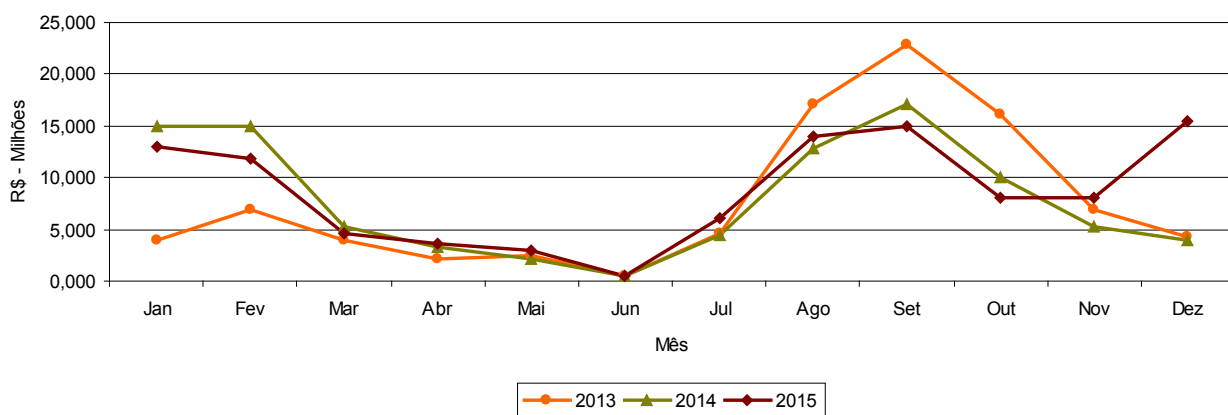
Gráfico 35 – Feijão – Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 36 – Feijão – Pronaf – Crédito

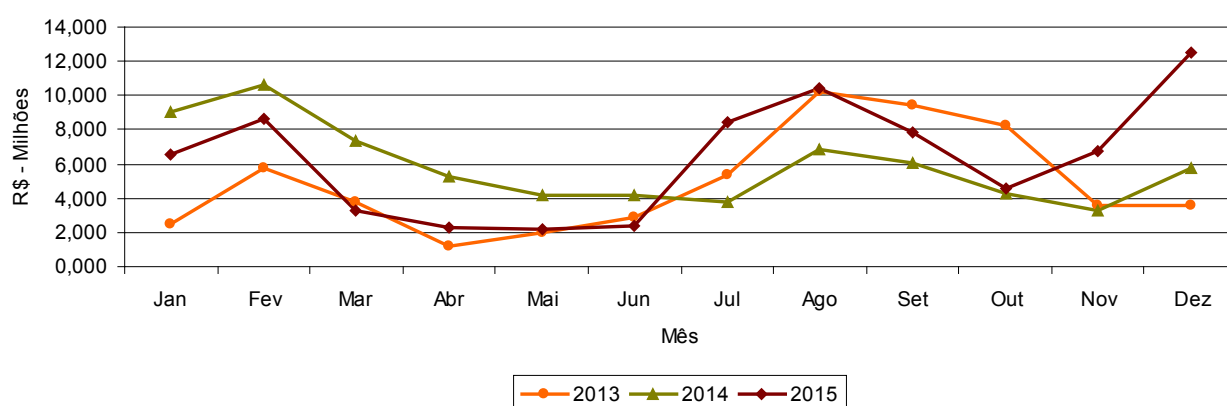


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



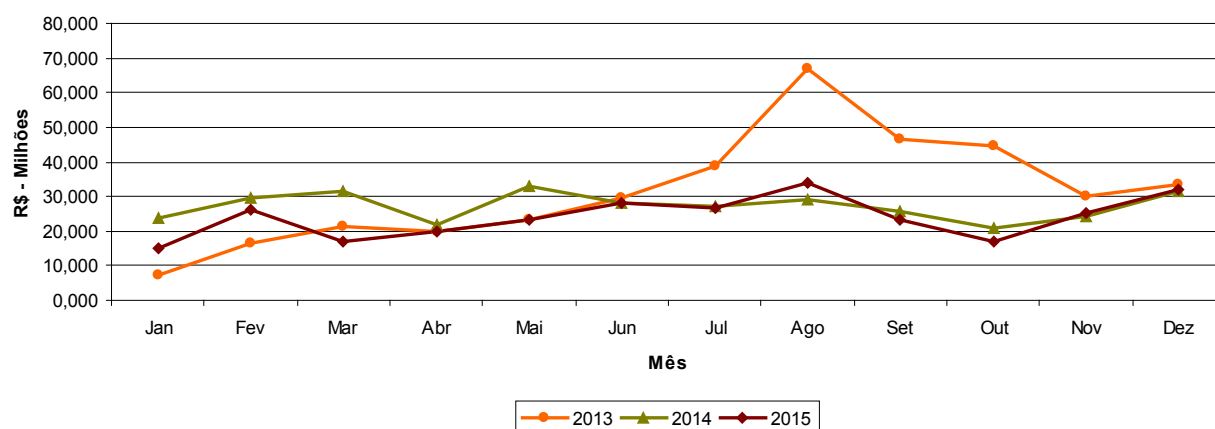
Gráfico 37 – Feijão – Pronamp – crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 38 – Feijão – Financiamento sem vínculo a programa específico – crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

A disponibilização de crédito no ano de 2015 é inferior a 2014 e 2013. Os valores relativos a Pronaf tem comportamento semelhante e sua utilização é inferior se comparada com o período sob análise. Sob a ótica dos recursos do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico os valores concedidos em 2015 são inferiores em relação àqueles disponibiliza-

dos em 2014. O aumento no uso do crédito a partir de novembro pode indicar movimento para o plantio da segunda safra da cultura.

A Tabela 14 apresenta os valores de crédito disponibilizado por região brasileira, exclusivamente para o produto feijão.



Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500		
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283
2014												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200		
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241
2015												
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052	
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787

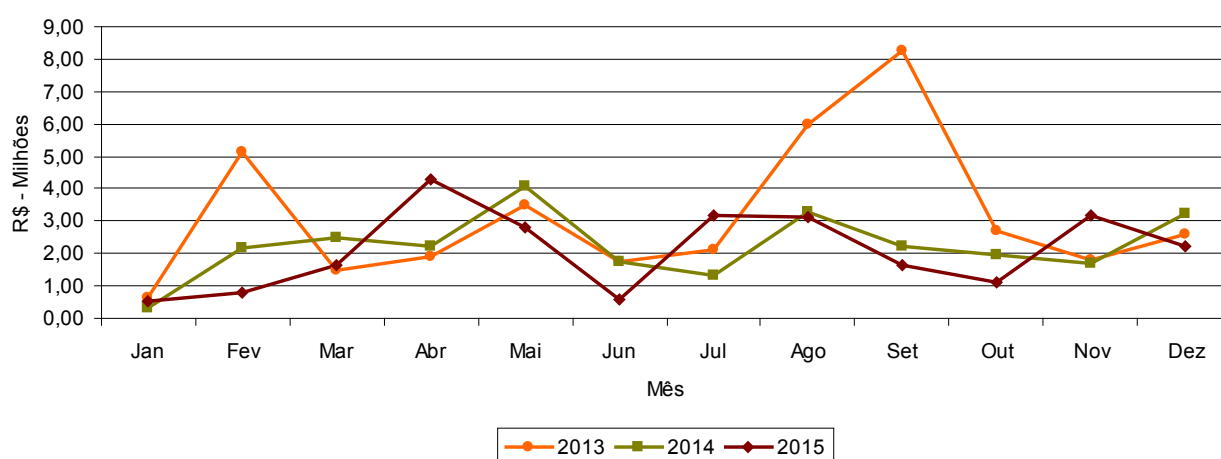
Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Os Gráficos 39, 40, 41 e 42 apresentam os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras (exceto a

região Norte, na qual, o aporte é de magnitude diminuta).

Gráfico 39 – Feijão – Nordeste – Crédito

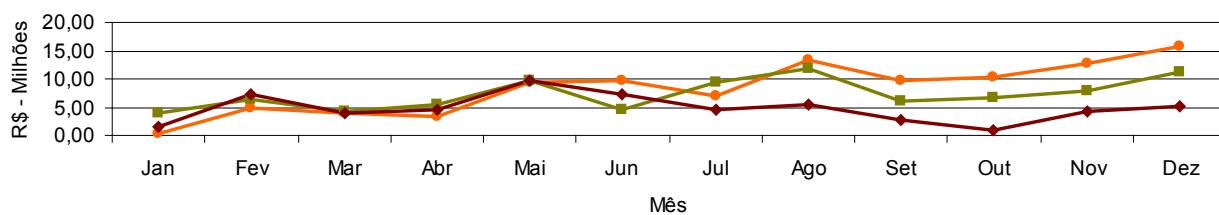


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.



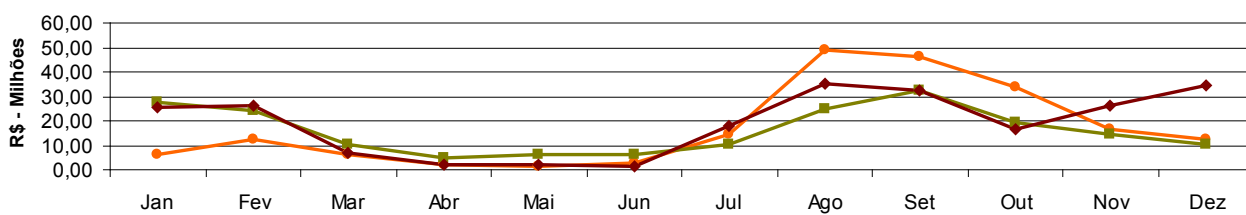
Gráfico 40 – Feijão – Centro-Oeste – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

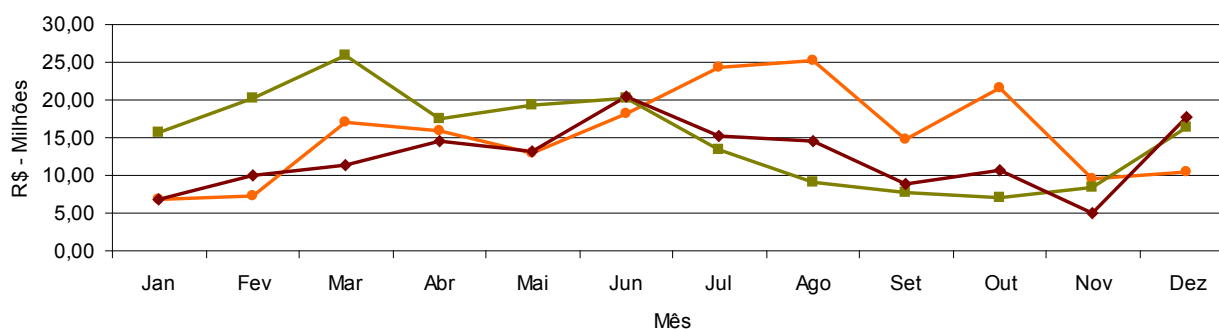
Gráfico 41 – Feijão – Sul – Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

Gráfico 42 – Feijão – Sudeste



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a dezembro/2015.

A cultura do feijão primeira safra tem o seu plantio entre outubro a dezembro, enquanto que o plantio da segunda safra inicia-se em janeiro. O comportamento da utilização do crédito, inclusive no incremento a partir de novembro, tem relação com calendário de produção. Deve-se observar que há tendência de me-

nor utilização de crédito, o que é compatível com a redução da área da cultura. Essa situação tem relação com os altos riscos inerentes ao cultivo do feijão somados com a dificuldade de comercialização e aos preços competitivos de outras culturas.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO E DE SEGUNDA SAFRA JANEIRO DE 2015

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas (boletins de acompanhamento de safra) e no capítulo do BMA referente às condições hídricas gerais. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)¹ das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

produção na última quinzena. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, amendoim primei-

ra safra, arroz, feijão primeira e segunda safras, milho primeira e segunda safras e soja (safra 2015/16).

7.1. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS RECENTES²

Janeiro de 2016 foi marcado pelos altos volumes de chuva na maioria das regiões do país, com localidades que contabilizaram desvios positivos superiores à 500% da média histórica. Com o solo encharcado, algumas áreas tiveram atraso na colheita. Além disso, danos estruturais em estradas e o desmoronamento de pontes em diversas rodovias e estradas vicinais dificultaram o escoamento da produção agropecuária.

Mesmo já sendo tipicamente chuvoso na maior parte do Brasil, o mês de janeiro de 2016 teve uma conjunção de dois fatores que incrementaram ainda mais precipitação: a formação de um sistema denominado Vórtice Ciclônico em Altos Níveis (VCAN) e a sua associação com a área de atuação da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCIT). Juntos, esses sistemas atmosféricos geraram forte instabilidade sobre grandes áreas e persistiram na maior parte do mês.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os volumes de

chuva em janeiro mantiveram o processo de elevação dos níveis de reservatórios de água para abastecimento e geração de energia iniciado em dezembro. Nessas regiões os acumulados ficaram em uma faixa entre 200 e 500 mm. Na estação meteorológica do INMET em Brasília foram registrados mais 400 mm, o que é significativamente superior aos 250 mm da média do mês.

Na região do Matopiba e no semiárido nordestino, o cenário não foi oposto, contabilizando grades volumes de chuva que ficaram na faixa entre 250 e 900 mm. Essa grande quantidade de precipitação mudou por completo o panorama do semiárido, onde, até o final de 2015, havia municípios decretando estado de emergência por causa da seca, e no Matopiba, onde o plantio da safra 2015/2016 sofreu atraso em decorrência do déficit de precipitação nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2015.

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA EM 2016²

O excesso de precipitação no Centro-Norte do Brasil não significa fim, ou mesmo a atenuação do El Niño – anomalias positivas da temperatura da superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Equatorial. O Mesmo continua na categoria muito forte, com anomalias acima de 3°C na primeira quinzena de janeiro (Figura 1). Desse modo, a sua influência no clima do Brasil, com seus efeitos típicos poderá voltar a ocorrer de maneira mais significativa em fevereiro ou março, principalmente nas Regiões Nordeste e Sul.

Os seus efeitos típicos no clima do Brasil são a diminuição da precipitação em áreas do Norte e do Nordeste durante o verão. No Sul, há uma tendência de aumento de precipitação durante a permanência do El Niño, sendo mais comum nos meses de novembro

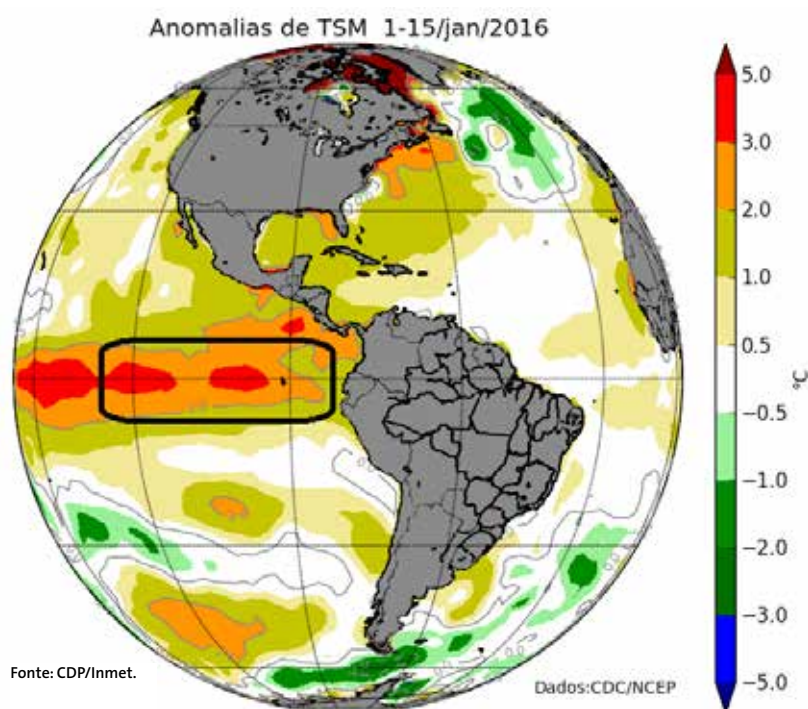
a março. Além das chuvas, a condição de El Niño pode interferir nas temperaturas, que ficam, em média, um pouco mais elevadas.

No Oceano Atlântico, O contraste entre o Atlântico Tropical Norte, com desvios positivos, e o Atlântico Tropical Sul, com desvios negativos se mantém baixo como em dezembro de 2015. Esse padrão de contraste é chamado de gradiente térmico positivo do Atlântico Tropical (ou dipolo positivo), e é especialmente desfavorável às chuvas nos meses de janeiro-abril em grande parte do semiárido nordestino e no centro-norte da Região do Matopiba. Uma redução mais acentuada desse padrão positivo poderá atenuar os efeitos do fenômeno El Niño nas localidades da Região Nordeste com período chuvoso nos meses de janeiro a abril.

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.



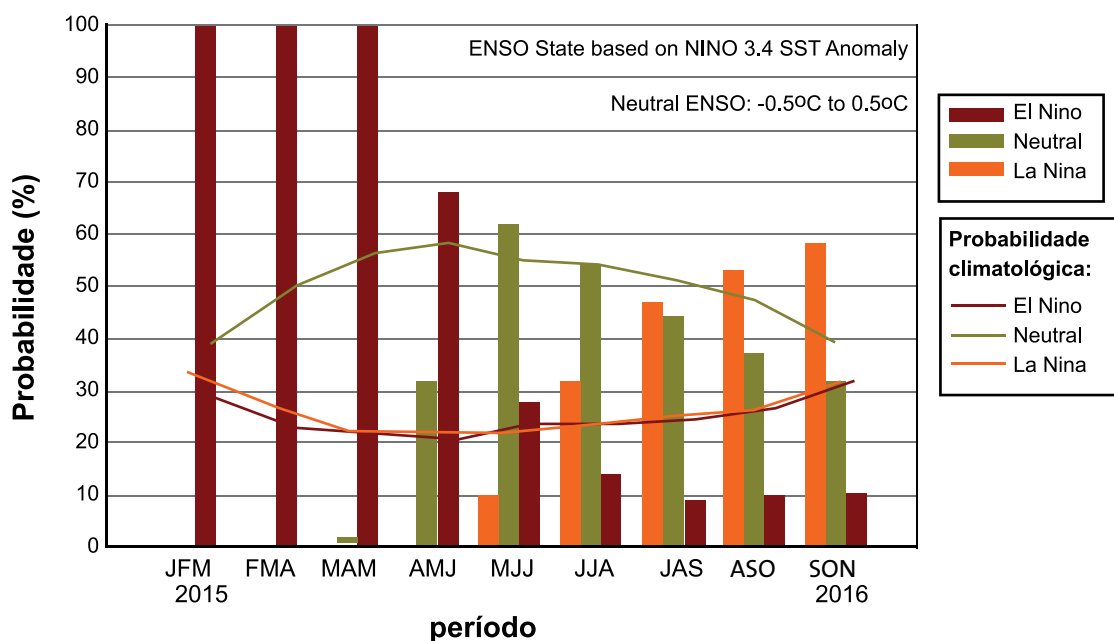
Figura 1 - Anomalia de TSM em dezembro de 2015



Praticamente todos modelos de previsão de TSM indicam que as anomalias positivas de temperatura no Oceano Pacífico Equatorial devem persistir até abril de 2016, com forte probabilidade de enfraquecimento

do El Niño e início de uma fase de neutralidade no Pacífico equatorial, como apresentado pelo International Research Institute for Climate and Society (IRI) no Gráfico X

Gráfico 43 - Previsão probabilística de El Niño



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE FEVEREIRO-MARÇO-ABRIL DE 2016²

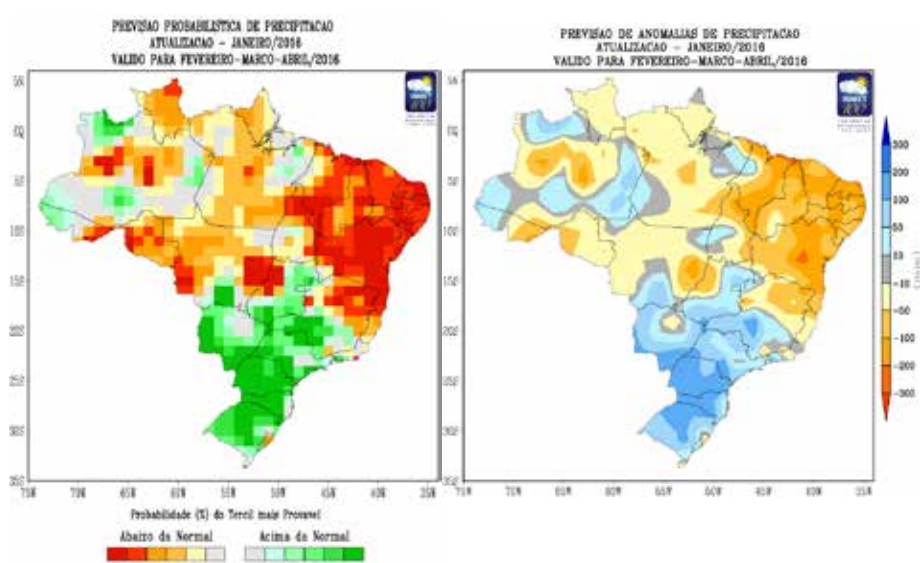
O modelo estatístico climático do Inmet (Figura 2) indica uma forte probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre pode ficar acima da média na maior parte da Região Sul, refletindo a forte influência do Fenômeno El Niño na região.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo estatístico apresenta probabilidades significativas de que o acumulado de chuvas fique na faixa normal ou

acima em Mato Grosso do Sul e em outras áreas nos estados de Minas Gerais e Goiás, porém com probabilidades menores. Nas demais localidades, a tendência é de chuvas na faixa normal ou abaixo.

Nas Regiões Norte e Nordeste, predominam as áreas com maior probabilidade de que a precipitação acumulada no trimestre fique abaixo da faixa normal do trimestre.

Figura 2 - Previsão climática (probabilidades e anomalias) para o período FMA/2016



7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que iniciarão o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de dezembro de 2015.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às

médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção: sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.



- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

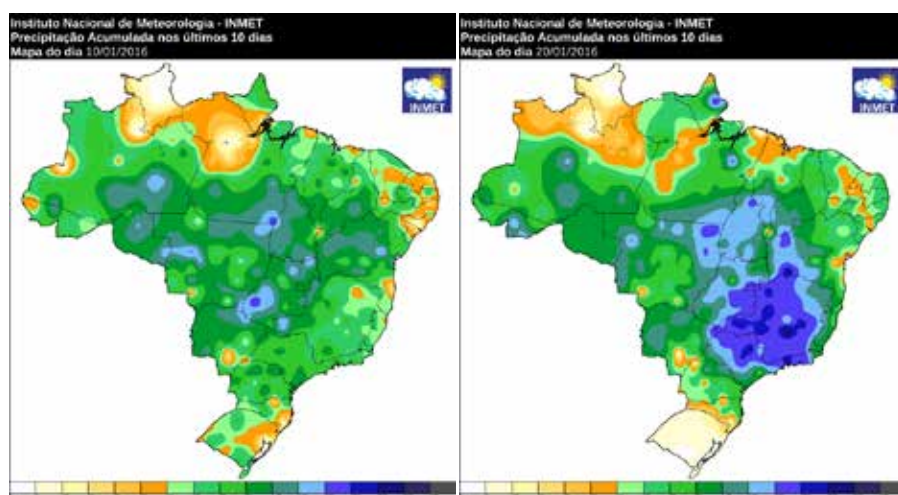
Na Região Sul, em janeiro, com exceção do norte do Paraná, as chuvas reduziram em relação a dezembro (Figuras 3 e Figura 4). Essa condição climática favoreceu as culturas de verão em maturação e início de

colheita e o arroz irrigado em desenvolvimento. Além disso, permitiu o avanço do plantio da segunda safra no Paraná. No entanto, em relação à soja em estádios críticos, houve problemas pontuais por falta de chuva em regiões produtoras do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em relação às regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, chuvas intensas beneficiaram as culturas de verão em desenvolvimento e as culturas de segunda safra em germinação (Figuras 3 e Figura 4). Embora, o forte volume de precipitação, principalmente, no segundo decêndio de janeiro, tenha impactado o feijão primeira safra em maturação e colheita.

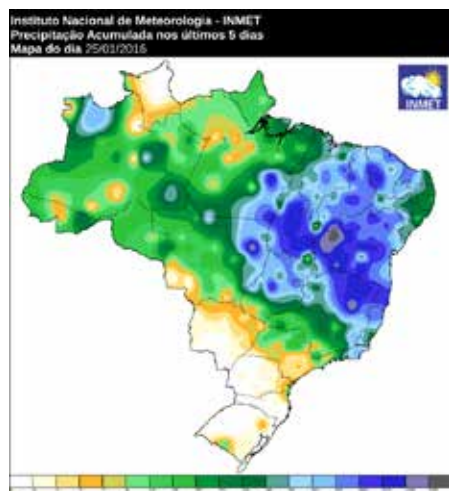
Na região do Matopiba, o plantio, no geral, está atrasado. Apesar disso, em janeiro, chuvas com maior intensidade e regularidade (Figuras 3 e Figura 4) permitiram o avanço no plantio e favoreceu o desenvolvimento das lavouras.

Figuras 4 – Precipitação pluviométrica acumulada de 01 a 10 e 11 a 20 de janeiro/16



Fonte: Inmet.

Figuras 5 – Precipitação pluviométrica acumulada decendial em 21 a 25 de janeiro/16



Fonte: Inmet.



7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

O foco principal desta edição consiste no monitoramento da safra de verão 2015/16 cujo plantio teve início em setembro/2015.

O monitoramento é direcionado para as 23 mesorregiões principais produtoras de soja, milho primeira

safrá, algodão e feijão que cobrem juntas 73% dessas culturas no território nacional. Desta forma, o conjunto das regiões monitoradas garante boa representatividade no plantio dos atuais cultivos da safra brasileira de grãos 2015/16.

Tabela 15 – Mesorregiões cobertas pelo monitoramento espectral

Mesorregião	Área em hectares					% (a+b+c+d) s/ total Brasil
	Soja (a)	Milho ^{1a} (b)	Algodão (c)	Feijão T (d)	(a+b+c+d)	
Norte Mato-grossense - MT	5.584.986	20.530	349.199	151.010	6.105.725	14,81
Noroeste Rio-grandense - RS	2.892.420	464.958		35.691	3.393.069	8,23
Sul Goiano - GO	2.386.120	103.131	44.477	48.186	2.581.914	6,26
Extremo Oeste Baiano - BA	1.274.369	324.591	323.194	107.018	2.029.172	4,92
Sudeste Mato-grossense - MT	1.318.490	15.409	214.646	49.430	1.597.975	3,87
Nordeste Mato-grossense - MT	1.469.405	5.825	37.021	20.096	1.532.347	3,72
Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.425.888	5.788	378	14.453	1.446.507	3,51
Oeste Paranaense - PR	1.038.221	50.930		31.960	1.121.111	2,72
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	676.698	329.560	5.347	44.243	1.055.848	2,56
Sudoeste Piauiense - PI	620.895	202.925	11.106	73.622	908.548	2,20
Norte Central Paranaense - PR	824.231	38.781		30.171	893.183	2,17
Centro Ocidental Rio-grandense - RS	665.290	43.862		5.084	714.236	1,73
Centro-Sul Paranaense - PR	532.080	122.060		49.240	703.380	1,71
Noroeste de Minas - MG	446.950	107.400	11.968	109.650	675.968	1,64
Sul Maranhense - MA	579.145	59.881	18.588	13.937	671.551	1,63
Centro Ocidental Paranaense - PR	638.579	21.889		8.314	668.782	1,62
Centro Oriental Paranaense - PR	485.780	103.310		79.323	668.413	1,62
Leste Goiano - GO	473.686	89.670	22.862	61.667	647.885	1,57
Sudoeste Paranaense - PR	420.290	91.260		114.790	626.340	1,52
Oeste Catarinense - SC	295.609	256.643		29.912	582.164	1,41
Norte Pioneiro Paranaense - PR	479.300	54.840		29.755	563.895	1,37
Sudoeste Rio-grandense - RS	495.804	36.588		740	533.132	1,29
Oriental do Tocantins - TO	387.675	24.696	4.900	2.134	419.405	1,02
Total 22 Mesorregiões	25.411.911	2.574.527	1.043.686	1.110.426	30.140.550	73
Total Brasil	30.308.231	6.397.401	1.131.263	3.401.466	41.238.361	100,00

Fonte: Inmet.

A seguir, consta a análise das condições agrícolas de

cada uma destas mesorregiões.

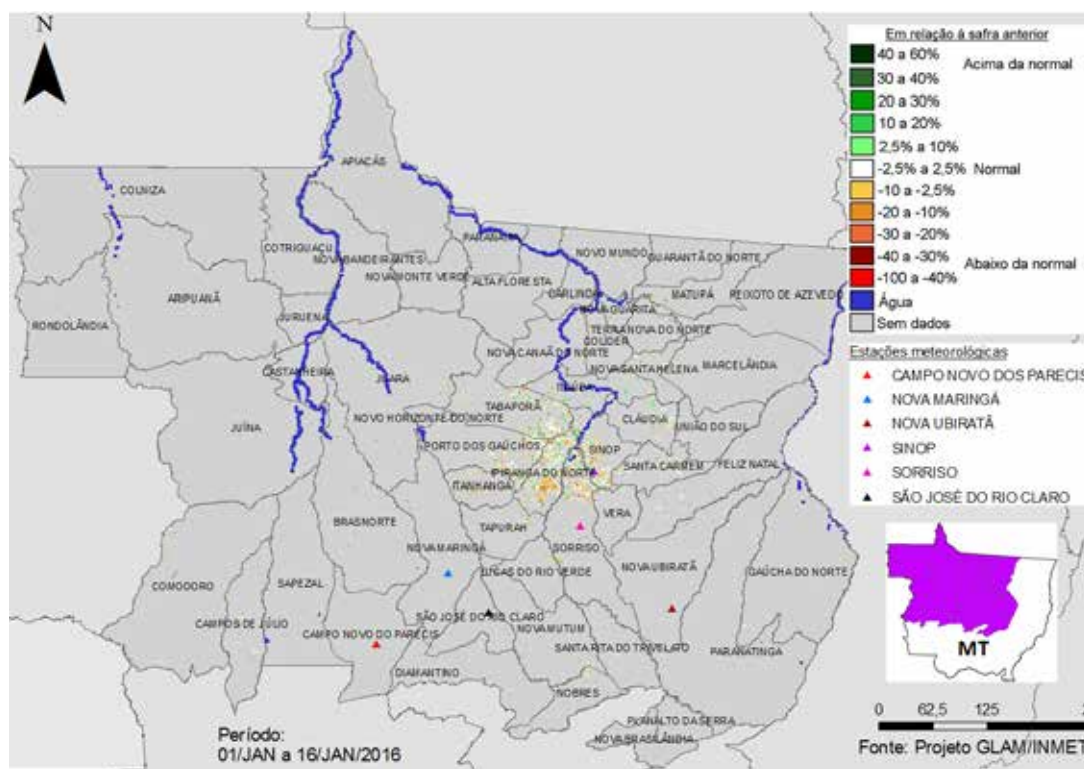
7.5.1. NORTE DO MATO GROSSO

Esta mesorregião planta mais de 6,1 milhões de hectares com soja, milho primeira safra, algodão e feijão

que representam 14,8% da área plantada destas quatro culturas no país.



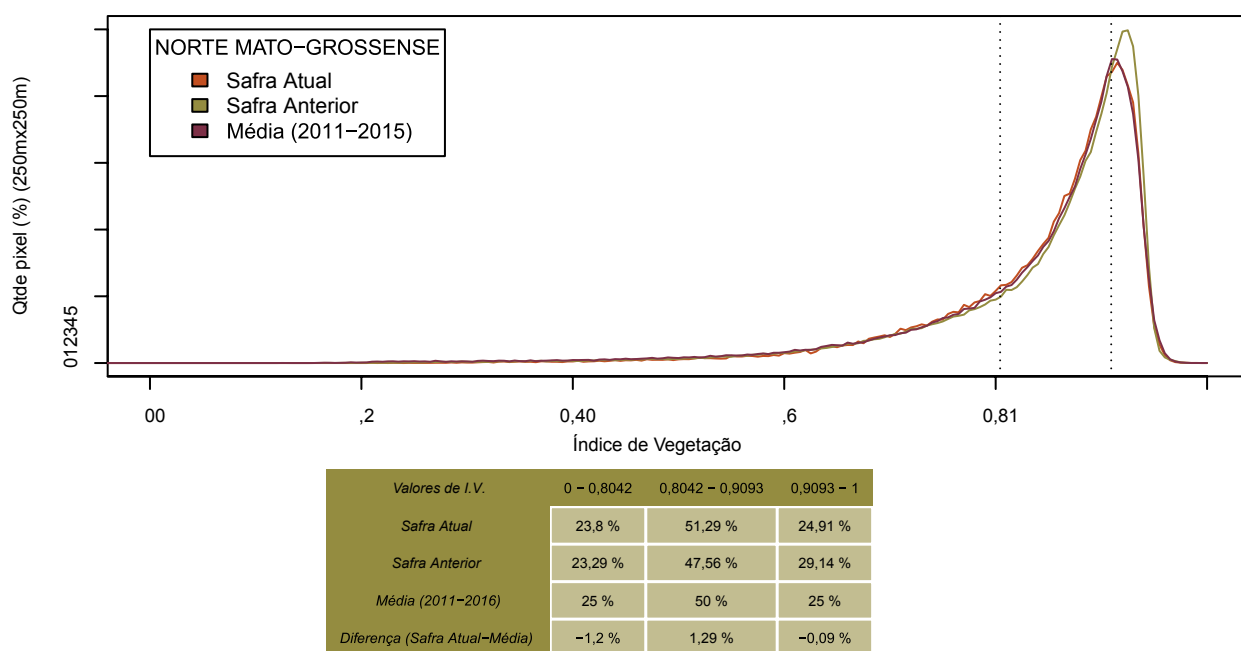
Figura 6 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Norte do Mato Grosso



O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas de todas as áreas de cultivos da região. As áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão coloridas no mapa. As áreas em cor branca, em maior quantidade, indicam semelhança do padrão de desenvolvimento das lavouras da atual safra em relação ao ano passado. Em verde o padrão dos cultivos

atuais está superior ao ano anterior. Boa parte destas áreas tiveram plantio mais tardio ou tiveram replantio, estando no momento em plena fase reprodutiva, enquanto que no ano passado já estavam em maturação. Em amarelo e marrom são áreas afetadas pelas condições climáticas desfavoráveis. Normalmente são áreas de plantio mais cedo. É importante ressaltar que apesar de existirem muitas áreas de anomalia negativa, existem também grande quantidade de lavouras com bom padrão de desenvolvimento.

Gráfico 44- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)

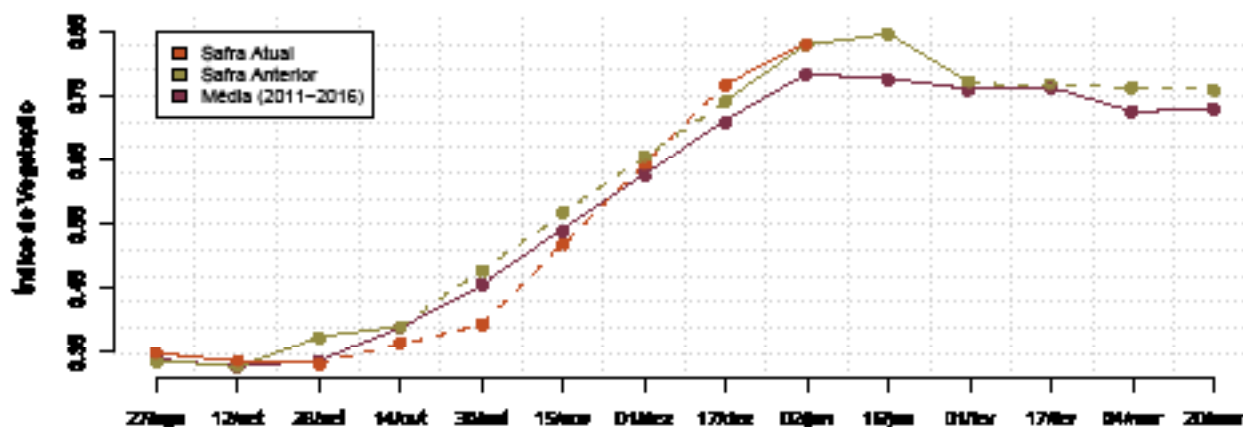


Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 25% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 29% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 24% contra 23% do ano passado. Expressiva quantidade de lavouras na atual

safr responde com padrão médio de IV, são mais de 51%. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 0,87% acima da média dos seis últimos anos e 0,04% abaixo da safra anterior.

Gráfico 45 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	3	3	-1		-14			8	6					
% safra anterior	3	3	-11					4	0					
Fase - safra verão			P	Q/DV	DV	DVF	REG	EG	EG	EG	EGM	MC	C	

Fonte : Projeto GLAM (sem dados no período de 2 a 16/01/2016).



Histórico: A linha da média dos seis últimos anos no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas na região. A partir de outubro tem início o desenvolvimento vegetativo das lavouras de verão com a formação de parte da cobertura foliar que continua em novembro. A floração, e enchimento de grãos, (trecho ascendente da linha), ocorrem nos meses de dezembro, janeiro e eventualmente até fevereiro quando então observa-se a queda do IV que corresponde à conclusão do enchimento de grãos e o começo da fase de maturação das lavouras.

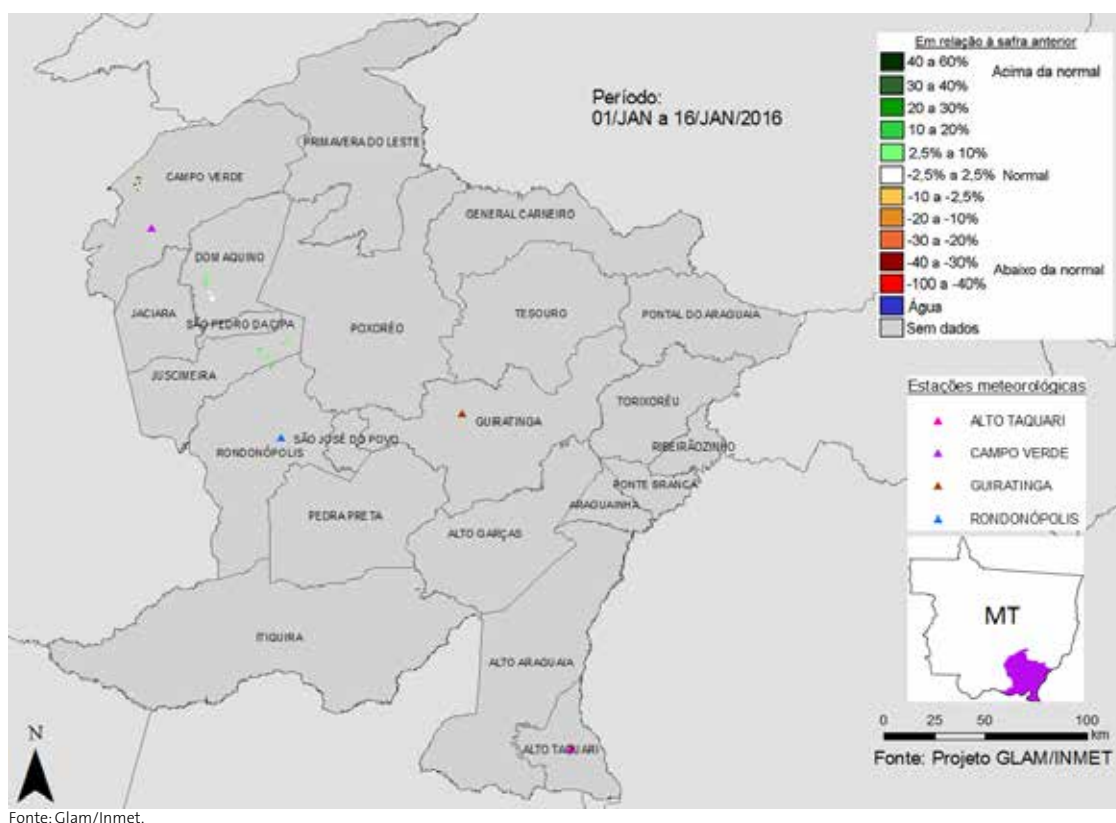
Safra atual: Novembro, dezembro e janeiro são meses de muita cobertura de nuvens na região. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o trecho mais recente do gráfico de evolução temporal. O gráfico acima mostra o período de agosto até o início de janeiro. Houve recuperação rápida do plantio que ficou temporariamente interrompido aguardando as chuvas. No final de dezembro e início de janeiro, constata-se que, na média da região, as lavouras responderam com padrão próximo ao ano passado.

7.5.2. SUDESTE DO MATO GROSSO

Nesta região são plantados quase 1,6 milhão de hectares de soja, milho primeira safra, algodão e feijão

que representam aproximadamente 4% da área plantada destas quatro culturas no país.

Figura 7 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Sudeste do Mato Grosso

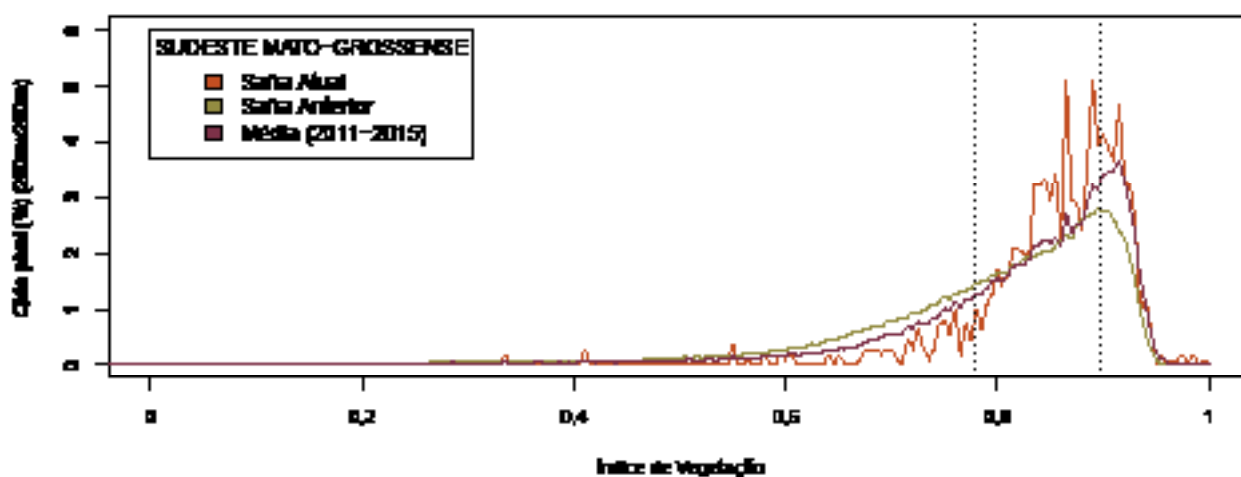


O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas das áreas agrícolas da região. As poucas áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão colori-

das no mapa. O predomínio das áreas em verde indica que as lavouras estão, em média, com bom padrão de desenvolvimento.



Gráfico 46- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



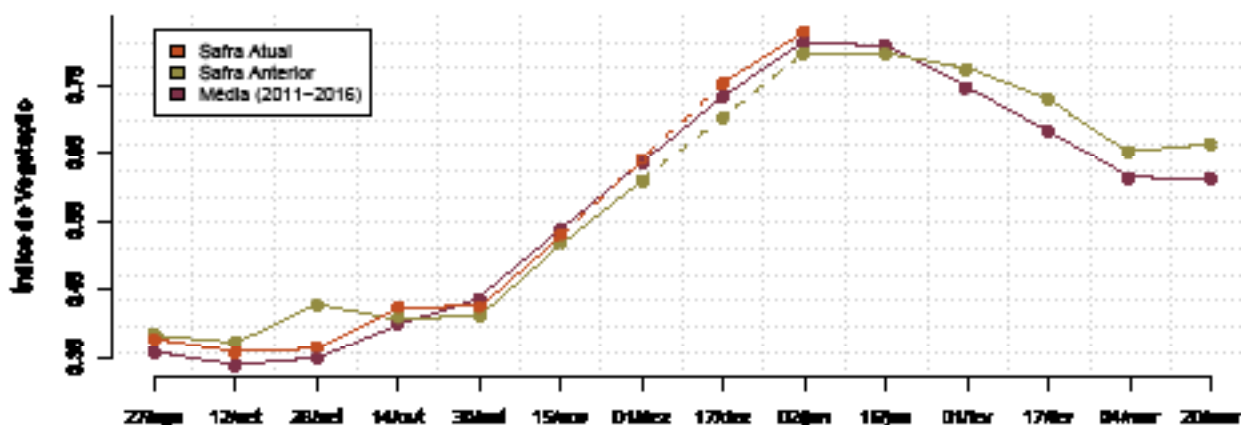
Valores de IV	0 – 0,7785	0,7785 – 0,8886	0,8886 – 1
Safra Atual	10,63 %	61,75 %	27,63 %
Safra Anterior	34,57 %	48,42 %	17,01 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-14,37 %	11,75 %	2,63 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 28% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 17% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 11% contra 35% do ano

passado. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4% acima da média dos seis últimos anos e 7% acima da safra anterior.

Gráfico 47 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras.



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	5	6	4	6	-3	-1		3	2					
% safra anterior	-1	-4	-15	4	3	2			4					
Fase - safra verão			P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EGM	M/C	C	

Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 16/11 a 2/12/2015).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas e mostra que o plantio de verão começa na segunda safra quinzena de setembro e é intensificado em outubro. Em novembro já se tem cobertura foliar. Na continuidade seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico em meados de janeiro. São essas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí, (trecho descendente da linha), é finalizada a fase de enchimento de grãos, começo da maturação seguida das colheitas que devem finalizar em março e abril.

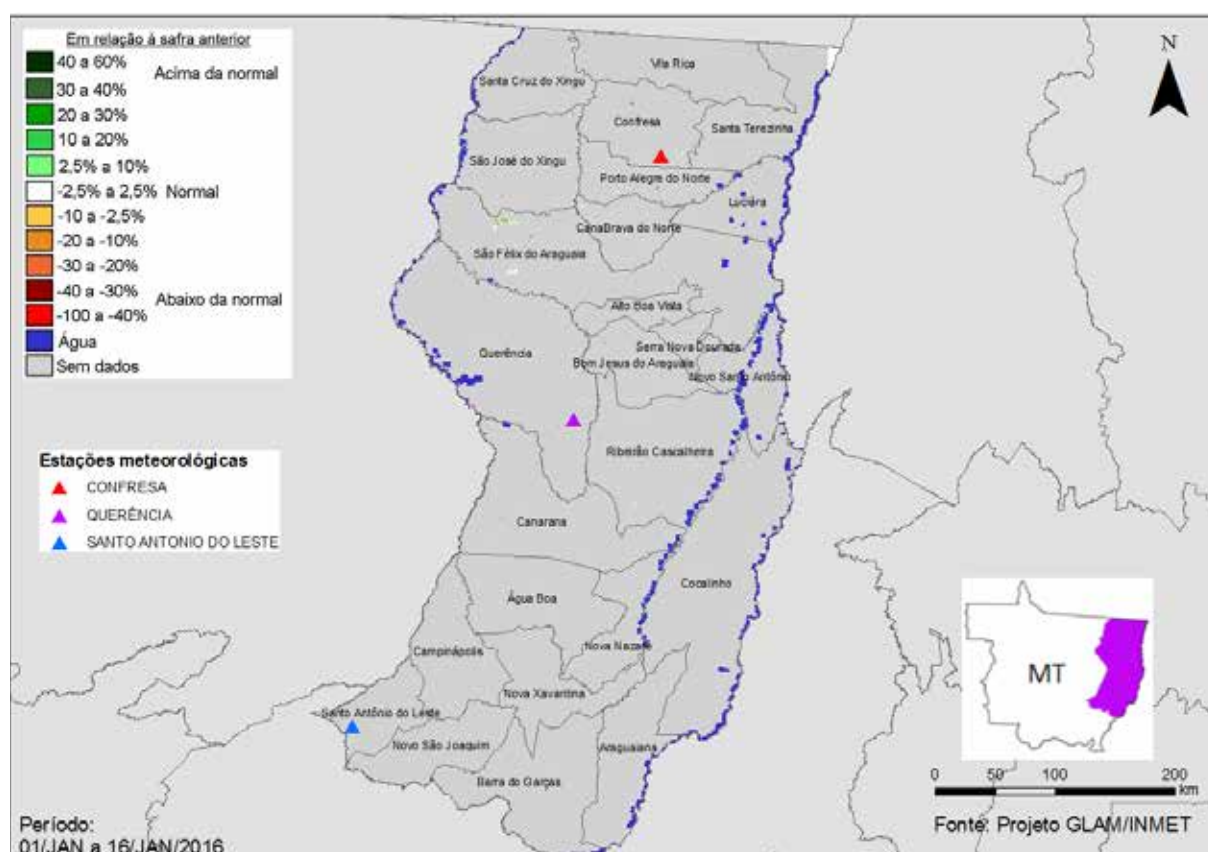
Safra atual: Houve muita cobertura de nuvens na região no presente período de monitoramento. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal em datas mais recentes. O gráfico acima mostra o período de agosto até o início de janeiro. O trecho de 17/dez a 02/jan tem traçado próximo aos dos anos anteriores indicando que, neste período, na média, o padrão desenvolvimento das lavouras da safra atual estava normal.

7.5.3. NORDESTE MATO-GROSSENSE

Nesta mesorregião são plantados mais de 1,5 milhão de hectares de soja, milho primeira safra, algodão e

feijão que representam 3,72% da área plantada destas quatro culturas no país.

Figura 8 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à média histórica, no Nordeste do Mato Grosso



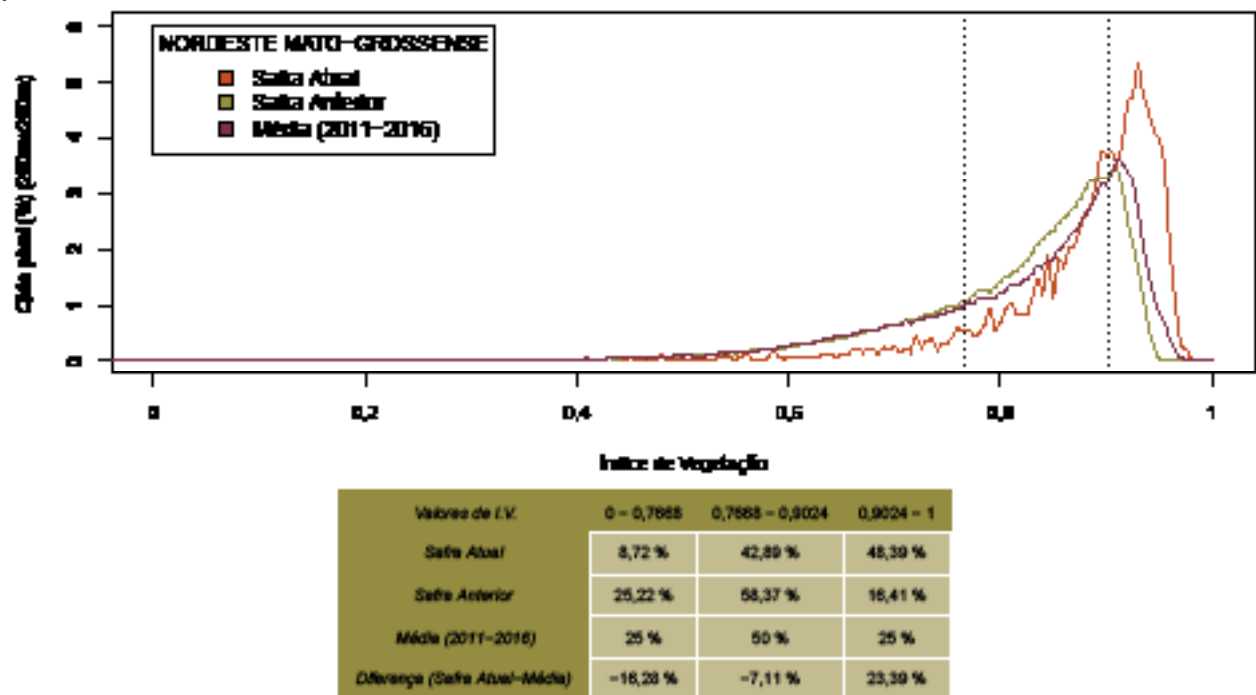
Fonte: Glam/Inmet.

O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas das áreas agrícolas da região. As poucas áreas

onde o satélite conseguiu obter imagens estão coloridas no mapa com predomínio das cores em verde indicando anomalia positiva.



Gráfico 48- Quantificação de áreas pelo valor do IV das lavouras no Nordeste do MT, (período 1 a janeiro de 2016)

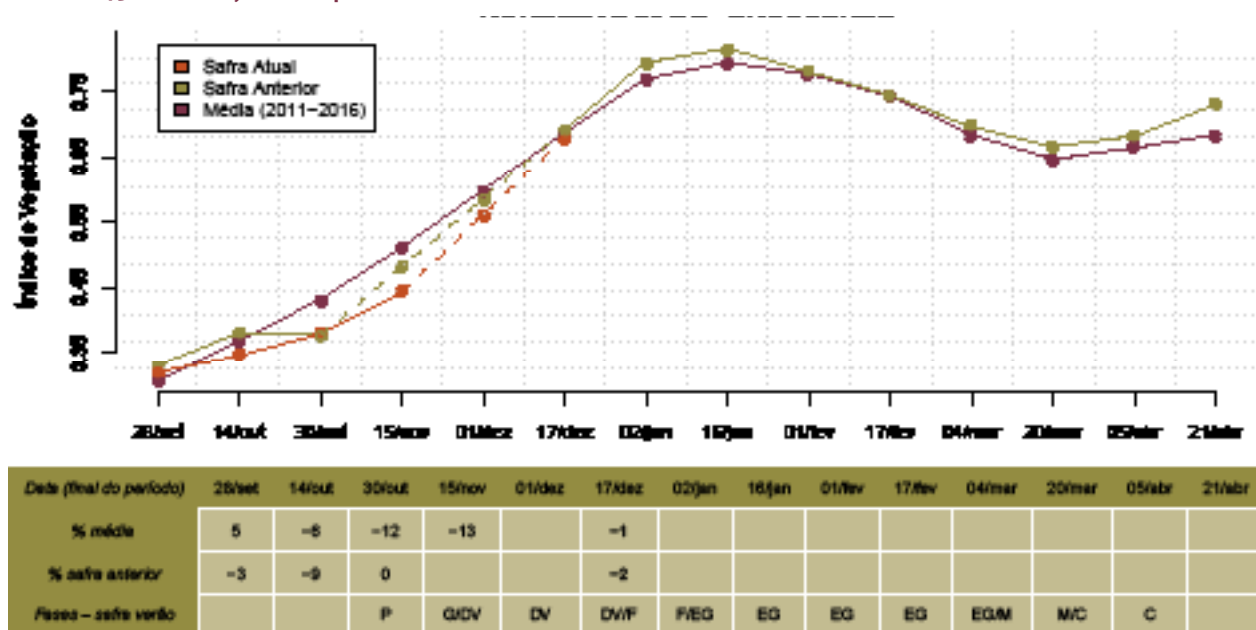


Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 48% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 16% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 9% contra 25% do ano passado. Os números desta tabela indicam que

no momento os cultivos respondem com padrão superior aos anos anteriores. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 7% acima da média dos seis últimos anos e 8% acima da safra anterior.

Gráfico 49 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras no Nordeste do MT



Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 17/12 a 16/1/2016)



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão e mostra que tradicionalmente o plantio tem início em setembro. Ainda neste mês começa a germinação com o início do desenvolvimento vegetativo (cobertura foliar) e na continuidade seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico no final de janeiro. São essas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí é finalizada a fase

de enchimento de grãos, com o começo da maturação seguida das colheitas que devem finalizar entre março e abril.

Safra atual: O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados em alguns períodos da atual safra. Assim, a análise do comportamento das lavouras a partir de 17 de dezembro não foi possível.

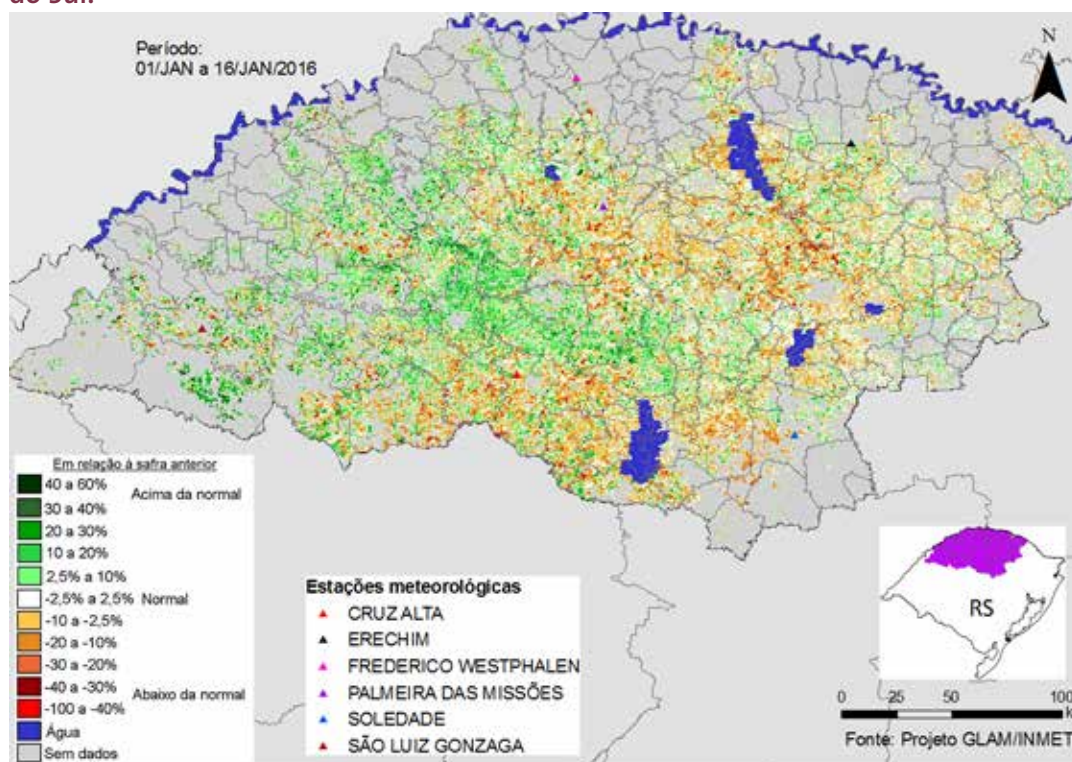
7.5.4. NOROESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Nesta mesorregião são plantados aproximadamente de 3,4 milhões de hectares de soja, milho primeira sa-

fra e feijão que representam 8,23 % dessas três cultu-

ras no país.

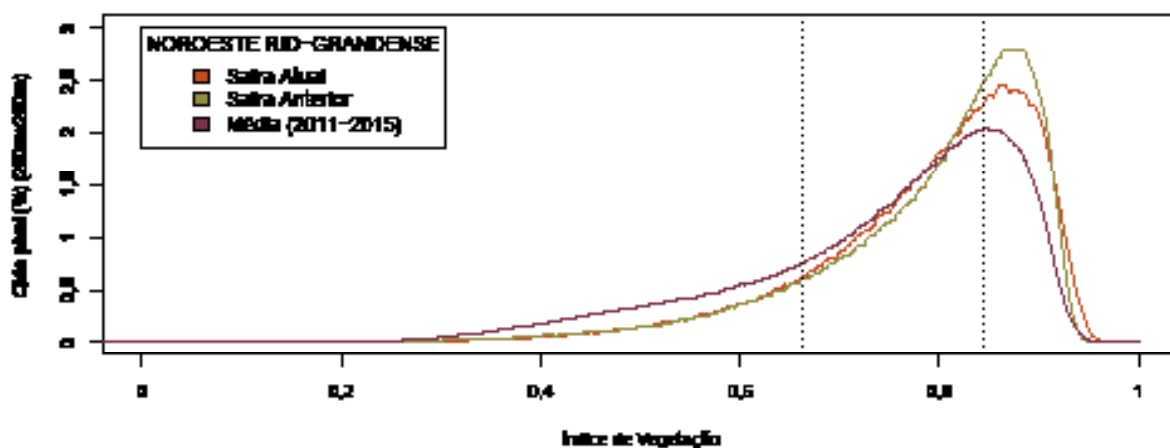
Figura 9 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado, no Noroeste do Rio Grande do Sul.



Há pequeno predomínio das áreas em amarelo e marrom no mapa acima indicando que a safra atual responde, no momento, com IV um pouco abaixo do ano passado. Essas áreas de anomalia negativa são consequência do excesso de chuvas que ocorreu no ano passado, que beneficiou o milho mas afetou o plantio e o desenvolvimento da soja em algumas áreas, e

provocou mudanças no calendário agrícola em partes da região. As áreas em verde mostram anomalia positiva da atual safra em relação à safra passada, que também podem ser consequência de diferenças no período de plantio. O ciclo dos cultivos de verão no RS é um pouco mais tardio quando comparado aos dos demais estados.

Gráfico 50 - Quantificação de áreas pelo valor do IV das lavouras, (período: 01/jan a janeiro/16).



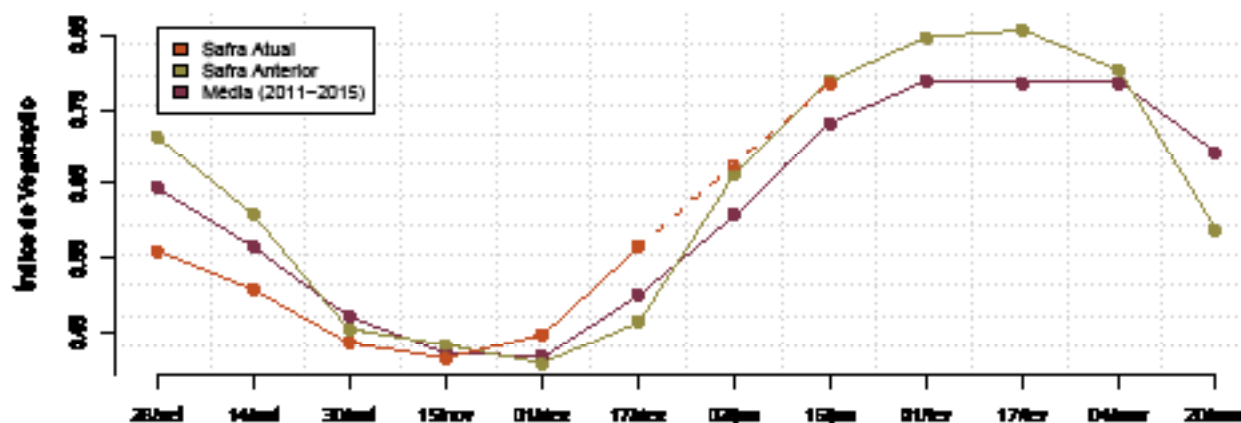
Valores de I.V.	0 – 0,6636	0,6636 – 0,8435	0,8435 – 1
Safra Atual	13,9 %	49,66 %	36,44 %
Safra Anterior	13,9 %	47,56 %	38,54 %
Média (2011–2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	-11,1 %	-0,34 %	11,44 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 36% de suas lavouras na faixa de altos valores de IV (boa cobertura foliar), contra 39% no mesmo período do ano passado. Tem também 14% das áreas com escassa cobertura vegetal contra o mesmo valor no

mesmo período do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8% acima da média dos últimos seis anos e 0,17% abaixo da safra passada.

Gráfico 51 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras.



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	-13	-10	-6	-2	7	13		8				
% safra anterior	-22	-17	-4	-4	9	22		6				
Fases – safra verão	P	Q/DV	DV	DV/F	FEG	EG	EG	EQM	M	M/C	C	C

Fonte: Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas no Noroeste do RS. O trecho descendente em outubro e novembro representa as fases de maturação e colheita dos cultivos de inverno. O trecho em ascensão a partir de dezembro mostra as fases da safra de verão: desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos que chega ao pico no final de fevereiro. Corresponde ao período mais vulnerável das lavouras principalmente em relação ao clima. Na sequência, quando começa a queda da linha, vem a maturação seguida das colheitas que finalizam em abril/maio.

Safra atual: No gráfico acima a linha vermelha em queda desde o final de setembro mostra as condições negativas dos cultivos de inverno de 2015, principal-

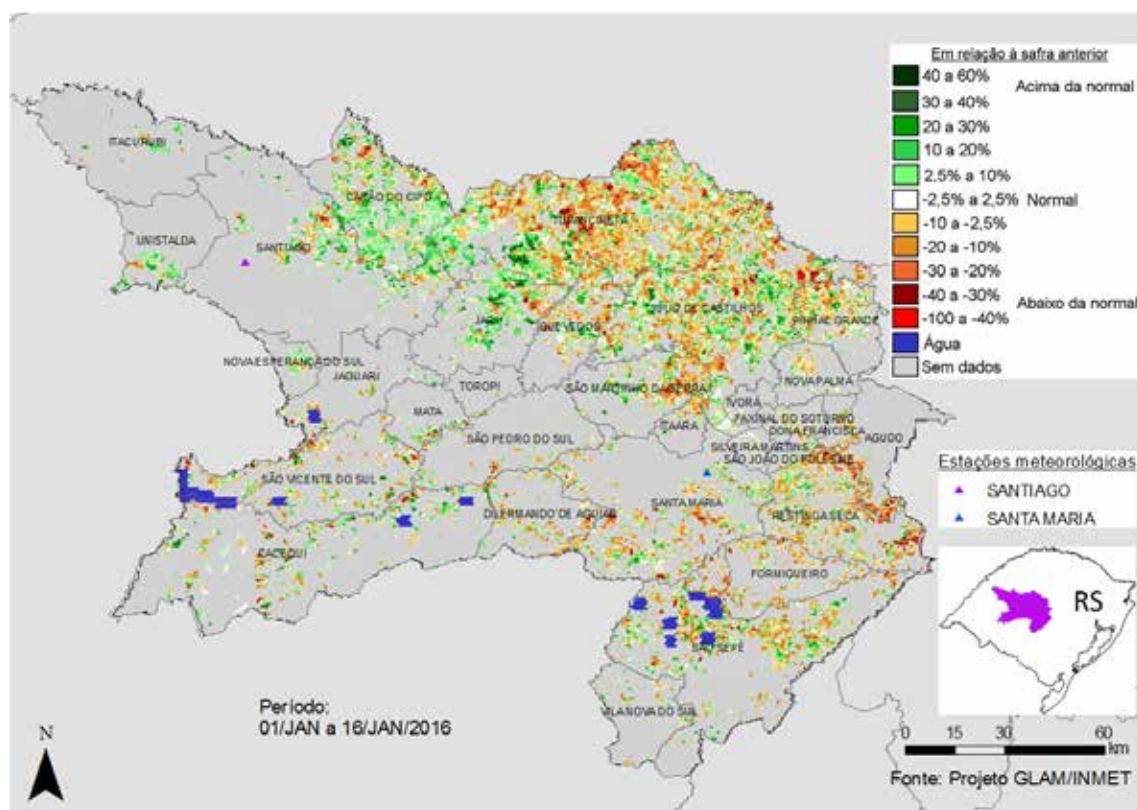
mente do trigo. Já a ascensão a partir da segunda quinzena de novembro mostra que o plantio e o desenvolvimento das culturas de verão, principalmente do milho, ocorreu mais cedo e em melhores condições do que no ano passado. No entanto, o excesso de chuvas, que também impossibilitou a obtenção de dados suficientes pelo satélite na segunda quinzena de dezembro (dado interpolado), pode ter prejudicado o plantio e o desenvolvimento de lavouras de soja. Na média, o valor do IV da última quinzena está semelhante ao da safra passada, o que não significa necessariamente que há similaridade entre as condições das lavouras, haja vista as compensações das anomalias negativas e positivas, também causadas por diferenças nos períodos de plantio.

7.5.5. CENTRO OCIDENTAL DO RIO GRANDE DO SUL

Nesta mesorregião são plantados mais de 714 mil hec-

tares de soja, milho primeira safra e feijão que correspondem a 1,73% dessas quatro culturas no país.

Figura 10 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Centro Ocidental do Rio Grande do Sul.

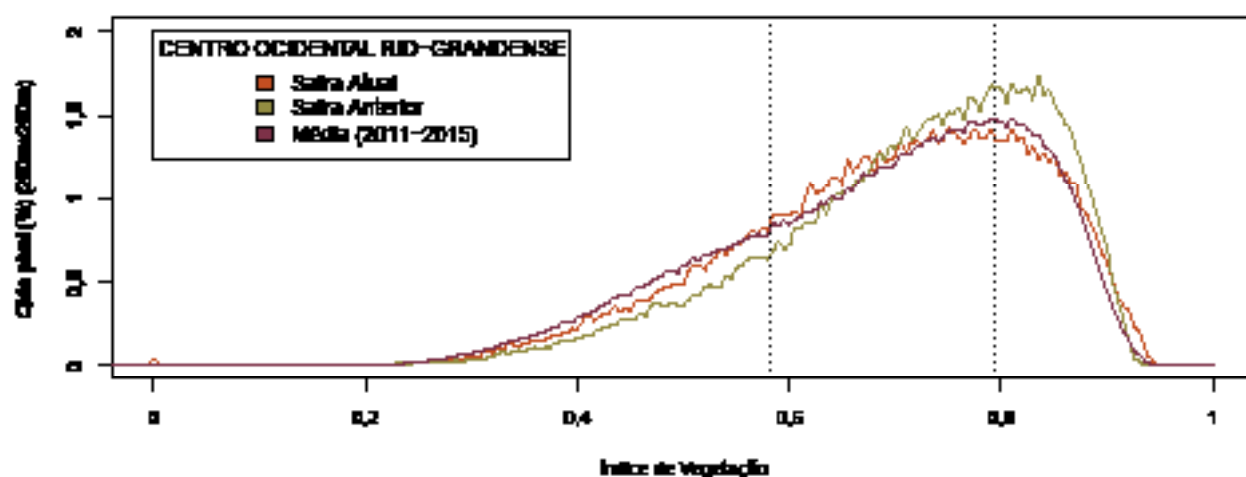


As áreas em amarelo e marrom no mapa acima indicam que a safra atual responde com IV um pouco abaixo do ano passado. Essas áreas podem ser em decorrência de plantio atrasado ou efeitos negativos sobre as lavouras em decorrência de condições climáticas desfavoráveis. As áreas em verde mostram

anomalia positiva da atual safra em relação à safra passada, que também podem ser consequência de diferenças no calendário de plantio. O ciclo dos cultivos de verão no RS é um pouco mais tardio quando comparado aos dos demais estados.



Gráfico 52 - Quantificação de áreas pelo valor do IV das lavouras, (período: 01 a janeiro/16)



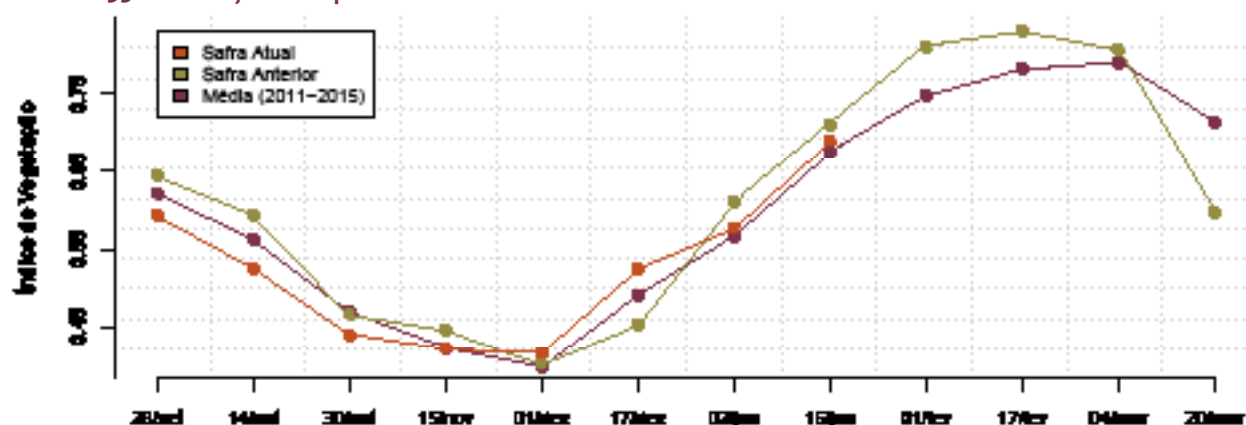
Valores de IV:	0 - 0,5824	0,5824 - 0,7944	0,7944 - 1
Safra Atual	22,49 %	51,53 %	25,98 %
Safra Anterior	17,13 %	51,84 %	31,02 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-2,51 %	1,53 %	0,98 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem cerca de 26% de suas lavouras na faixa de altos valores de IV (boa cobertura foliar), contra 31% no mesmo período do ano passado. Tem também 22,5% das áreas com baixa cobertura vegetal contra 17% no mesmo período de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2% acima da média do seis últimos anos e 3% abaixo da safra passada.

as com baixa cobertura vegetal contra 17% no mesmo período de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2% acima da média do seis últimos anos e 3% abaixo da safra passada.

Gráfico 53 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	28/fev	14/mar	30/mar	15/abr	01/mai	17/mai	02/jun	16/jun	01/jul	17/jul	04/ago	20/ago
% média	-5	-7	-8	-1	5	7	2	2				
% safra anterior	-8	-11	-5	-8	4	16	-8	-3				
Fases - safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	REG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas no Centro Ocidental do RS. O trecho descendente em outubro e novembro, abaixo dos anos safras anteriores, mostra o período em que a safra de inverno de 2015 sofreu penalizações pelo clima adverso. O trecho em ascensão a partir de dezembro mostra as fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, da safra de verão, que chega ao pico no início de março. Corresponde ao período mais vulnerável das lavouras principalmente em relação ao clima. Na sequência, trecho descendente da linha, vem a finalização do enchimento de grãos a maturação seguida das colheitas

que finalizam em abril/maio.

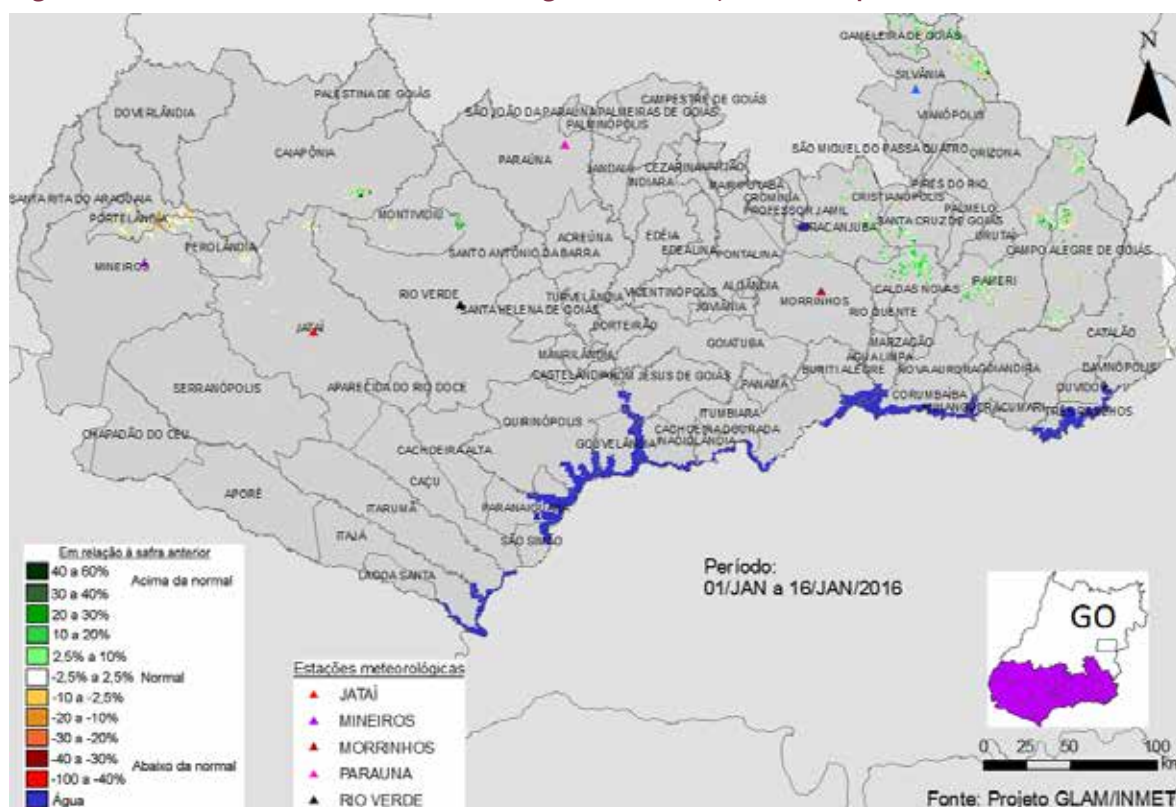
Safra atual: No gráfico, ascensão da linha vermelha a partir da segunda quinzena de novembro e primeira quinzena de dezembro mostra que o plantio e o desenvolvimento das culturas de verão, principalmente do milho, ocorreu mais cedo e em melhores condições do que no ano passado. No entanto, o excesso de chuvas pode ter prejudicado o plantio e o desenvolvimento de lavouras de soja, fazendo com que IV das quinze seguintes ficasse abaixo da safra passada. Mesmo assim, o valor ponderado do índice continua acima da média dos seis últimos anos.

7.5.6. SUL GOIANO

Nesta região são plantados quase 2,8 milhões de hectares de soja, milho primeira safra, algodão e feijão

que representam 6,5% da área plantada destas culturas no país.

Figura 11 - Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Sul de Goiás

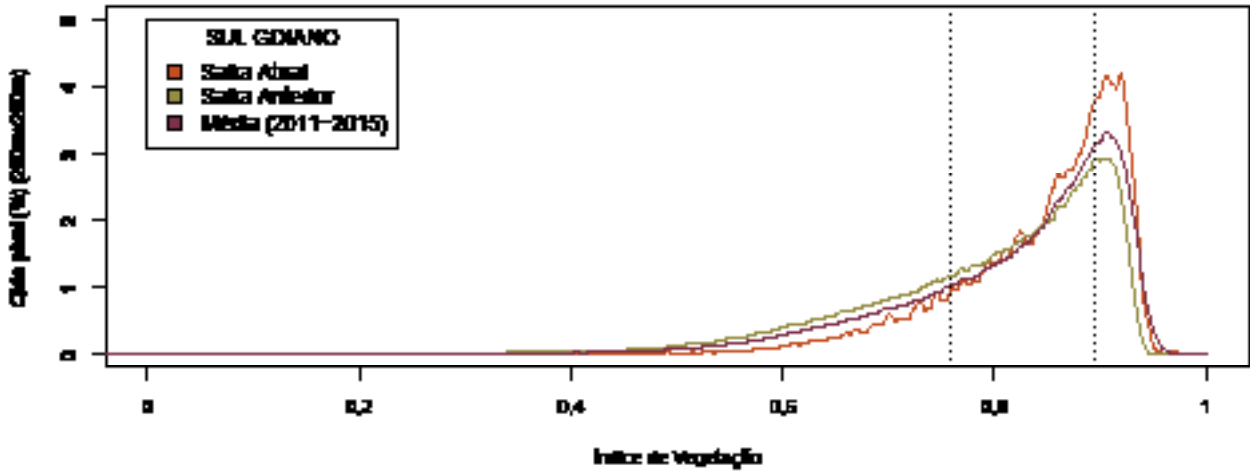


Muita cobertura de nuvens dificultou a obtenção de dados nesta 1ª quinzena de janeiro, por isso são poucas as áreas coloridas no mapa. Nas áreas em verde estão as lavouras da safra atual que estão respondendo com padrão acima do ano passado, que foi im-

pactado por estiagens. Apesar da falta de chuvas no início desta safra, as chuvas retomaram ritmo normal e, a princípio, são boas as expectativas do potencial produtivo.



Gráfico 54 - Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



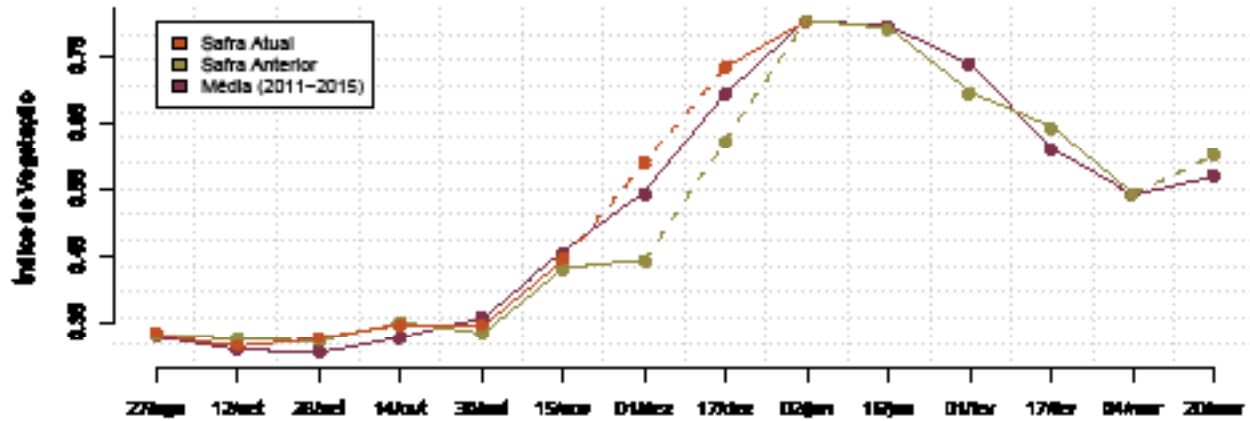
Valores de I.V.	0 – 0,7573	0,7573 – 0,8948	0,8948 – 1
Safra Atual	15,86 %	53,86 %	30,48 %
Safra Anterior	31,81 %	50,59 %	17,6 %
Média (2011-2015)	26 %	50 %	26 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-9,34 %	3,86 %	6,48 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem em torno de 30% de suas lavouras com altas respostas de IV contra 18% no mesmo período do ano passado. Na faixa de baixos valores de IV a safra atual tem 16% contra 32% do ano passado. Os números desta tabela, distribuídos nas

três faixas de valores de IV, indicam que no momento os cultivos respondem com padrão superior aos anos anteriores. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% acima da média dos seis últimos anos e 6% acima da safra anterior.

Gráfico 55- Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	1	2	7	8	-4	-2		6	0					
% safra anterior	0	-4	1	-1	3	3			0					
Fase – safra verão				P	G/DV	DV	DV/P	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 16/11 a 2/12/2015).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Sul de Goiás. Mostra que o plantio é iniciado em outubro. Ainda em outubro acontece a germinação da maior parte das lavouras. Em novembro tem início o desenvolvimento vegetativo (cobertura foliar) e na continuidade seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico em janeiro. São essas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí tem continuidade a fase de enchimento de grãos, começo da maturação seguida das colheitas que devem finalizar em março/abril.

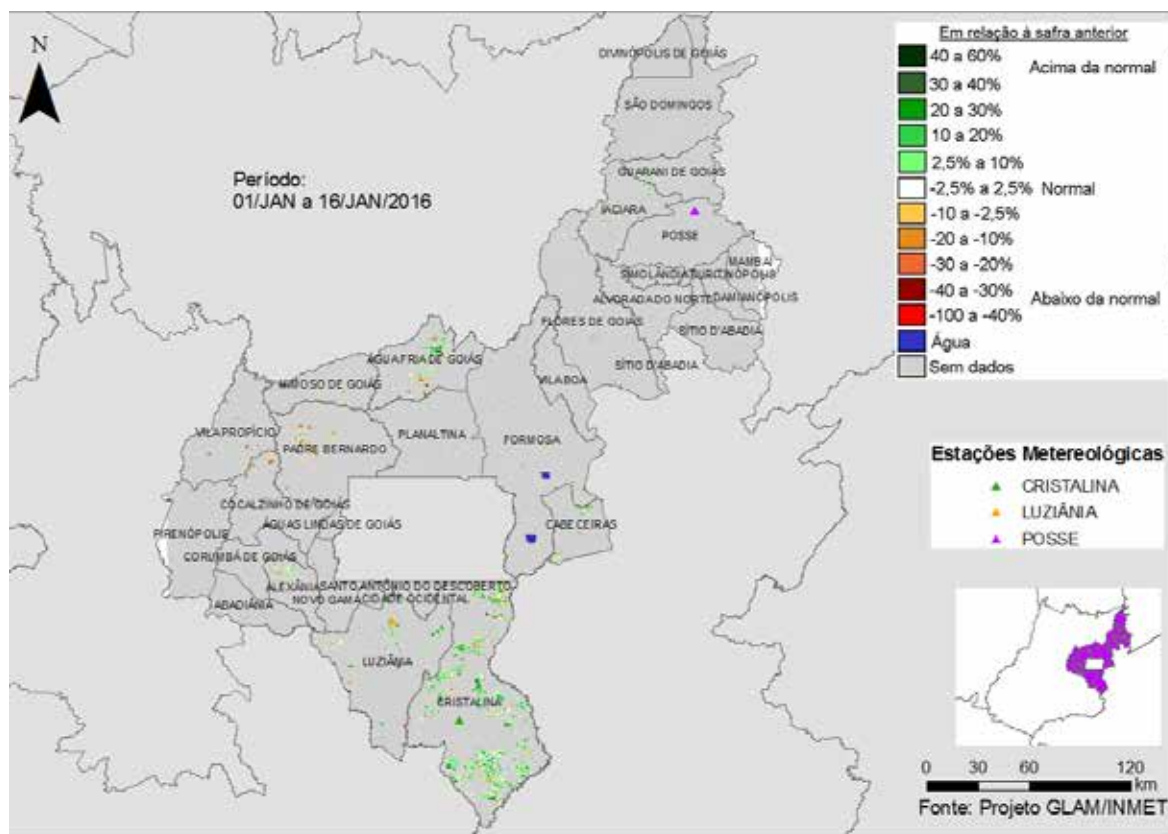
Safra atual: Houve muita cobertura de nuvens na região no presente período de monitoramento. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal em datas mais recentes. O gráfico acima mostra o período de agosto até início de janeiro. O trecho de 17/dez a 02/jan tem traçado superior ao dos anos anteriores. A queda da linha bege no trecho de 16/nov a 01/dez de 2014 mostra os efeitos negativos da escassez de chuva sobre as lavouras naquele período.

7.5.7. LESTE GOIANO

Nesta mesorregião são plantados quase 650 mil hec-

tares de soja, milho primeira safra, algodão e feijão, representando 1,57% do total nacional destas quatro culturas.

Figura 12 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Leste de Goiás

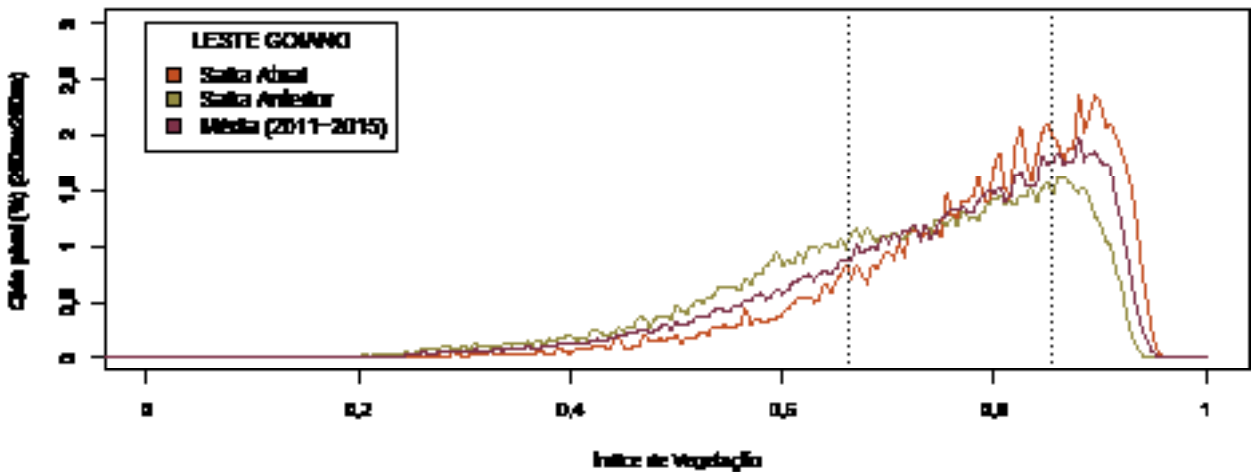


O predomínio das áreas em verde indica que as lavouras da atual safra respondem com padrão um pouco acima do ano anterior. Em amarelo e marrom

são áreas com algum atraso de plantio da atual safra em relação ao ano passado, principalmente na parte noroeste da região.



Gráfico 56- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



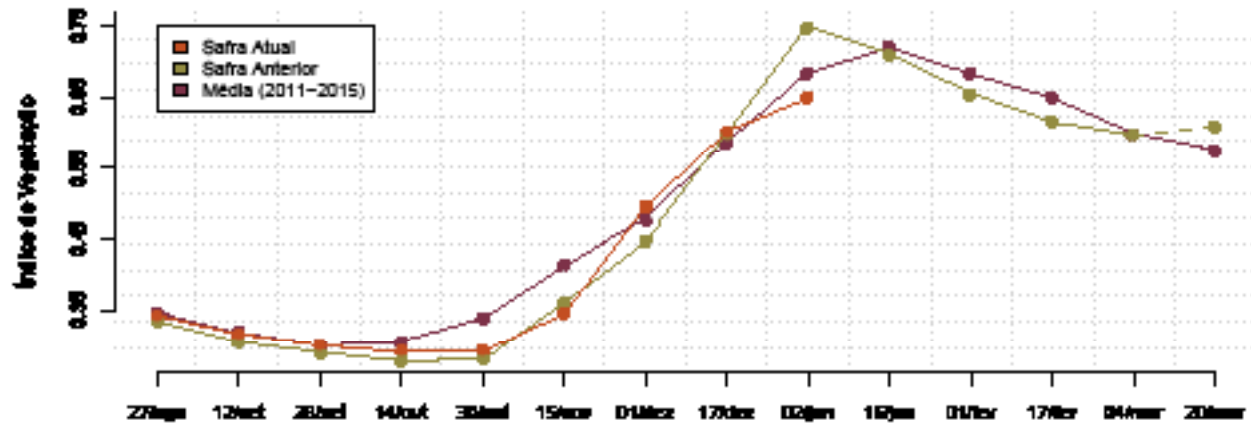
Valores de I.V.	0 – 0,6618	0,6618 – 0,8542	0,8542 – 1
Safra Atual	16,53 %	50,83 %	32,64 %
Safra Anterior	34,25 %	48,23 %	17,52 %
Média (2011–2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	-8,47 %	0,83 %	7,64 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 33% das lavouras respondendo com altos valores de IV contra 18% no mesmo período do ano passado e 25% da média. As áreas agrícolas com baixas respostas, ainda com pouca cobertura foliar, são 17% da

atual safra contra 34% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos seis últimos anos e 10% acima da safra passada.

Gráfico 57 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	-1	-1	0	-5	-14	-18	4	3	-5					
% safra anterior	3	3	3	5	4	-4	12	1	-13					
Fase – safra verão				P	GV/DV	DV	DV/F	FEG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Leste de Goiás. Mostra o plantio iniciado em setembro e praticamente concluído em outubro. Neste mês ocorre a germinação da maior parte das lavouras com início do desenvolvimento vegetativo (cobertura foliar). Na continuidade, trecho em ascensão, seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico em janeiro. São essas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí tem continuidade a fase de enchimento de grãos, começo da maturação

seguida das colheitas que devem finalizar em março/abril.

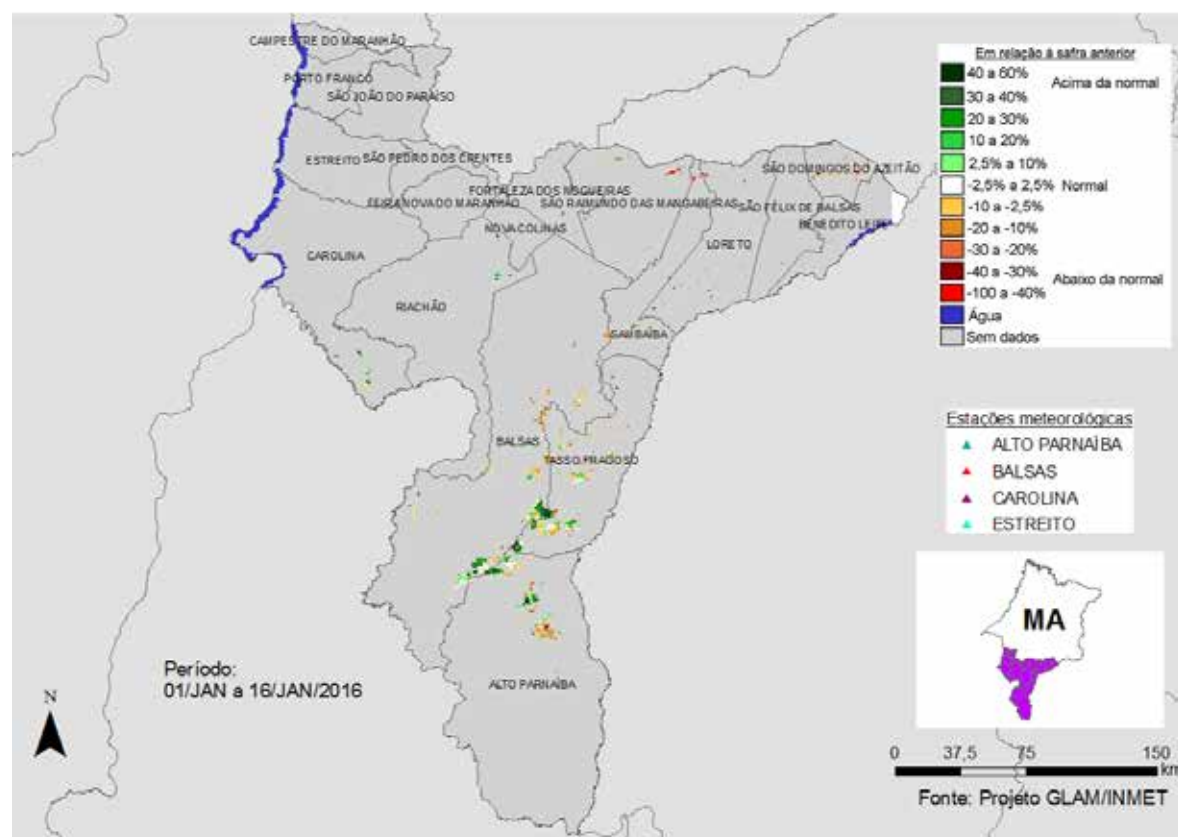
Safra atual: Houve muita cobertura de nuvens na região, por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal em período mais recente da atual safra. O gráfico acima mostra o período de setembro até o meados de dezembro. O traçado mostra comportamento similar ao da safra passada até meados de novembro, evoluindo mais a partir de dezembro.

7.5.8. SUL MARANHENSE

Nesta mesorregião são plantados aproximadamente 670 mil ha de soja, milho primeira, algodão e feijão,

representando 1,63% do total nacional destas quatro culturas.

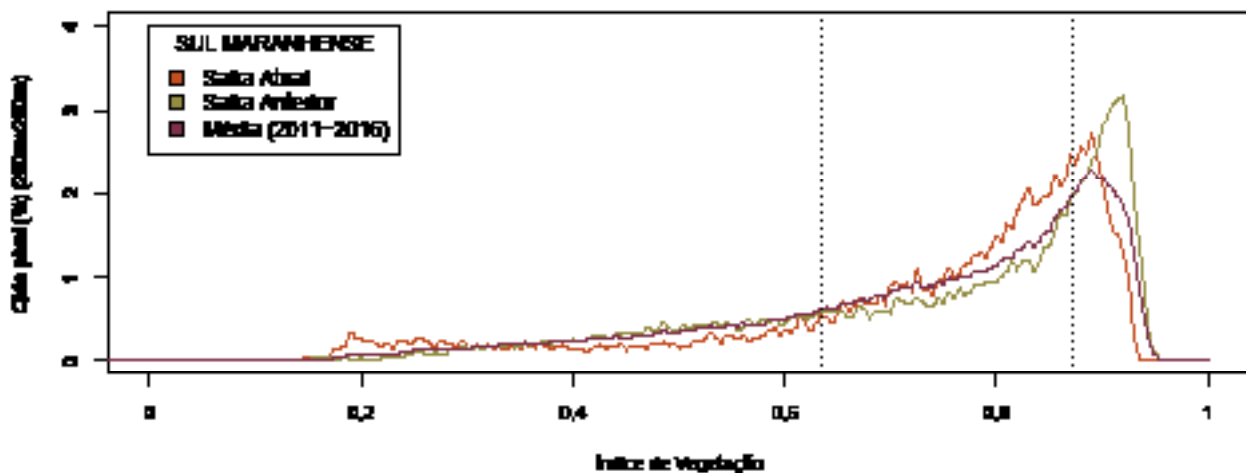
Figura 13 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ano passado, no Sul Maranhense



As lavouras estão principalmente nas partes centro e sul desta mesorregião. A cobertura de nuvens não possibilitou a geração do mapa com mais clareza. Há

um misto de áreas com anomalias positivas e negativas.





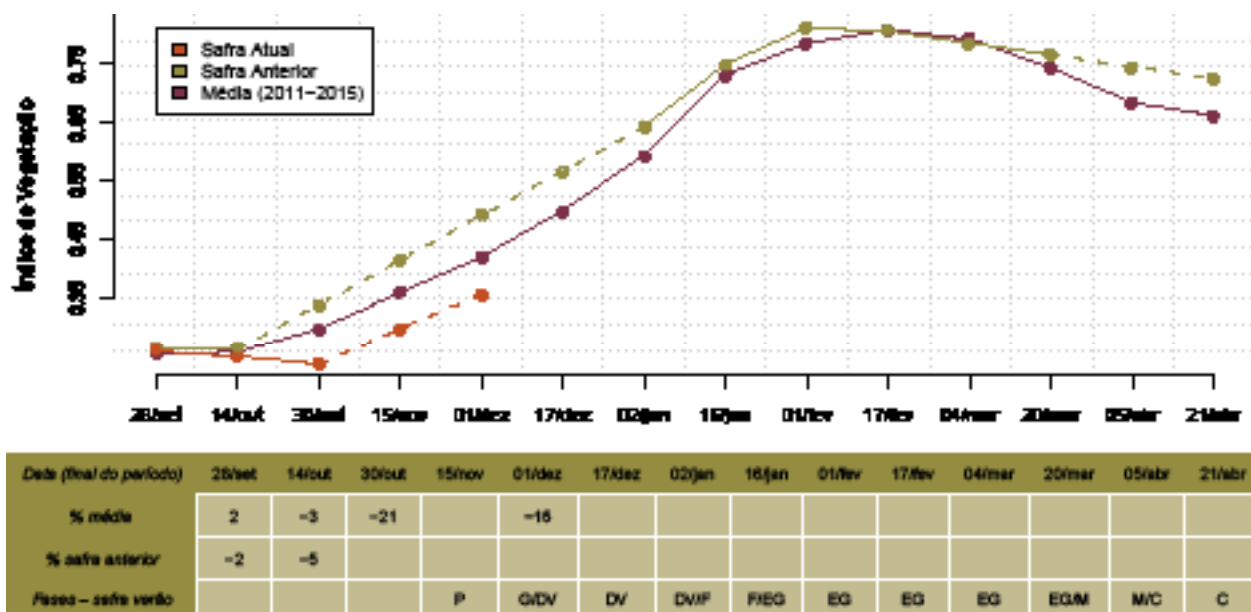
Valores de I.V.	0 – 0,8344	0,8344 – 0,8711	0,8711 – 1
Safra Atual	21,17 %	57,37 %	21,47 %
Safra Anterior	24,8 %	42,21 %	32,98 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-3,83 %	7,37 %	-3,53 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 21% das lavouras respondendo com altos valores de IV contra 33% no mesmo período do ano passado e 25% da média. As áreas agrícolas com baixas respostas, ainda com pouca cobertura foliar, são 21% da atual safra contra 25% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando

todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica semelhança com a média dos seis últimos anos e 2% abaixo da safra passada.

Gráfico 59 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras no Sul do Maranhão



Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 3 de dezembro a 3 de janeiro)



Histórico: A linha da média histórica, no gráfico da evolução temporal, traça o perfil das culturas de verão no Sul Maranhense. O plantio é mais intenso em outubro. A floração começa em novembro/dezembro e o enchimento de grãos atinge o máximo em meados de fevereiro e continua por mais algumas semanas. Na continuidade, quando o gráfico começa a declinar, inicia-se a fase de maturação seguida das colheitas que

devem ser concluídas em abril.

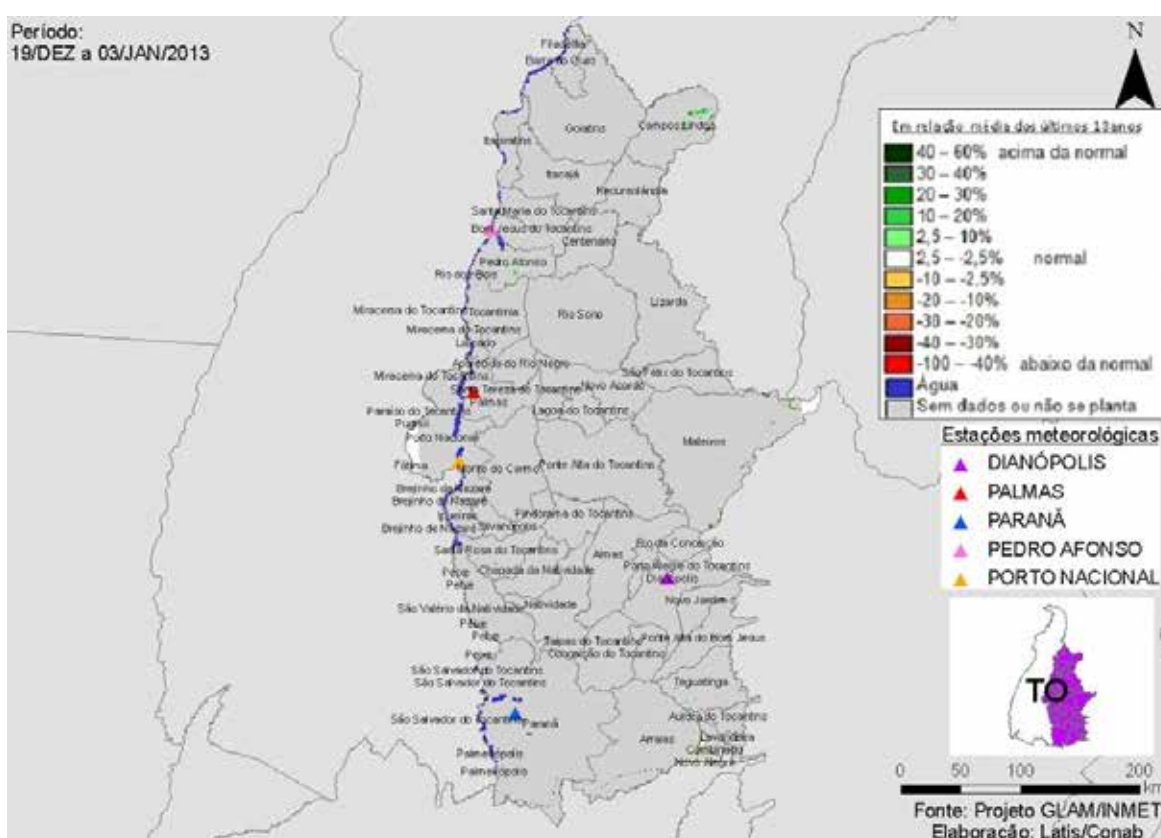
Safra atual: A cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados para traçar os 3 últimos trechos da linha vermelha correspondente ao período de 1 de dezembro de 2015 a 16 de janeiro de 2016. Os cálculos ponderados a partir do gráfico anterior mostram padrão de desenvolvimento inferior à safra passada.

7.5.9. ORIENTAL DO TOCANTINS

Nesta mesorregião são plantados 419 hectares de soja, milho 1ª safra, algodão e feijão, represen-

tando 1% do total nacional destas quatro culturas.

Figura 14 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ano passado, na região Oriental do TO

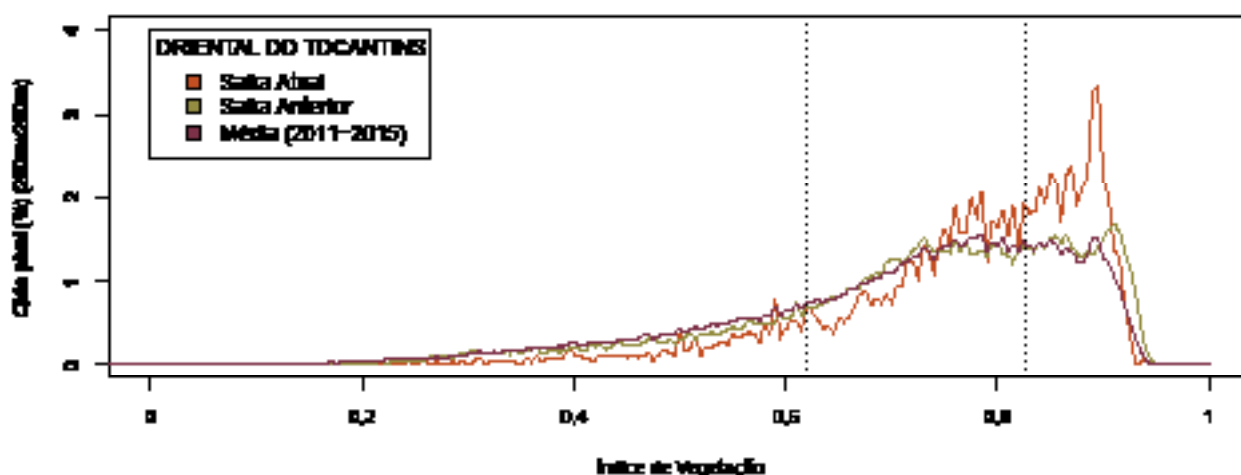


As lavouras estão principalmente nos municípios que ficam nas divisas com o Oeste da Bahia e Sul do Maranhão. A cobertura de nuvens não possibilitou mostrar com clareza estas áreas de plantio no mapa. Mesmo

assim o sistema indica anomalia positiva das lavouras. Elas são identificadas pelas poucas glebas em verde.



Gráfico 60- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



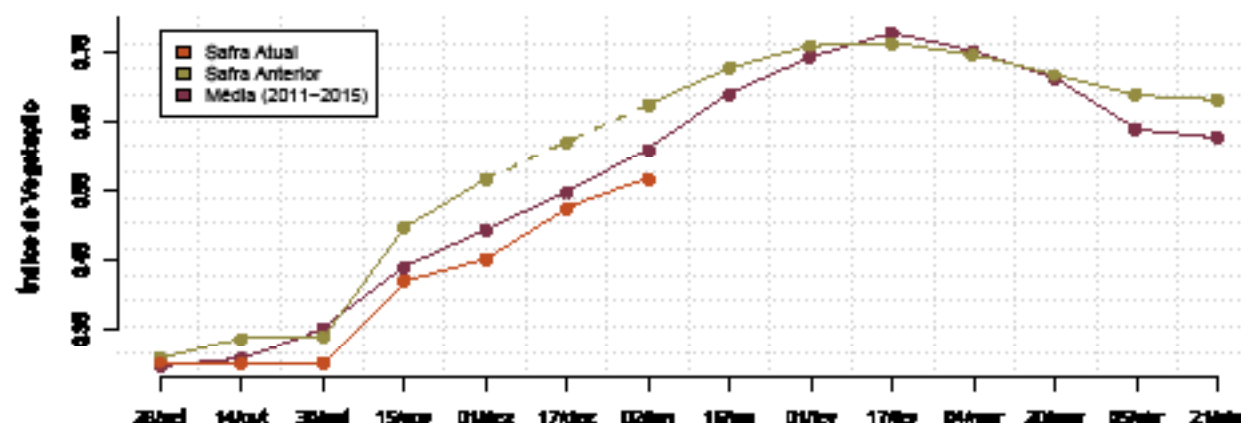
Valores de I.V.	0 – 0,6185	0,6185 – 0,8271	0,8271 – 1
Safra Atual	12,46 %	48,88 %	38,66 %
Safra Anterior	20,88 %	49,55 %	29,58 %
Média (2011–2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	-12,54 %	-1,12 %	13,66 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 39% das lavouras respondendo com altos valores de IV contra 30% no mesmo período do ano passado e 25% da média. As áreas agrícolas com baixas respostas, ainda com pouca cobertura foliar, são 12% da

atual safra contra 21% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8,5% acima da média dos seis últimos anos e 5,8% acima da safra passada.

Gráfico 61 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras na Oriental do Tocantins



Data (final do período)	28/abr	14/mai	30/mai	15/jun	01/jul	17/jul	02/ago	16/ago	01/set	17/set	04/out	20/out	05/nov	21/nov
% média	1	-3	-14	-4	-8	-4	-7							
% safra anterior	-3	-11	-11	-18	-20		-16							
Fase – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/BG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 2 a 16 de janeiro)



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão na região Oriental do Tocantins. O plantio é mais intenso em outubro. A floração começa em novembro/dezembro e o enchimento de grãos atinge o máximo em meados de fevereiro. Na continuidade, quando o gráfico começa a declinar, inicia-se a fase de maturação seguida das colheitas que devem ser concluídas em abril.

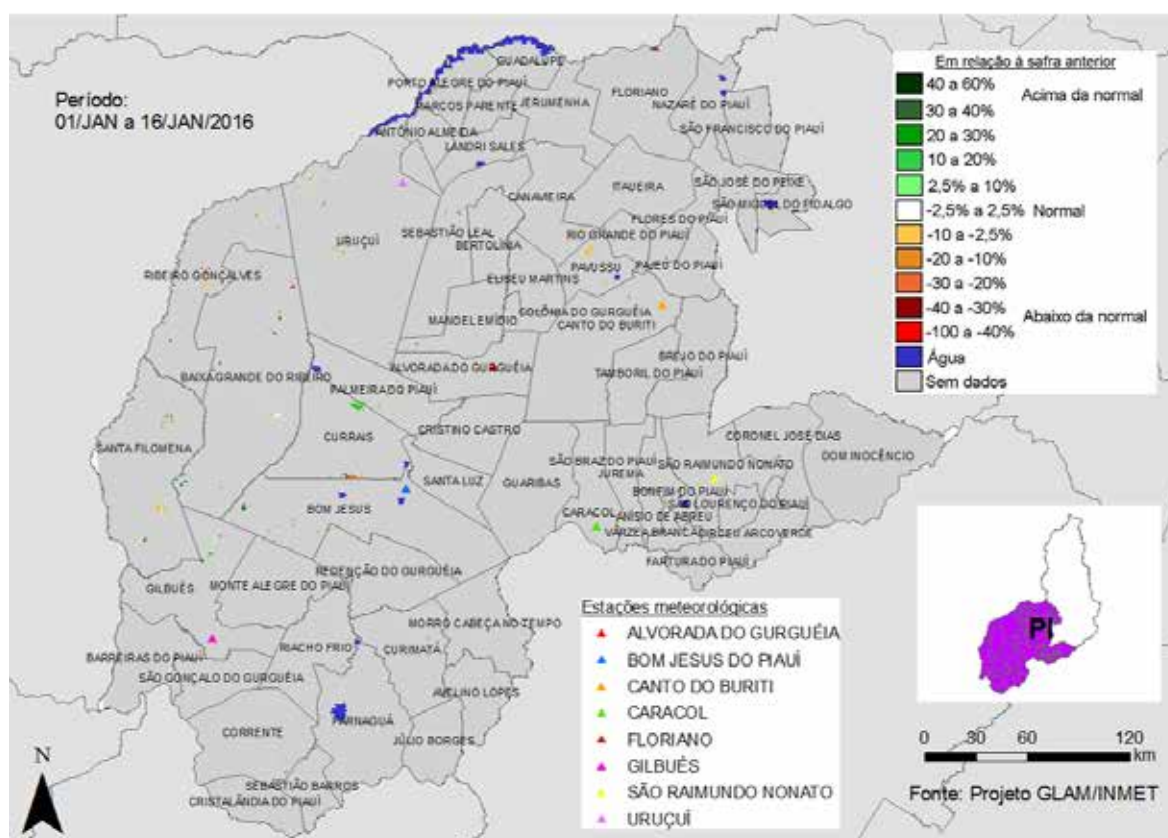
Safra atual: O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite na 1ª quinzena de janeiro de 2016, por isso o correspondente trecho não consta no gráfico. O traçado até 2 de janeiro/16 mostra comportamento da safra atual inferior aos dos anos anteriores. Porém os dados do gráfico de quantificação de áreas indicam recuperação das lavouras.

7.5.10. SUDOESTE PIAUIENSE

Nesta mesorregião são plantados 908 hectares de

soja, milho primeira safra, algodão e feijão, representando 2,2% do total nacional destas quatro culturas.

Figura 15 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ano passado, no Sudoeste do Piauí

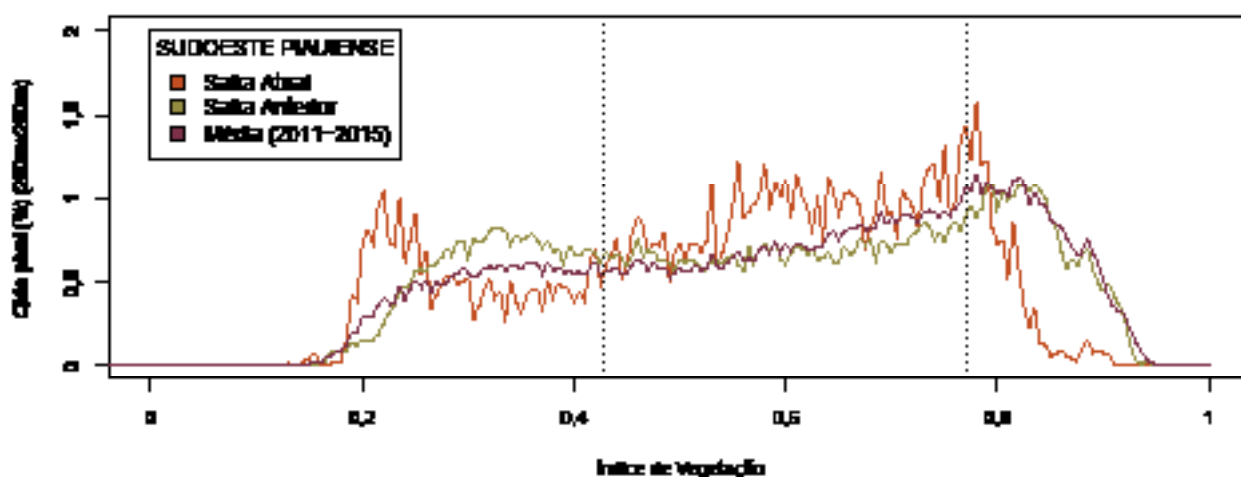


A cobertura de nuvens não possibilitou a geração do mapa acima mostrando as áreas agrícolas com maior clareza. As lavouras estão principalmente na parte

oeste desta mesorregião. A pequena amostra de lavouras sem cobertura de nuvens indica anomalia negativa dos cultivos.



Gráfico 62- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



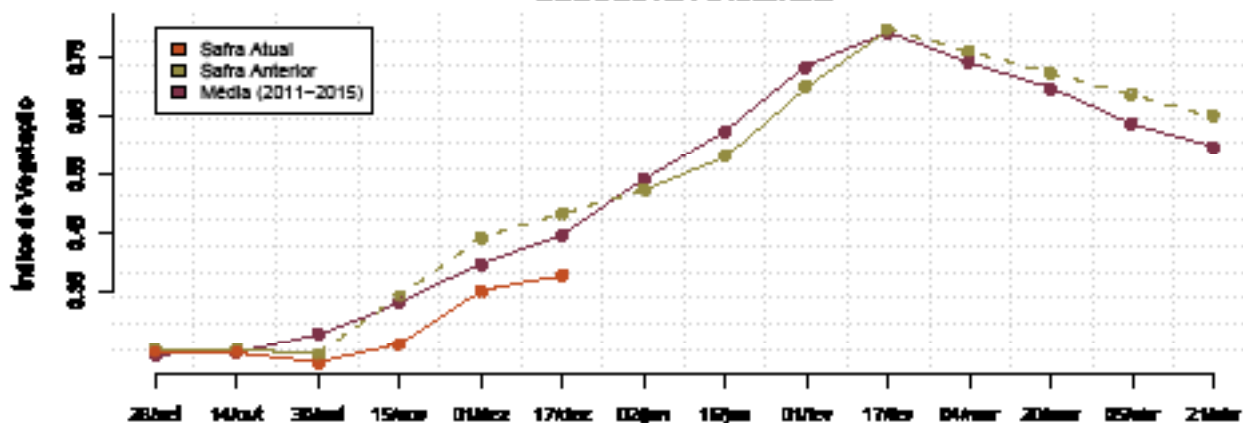
Valores de I.V.	0 – 0,4283	0,4283 – 0,7723	0,7723 – 1
Safra Atual	26,41 %	62,55 %	11,05 %
Safra Anterior	29,25 %	47,2 %	23,55 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	1,41 %	12,55 %	-13,95 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 11% das lavouras respondendo com altos valores de IV contra 24% no mesmo período do ano passado e 25% da média. As áreas agrícolas com baixas respostas, ainda com pouca cobertura foliar, são 26% da atual

safra contra 29% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras,

Gráfico 63 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras no Sudoeste do Piauí



Data (final do período)	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	2	-1	-17	-21	-11	-16								
% safra anterior	-1	-3	-6		-20									
Fases – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EQ	EQ	EQ	EQ	EQ/M	M/C	C

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Sudoeste do Piauí. O plantio é mais intenso em outubro. A floração começa em novembro/dezembro e o enchimento de grãos atinge o máximo em meados de fevereiro e continua por mais algumas semanas. Em seguida, quando o gráfico começa a declinar, inicia a fase de maturação com colheitas que devem ser concluídas em abril.

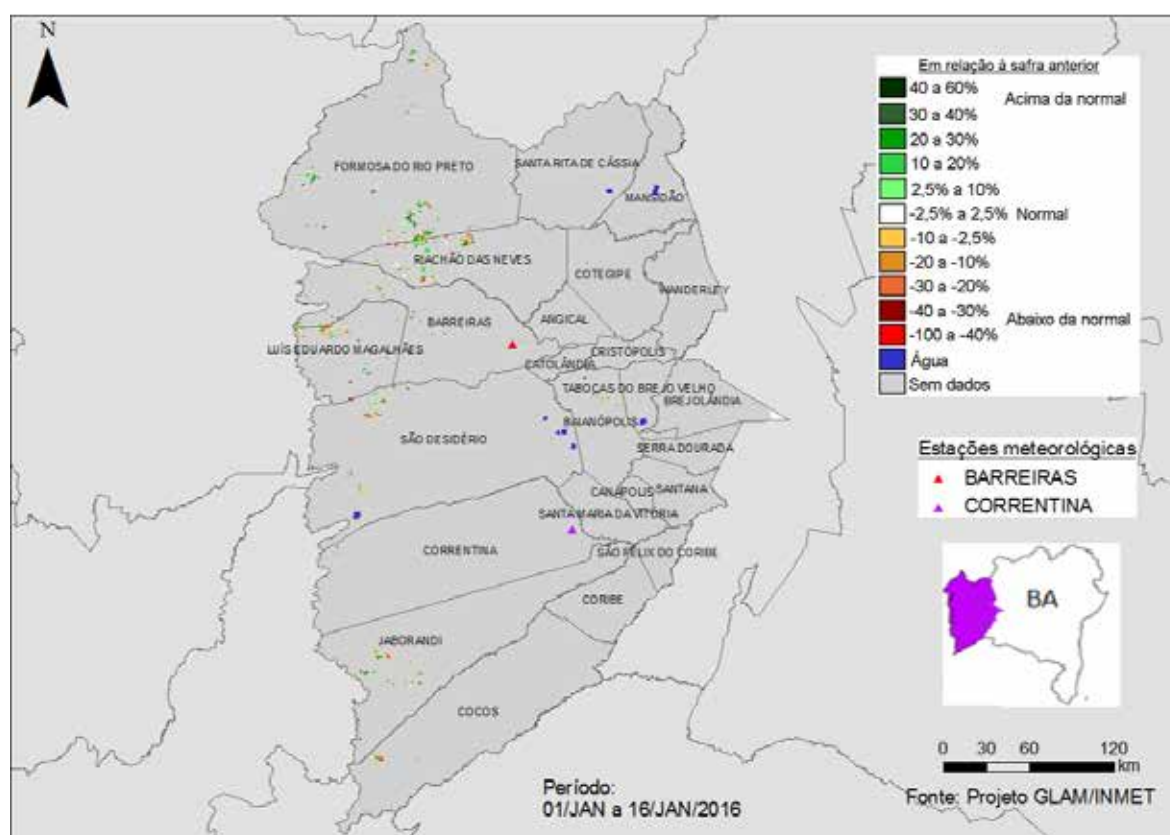
Safra atual: O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite após 17 de dezembro, por isso os correspondentes trechos não constam no gráfico. O traçado até 17 de dezembro/15 mostra comportamento da safra atual inferior aos dos anos anteriores.

7.5.11. EXTREMO OESTE BAIANO

Nesta mesorregião são plantados mais de 2 milhões de hectares de soja, milho primeira safra, algodão e

feijão que representam 4,92% da área plantada no país.

Figura 16 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ano passado, no Extremo Oeste da Bahia

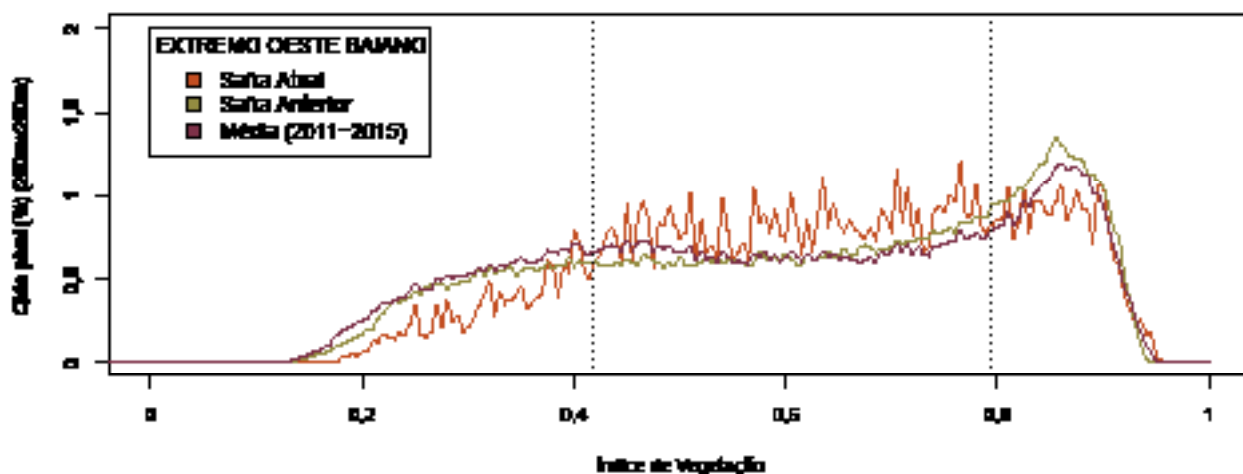


Excesso de cobertura de nuvens dificultou a obtenção de dados das lavouras nesta primeira safra quinquena de janeiro, por isso são poucas as áreas coloridas no mapa. Nas áreas em verde estão as lavouras da safra

atual que estão respondendo com padrão acima do ano passado, enquanto que as que estão em amarelo e marrom respondem abaixo.



Gráfico 64- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



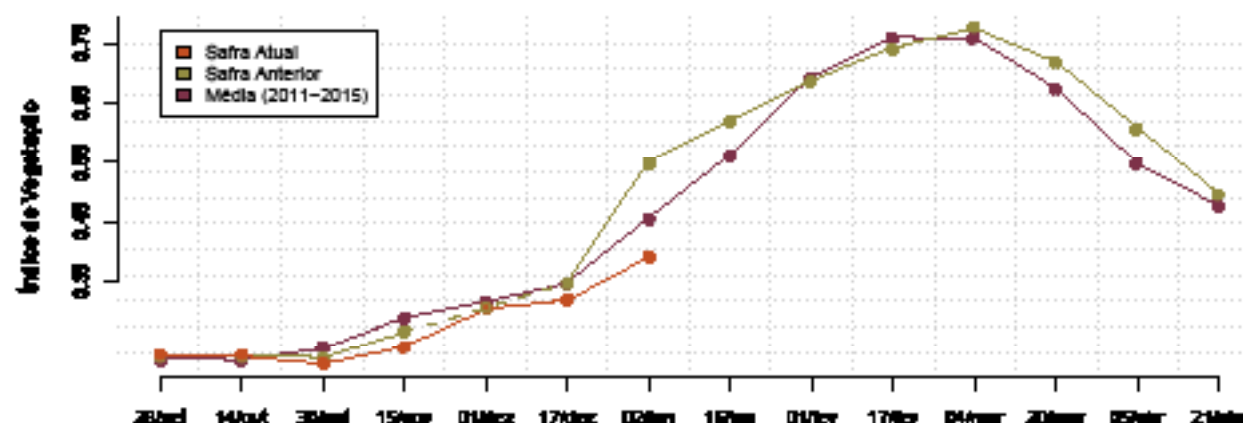
Valores de I.V.	0 – 0,4179	0,4179 – 0,7943	0,7943 – 1
Safra Atual	15,12 %	61,89 %	22,99 %
Safra Anterior	22,34 %	50 %	27,66 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-9,88 %	11,89 %	-2,01 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 23% das lavouras respondendo com altos valores de IV contra 28% no mesmo período do ano passado e 25% da média. As áreas agrícolas com baixas respostas, ainda com pouca cobertura foliar, são 15% da

atual safra contra 22% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média dos seis últimos anos e 1,71% acima da safra passada.

Gráfico 65 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras no Extremo Oeste da Bahia



Data (final do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr
% média	4	3	-11	-17	-4	-8	-14							
% safra anterior	2	0	-5	-9		-8	-29							
Fase - safra verão				P	GDV	DV	DVIF	FREG	EG	EG	EG	EQM	M/C	C

Fonte: Projeto GLAM (sem dados a partir de 2 de janeiro).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Extremo Oeste da BA. Mostra que eram semeadas em setembro e outubro. Na 2ª quinzena de outubro tem início o desenvolvimento vegetativo (cobertura foliar) e na continuidade seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico no final de fevereiro. São estas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí tem continuidade a fase de enchimento de grãos, começo da maturação seguida das colheitas que devem finalizar em abril e

maio.

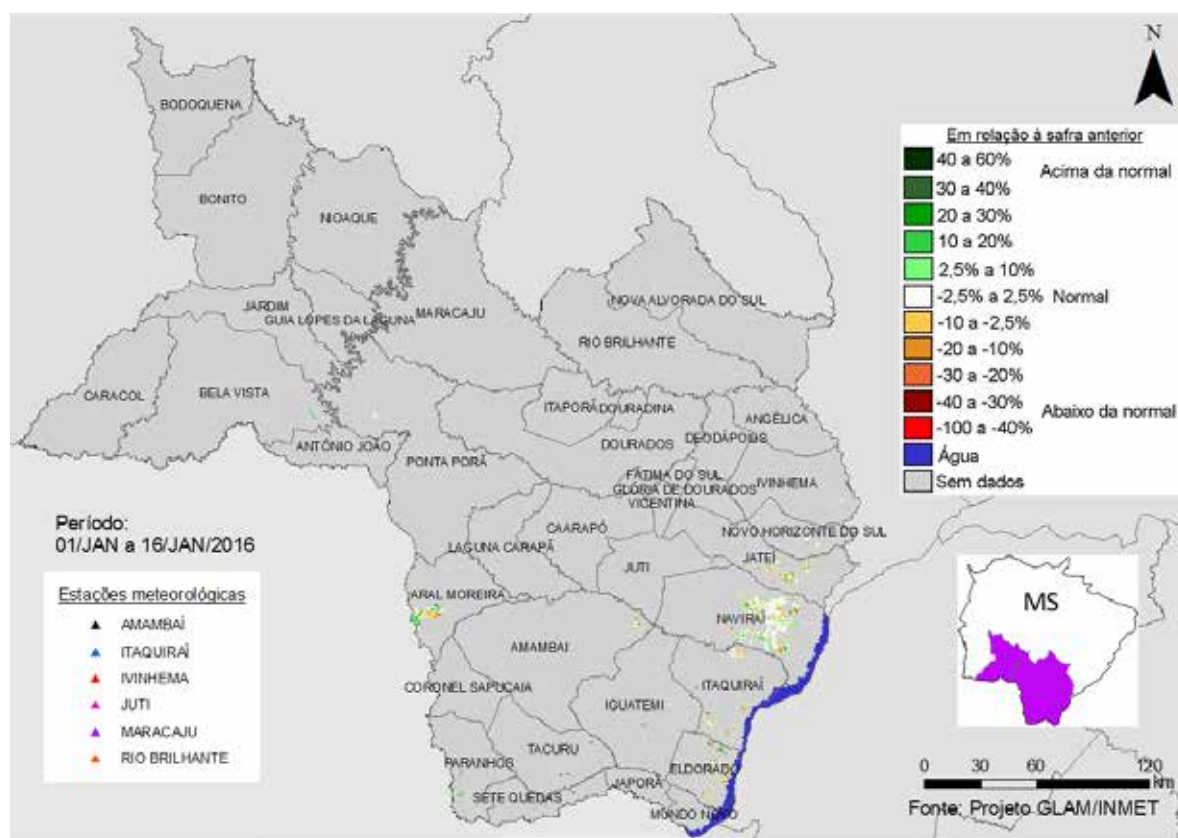
Safra atual: O excesso de cobertura de nuvens não possibilitou a obtenção de dados de satélite na 1ª quinzena de janeiro de 2016, por isso o correspondente trecho não consta no gráfico. O traçado até 2 de janeiro/16 mostra comportamento da safra atual inferior aos dos anos anteriores. Entretanto, os dados do gráfico de quantificação de áreas cobrem até 16 de janeiro e indicam recuperação dos cultivos atuais.

7.5.12. SUDOESTE DO MATO GROSSO DO SUL

Nesta região são plantados mais de 1,4 milhão de hectares de soja, milho primeira, algodão e feijão

que representam 3,51% da área destas quatro culturas plantada no país.

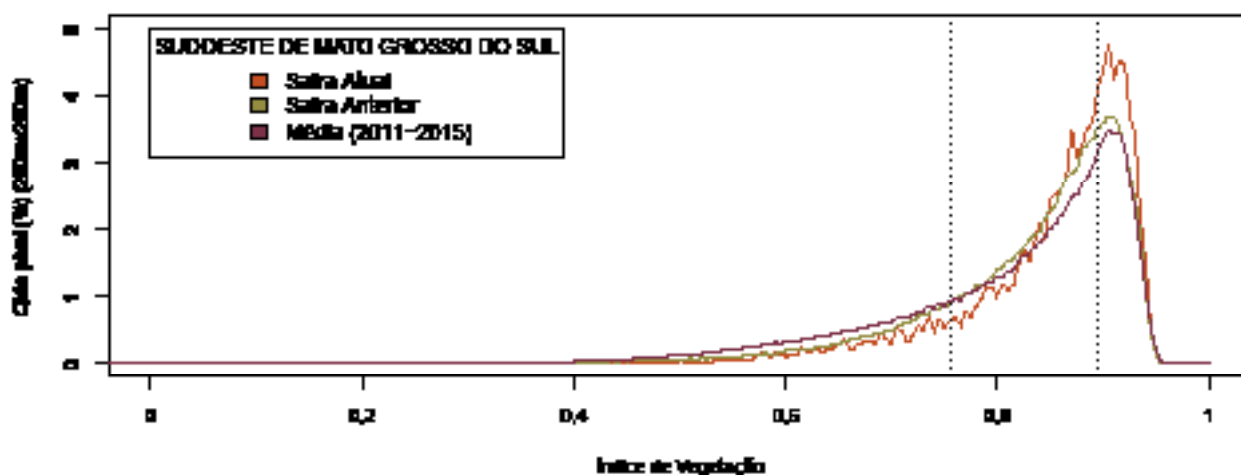
Figura 17 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Sudoeste do Mato Grosso do Sul



O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas de todas as áreas de cultivos da região. As áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão colori-

das no mapa. Em branco são lavouras com padrão semelhante ao ano passado. Em verde, padrão superior à safra anterior e, em amarelo e marrom são áreas que respondem abaixo da safra passada.

Gráfico 66 - Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01a janeiro/16)



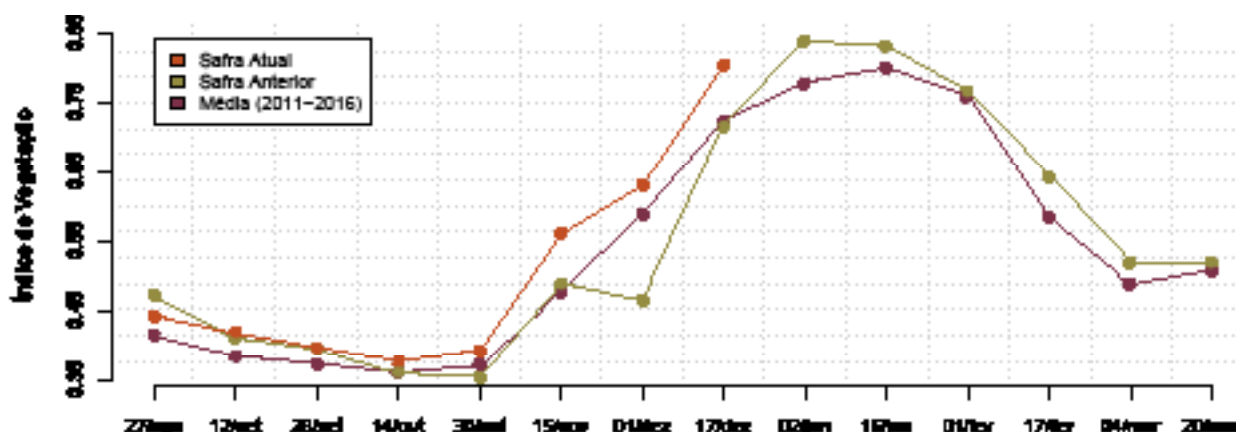
Valores de IV	0 - 0,7557	0,7557 - 0,8959	0,8959 - 1
Safra Atual	13 %	53,76 %	33,24 %
Safra Anterior	18,36 %	65,73 %	25,91 %
Média (2011-2015)	26 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-12 %	3,76 %	8,24 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem mais lavouras respondendo com altos valores de IV, são 33% contra 26% no mesmo período do ano passado. Os dados mostram também que, neste ano, apenas 13% das áreas ainda não apresentam cobertura

vegetal (baixos valores de IV), já em 2014 eram 18% nesta mesma condição. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4,5% acima da média dos seis últimos anos e 2,32% acima da safra passada.

Gráfico 67 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	7	8	6	5	6	18	8	11						
% safra anterior	-6	2	1	5	10	15	35	12						
Fase - safra verão			P	GVV	DV	DV/F	REG	EG	EG	EG	EGM	MC	C	

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Sudoeste do MS. Mostra que semeadura ocorre a partir de setembro época em que acontece a germinação de parte das lavouras. Em outubro tem início o desenvolvimento vegetativo. Em novembro se desenvolve boa parte da cobertura foliar. Na continuidade, trecho ascendente, seguem as fases de floração e enchimento de grãos que chega ao pico em janeiro. São estas as fases mais vulneráveis aos eventos climáticos. A partir daí, no trecho descendente, tem continuidade a fase final de enchimento de grãos, co-

meço da maturação seguida das colheitas que devem finalizar em março e abril.

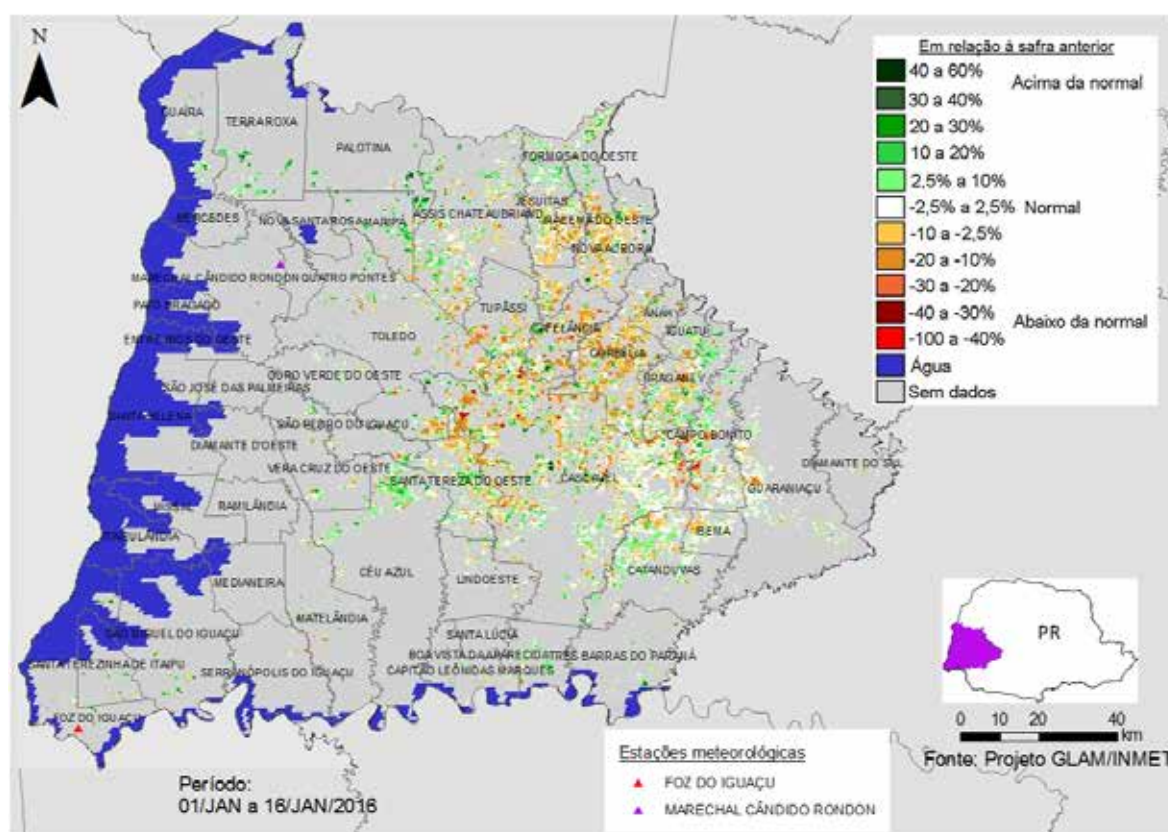
Safra atual: Houve muita cobertura de nuvens na região nas últimas quinzenas, por isso não foi possível obter dados de satélite mais recentes e suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal. O gráfico acima mostra o período de setembro até o meado de dezembro. O traçado mostra comportamento superior aos das safras passadas naquele período.

7.5.13. OESTE PARANAENSE

Esta mesorregião planta mais de 1,1 milhões de hecta-

res de soja, milho e feijão que representam 2,72% do total nacional dessas culturas.

Figura 18 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Oeste do Paraná

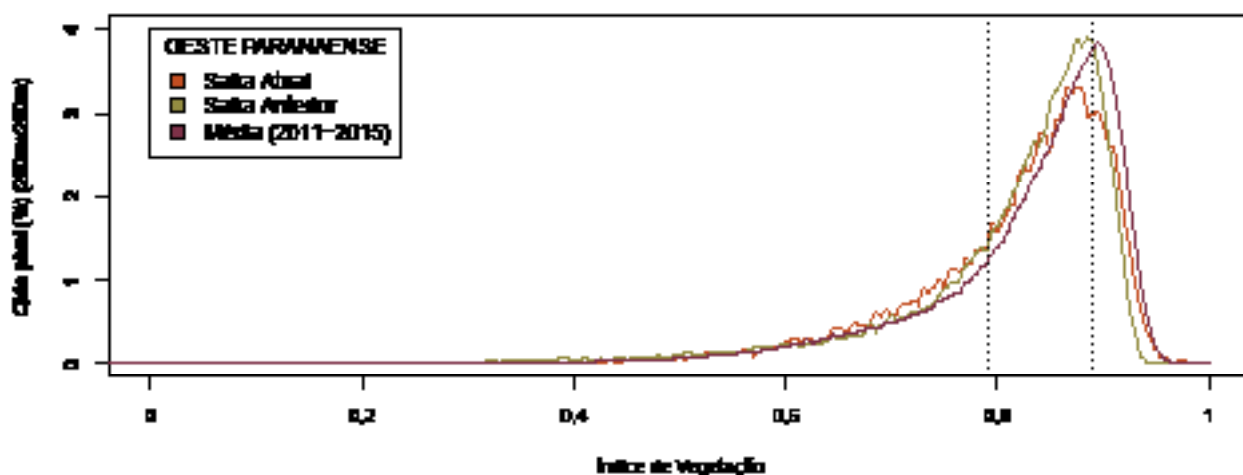


Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Há equilíbrio entre a quanti-

dade de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom. Assim, em média, constata-se que a atual safra tem padrão semelhante à safra anterior.



Gráfico 68 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



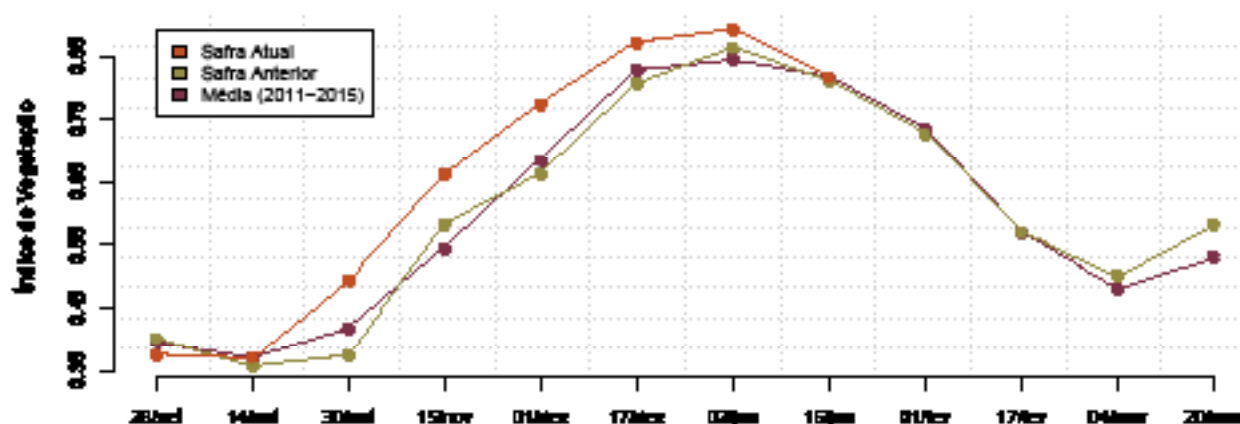
Valores de IV	0 – 0,7902	0,7902 – 0,8907	0,8907 – 1
Safra Atual	30,11 %	51,39 %	18,5 %
Safra Anterior	28,38 %	56,72 %	14,9 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	5,11 %	1,39 %	-6,5 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 19% das lavouras respondendo com altos valores de IV (boa cobertura foliar), contra 15% no mesmo período da safra passada. 30% das áreas respondem com

baixos IV nessa safra, contra 28% da safra passada. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1,3% abaixo da média dos seis últimos anos e 0,57% acima da safra passada.

Gráfico 69 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	28/fev	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	-5	0	18	21	13	5	6	0				
% safra anterior	-6	3	32	14	17	8	3	1				
Fases – safra verão	P	G/DV	DV	Dv/F	REG	EG	EG	EQM	M	MC	C	C

Fonte: Glam/Inmet.



responde ao final do enchimento de grãos com início da maturação e as colheitas que devem finalizar em março e abril.

Safra atual: O gráfico acima mostra altos valores de IV durante todo o ciclo dos cultivos indicando bom padrão de desenvolvimento das lavouras da atual safra.

Nesta mesorregião são plantados mais de 890 mil

hectares de soja, milho primeira safra e feijão representando 2,17% do total nacional.

Em relação à safra anterior

40 a 60%	Acima da normal
30 a 40%	
20 a 30%	
10 a 20%	
2,5% a 10%	
-2,5% a 2,5%	Normal
-10 a -2,5%	
-20 a -10%	
-30 a -20%	
-40 a -30%	Abaixo da normal
-100 a -40%	
Água	
Sem dados	

Estações meteorológicas

- ▲ MARINGÁ
- ▲ NOVA TEBAS

Período:
01/JAN a 16/JAN/2016

PR

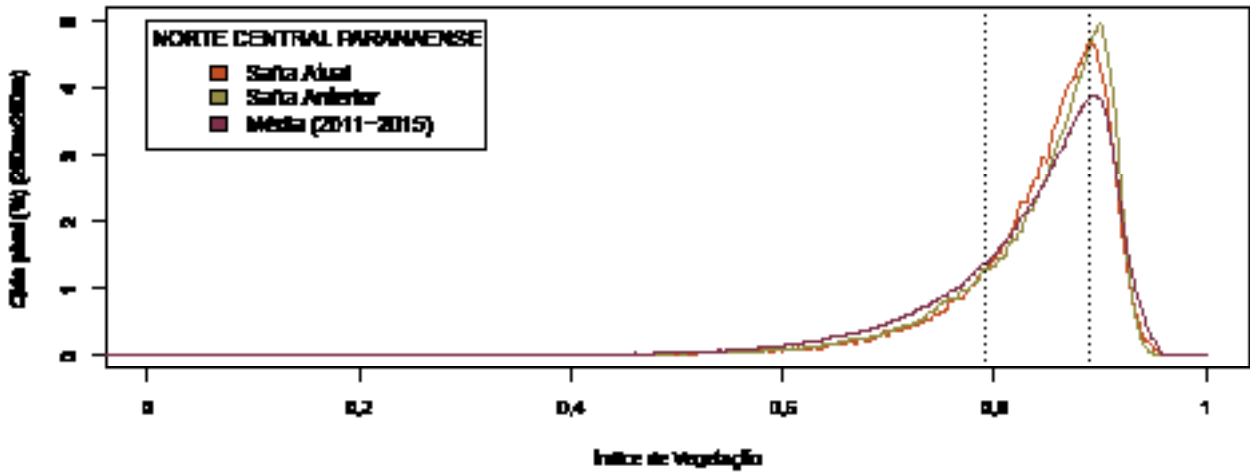
0 15 30 60 km

Fonte: Projeto GLAM/INMET

Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Há equilíbrio entre a quantidade

de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom. Assim, em média constata-se que a atual safra tem padrão semelhante à safra anterior.

Gráfico 70 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



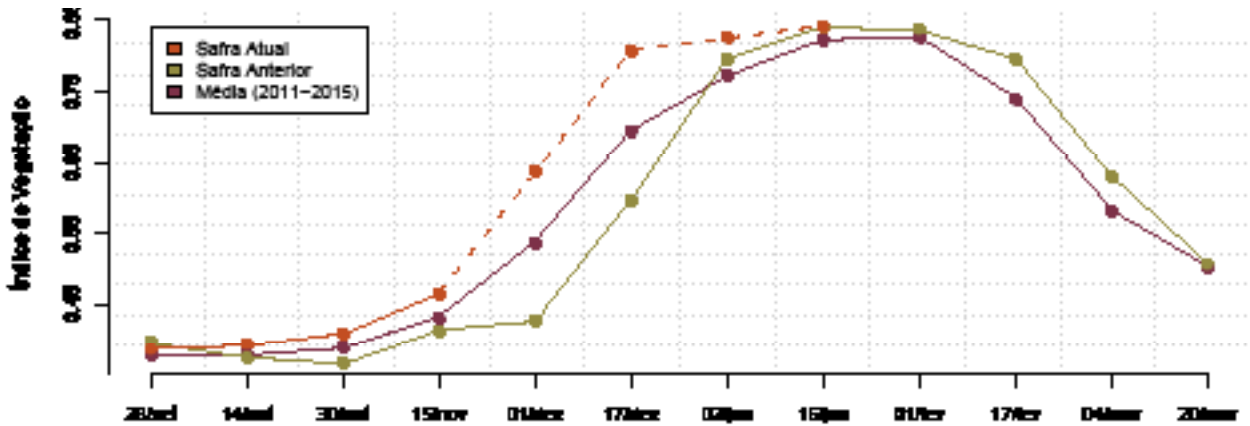
Valores de IV	0 - 0,7912	0,7912 - 0,8894	0,8894 - 1
Safra Atual	18,3 %	57 %	24,7 %
Safra Anterior	19,98 %	51,82 %	28,21 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-6,7 %	7 %	-0,3 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 25% das lavouras respondendo com altos valores de IV (boa cobertura foliar), contra 28% da safra passada no mesmo período. 18% das áreas responderam com

baixos IV, contra 20% do ano passado. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica comportamento similar ao da média dos seis últimos anos e 1% acima da safra passada.

Gráfico 71 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	26/abr	14/mai	30/mai	15/jun	01/jul	17/ago	03/set	19/out	04/nov	20/nov	06/dez	22/dez	07/jan	23/jan	08/fev	24/fev	11/mar	27/mar
% média	2	4	5	8		16		2										
% safra anterior	-2	5	12	13		36		0										
Fases - safra verão	P	Q/DV	DV	DV/F	REG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C						

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Norte Central do PR. A semeadura começa em setembro e finaliza em outubro quando já observa alguma cobertura foliar. O trecho com ascendência mais forte corresponde à fase de floração que inicia em novembro seguida da fase de enchimento de grãos que atinge o pico em meados de janeiro. Em fevereiro, a partir do trecho descendente, tem continuidade o enchimento de grãos com início da maturação em fevereiro. As colheitas devem finalizar em março e abril de

acordo com o histórico.

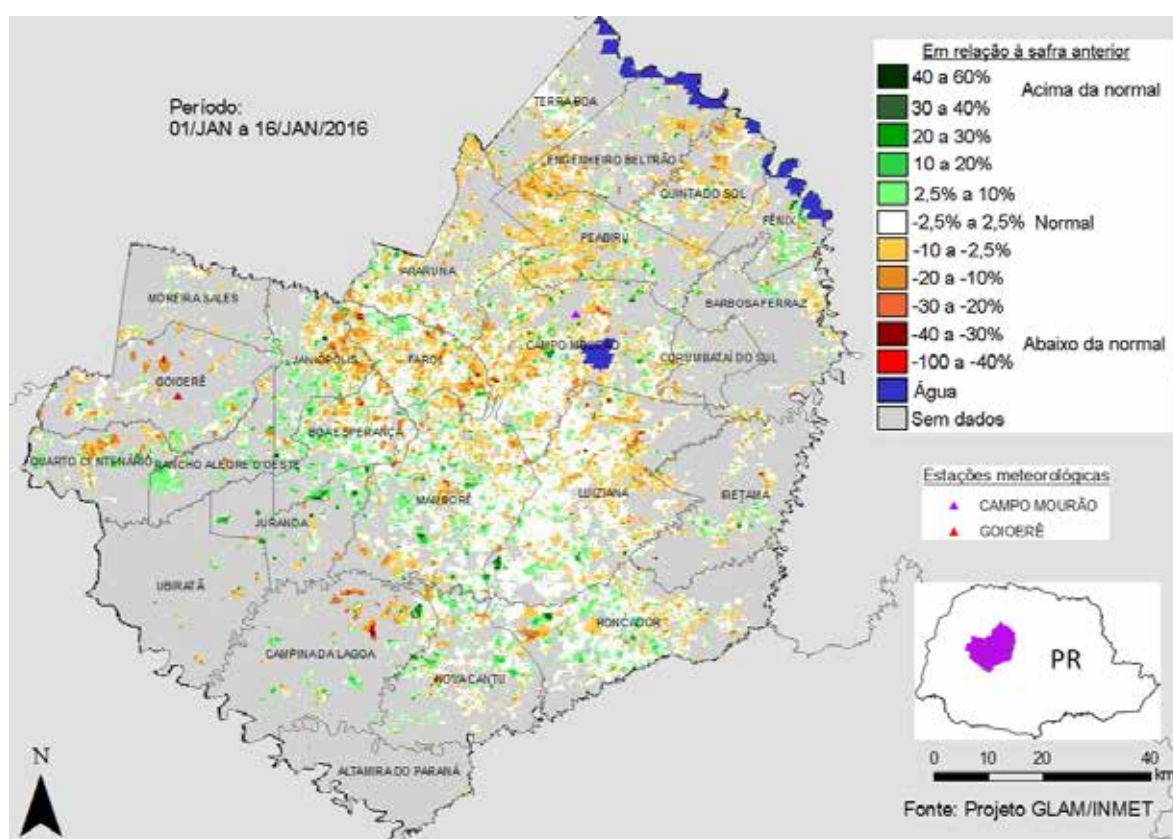
Safra atual: No gráfico acima a linha vermelha mostra, pela ascensão em outubro e novembro, indicativo de que na safra atual há uma maior quantidade de lavouras plantadas mais cedo. Desta forma as demais fases dos cultivos ocorreram também de modo antecipado, inclusive as colheitas da safra atual que já devem ter sido iniciadas. No momento o gráfico indica que os cultivos atuais respondem de forma semelhante ao ano passado.

7.5.15. CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE

Nesta mesorregião são plantados mais de 668 mil

hectares de soja, milho primeira safra, algodão e feijão, representando 1,62% do total nacional.

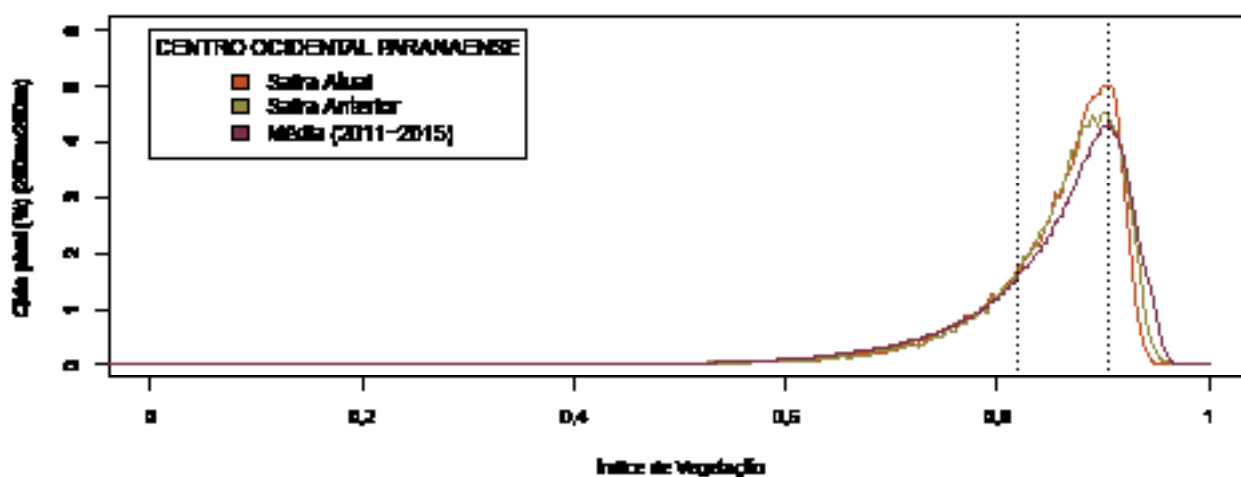
Figura 20 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Centro Ocidental do PR



Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Há equilíbrio entre a quantidade

de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom. Assim, em média constata-se que a atual safra tem padrão semelhante à safra anterior.

Gráfico 72 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a 16/jan)



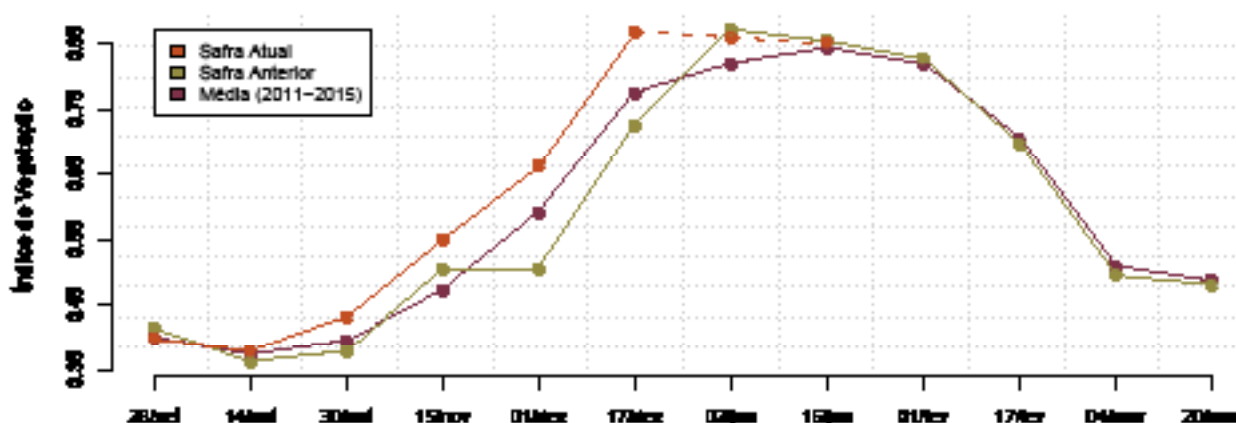
Valores de IV	0 - 0,8181	0,8181 - 0,9039	0,9039 - 1
Safra Atual	23,93 %	58,38 %	17,69 %
Safra Anterior	22,57 %	56,41 %	21,02 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-1,07 %	8,38 %	-7,31 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 18% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV enquanto que no mesmo período do ano passado 21% de seus cultivos estavam neste mesmo padrão. As áreas com baixos IV tem 24% na atual safra contra

23% em 2014. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% acima da média dos seis últimos anos e comportamento similar ao da safra passada

Gráfico 73 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (fim do período)	28/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	-1	1	10	17	12	12		1				
% safra anterior	-4	4	14	9	31	20		0				
Fases - safra verão	P	G/OV	DV	DV/F	REG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Centro Ocidental do PR. O começo do trecho ascendente a partir de outubro corresponde à fase de desenvolvimento vegetativo. Na sequência do trecho em ascensão seguem as fases da floração e do en-

chimento de grãos que atinge o ponto máximo em meados de janeiro. O trecho descendente começando em fevereiro corresponde à finalização do enchimento de grãos e também à maturação e colheita que encerra em março/abril.

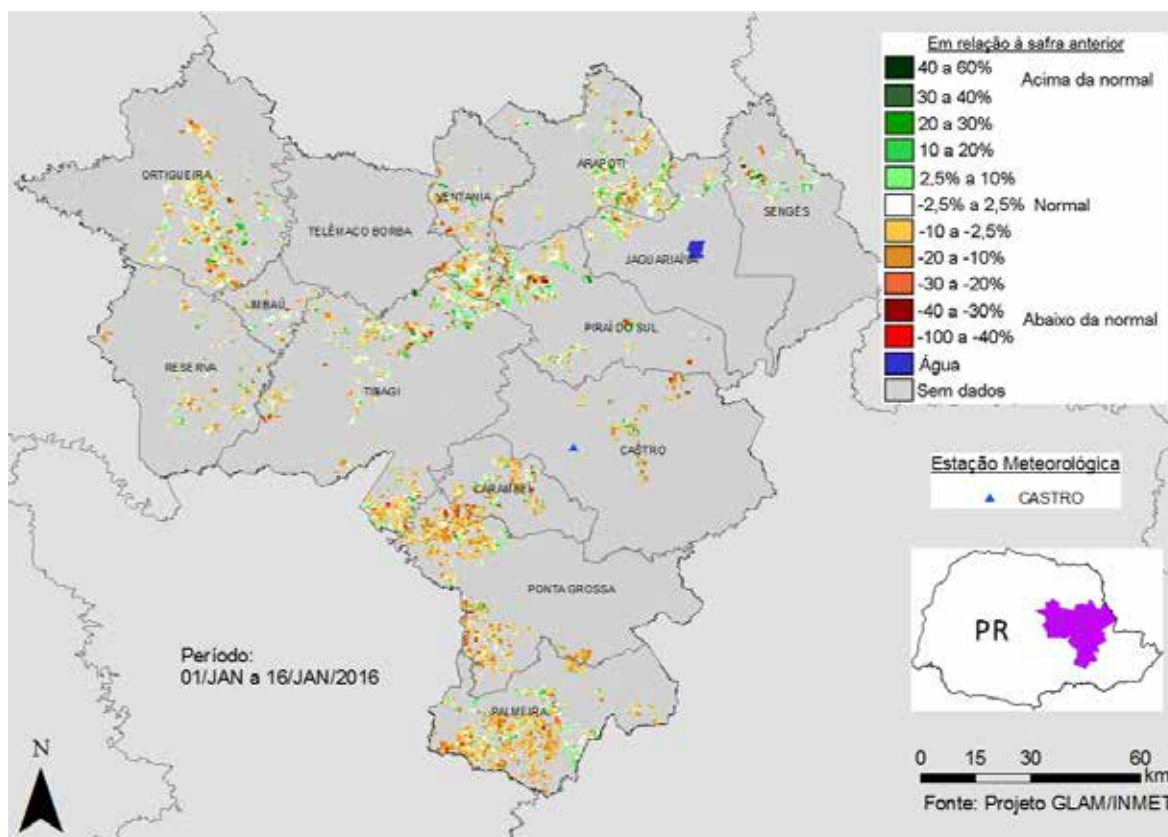
Safra atual: No gráfico acima a linha vermelha mostra, pela boa ascensão, que na atual safra há uma maior quantidade de lavouras plantadas mais cedo. Em meados de janeiro a atual safra mostra comportamento similar ao da safra passada.

7.5.16. CENTRO ORIENTAL PARANAENSE

Nesta mesorregião são plantados quase 700 mil hec-

tares de soja, milho primeira safra e feijão, representando 1,62% do total nacional destas três culturas.

Figura 21 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Centro Oriental do Paraná

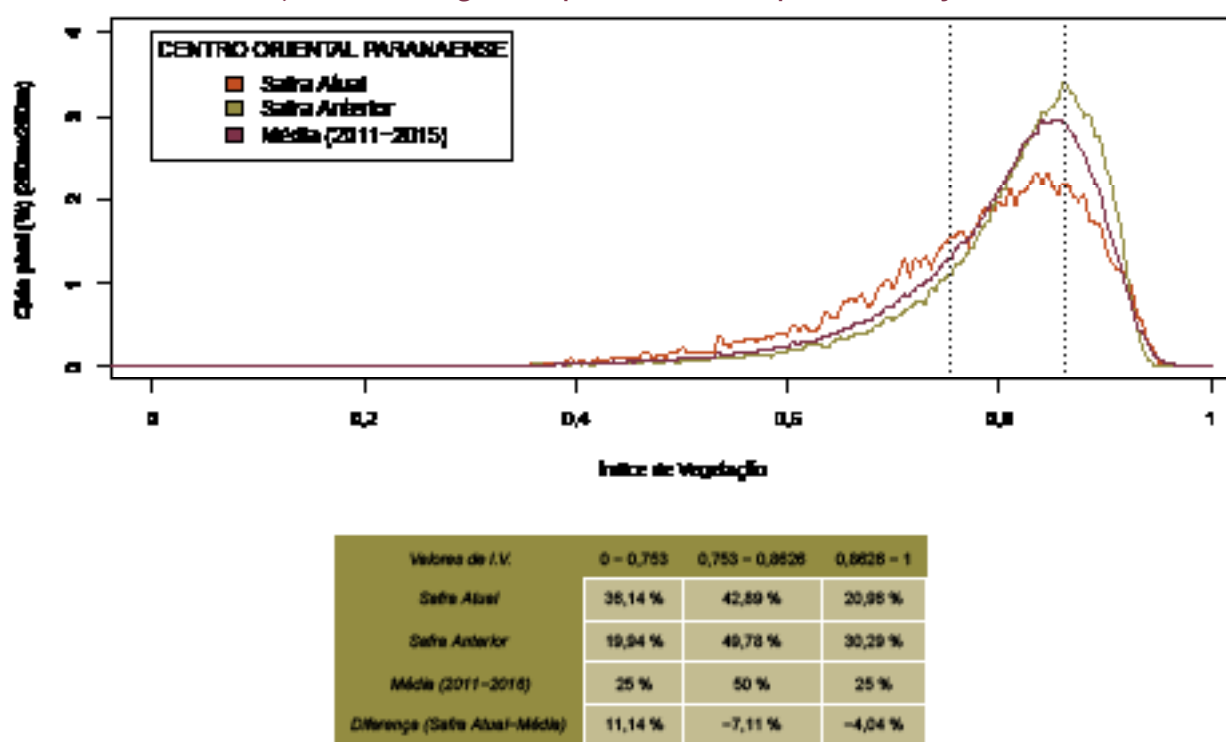


Apesar do excesso de cobertura de nuvens as imagens do período do monitoramento possibilitaram mapear expressiva quantidade de lavouras. O predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom indicam que no

momento os cultivos respondem, em média, com IV inferior ao do ano passado. Diferenças no calendário, no ciclo das variedades e, possivelmente, condições adversas do clima levaram a esta situação.



Gráfico 74 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)

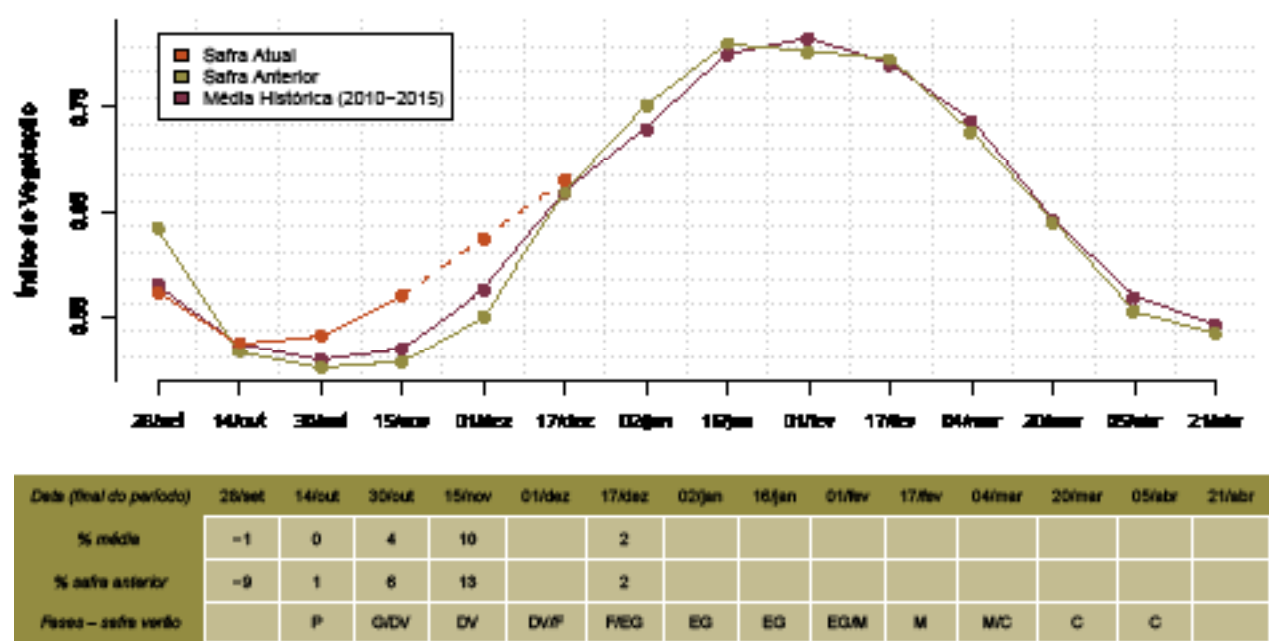


Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a atual safra tem 21% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV (boa cobertura foliar), contra 30% no mesmo período do ano passado, neste padrão. As áreas com bai-

xos IV tem 36% na atual safra contra 20% em janeiro de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% abaixo da média dos seis últimos anos e 5% abaixo da safra passada.

Gráfico 75 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 16/11 a 2/12/2015).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão, no Centro Oriental do PR. O trecho ascendente a partir de outubro/novembro corresponde às fases de desenvolvimento vegetativo, seguido de floração e de enchimento de grãos das culturas de verão, que chega ao pico em fevereiro. O trecho descendente a partir daquele mês corresponde à conclusão do enchimento de grãos e às fases de maturação e colheita

que encerra em abril/maio.

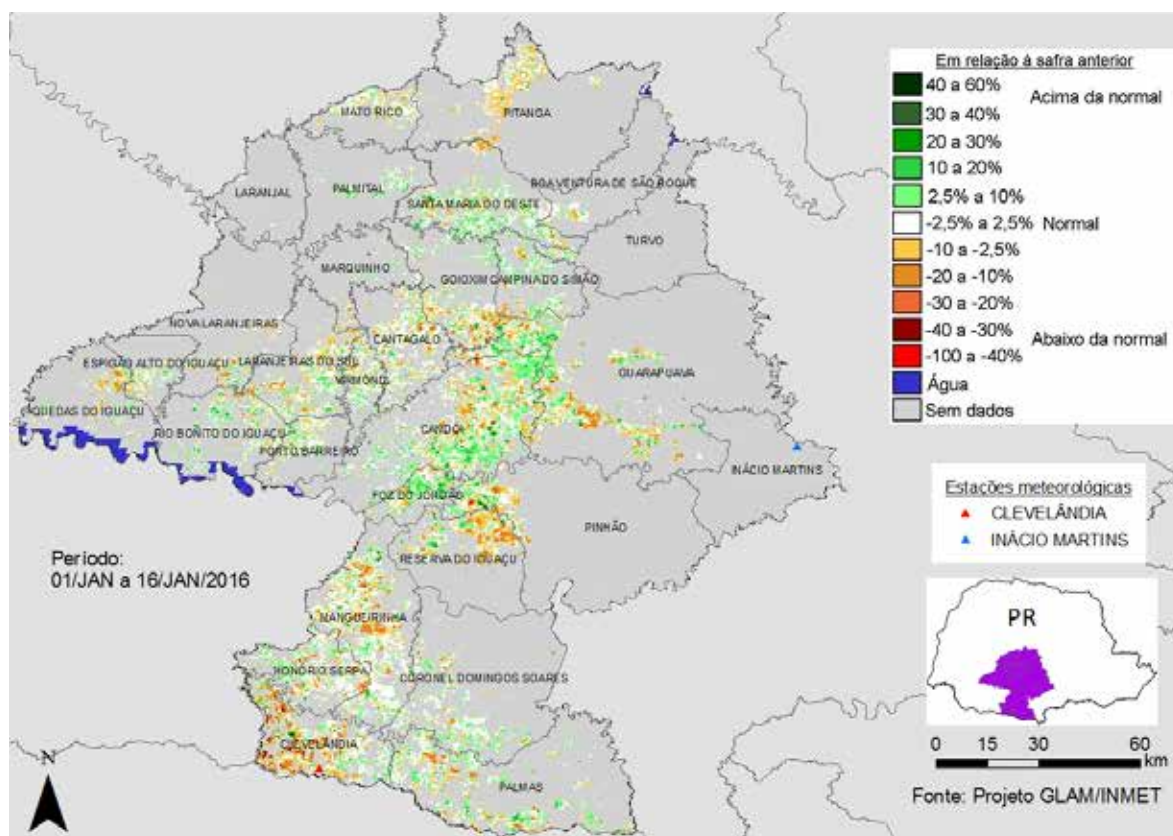
Safra atual: Houve muita cobertura de nuvens na região nas últimas quinzenas, por isso não foi possível obter dados de satélite mais recentes e suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal após 17 de dezembro. O gráfico acima mostra o período de setembro até meados de dezembro. O traçado indica plantio adiantado em relação ao da safra passada.

7.5.17. CENTRO-SUL PARANAENSE

Esta mesorregião planta mais de 700 mil hectares

de soja, milho primeira safra^a e feijão representando 1,71% do total nacional destas três culturas.

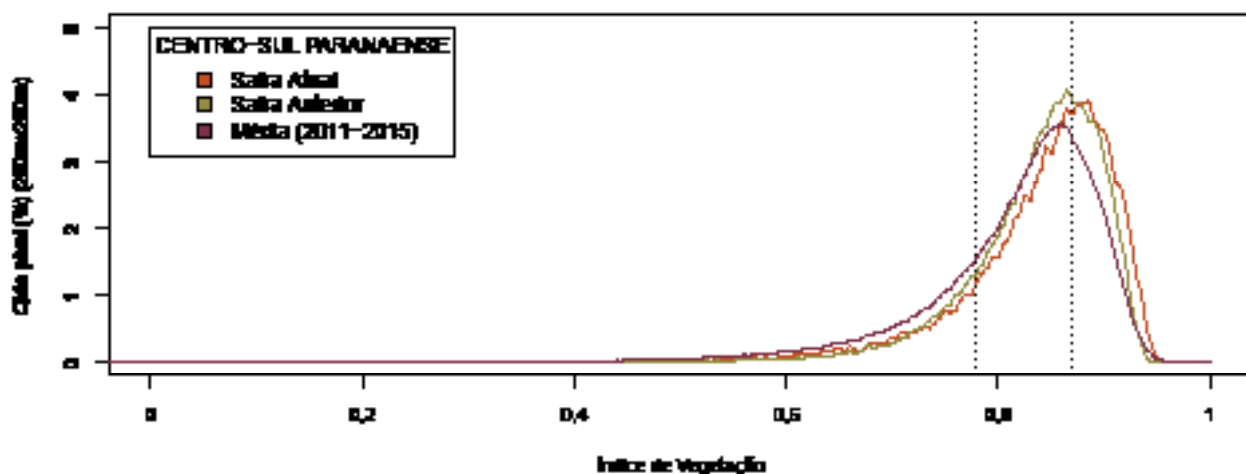
Figura 22 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Centro-Sul do Paraná



Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Há equilíbrio entre a quantidade

de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom. Assim, em média constata-se que a atual safra tem padrão semelhante à safra anterior.

Gráfico 76 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



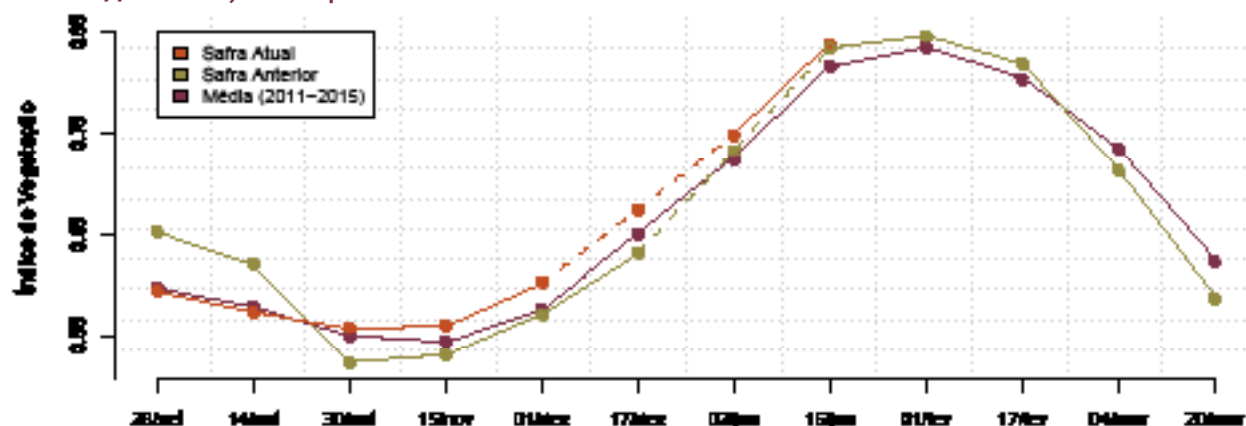
Valores de I.V.	0 - 0,7782	0,7782 - 0,8691	0,8691 - 1
Safra Atual	16,34 %	44,85 %	38,81 %
Safra Anterior	16,28 %	51,48 %	32,28 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-8,66 %	-5,15 %	13,81 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a atual safra tem 39% de suas lavouras respondendo com valores altos de IV (boa cobertura foliar), contra 32% do ano passado nesta mesma época. Tem também 16% das áreas

com baixos IV, contra basicamente o mesmo valor na safra anterior. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% acima da média dos seis últimos anos e similar ao da safra passada.

Gráfico 77 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	28/fev	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	0	-1	1	3	4		3	3				
% safra anterior	-9	-7	6	5	5			0				
Fases - safra verão	P	G/DV	DV	DV/F	FEG	EG	EG	EQ/M	M	M/C	C	C

Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Centro-Sul do PR. O trecho ascendente, a partir de novembro corresponde às fases de desenvolvimento vegetativo, seguido da floração e do enchimento de grãos que atinge o pico em fevereiro. O trecho descendente corresponde à finalização do enchimento de grãos, à maturação e colheita que, de acordo com a

média, encerra normalmente em abril.

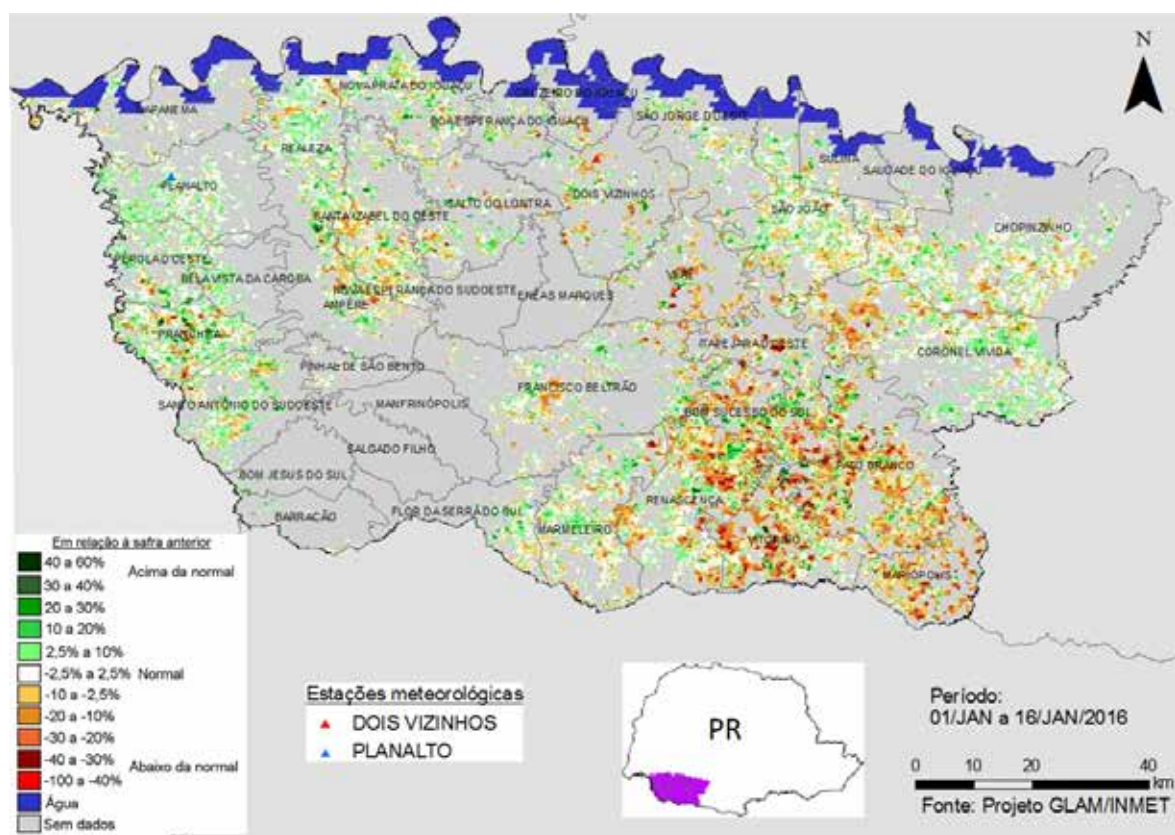
Safra atual: No gráfico acima, o traçado do último segmento da linha vermelha situa um pouco acima das demais até o início de janeiro e, no momento, tem comportamento similar ao da última safra. Este traçado indica que, em média, o padrão de desenvolvimento das lavouras está normal.

7.5.18. SUDOESTE PARANAENSE

Esta mesorregião planta mais de 620 mil hectares

de soja, milho primeira safra e feijão representando 1,5% da área destas três culturas no país.

Figura 23 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Sudoeste do Paraná

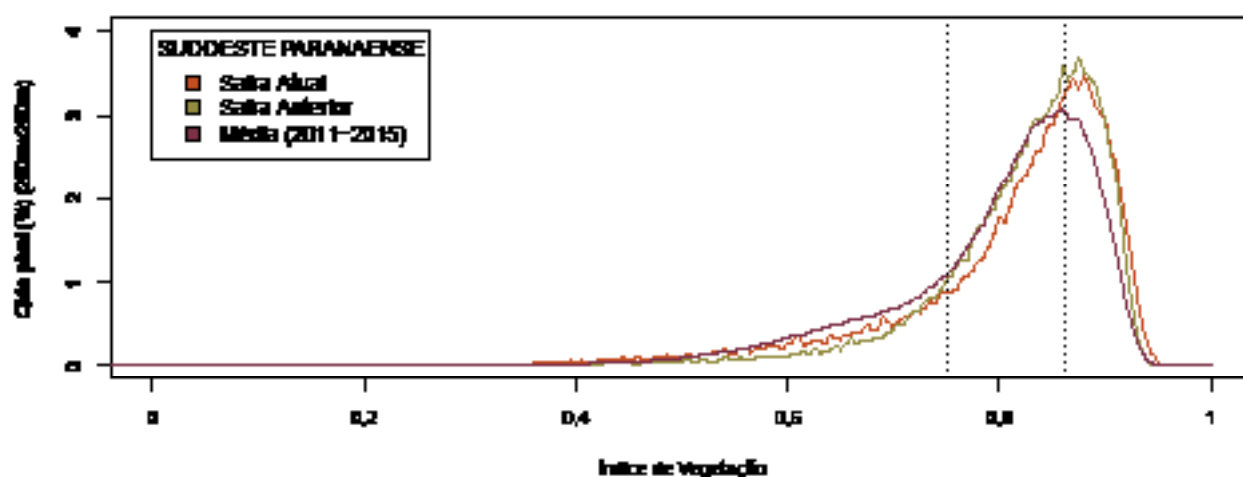


Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Apesar da grande quantidade de áreas com forte anomalia negativa na parte sudeste da região (municípios de Pato Branco, Vitorino,

Marianópolis e vizinhança), há equilíbrio entre a quantidade de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom. As áreas com anomalia negativa devem-se principalmente à maturação e colheita mais adiantadas que na safra anterior.



Gráfico 78 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



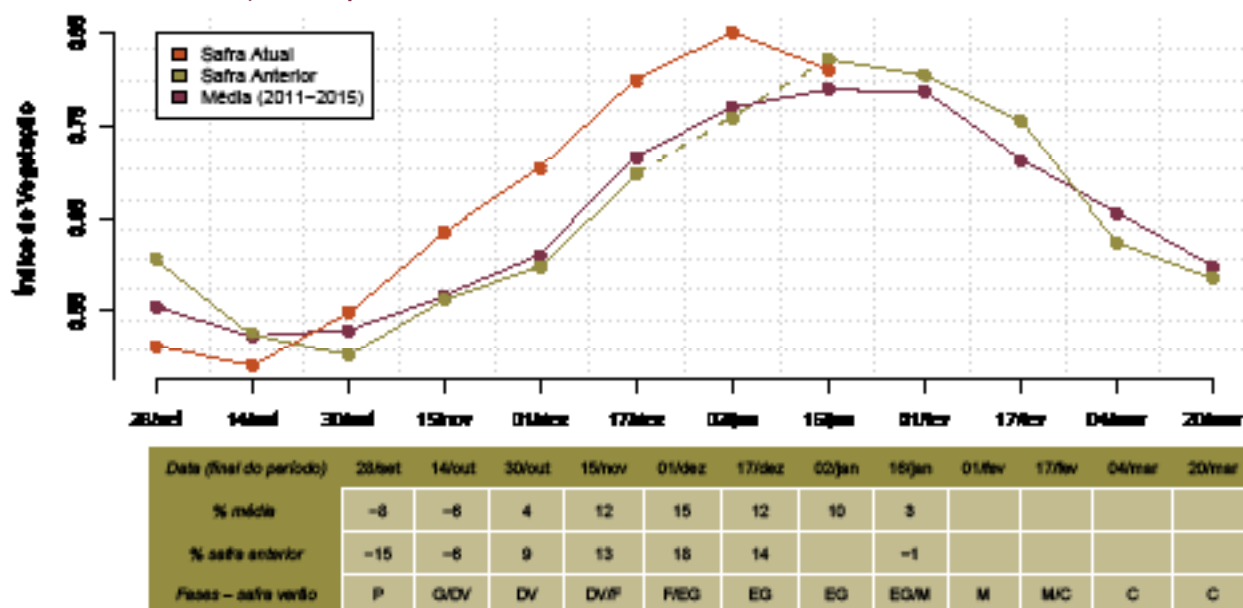
Valores de I.V.	0 - 0,7515	0,7515 - 0,8626	0,8626 - 1
Safra Atual	20,62 %	43,59 %	35,79 %
Safra Anterior	15,28 %	50,45 %	34,27 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,38 %	-6,41 %	10,79 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 36% de suas lavouras com relativamente alta taxa de fotossíntese (altos valores de IV), contra 34% do ano passado nesta mesma época. Observa-se ainda que 21% das áreas mostram baixos valores de IV, enquanto que neste mesmo período de 2015, existiam

15% das áreas nesta mesma condição. São dados que caracterizam diferenças dos calendários de plantio, desta e da anterior safra de verão. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3% acima da média dos seis últimos anos e 1% abaixo da safra passada.

Gráfico 79 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Sudoeste do PR. O trecho ascendente, a partir de outubro/novembro, corresponde às fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos que chega ao pico no final de janeiro. O trecho descendente indica finalização do enchimento de grãos, maturação seguida das colheitas que devem finalizar em abril.

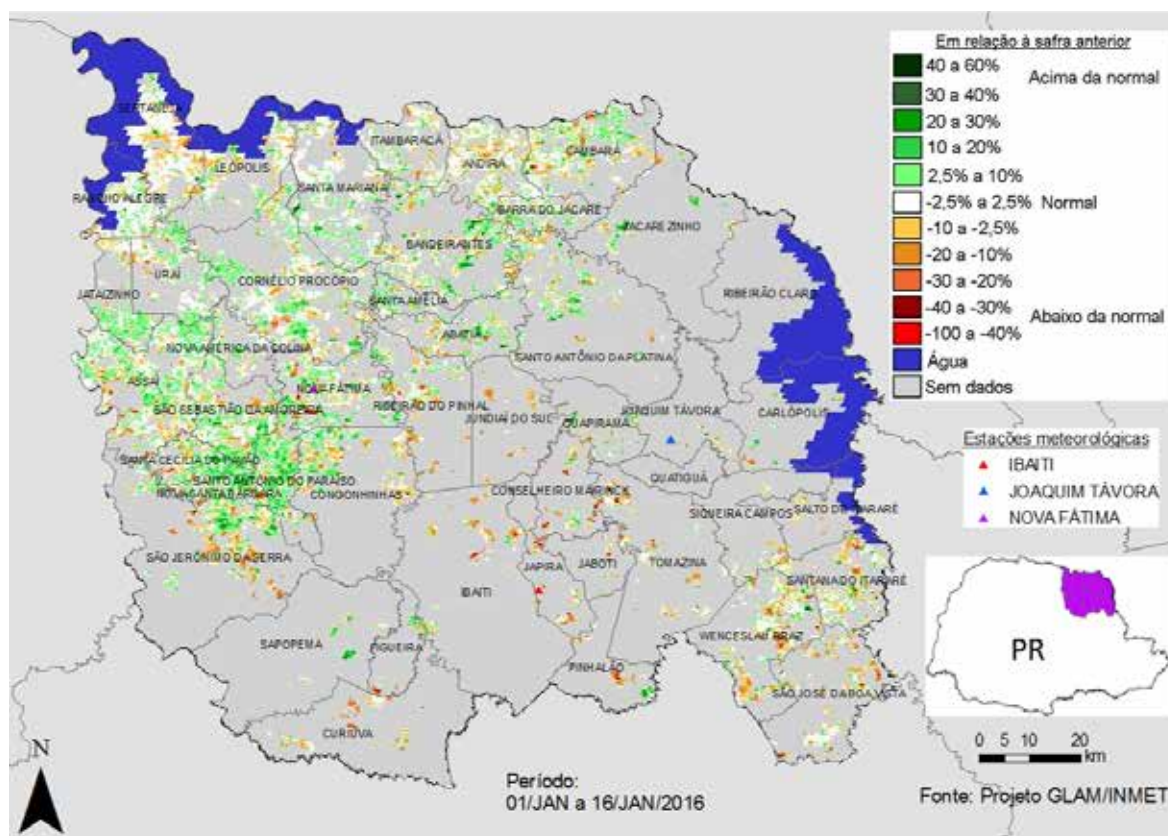
Safra atual: No gráfico acima, a forte ascensão da linha vermelha, desde meados de outubro, mostra a expressiva taxa de fotossíntese (boa cobertura foliar) da grande quantidade de áreas agrícolas semeadas mais cedo em 2015 do que em anos safra anteriores. A partir de janeiro a linha já começa a decair, puxada pela expressiva quantidade de lavouras com baixos valores de IV na parte sudeste da região em decorrência da diferença de calendário com relação à safra anterior.

7.5.19. NORTE PIONEIRO PARANAENSE

Esta mesorregião planta aproximadamente 564 mil hectare de soja, milho primeira safra, e feijão que cor-

respondem a aproximadamente 1,37% da área nacional destas três culturas.

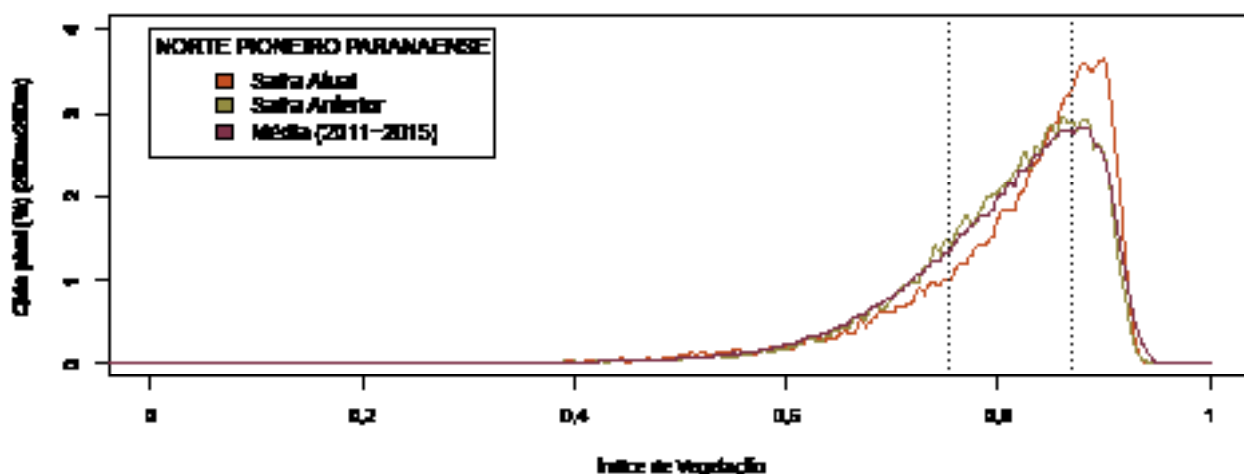
Figura 24 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Norte Pioneiro do Paraná



Boa parte do mapa acima está em branco indicando que nestas áreas o padrão da atual safra é semelhante ao do ano passado. Apesar da grande quantidade de áreas com forte anomalia positiva na parte oeste

da região (municípios de Santa Cecília do Pavão, Santo Antônio do Paraíso e vizinhança), há equilíbrio entre a quantidade de áreas em verde e aquelas que estão em amarelo, laranja e marrom.

Gráfico 8o - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



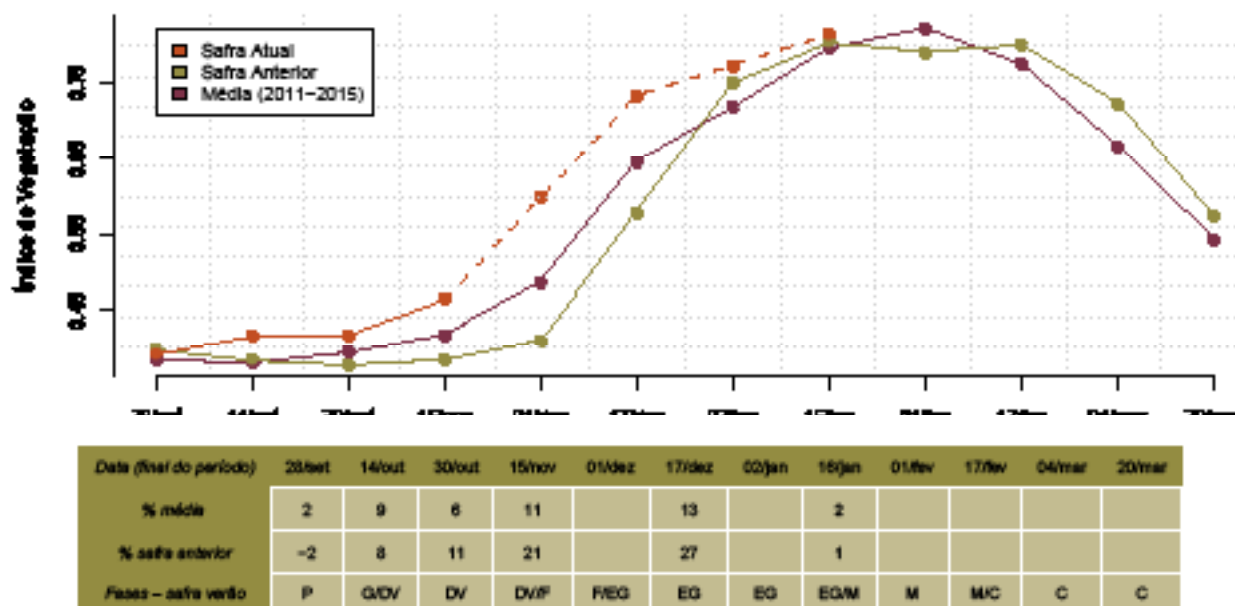
Valores de I.V.	0 - 0,7524	0,7524 - 0,8687	0,8687 - 1
Safra Atual	20,87 %	48,79 %	32,34 %
Safra Anterior	24,24 %	52,38 %	23,38 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,13 %	-3,21 %	7,34 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 32% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV (alta taxa de fotossíntese), enquanto que no mesmo período do ano passado 23% de seus cultivos estavam neste mesmo padrão. As áreas com baixos IV

tem 21% na atual safra contra 24% em 2016. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 2% acima da média dos seis últimos anos e 1% acima da safra passada.

Gráfico 81 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 16/11 a 2/12/2015).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Norte Pioneiro do PR. O trecho ascendente a partir de outubro corresponde às fases de desenvolvimento vegetativo, seguida da floração e de enchimento de grãos que chega ao pico no início de fevereiro. O trecho descendente corresponde à finalização do enchimento de grãos, à maturação e colheita da soja que encerra em março/abril.

Safra atual: No gráfico acima a ascensão da linha ver-

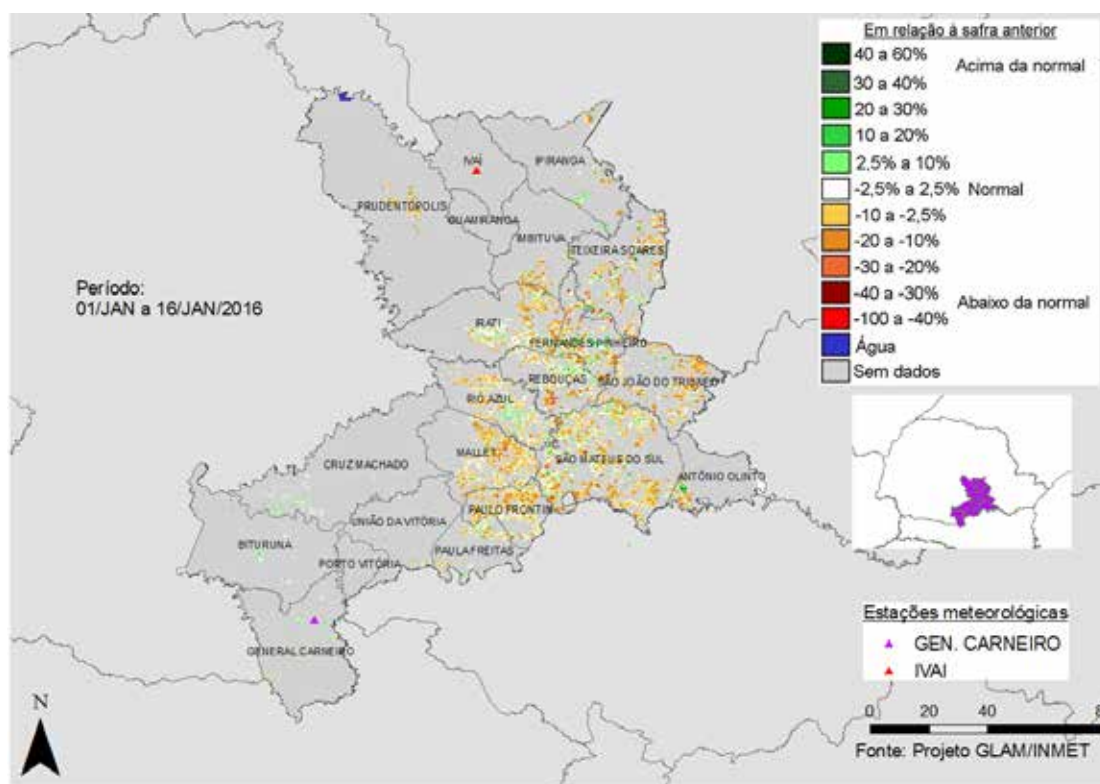
melha a partir de outubro indica que na safra atual uma maior quantidade de lavouras foi semeada mais cedo que em anos anteriores. Desta forma as demais fases dos cultivos ocorreram também de modo antecipado, inclusive as colheitas da safra atual que já devem estar iniciando. Apesar dos valores interpolados em 01/dez e 02/jan, os altos valores detectados por satélite em 17/dez e agora em 16/jan, indicam bom padrão das lavouras durante as fases reprodutivas. No momento as altas respostas de IV em todos anos-safras estão bem próximas.

7.5.20. SUDESTE PARANAENSE

Esta mesorregião planta quase 500 mil hectares de

soja, milho primeira safra, e feijão que correspondem a aproximadamente 1,2% da área nacional destas três culturas.

Figura 25 – Anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à safra passada, no Sudeste do Paraná

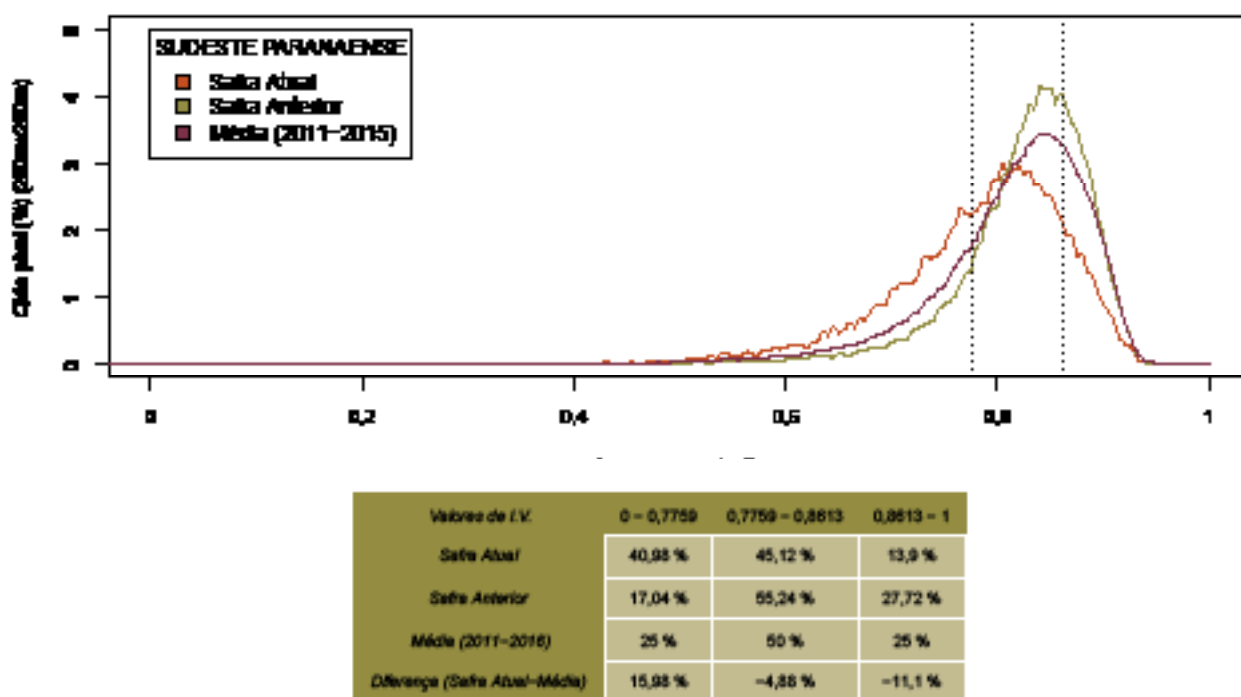


O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas dos cultivos da região. Entretanto foram mapeados por satélite uma expressiva parcela das lavouras que mostra anomalia negativa na maioria dos

municípios. Diferença de calendários, dos ciclos das variedades e possivelmente efeitos negativos do clima foram as causas deste padrão inferior quando comparado ao ano passado.



Gráfico 82 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)

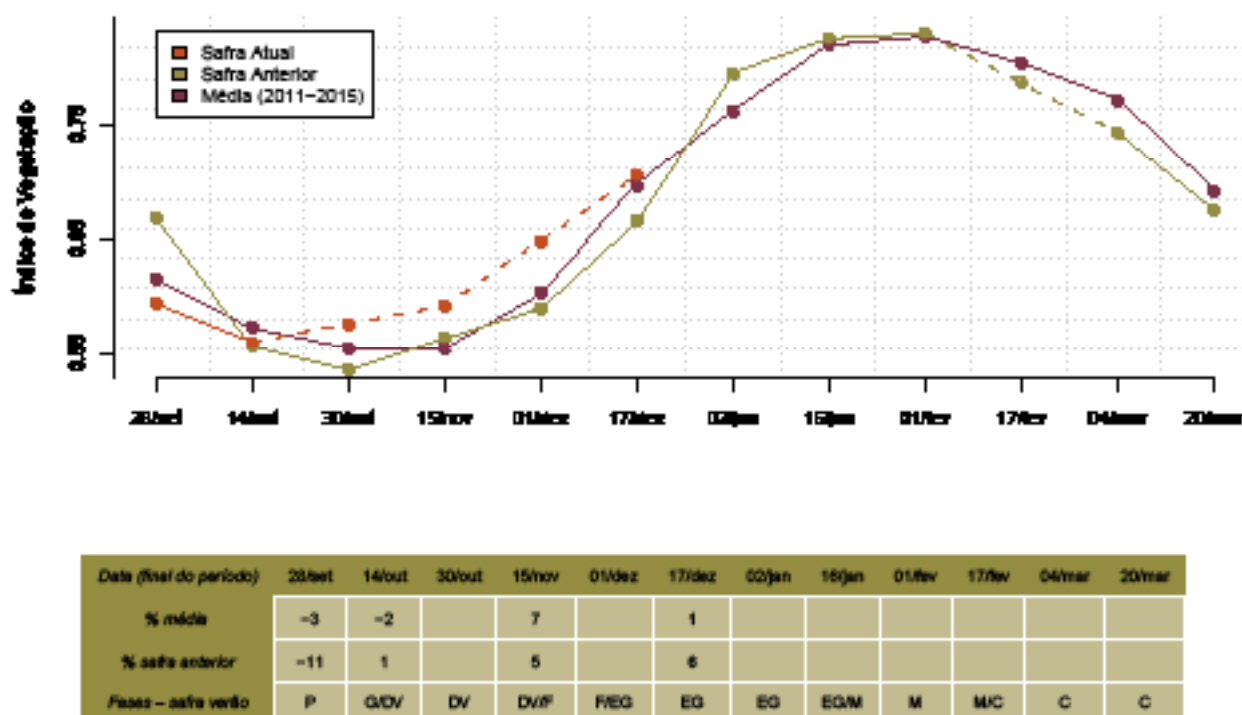


Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 14% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV (expressiva taxa de fotossíntese), enquanto que no mesmo período do ano passado, eram 28% de seus cultivos neste mesmo padrão. As áreas com

baixos IV tem 41% na atual safra contra 17% em janeiro de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 3,6% abaixo da média dos seis últimos anos e 5% abaixo da safra passada.

Gráfico 83 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 17/12/2015 a 16/01/2016).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Sudeste do PR. O trecho ascendente a partir de novembro corresponde à fase de desenvolvimento vegetativo, seguida da floração e de enchimento de grãos que chega ao pico em fevereiro. O trecho descendente corresponde à finalização do enchimento de grãos, à maturação e colheita da soja que encerra em abril.

Safra atual: No gráfico acima, os valores de IV obtidos

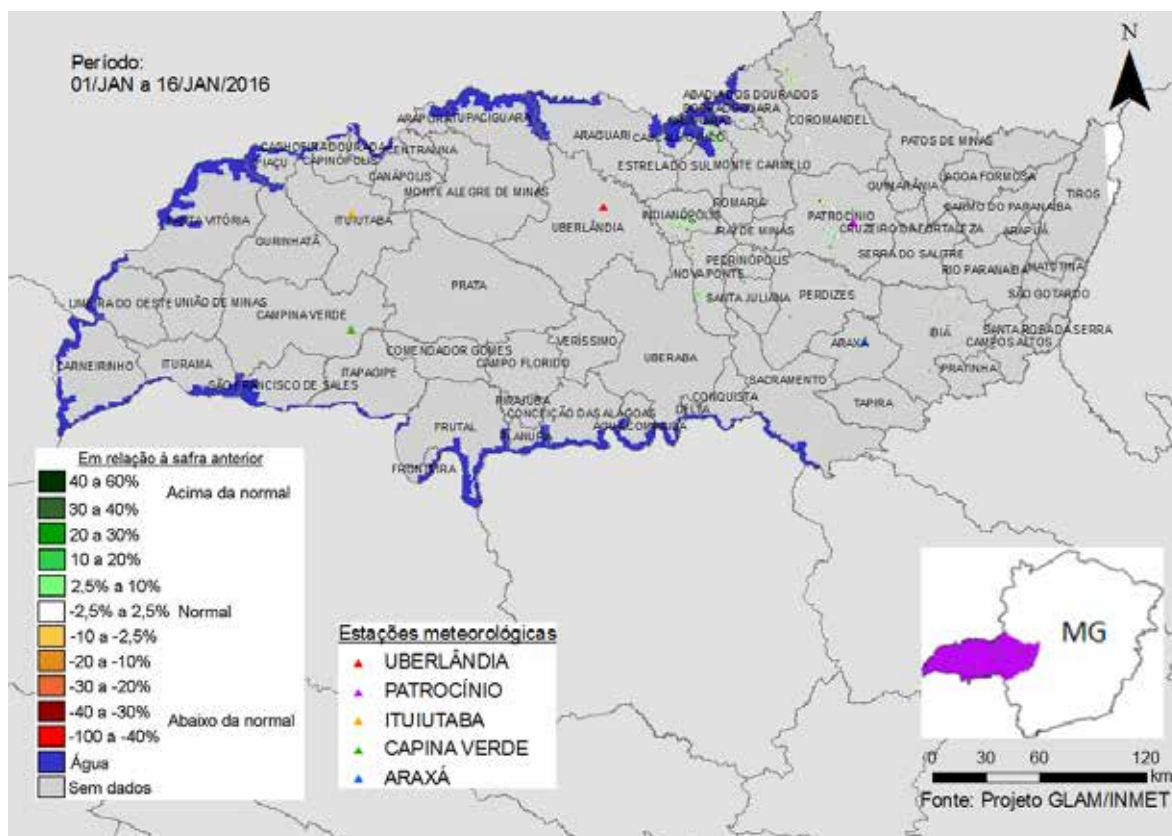
em 15/nov e 17/dez desenham uma ascensão antecipada da linha vermelha correspondente à safra atual indicando que uma maior quantidade de lavouras foi semeada mais cedo que em anos anteriores. O excesso de cobertura de nuvens a partir de meados de dezembro não possibilitou a obtenção de dados suficientes para o traçado da linha da atual safra nas duas últimas quinzenas. Entretanto, o mapa e os dados do gráfico de quantificação de áreas apontam para um padrão atual de lavouras inferior aos demais anos safra.

7.5.21. TRIÂNGULO MINEIRO / ALTO PARANAÍBA

Nesta mesorregião são plantados mais de 1 milhão de hectares de soja, milho primeira safra, algodão e

feijão, representando quase 2,6% do total nacional destas quatro culturas.

Figura 26 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba

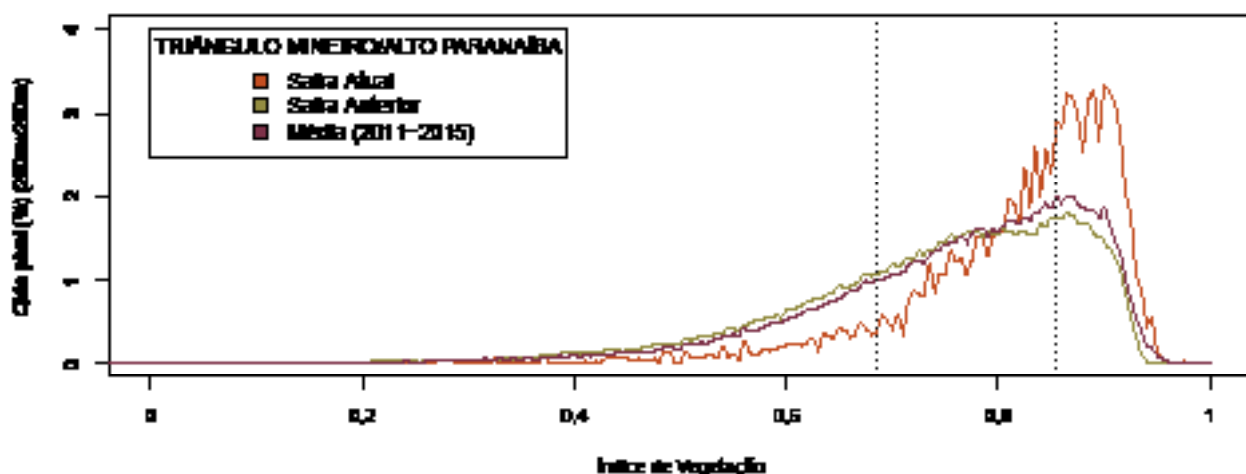


O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas das áreas de cultivos da região. As poucas áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão em

cores no mapa, sendo que a maior parte está em verde indicando que respondem com atividade fotossintética acima do ano passado.



Gráfico 84 - Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



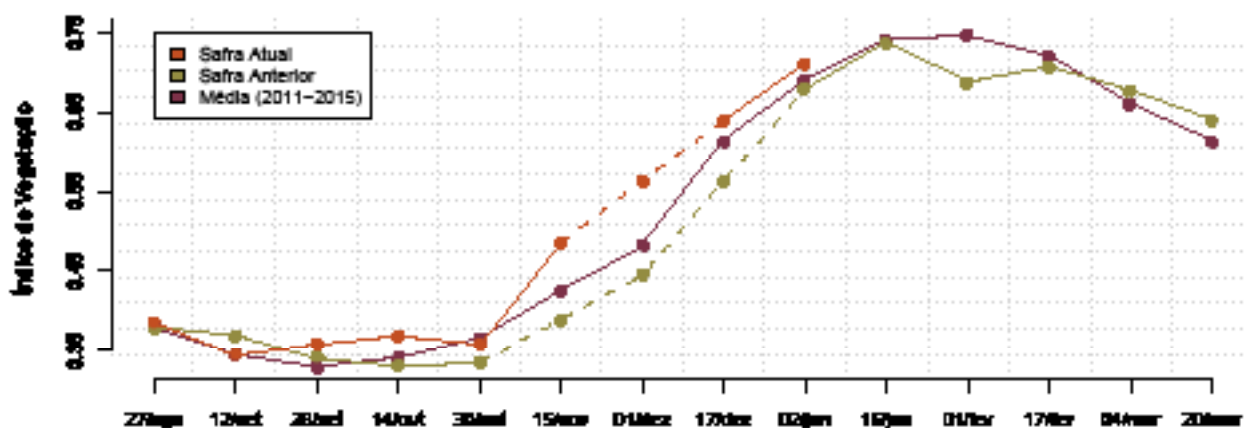
Valores de I.V.	0 – 0,685	0,685 – 0,8541	0,8541 – 1
Safra Atual	9,65 %	48,53 %	41,82 %
Safra Anterior	29,3 %	49,42 %	20,79 %
Média (2011–2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual–Média)	–15,35 %	–3,47 %	16,82 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a atual safra tem 44% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV (boa taxa de fotossíntese), enquanto que no mesmo período do ano passado, eram cerca de 21% de seus cultivos neste mesmo padrão. As áreas com

baixos IV tem cerca de 10% na atual safra contra 30% em janeiro de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 8% acima da média dos 6 últimos anos e 11% acima da safra passada.

Gráfico 85 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	27/ago	12/set	26/set	14/out	30/out	15/nov	01/dez	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar
% média	2	0	8	8	-2	14		4	3					
% safra anterior	2	-7	5	12	7				8					
Fase – safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	FEG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C

Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 16/11 a 2/12/2015).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Triângulo Mineiro. A extensa amplitude temporal da linha mostra que é grande a diversidade de cultivos praticados na região, entre elas a cana-de-açúcar. O desenvolvimento dos primeiros plantios de grãos iniciava em setembro antes da implantação do vazão sanitário em Minas Gerais. Agora, pelo menos a semeadura da soja começa em outubro. A floração começa em novembro e o enchimento de grãos atinge o máximo em fevereiro. Em seguida, a partir do declí-

nio da linha, inicia a fase de maturação com colheitas dos vários cultivos, ao longo de vários meses.

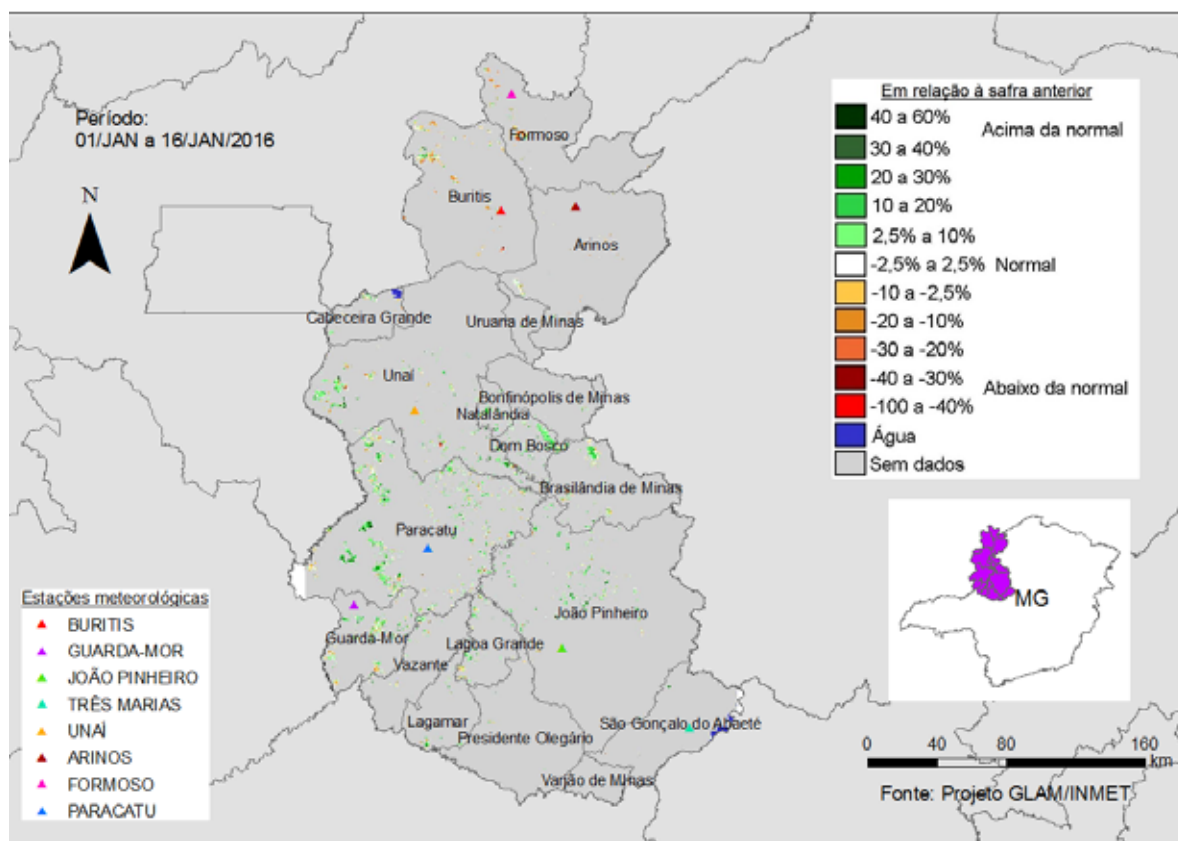
Safra atual: No período deste monitoramento houve muita cobertura de nuvens na região. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal no trecho de 02 a 16/ jan. Apesar de um ponto interpolado em 01/dez os demais dados de IV, até o início de janeiro, indicam bom padrão nas fases reprodutivas das lavouras.

7.5.22. NOROESTE DE MINAS

Nesta mesorregião são plantados aproximadamente 675 mil hectares de soja, milho primeira safra, algodão

e feijão, representando 1,64% do total nacional destas quatro culturas.

Figura 27 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Noroeste de Minas

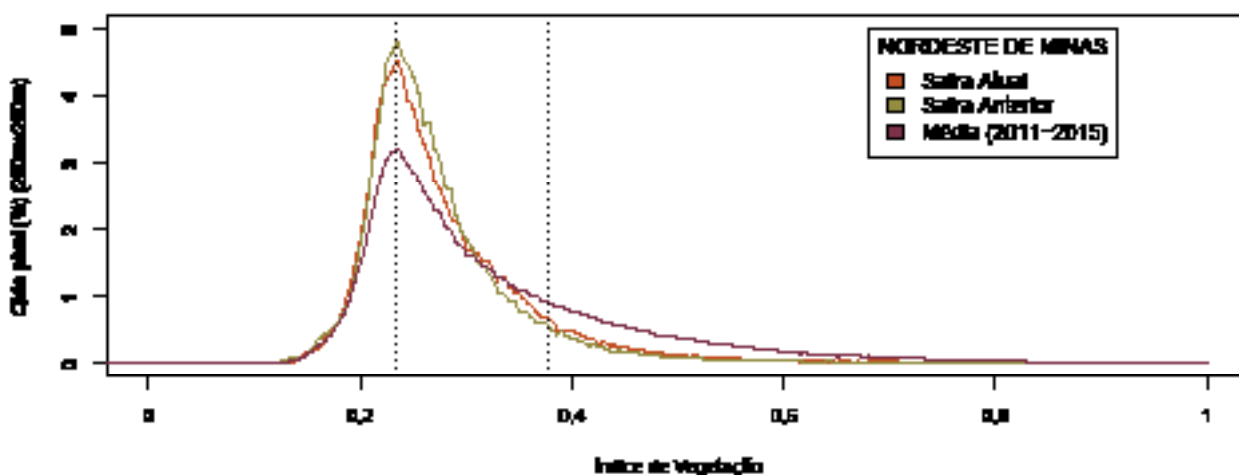


O excesso de cobertura de nuvens no período do monitoramento, não possibilitou a obtenção de imagens nítidas das áreas de cultivos da região. As áreas onde o satélite conseguiu obter imagens estão em cores no mapa. Em verde são lavouras que respondem com expressiva atividade fotossintética, acima do ano pas-

sado que foi impactado por estiagens. Em amarelo e marrom são possivelmente áreas que foram plantadas mais tarde.



Gráfico 86- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)



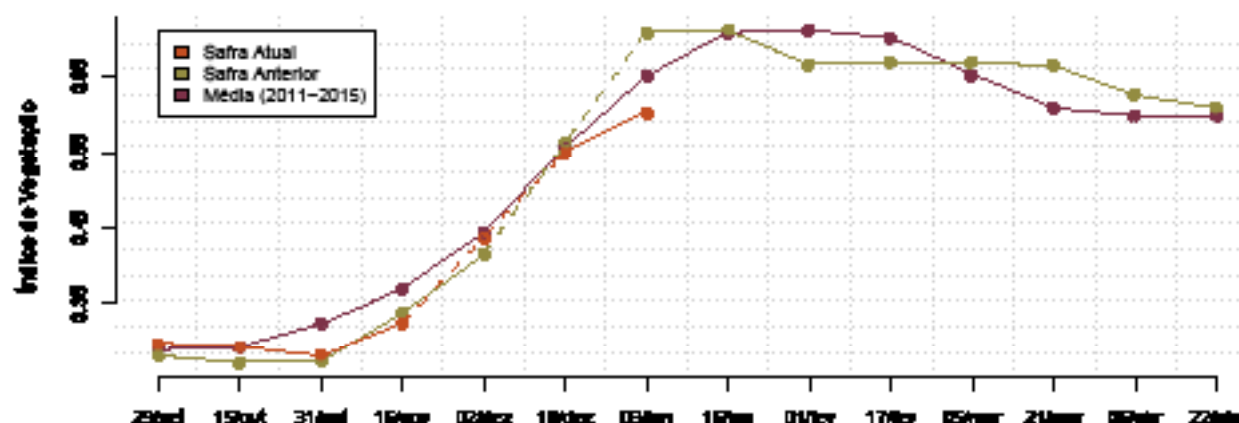
Valores de I.V.	0 – 0,2337	0,2337 – 0,3781	0,3781 – 1
Safra Atual	32,96 %	56,6 %	10,44 %
Safra Anterior	33,09 %	58,88 %	8,03 %
Média (2011-2015)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	7,96 %	6,6 %	-14,56 %

Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a atual safra tem 26% de suas lavouras respondendo na faixa dos valores relativamente altos de IV, enquanto que no mesmo período do ano passado, eram 20% de seus cultivos neste mesmo padrão. As áreas com baixos IV têm

17% das lavouras da atual safra contra 32% da safra passada. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4% acima da média dos 6 últimos anos e 8% acima da safra passada.

Gráfico 87 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Data (final do período)	29/sep	15/out	31/out	15/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar	05/abr	22/abr
% média	3	0	-13	-12		-1	-7							
% safra anterior	6	8	3	-4			-16							
Fase - safra verão				P	GDV	DV	DVIF	FIEG	EG	EG	EG	EGM	MVC	C

Fonte: Projeto GLAM (sem dados no período de 3 a 16/01/2016).



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Noroeste de Minas. A extensa amplitude temporal da linha mostra que é grande a diversidade de cultivos praticados na região. O plantio de grãos iniciava em setembro antes da implantação do vazão sanitário em Minas Gerais, agora pelo menos a soja começa em outubro. A floração começa em novembro/dezembro e o enchimento de grãos atinge o máximo em fevereiro. Em seguida, a partir do declínio da linha, o enchimento de grãos é finalizado e inicia a fase de maturação

com colheitas dos vários cultivos, ao longo de vários meses.

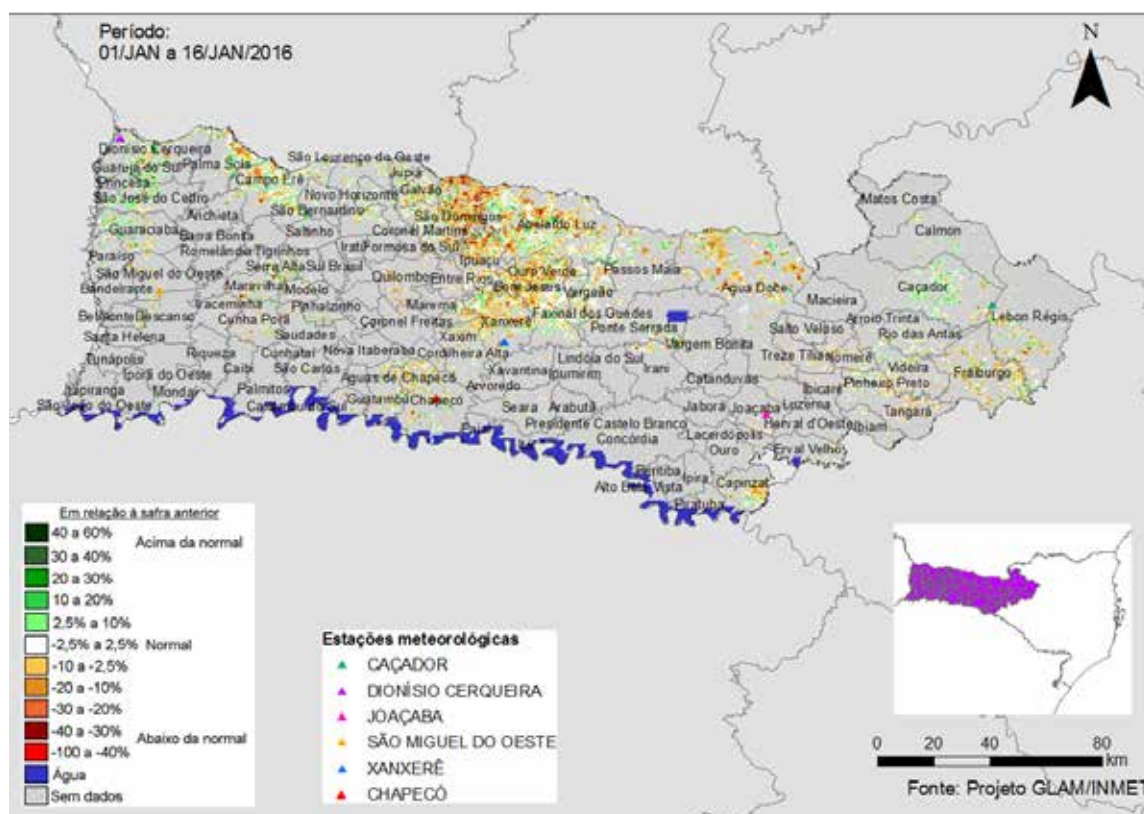
Safra atual: No período deste monitoramento houve muita cobertura de nuvens na região. Por isso não foi possível obter dados de satélite suficientes para gerar o gráfico de evolução temporal no trecho de 03 a 16/jan. No entanto, pelos dados do mapa e do histograma constata-se que houve uma recuperação do padrão das lavouras.

7.5.23. OESTE CATARINENSE

Nesta mesorregião são plantados aproximadamente 582 mil hectares de soja, milho primeira safra e feijão,

representando 1,4% do total nacional destas três culturas.

Figura 28 – Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada, no Oeste de SC

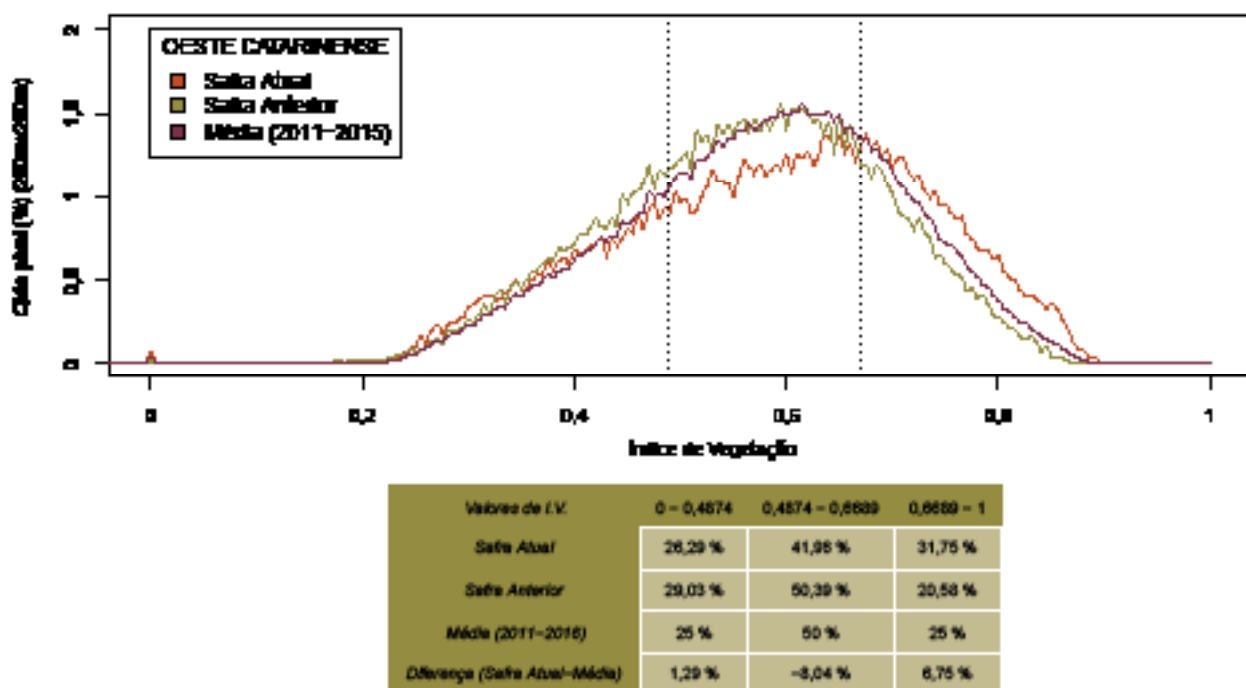


O mapa acima mostra áreas com diferentes padrões. Em branco são lavouras com padrão semelhante ao do ano passado. Em verde são cultivos com padrão acima do apresentado em janeiro de 2015. Em amarelo, laranja e marrom, (mais concentradas nos municípios de São Domingos, Ouro Verde e vizinhança), são áreas com anomalia negativa em relação à safra passada. Nesta parte da região concentram as maiores áreas plantadas com culturas anuais. Assim como boa parte de Santa Catarina, esta região

passa por um período de estiagem desde o final da primeira semana de janeiro, quando ocorreram as últimas chuvas significativas. As anomalias negativas percebidas nestas áreas podem ser o resultado, além das adversidades climáticas dos últimos dias (estiagem), a entrada em maturação das lavouras de soja, milho e feijão semeadas mais cedo, as quais, segundo relatos, podem ter seus ciclos adiantados pela estiagem (além da época de plantio).



Gráfico 88- Quantificação de áreas pelo valor do IV, (período: 01 a janeiro/16)

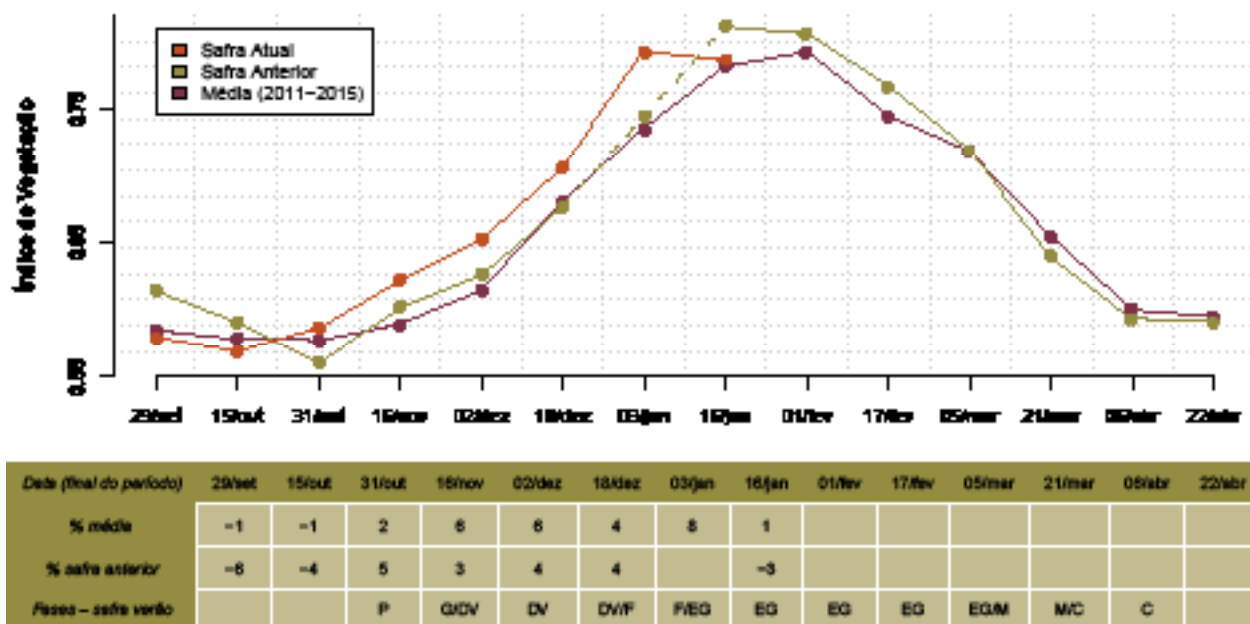


Fonte: Glam/Inmet.

Ponderação: A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 32% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV (expressiva taxa de fotossíntese), enquanto que no mesmo período do ano passado, eram 21% de seus cultivos neste mesmo padrão. As áreas com baixos

IV tem 26% na atual safra contra 29% em janeiro de 2015. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 1% acima da média dos seis últimos anos e 3% abaixo da safra passada.

Gráfico 89 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



Fonte: Glam/Inmet.



Histórico: A linha da média histórica no gráfico da evolução temporal traça o perfil das culturas de verão no Oeste Catarinense. O plantio é mais intenso em outubro. A floração começa em novembro/dezembro e o enchimento de grãos atinge o máximo no início de fevereiro e continua por mais algumas semanas. Na continuidade, quando o gráfico começa a declinar, inicia a fase de maturação seguida das colheitas que devem ser concluídas em abril.

Safra atual: No gráfico acima, a ascensão da linha vermelha a partir de outubro, indica que a safra atual tem uma maior quantidade de lavouras semeadas mais cedo que no ano passado. A queda expressiva do último trecho da linha vermelha foi puxada pela grande quantidade de áreas com anomalia negativa concentrada no centro-norte da região. Possivelmente por fatores climáticos adversos, diferença de calendário, tipos de cultura e ciclo das variedades.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O quinto levantamento da lavoura brasileira de algodão aponta para a redução na área plantada de 1,7% na temporada 2015/16. Essa estimativa vem sofrendo oscilações desde os primeiros levantamentos realizados pela Conab e podem ainda sofrer modificações em decorrência da conjuntura ainda adversa para o produto. A cultura do algodão é cultivada por poucos produtores, porém muito tecnificados. Estima-se que aproximadamente 60% do plantio seja feito sob sistema de agricultura de precisão, o qual condiciona um manejo mais racional dos fatores de produção e proporciona incrementos significativos de produtividade.

Em Mato Grosso o algodão registrará forte incremento na área de segunda safra deste ano, atingindo 4,3% em relação à temporada passada, justificada pelo incremento do plantio, especialmente nos municípios de Sapezal e Diamantino, consolidando assim uma tendência de realocação do algodão de primeira para segunda safra no estado. Em Goiás, com exceção do município de Chapadão do Céu, que já semeou 60% da área destinada ao algodão, os demais municípios ainda vão começar o plantio, com estimativa de plantio a partir de 1º de fevereiro, se as condições climáticas permitirem.

Em Goiás, praticamente todas as lavouras de algodão podem ser consideradas de segunda safra. Nas áreas

já plantadas (em desenvolvimento) a falta de luminosidade tem preocupado os produtores. Na semana de realização do levantamento foi relatado que ainda não se tinha previsão de tempo aberto. Mesmo com a instalação de armadilhas antes do plantio, foram realizados combates químicos contra o bicudo. Em Mineiros e região ainda não foi plantada nenhuma lavoura, inicialmente previstas para ocorrerem em janeiro. Se houver melhora nas condições climáticas a perspectiva é que o plantio seja iniciado a partir de 1º de fevereiro.

Em Mato Grosso do Sul há tendência de leve redução na área plantada com a cultura no estado em decorrência da substituição por outras lavouras. Os produtores tradicionais do município de São Gabriel do Oeste resolveram nesta safra, não efetuar o plantio, optando pelas culturas de milho verão e principalmente a soja. Para os produtores que cultivam algodão em sucessão à soja, há um impasse, pois mesmo sendo usadas cultivares de soja precoces, a janela de plantio está curta, uma vez que o prazo para semear o algodão encerrou em 31 de janeiro, em função do vazio sanitário. Como na região norte do estado, a colheita da soja somente será iniciada a partir do final de janeiro, a implantação da cultura do algodão em sucessão à soja está praticamente inviabilizada.

A região norte do estado, compreendida pelos municípios de Chapadão do Sul, Costa Rica e Alcinópolis, estava no período de vazio sanitário entre 15 de setembro e 30 de novembro, ou seja, mesmo que houvesse precipitação favorável e manejo do solo adequado, não seria possível o plantio em decorrência de questões legais e de manejo. Na região centro-sul do estado, nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia a cultura já se encontra no processo de frutificação.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão em Minas Gerais, principal produtor regional, deverá apresentar um crescimento de 4,3%, passando de 18,8 mil para 19,6 mil hectares, somando-se aos plantios

da safra de verão e da segunda safra nas diversas regiões produtoras - Noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas. Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares. As lavouras da safra de verão se encontram na fase de desenvolvimento vegetativo, e boa parte da segunda safra ainda não foi plantada. A Região Nordeste, segunda maior produtora do país, será a responsável pela maior redução percentual na área plantada com algodão para a temporada 2015/16 - 11,8%. Na Bahia, segundo maior produtor nacional, estima-se que serão cultivados cerca de 251,3 mil hectares, representando redução de 10,6% em relação à temporada passada. Esta redução é motivada, principalmente pelos elevados custos da cultura e pela irregularidade das precipitações pluviométricas. Na região oeste do estado, a área plantada está estimada em 80% do total, e cerca de 20.000 hectares serão cultivados em sucessão à soja irrigada, sob pivô central. A programação dos produtores é que até 10 de fevereiro o plantio esteja finalizado. As lavouras se encontram no estágio inicial de desenvolvimento, com boas expectativas de produtividade devido às chuvas ocorridas no período.

No Maranhão a área plantada com algodão é explorada nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, localizados no extremo sul do estado. A área está estimada atingir 20,8 mil hectares, representando um decréscimo de 2,8% em relação ao ocorrido no exercício passado. Com o atraso das chuvas o plantio somente foi encerrado em janeiro.

A consolidação dessas informações permite estimar para a safra de algodão na temporada 2015/16 uma expectativa de plantio atingindo 959,2 mil hectares, representando redução de 1,7% em relação ao ocorrido no exercício anterior.



Figura 1 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016.



Tabela 16 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão	- leste do TO (G/DV) - sul do MA (G/DV) - sudoeste do PI (G/DV) - oeste da BA (G/DV) - noroeste e Triângulo de MG (F) - centro norte e leste do MS (DV/F) - todo estado do MT (1ª safra) (DV/F) - todo estado do MT (2ª safra) (G/DV) - sul de GO (1ª safra) (F) - sul de GO (2ª safra) (G/DV)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Figura 14 - Mapa da produção agrícola - Algodão

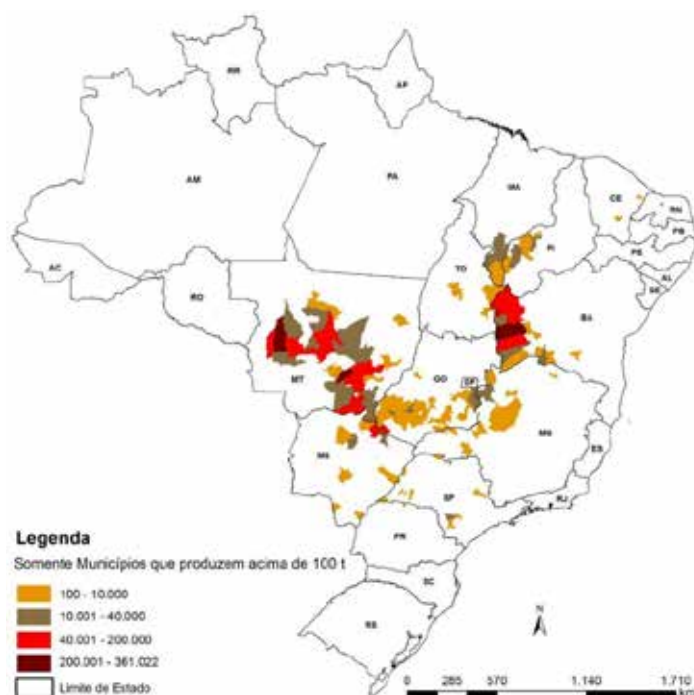


Tabela 17 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	3.830	3.845	0,4	29,5	26,9	(8,8)
TO	7,7	7,0	(9,4)	3.830	3.845	0,4	29,5	26,9	(8,8)
NORDESTE	317,8	280,0	(11,9)	3.851	3.870	0,5	1.223,7	1.083,6	(11,4)
MA	21,4	20,8	(2,8)	3.984	4.036	1,3	85,3	83,9	(1,6)
PI	14,2	6,7	(52,8)	3.536	3.641	3,0	50,2	24,4	(51,4)
CE	0,4	0,5	25,0	306	632	106,5	0,1	0,3	200,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.108	(8,7)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,2	-	1.210	991	(18,1)	0,2	0,2	-
PE	0,1	0,1	-	512	512	-	0,1	0,1	-
AL	0,1	0,1	-	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	251,3	(10,6)	3.836	3.874	1,0	1.086,4	973,5	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	4.106	3.975	(3,2)	2.576,8	2.575,9	-
MT	562,7	586,9	4,3	4.095	3.943	(3,7)	2.304,3	2.314,1	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	4.500	4.500	-	140,0	137,3	(1,9)
GO	33,8	30,6	(9,5)	3.919	4.069	3,8	132,5	124,5	(6,0)
SUDESTE	22,2	23,3	5,0	3.574	3.695	3,4	79,4	86,1	8,4
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.724	3,4	67,7	73,0	7,8
SP	3,4	3,7	8,8	3.432	3.541	3,2	11,7	13,1	12,0
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	287,0	(11,8)	3.850	3.870	0,5	1.253,2	1.110,5	(11,4)
CENTRO-SUL	650,7	672,2	3,3	4.085	3.963	(3,0)	2.658,2	2.664,0	0,2
BRASIL	976,2	959,2	(1,7)	4.007	3.935	(1,8)	3.911,4	3.774,5	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016



Tabela 18- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	1.532	1.543	0,7	11,8	10,8	(8,5)
TO	7,7	7,0	(9,4)	1.532	1.538	0,4	11,8	10,8	(8,5)
NORDESTE	317,8	280,0	(11,9)	1.540	1.548	0,5	489,4	433,5	(11,4)
MA	21,4	20,8	(2,8)	1.594	1.614	1,3	34,1	33,6	(1,5)
PI	14,2	6,7	(52,8)	1.414	1.456	3,0	20,1	9,8	(51,2)
CE	0,4	0,5	25,0	107	221	106,5	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.561	(8,7)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,2	-	424	347	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	179	179	-	-	-	-
AL	0,1	0,1	-	172	173	0,6	-	-	-
BA	281,1	251,3	(10,6)	1.546	1.550	0,3	434,6	389,4	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	1.640	1.588	(3,2)	1.029,2	1.029,0	-
MT	562,7	586,9	4,3	1.638	1.577	(3,7)	921,7	925,7	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	1.778	1.778	-	55,3	54,2	(2,0)
GO	33,8	30,6	(9,5)	1.544	1.603	3,8	52,2	49,1	(5,9)
SUDESTE	22,2	23,3	5,0	1.428	1.476	3,4	31,7	34,4	8,5
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.490	3,5	27,1	29,2	7,7
SP	3,4	3,7	8,8	1.356	1.399	3,2	4,6	5,2	13,0
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	287,0	(11,8)	1.540	1.548	0,5	501,2	444,3	(11,4)
CENTRO-SUL	650,7	672,2	3,3	1.631	1.583	(2,9)	1.061,6	1.064,1	0,2
BRASIL	976,2	959,2	(1,7)	1.601	1.573	(1,7)	1.562,8	1.508,4	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016



Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,0	(9,1)	2.298	2.307	0,4	17,7	16,1	(9,0)
TO	7,7	7,0	(9,4)	2.298	2.307	0,4	17,7	16,1	(9,0)
NORDESTE	317,8	280,0	(11,9)	2.311	2.322	0,5	734,3	650,2	(11,5)
MA	21,4	20,8	(2,8)	2.390	2.422	1,3	51,2	50,4	(1,6)
PI	14,2	6,7	(52,8)	2.122	2.185	3,0	30,1	14,6	(51,5)
CE	0,4	0,5	25,0	199	411	106,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.547	(8,7)	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,2	0,2	-	787	644	(18,2)	0,1	0,1	-
PE	0,1	0,1	-	333	333	-	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	0,1	-	319	322	0,9	-	-	-
BA	281,1	251,3	(10,6)	2.319	2.324	0,2	651,8	584,1	(10,4)
CENTRO-OESTE	627,6	648,0	3,3	2.466	2.387	(3,2)	1.547,6	1.547,0	-
MT	562,7	586,9	4,3	2.457	2.366	(3,7)	1.382,6	1.388,5	0,4
MS	31,1	30,5	(1,9)	2.723	2.723	-	84,7	83,0	(2,0)
GO	33,8	30,6	(9,5)	2.375	2.466	3,8	80,3	75,5	(6,0)
SUDESTE	22,2	23,3	5,0	2.147	2.220	3,4	47,7	51,7	8,4
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.234	3,4	40,6	43,8	7,9
SP	3,4	3,7	8,8	2.076	2.142	3,2	7,1	7,9	11,3
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	287,0	(11,8)	2.310	2.322	0,5	752,0	666,3	(11,4)
CENTRO-SUL	650,7	672,2	3,3	2.453	2.380	(3,0)	1.596,6	1.599,9	0,2
BRASIL	976,2	959,2	(1,7)	2.406	2.363	(1,8)	2.348,6	2.266,2	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

Tabela 20 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P				C	C		
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P-Plantio; C-Colheita; P/C-Plantio e colheita.

Fonte: Conab



8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão, (Icac) importantes mudanças foram implementadas no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16. Dados publicados em meados de janeiro de 2016, pela referida entidade, convergem para um volume de produção mundial de 22.770 mil toneladas, caracterizando-se como a menor safra dos últimos seis anos. Em valores absolutos, a retração é da ordem de 3.460 mil toneladas de pluma. É imperioso observar que o maior produtor mundial de algodão deverá ser a Índia com 6.240 mil toneladas, seguido da China com 5.260 mil toneladas e Estados Unidos com 2.820 mil toneladas.

A produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo avaliado em 24.290 mil toneladas pela primeira vez desde a safra 2009/10, todavia superior em apenas 0,24% à safra 2014/15 de 24.230 mil toneladas. Assim, o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China, com um consumo total esperado para a safra 2015/16 de 7.330 mil toneladas, seguido da Índia com 5.520 mil toneladas e Paquistão com 2.220 mil toneladas.

É importante enfatizar que o menor volume de pro-

dução contribuirá para uma redução de 6,91% nos estoques de passagem mundiais no ano safra 2015/16, projetado em 20.490 mil toneladas, contra 22.010 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 84,36%, contra 90,84% na safra 2014/15. Contudo, é necessário ressaltar que cerca de 58,36% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 58,38% da safra anterior. Cabe aqui um destaque ao movimento dos preços médios internacionais da pluma em janeiro nos mercados futuro (Ice Futures) e físico (Cotlook A). A justificativa para o ajuste para baixo das cotações internacionais em janeiro foi dada pela retração do preço do petróleo ao longo do período, fato que eleva a competitividade das fibras sintéticas em detrimento da fibra de algodão, além disso, os relatórios de exportação de pluma dos Estados Unidos, maior exportador mundial de algodão, indicam uma queda na demanda mundial, posto que o volume acumulado de pluma exportado por aquele país segue abaixo da média dos últimos três anos. Dessa maneira, as cotações nestes mercados encerraram o mês indicando média de US 61,79 Cents/lb em Nova Iorque e US 68,73 Cents/lb no mercado físico.

Panorama nacional

O quinto levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab em janeiro/2016, não apresentou significativas mudanças em relação ao relatório divulgado no mês anterior. Assim, o presente trabalho estima uma produção de 1.508,4 mil toneladas e indica uma queda de 3,48% em relação ao montante produzido na safra 2014/15, ou seja, de 1.562,8 mil toneladas.

A justificativa para esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015. A moeda estadunidense valorizada permite que o excedente da produção de pluma não consumida pela indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores em comparação aos preços internos, todavia, eleva muito o custo dos insumos importados que, representam, aproximadamente, 55% do custo total. Dessa feita, o saldo dessa operação traz pouco ou quase nenhum incremento na remuneração do cotonicultor. Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora estimado em 800 mil toneladas

para a safra 2015/16.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente bem que poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em princípio, para 2016, a Conab mantém sua estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo; redução explicada pela perspectiva de retração da produção interna e menor consumo da pluma em 2016 pela China, Índia, Paquistão e Turquia que são tradicionais compradores do produto brasileiro.

Cabe aqui observar que o aumento das exportações e redução da produção em 2015 e 2016, justificados pela elevação do dólar, reduzirão os estoques finais de algodão em 7,6% para 322,4 mil toneladas e já exerce, desse modo, pressão de alta sobre os preços internos.



Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.862,4 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.540 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem

para o encerramento de 2016 passa a ser menor em torno de 322,4 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e para abastecer a indústria nacional, bem como também, honrar compromissos de exportação pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Tabela 21 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

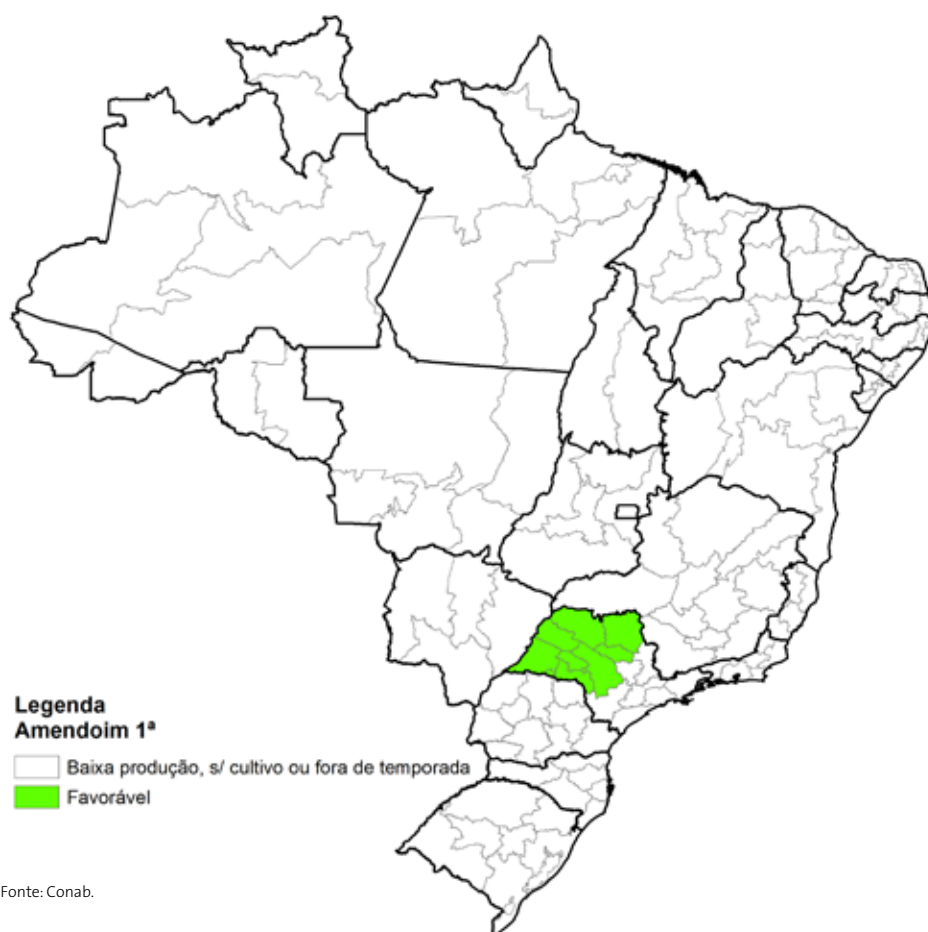
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,8	14,4	3.315	3.588	8,3	306,6	379,6	23,8
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.500	4,9	9,0	7,0	(22,2)
SP	89,8	103,8	15,6	3.314	3.590	8,3	297,6	372,6	25,2
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.482	2,2	12,7	11,7	(7,9)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.539	5,8	5,3	4,3	(18,9)
RS	3,0	3,0	(1,6)	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
CENTRO-SUL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.541	8,4	319,3	391,3	22,5
BRASIL	97,7	110,5	13,1	3.268	3.541	8,4	319,3	391,3	22,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.



Figura 15 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Fonte: Conab.

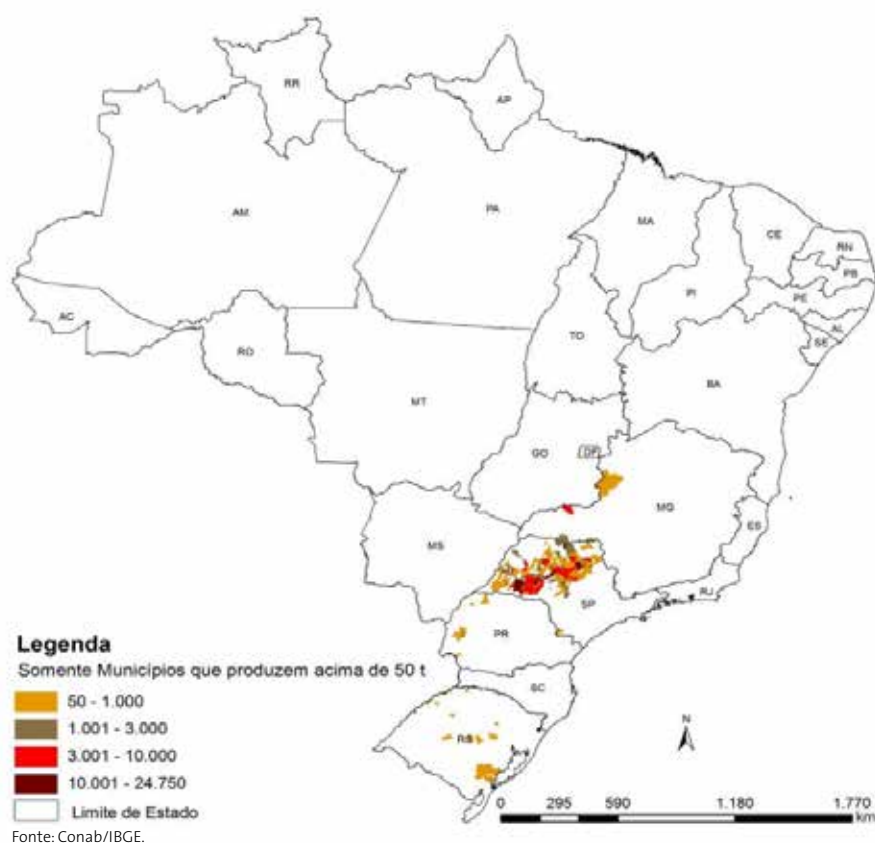
Tabela 23 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim 1ª safra	- todo estado de SP (FR)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Figura 16 - Mapa da produção agrícola -Amendoim - 1a safra



12.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 24 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO				P	P		C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P			C	C					
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.



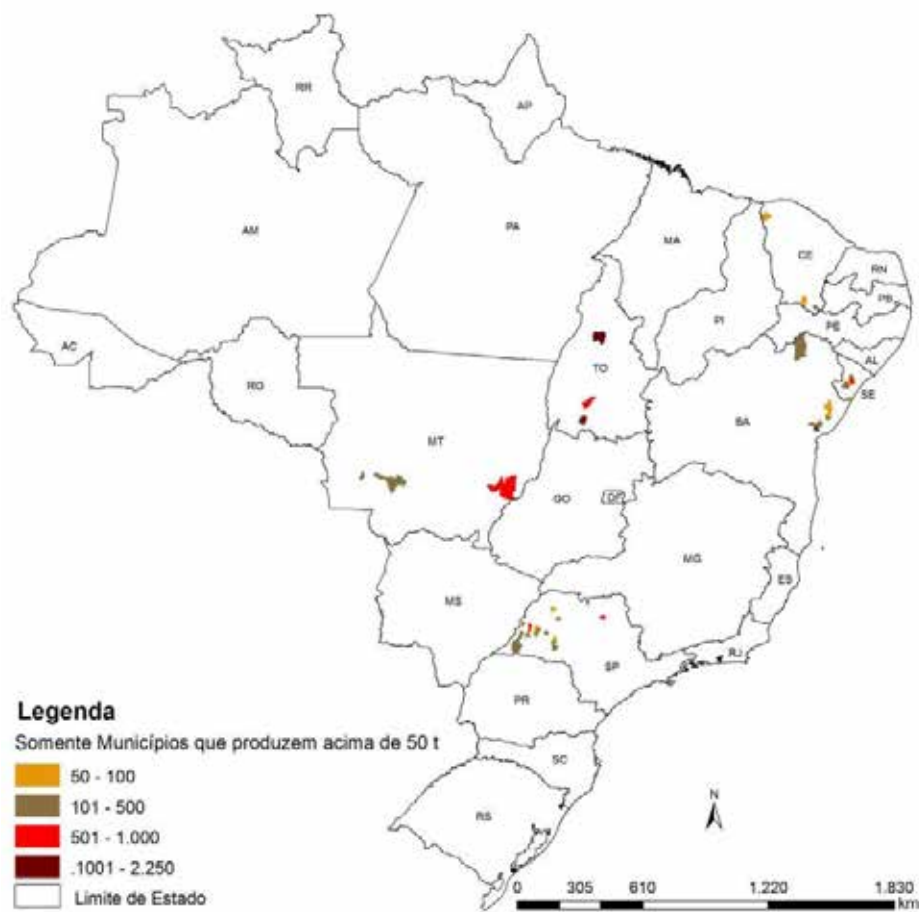
Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.841	(0,8)	9,3	5,4	(41,9)
TO	2,4	1,4	(42,0)	3.873	3.841	(0,8)	9,3	5,4	(41,9)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO- OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
SP	5,3	5,3	-	2.615	2.523	(3,5)	13,9	13,4	(3,6)
NORTE/NORDESTE	5,7	4,7	(17,5)	2.115	2.299	8,7	13,2	8,9	(32,6)
CENTRO-SUL	5,5	5,5	-	2.587	2.511	(2,9)	14,3	13,8	(3,5)
BRASIL	11,2	10,2	(8,9)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	22,7	(17,5)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.

Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Amendoim - 2a safra

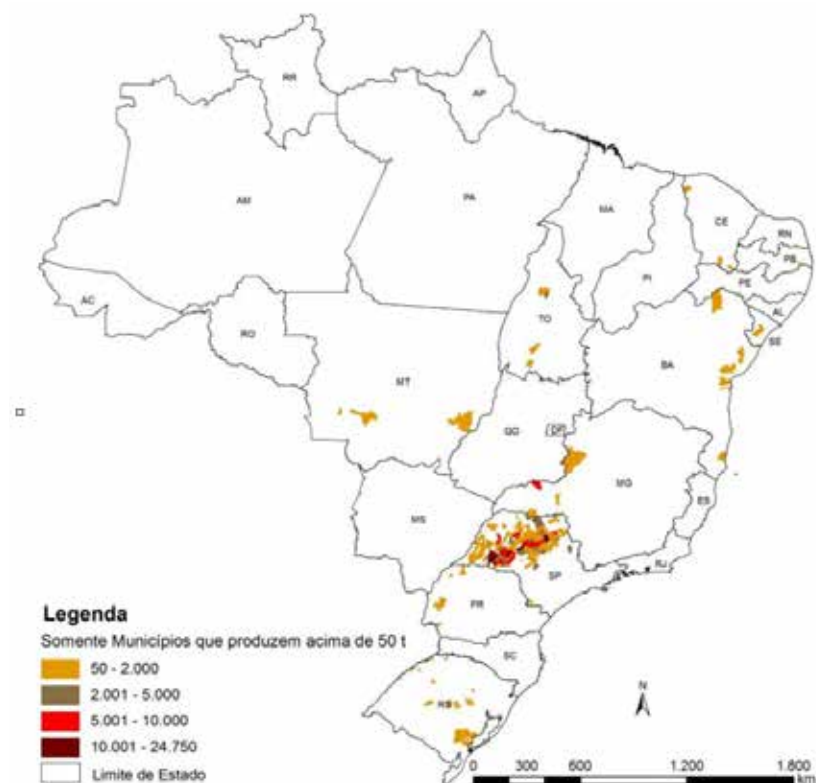


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 18 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.841	(0,8)	9,3	5,4	(41,9)
TO	2,4	1,4	(41,7)	3.873	3.841	(0,8)	9,3	5,4	(41,9)
NORDESTE	3,3	3,3	-	1.156	1.064	(8,0)	3,9	3,5	(10,3)
CE	0,4	0,4	-	662	663	0,2	0,3	0,3	-
PB	0,3	0,3	-	609	692	13,6	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	111,1	13,6	3.277	3.537	8,0	320,5	393,0	22,6
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.500	4,9	9,0	7,0	(22,2)
SP	95,1	109,1	14,7	3.275	3.538	8,0	311,5	386,0	23,9
SUL	5,2	4,7	(9,6)	2.429	2.482	2,2	12,7	11,7	(7,9)
PR	2,2	1,7	(22,7)	2.400	2.539	5,8	5,3	4,3	(18,9)
RS	3,0	3,0	-	2.450	2.450	-	7,4	7,4	-
NORTE/NORDESTE	5,7	4,7	(17,5)	2.300	1.891	(17,8)	13,2	8,9	(32,6)
CENTRO-SUL	103,2	116,0	12,4	3.231	3.492	8,1	333,6	405,1	21,4
BRASIL	108,9	120,7	10,8	3.183	3.430	7,8	346,8	414,0	19,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016.



8.1.3. ARROZ

Os dados da safra 2015/16 de arroz indicam a redução de 7,4% na área plantada e 7,7% na produção total. O pequeno aumento de 0,4% na produtividade média não foi suficiente para impedir a queda das outras duas variáveis, sendo a produção total esperada de 11,5 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul a semeadura da lavoura de arroz da safra 2015/16 ainda não foi concluída. As chuvas intensas e frequentes não permitem a finalização desta etapa. Como exemplo, o Rio Uruguai apresentou seis enchentes durante os períodos de preparo e semeadura, afetando grande parte das áreas localizadas na sua bacia hidrográfica.

Pesquisas do Instituto Riograndense do Arroz – Irga indicam que o período ideal de semeadura é entre 5 e 30 de outubro. As lavouras semeadas nesse período têm as melhores condições de se desenvolverem, atingindo seu maior potencial produtivo. Na atual safra apenas 38% da área foi semeada neste período. No mesmo sentido, a recomendação geral é que o plantio seja 5 de outubro a 15 de novembro. No período recomendado apenas 55% da área foi semeada.

As áreas semeadas em dezembro, além de estarem fora do período recomendado, foram efetuadas em condições adversas de excesso de umidade e problemas na dessecação das áreas, realizada em pré-semeadura. Durante a última cheia mais de 150 mil hectares foram alagados em todo o estado.

As lavouras Zona Sul são as que apresentam melhor desempenho. O clima não foi tão severo desde a semeadura até o momento do levantamento. O mesmo acontece com o arroz da Planície Costeira Externa onde o desenvolvimento é satisfatório. As perdas segundo o Irga e de acordo com os dados consolidados até o momento, são de aproximadamente 15% sobre a expectativa inicial de produção. A área semeada é estimada em 1,08 milhão de hectares, 3,3% menor do que a safra anterior. A produção total ficará em 7,87 milhões de toneladas com produtividade média de 7.273 kg/ha, 7,7% e 4,5% menores do que a safra 2014/15, respectivamente.

Em Santa Catarina o excesso de chuva no final de 2015 atrapalhou o plantio e tratamentos culturais das lavouras. A partir do início da segunda semana de janeiro, a falta de chuvas perdurou até o final do mês e trouxe preocupação aos técnicos e produtores de várias regiões catarinenses.

O clima para o plantio da safra foi, em geral, favorável, com a presença do chamado “Veranico”, antecipando o aquecimento do solo, fez os produtores anteciparem a semeadura do arroz. Em novembro e dezembro ocorreram chuvas acima da média no estado, com isso os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para irrigação possuem volume adequado para fornecimento às lavouras. No momento 39,4% das lavouras estão na fase de desenvolvimento vegetativo, 33,9% encontram-se na fase de floração, 12,5% na fase de formação de grãos, 8,6% na fase de maturação e 5,7% já colhidos.

Na região norte do estado são colhidas as primeiras lavouras e estas têm apresentado uma leve redução de produtividade em função de “falhas” de enchimento dos grãos devido ao sombreamento excessivo.

O clima chuvoso dos últimos meses tem prejudicado as aplicações químicas que visam controlar as pragas e doenças, mesmo assim o manejo é satisfatório e não causam maiores preocupações aos produtores. A brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*), é a doença mais comum dos arrozais, está com pouca incidência no momento e seu controle está sendo feito conforme o recomendado.

A safra de arroz em Santa Catarina indica redução de 0,2% na área plantada, com leve aumento de 1% na produtividade e, por conseguinte, aumento de 0,8% na produção total.

No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, destinada ao consumo pelos próprios agricultores.

No que se refere ao arroz irrigado, as lavouras concentradas em Douradina, Ivaté e Alto Paraíso continuam com plantio atrasado. No último mês a área plantada evoluiu 5%, mas deve ser concluído no próximo mês. A colheita já se iniciou em algumas áreas, com produtividade e qualidade dentro do esperado.

Na região de Paranavaí está a maior área de arroz irrigado, representando cerca de 77,5% do cultivo no estado. As lavouras estão em boas condições, nas fases de floração, frutificação e início de maturação. O excesso de chuvas verificado desde a implantação resultou em alagamentos, com necessidade de replantios de áreas. Em janeiro a chuva deu uma trégua a partir do segundo decêndio, com aberturas de janelas de sol, permitindo os tratamentos culturais nas lavouras.



Os números apurados indicam que a área, produtividade e produção serão menores do que a safra passada, representando 3,3%, 2,9% e 6,1% a menos, respectivamente.

Assim como no Paraná, em Tocantins há plantio de arroz de sequeiro e irrigado. Com relação à cultura semeada em terras altas, esta é cultivada basicamente pelo segmento de agricultores familiares, e em menor escala, por produtores comerciais que utilizam estas áreas na abertura para o plantio da soja.

Nota-se uma diminuição significativa da área semeada por pequenos produtores e, em se tratando de áreas comerciais, há uma mudança na forma de manejo em áreas de abertura, onde o agricultor está optando pelo cultivo da soja em primeiro ano. Em ambos os casos, a principal justificativa é o valor de mercado do arroz e as dificuldades na hora da comercialização.

No caso do arroz irrigado, as lavouras estão prioritariamente na região sudoeste do estado e as perspectivas para as lavouras são favoráveis.

Espera-se uma produtividade de 5,5% inferior à safra passada, chegando a 4.482 kg/ha. Soma-se a redução de 3,2% na área plantada, a produção total será de 553,1 mil toneladas, 8,6% inferior à safra passada.

A área plantada e a produção da cultura do arroz no estado do Acre vem decrescendo com o passar dos anos. A baixa produtividade, falta de cultivares adaptadas e os custos para produzir arroz são os principais motivos para tal decréscimo. A cultura do arroz de terras altas é afetada por doenças durante todo seu ciclo, que reduzem a produtividade e a qualidade dos grãos. As doenças que causam prejuízos significativos na produção e qualidade dos grãos mais importantes são: brusone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*), mancha de grãos (*Phoma sorghina* e *Bipolaris oryzae*) e escaldadura (*Monographella albescens*). O cultivo, geralmente sem irrigação se dá por conta do regime pluviométrico e regularidade das chuvas. Com isso, a produção de arroz será de 7,4 mil toneladas, cultivados em 5,6 mil hectares.

Em Rondônia o início do seu plantio estava previsto para acontecer a partir do dia 15 de setembro. Isso, no entanto, não aconteceu porque as chuvas não aconteceram como de costume. Durante os dias 19 e 20 de setembro choveu de forma isolada e em torno de 12 mm na região de Vilhena. Essa lavoura em épocas anteriores era efetuada para a abertura de novas áreas. Atualmente, existem algumas áreas com um solo relativamente bem servido de água das chuvas e outras

que eram áreas de pastagens e que estão recebendo insumos para a sua recuperação e preparadas para o plantio de arroz. Como atualmente não acontece abertura de novas áreas, a sua tendência é de redução na sua área. Informações dão conta que a cultura se encontra 50% em frutificação, 40% em maturação e 10% já prontos para ser colhidos ou já colhidos. Espera-se uma produção total de 126,9 mil toneladas, cultivadas em 44,3 mil hectares, com produtividade média de 0,2% superior, chegando a 2.865 kg/ha.

No Pará há previsão de plantio de 66,4 mil hectares e produção total de 168,8 mil toneladas, que representa aumento de 1% em relação à safra anterior.

A cultura do arroz no Maranhão deverá ter uma área cultivada de 285,8 mil hectares, 18,3% menor do que a safra passada, alcançando uma produção de 428,7 milhões de hectares, 13,6% inferior à safra 2014/15.

Na microrregião dos Lençóis Maranhenses (município de Barreirinhas e área de jurisdição), houve uma reavaliação dos dados de área e produção. A área foi reavaliada em razão dos seguintes fatores: estagnação tecnológica, uma vez que as técnicas de cultivo permanecem de forma tradicional, no toco e consorciada com outras lavouras; e redução de área e do número de produtores na região. Em decorrência da situação climática houve retardamento do plantio onde os produtores aguardaram a regularidade das chuvas.

Na microrregião da Baixada Maranhense houve uma queda na área plantada com referência ao ano anterior, devido a falta de estímulo nos produtores. Esta área vem caindo a cada ano em virtude de as comunidades que plantavam arroz de sequeiro mecanizado através de projetos específicos. Atualmente estão também optando pela produção de peixe.

Na mesorregião Oeste do Maranhão, com o início das chuvas em janeiro, 70% da cultura foi plantada e encontra-se 100% em estágio de germinação ou vegetativo, excetuando-se o município de Buriticupu com apenas 20% da área plantada. Para o momento a redução da área é justificada por reavaliação de dados. A cultura do arroz irrigado sofreu uma queda na área devido o baixo preço que está desestimulando os produtores e também a alta taxa de juros. Esta cultura não depende de fator climático e a água é de fácil acesso, retirada do Rio Mearim.

No oeste da Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas novas devido, principalmente, à tolerância à acidez. A expectativa é que sejam cultivados 4 mil hectares, com produtividade de 1.150 kg/ha,



totalizando 4,6 mil toneladas. Espera-se que o cultivo seja iniciado entre o final de fevereiro e início de março.

No Piauí há uma expectativa de redução de 18,3% na área plantada de arroz. Ao contrário, há expectativa que a produtividade seja 50,8% maior em relação à safra anterior, chegando a 1.786 kg/ha, elevando a produção total para 141,6 mil toneladas, 25,8% superior à safra 2015/14.

O plantio de arroz primeira safra no Mato Grosso, que era previsto para novembro, foi concluído com atraso. No que diz respeito à área plantada, estima-se redução de 12,6% em relação à safra 2014/15. Mesmo com o aumento de 5,7% na produtividade, a produção total será 7,6% inferior à safra passada.

No Mato Grosso do Sul a cultura do arroz vem sofrendo quedas consecutivas na área cultivada e para esta safra a redução registrada até o momento foi de 22,7% em relação à safra anterior, devendo atingir em torno de 14.000 hectares. Esta redução ocorreu além do estimado, em consequência do excesso de chuvas na região sul do estado, o que impossibilitou a implantação da cultura em algumas áreas. Até o presente levantamento, a produtividade média sofreu redução em relação à safra anterior, em torno de 14%, sendo estimada em aproximadamente 5.300 kg/ha. Esta redução também ocorre devido ao excesso de chuvas, que além de provocar alagamentos em algumas áreas, dificultou o controle de doenças como a helmintosporiose (*Bipolaris sorokiniana*, *Drechslera graminea* ou *Exserohilum turcicum*), bruzone (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*) e mancha parda (*Drechslera oryzae*).

O cultivo do arroz ocorre de forma bastante escalonada e as fases predominantes atualmente são de desenvolvimento vegetativo e floração. No município de Miranda, que é o maior produtor no estado, a cultura apresenta-se em estágios mais avançados com fase

predominante de colheita, com aproximadamente 60% da área já colhida.

Em Goiás as lavouras de arroz encontram-se em sua maior parte na fase de desenvolvimento vegetativo e algumas áreas, em menor escala, em floração. A cultura é muito pulverizada no estado, apenas áreas irrigadas contam com melhor tecnologia. Nas áreas restantes, de sequeiro, a aplicação de tecnologia é praticamente mínima e a cultura é dependente de ações sociais do governo estadual, que fornece sementes e insumos. Na atual safra foram semeados 26,2 mil hectares, 6,4% menos do que safra 2014/15. Mesmo com o aumento de 1,2% na produtividade, a produção total será 5,3% menos em relação à safra passada.

A área de plantio de arroz em Minas Gerais segue em tendência de queda, apresentando expectativa de redução de 25%, quando comparada com a safra anterior, passando de 12 mil hectares para 9 mil hectares, em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos e de restrições ao cultivo em áreas de várzea. O plantio foi realizado em novembro e dezembro, o clima vem favorecendo o desenvolvimento das lavouras e a produtividade está estimada em 2.400 kg/ha, 14,3% superior à safra 2014/15.

Para a cultura de arroz em casca no Rio de Janeiro estima-se um decréscimo de 40% na área plantada em relação à safra passada. Os principais motivos das quedas estão relacionados a problemas climáticos, alto custo de produção e falta de máquinas beneficiadoras, fazendo com que o plantio de arroz seja praticamente erradicado nessas regiões. Diante dos problemas acima relatados, produtores resolveram fazer a substituição de culturas (para o tomate e outras olericulturas). Outro fator que vem contribuindo é a migração dos produtores para a pecuária leiteira e de corte.



Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Arroz

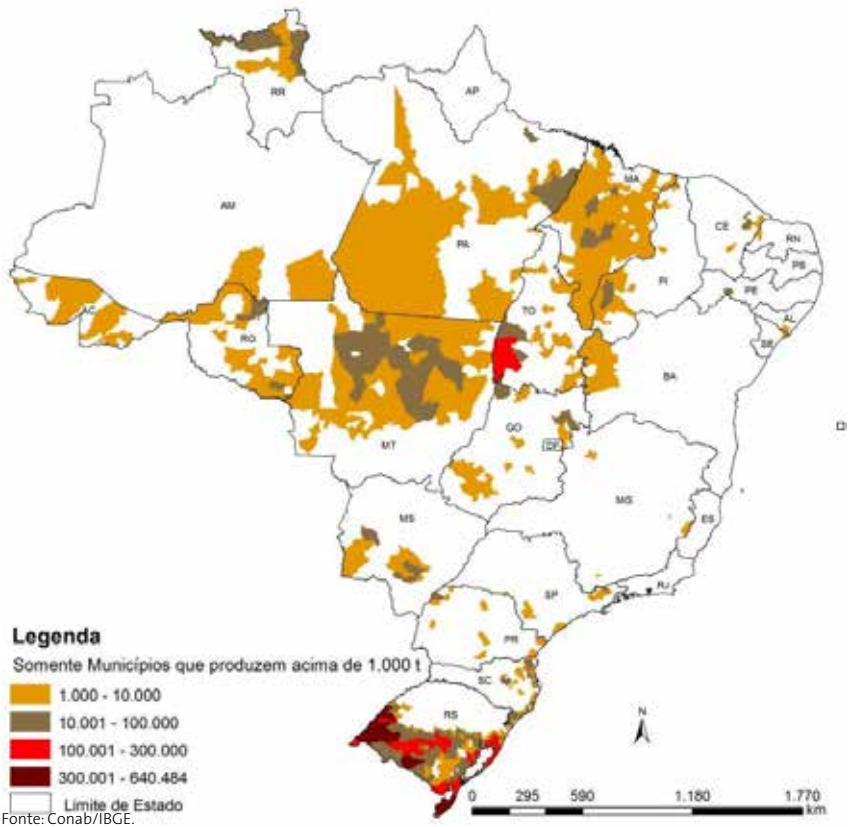


Figura 20 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 27 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- leste de RO (F) - sudeste do PA (G/DV) - leste do TO (G/DV) - oeste do TO - irrigado (G/DV) - centro-norte do PI (G/DV) - sudoeste do PI (G/DV) - leste de SC (FR) - leste do RS (F/FR)- norte do MT (FR)- sudoeste do MS (FR) - leste de GO (FR)		- norte de RR - irrigado (M/C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade..

Tabela 28 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 29 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	252,5	(3,5)	3.797	3.636	(4,2)	993,6	918,1	(7,6)
RR	12,0	7,5	(37,8)	6.500	7.000	7,7	78,0	52,5	(32,7)
RO	44,3	44,3	-	2.859	2.865	0,2	126,7	126,9	0,2
AC	6,7	5,6	(16,4)	1.143	1.316	15,1	7,7	7,4	(3,9)
AM	3,4	3,4		2.189	2.210	1,0	7,4	7,5	1,4
AP	1,9	1,9	-	865	1.025	18,5	1,6	1,9	18,8
PA	65,9	66,4	0,8	2.537	2.542	0,2	167,2	168,8	1,0
TO	127,5	123,4	(3,2)	4.745	4.482	(5,5)	605,0	553,1	(8,6)
NORDESTE	476,6	392,3	(17,7)	1.440	1.675	16,3	686,3	656,9	(4,3)
MA	349,8	285,8	(18,3)	1.418	1.500	5,8	496,0	428,7	(13,6)
PI	95,1	79,3	(16,6)	1.184	1.786	50,8	112,6	141,6	25,8
CE	12,5	12,5	-	1.436	1.782	24,1	18,0	22,3	23,9
RN	0,9	0,9	-	2.590	2.694	4,0	2,3	2,4	4,3
PB	0,9	0,9	-	53	793	1.396,2	-	0,7	-
PE	0,2	0,2	-	4.500	5.292	17,6	0,9	1,1	22,2
AL	2,7	2,7	-	5.720	5.833	2,0	15,4	15,7	1,9
SE	6,0	6,0	-	5.700	6.634	16,4	34,2	39,8	16,4
BA	8,5	4,0	(52,9)	812	1.150	41,6	6,9	4,6	(33,3)
CENTRO-OESTE	234,2	204,6	(12,6)	3.582	3.661	2,2	838,9	749,1	(10,7)
MT	188,1	164,4	(12,6)	3.257	3.444	5,7	612,6	566,2	(7,6)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	5.300	(14,0)	111,5	74,2	(33,5)
GO	28,0	26,2	(6,4)	4.100	4.149	1,2	114,8	108,7	(5,3)
SUDESTE	27,4	19,3	(29,6)	2.796	3.110	11,2	76,6	60,0	(21,7)
MG	12,0	9,0	(25,0)	2.100	2.400	14,3	25,2	21,6	(14,3)
ES	0,3	0,3	-	2.237	2.774	24,0	0,7	0,8	14,3
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.212	33,7	1,2	1,0	(16,7)
SP	14,6	9,7	(33,6)	3.393	3.776	11,3	49,5	36,6	(26,1)
SUL	1.295,2	1.256,9	(3,0)	7.598	7.233	(4,8)	9.840,7	9.091,2	(7,6)
PR	27,2	26,3	(3,3)	5.825	5.656	(2,9)	158,4	148,8	(6,1)
SC	147,9	147,6	(0,2)	7.150	7.220	1,0	1.057,5	1.065,7	0,8
RS	1.120,1	1.083,0	(3,3)	7.700	7.273	(5,5)	8.624,8	7.876,7	(8,7)
NORTE/NORDESTE	738,3	644,8	(12,7)	2.275	2.443	7,4	1.679,9	1.575,0	(6,2)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.480,8	(4,9)	6.909	6.686	(3,2)	10.756,2	9.900,3	(8,0)
BRASIL	2.295,1	2.125,6	(7,4)	5.419	5.399	(0,4)	12.436,1	11.475,3	(7,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em dezembro de 2016, foram importadas 39,2 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,0 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 02 de fevereiro, não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de janeiro e por esse motivo, o mês de dezembro é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em dezembro de 2014, essas aquisições foram de

36,1 mil toneladas, sendo 2,6 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma retração, passando de 176,6 mil toneladas em dezembro/2014 para 144,5 mil toneladas em dezembro/2015.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2014/2015, obteve-se um superávit de 381,2 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.188,4 mil toneladas e o montante importado igual a 807,2 mil toneladas. No atual período



comercial 2015/16, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superávit acumulado até dezembro/15 no montante de 759,9 mil toneladas. Com estes resultados somada a desvalorização do Real e a boa oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2014/15 – a balança comercial do arroz encerre com um superávit de 850 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.400 mil toneladas e as importações em 550 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2014/15 de arroz, a estimativa consolidada de produção é 2,7% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.436,1 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de produtividade em face da alta tecnologia empregada no campo. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/2013, o volume consolidado em 28 de Fevereiro de 2015 fechou em 868,21 mil toneladas em face do razoável volume apurado no levanta-

tamento de estoques privados (721,5 mil toneladas) e do baixo estoque em poder do Governo Federal (146,7 mil toneladas).

Com esses resultados, o consumo da safra 2013/14 é estimado perto dos 11,9 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2014/15, o consumo é estimado nos mesmos 11,8 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma significativa expansão do superávit em relação ao período anterior, resultará em uma redução do estoque de passagem para 666,8 mil toneladas. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 7,7% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 11.475,3 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva no período atual de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

8.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Na região Centro-Sul, onde a maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida, considerando a safra 2015/16, este volume da região é quase 53,04% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 45,89% das áreas cultivadas com a cultura.

A área de feijão primeira safra no país está estimada para este quinto levantamento em 1.024,3 mil hectares, o que configura um decréscimo de 2,7% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indica a tendência de plantios em áreas menores do que as cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam a intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

No Paraná deverá ocorrer decréscimo na área 6,5% nas estimativas atuais, com o cultivo chegando a 180,2 mil hectares. A colheita de feijão da primeira safra está próxima de ser finalizada, estando o produto em condições variáveis, com praticamente metade com qualidade razoável. O excesso de chuvas no final do ano passado contribui para a disseminação de doenças, especialmente a antracnose, além de “lavar” os fertilizantes (processo de lixiviação), outra doença apontada pelos informantes é a causada pelo fusarium. Com a diminuição das chuvas nesse mês melhorou levemente o quadro, mesmo assim gerou problemas relacionados, principalmente à qualidade no feijão, o que é agravado no caso do feijão cores. A

produtividade não foi fortemente afetada. Os preços praticados para o produto de boa qualidade estão em alta, em face da oferta reduzida.

A área prevista para semear feijão primeira safra no Rio Grande do Sul está estimada em 43,5 mil hectares, o que configura um acréscimo de 22,5% em relação à safra passada, composta pela agricultura familiar e agricultura de subsistência. A maior parte da área semeada já foi colhida e a produtividade foi satisfatória. Os produtores terão resultado econômico positivo devido aos bons preços do mercado.

No Distrito Federal, nessa primeira safra, cultivada no Distrito Federal, manteve-se a área semeada da safra anterior, 12,1 hectares. A produtividade média por sua vez, estimada em 1.949 Kg/ha na safra anterior, não se confirmou, tendo queda acentuada em mais de 39,5%, estimando-se em 1.180 kg/ha, essa redução foi ocasionada pela forte seca em novembro e dezembro de 2015. O plantio já foi concluído, predominando o início do estágio reprodutivo, configurando tais estimativas e os elementos climáticos que influenciam na produção como: temperatura, precipitação pluvial e radiação solar, verificamos que a produção antes estimada em 23,6 toneladas não se confirmou, devendo atingir algo em torno de 14,3 toneladas, com decréscimo aproximadamente de 39,4% em relação à previsão anterior em função da aridez e aquecimento nos últimos meses do ano anterior. A área segregada com feijão primeira safra cores e preto correspondem a 90% e 10%, respectivamente, nessa primeira safra não houve plantio de feijão caupi.



Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra, o levantamento projeta neste ano uma retração de 7% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar em 148 mil hectares, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja. Predomina na maior parte do estado o plantio de feijão cores, notadamente carioquinha. Nichos de mercado, na região da Zona da Mata, de plantio também de feijão cores/vermelho e de feijão preto. Já o plantio do feijão caupi se concentra no Norte. O plantio apresentou maior concentração em novembro, mas se estendeu até o início de dezembro. As lavouras se encontram predominantemente em fase de frutificação e maturação, sendo a colheita ainda incipiente. Há registros pontuais de perdas, decorrentes da ocorrência de chuvas na colheita, mas de modo geral as lavouras apresentam potencial de bons resultados, estimando-se uma produtividade média de 1.355 kg/ha, bem acima dos resultados da safra anterior, que foi severamente prejudicada pela estiagem. A produção estimada é de 200,5 mil toneladas, 22% superior à safra 2014/15.

Em Santa Catarina deverá ocorrer redução na área de 12,7%, com o cultivo de 46 mil hectares. A cultura do feijão semeado na primeira safra foi influenciada pelas instabilidades climáticas durante quase toda a fase de desenvolvimento. Chuvas excessivas durante o plantio atrapalharam a implantação das lavouras, chegando a causar estragos severos em algumas áreas pelo acúmulo de água, arrasto de sementes e fertilizantes, entre outros. Algumas destas áreas precisaram ser replantadas, total ou parcialmente, tendo em vista o nível de estrago. Assim, da mesma forma que para outras culturas, o plantio foi escalonado, resultando no quadro ora observado, representado por lavouras desde o estágio vegetativo até em ponto de colheita. Com aproximadamente 30% das lavouras colhidas, as produtividades apresentam variações de acordo com a maior ou menor influência do clima durante o desenvolvimento das plantas, partindo de 1.950 kg/ha na safra 2014/15 para 2.400 kg/ha para a safra 2015/16. Da mesma forma, a qualidade do produto obtido até agora varia entre bom e regular, mas em alguns locais o produto foi enquadrado como ruim devido ao mau desenvolvimento das plantas e ataque de doenças, como a antracnose, a qual ataca as vagens e causa depreciação dos grãos. Além disso, a alta umidade no momento da colheita tende a reduzir a qualidade dos grãos, principalmente o feijão-carioca, o qual perde cor com facilidade, reduzindo seu valor de mercado. A produção, comparada com a safra anterior, deve ser, até o momento, menor em função da redução da área - a qual perde espaço para a soja - e, da produtividade, haja vista as instabilidades climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura. Contudo, ainda restam muitas lavouras em estádios mais atrasados

que ainda podem se recuperar caso as condições climáticas se estabilizem nos próximos dias, com a volta das chuvas em volumes dentro do normal, pois há mais de duas semanas estas não ocorrem sobre as lavouras, o que pode ter afetado ainda mais o potencial produtivo. Semelhante ao que acontece com a soja e o milho, os preços tiveram um aumento significativo nos últimos tempos com a entrada de produto novo no mercado, principalmente o feijão-preto, cujos preços subiram em torno de 30% desde o início do ano. Já para o feijão-carioca as cotações permaneceram estáveis, havendo variações positivas apenas para o feijão de melhor qualidade (extra), mais difícil de encontrar. Em Mato Grosso o plantio da primeira safra encontra-se finalizada. A área plantada encontra-se em boas condições de germinação e desenvolvimento vegetativo. Esse levantamento apontou para a redução de 23% na área a ser cultivada na safra 2015/16 para o plantio do feijão da primeira safra, que será de 8,3 mil hectares. Embora os preços ainda permaneçam atrativos, os produtores, a princípio, devem optar por outras culturas, como milho e soja, em razão do mercado favorável e do menor risco climático. Estimando-se uma produtividade média de 1.630 kg/ha, 3,8% superior à safra passada, a produção deve ficar em 13,5 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão é pouco expressiva no estado, visto que para esta safra foi registrado plantio apenas no município de Chapadão do Sul. A área cultivada foi de 148 kg/ha, 7% abaixo da área da safra anterior que foi de 159,1kg/ha e incremento na produtividade de 31,2%, uma vez que na safra anterior foi de 1.033 kg/ha e nesta apresenta número de 1.355 kg/ha. Incremento também na produção, passando de 102,8 mil toneladas para 104,3 mil toneladas de 1,5% em relação à safra de 2014/15. A cultura encontra-se em fase frutificação e maturação. O produto oriundo destas áreas é absorvido pelo mercado regional

Em Goiás incremento na área do feijão primeira safra, com o cultivo de 52 mil hectares, 14% em relação à safra anterior, que foi de 51,3 mil toneladas. Produtores optaram em aumentar a área de soja em função do dólar alto e com melhores perspectivas de remuneração em relação à cultura do feijão. Além disso, o alto custo de produção da cultura, associado aos problemas de ataques de pragas e doenças têm onerado muito o produtor. Colheita em andamento em alguns municípios do estado. O excesso de chuvas tem prejudicado a qualidade do grão. Algumas áreas o grão está germinando na vagem. Bons preços têm sido praticados em função da forte demanda pelo produto. Custos de produção continuam aumentando, principalmente defensivos, 17% de aumento em função da alta do dólar.



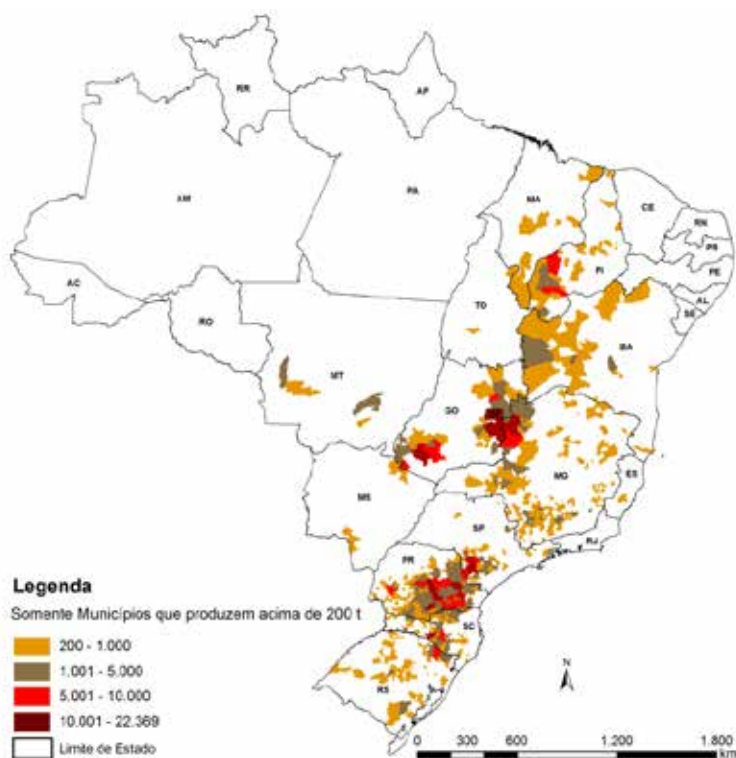
Na Bahia, principal produtor do Nordeste, a estimativa é de manutenção de área, com o cultivo de 228,9 mil hectares, e que será produzido 189,6 mil toneladas. Nas regiões produtoras estima-se que o plantio do feijão caupi/macaçar primeira safra atinja 60% da área total. Na região de Irecê até o presente momento a estimativa é de que já foram plantados em torno de 20% da área. Já no oeste baiano a área plantada está estimada em 10% e o restante do plantio deverá ocorrer em sucessão a soja de sequeiro. No sudoeste baiano, nas microrregiões de Bom Jesus da Lapa houve aumento da área cultivada, no entanto, na microrregião, região de Vitória da Conquista há estimativa de aumento de 112,4% em relação à safra anterior. Dentre as motivações para esta elevação deve-se destacar a maior oferta de sementes, a melhoria das condições climáticas e a característica inerente à própria cultura, que resiste melhor à escassez hídrica. Com relação ao feijão primeira safra cores, a produção total do estado, para atual safra, está estimada em 85,1 mil toneladas em uma área de 84,5 hectares. Na região oeste do estado, a expectativa é que sejam cultivados 12 mil hectares e espera-se uma produção de 33,6 mil toneladas. O plantio foi realizado em cerca de 10% da área, e o restante deverá ocorrer em sucessão à soja de sequeiro. Na região de Irecê até o momento o plantio atinge cerca de 30% da área a ser cultivada.

Nas regiões com aumento de área, diferente da safra

passada, quando o preço do feijão ficou abaixo do preço mínimo, este ano o preço se manteve rentável para o produtor, com fatores influentes no momento da tomada de decisão para o plantio. Apesar da ocorrência de chuvas, ainda não há confirmação sobre o início do plantio.

Em São Paulo, quase todo o feijão é produzido na região Sudoeste. A colheita da safra 2015/16 está encerrada. O feijão que está sendo colhido é considerado de média qualidade, devido ao excesso de chuvas que ocorreram durante a colheita. Diferentemente de outras regiões, onde o plantio é realizado entre setembro e outubro, nesse estado semeia-se o feijão em julho e agosto e colhe-se entre novembro e dezembro. O produtor apostou nessa cultura, devido aos excelentes preços de mercado pago a essa leguminosa no momento da tomada de decisão pela semeadura. Infelizmente, devido ao excesso de chuvas no período de colheita, parte do feijão teve perda de qualidade, o que tem reduzido o seu preço no momento da comercialização. O produtor sinaliza com manutenção na área plantada, com o cultivo de 48,2 mil hectares, incremento na produtividade de 2% em relação à safra de 2014/15, saindo de 2.331 kg/ha para 2.378 kg/ha. Incremento também de 16,2% na produção em relação à safra passada, saindo de 98,6 mil toneladas para 98,6 mil toneladas.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..



Figura 22 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

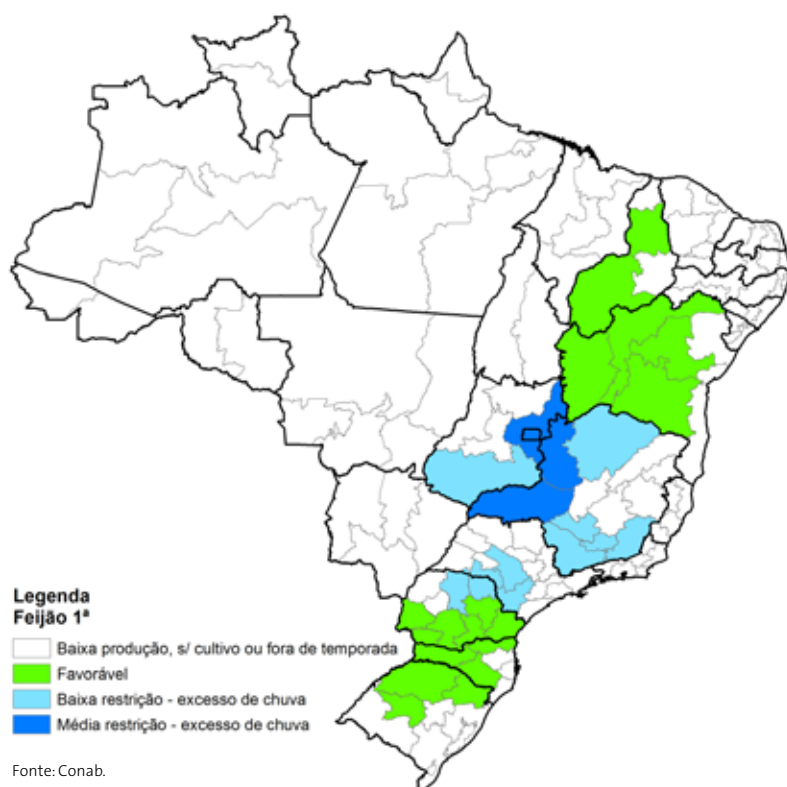


Tabela 30 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- centro-norte e sudeste do PI (DV) - sudoeste do PI (DV) - oeste da BA (DV) - oeste, centro-norte e centro-sul da BA (DV)	- todo estado de MG (M/C) - sul de SP (M/C) - leste e sul de GO (M/C) - DF (M/C) - norte do PR (C)	- todo estado do RS (M/C) - todo estado de SC (M/C) - oeste, leste e sul do PR (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrição de baixa intensidade.



Tabela 31 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P	P	P/C	C	C	C				
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C					P	P	
SC	P	P	C	C	C	C	C				P	
RS	P	P	C	C	C	C	C			P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	3,8	(20,8)	707	655	(7,4)	3,4	2,5	(26,5)
TO	4,8	3,8	(20,8)	707	655	(7,4)	3,4	2,5	(26,5)
NORDESTE	484,5	475,6	(1,8)	460	647	40,4	223,1	307,5	37,8
MA	38,6	35,0	(9,3)	464	392	(15,5)	17,9	13,7	(23,5)
PI	211,3	211,7	0,2	356	492	38,2	75,2	104,2	38,6
BA	234,6	228,9	(2,4)	554	829	49,5	130,0	189,6	45,8
CENTRO-OESTE	74,9	73,0	(2,5)	1.997	2.256	13,0	149,6	164,7	10,1
MT	10,8	8,3	(23,0)	1.570	1.630	3,8	17,0	13,5	(20,6)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.300	(35,0)	1,4	0,8	(42,9)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.380	13,4	107,6	123,8	15,1
DF	12,1	12,1	-	1.949	2.200	12,9	23,6	26,6	12,7
SUDESTE	208,1	202,8	(2,5)	1.286	1.579	22,7	267,7	320,1	19,6
MG	159,1	148,0	(7,0)	1.033	1.355	31,2	164,4	200,5	22,0
ES	6,0	6,2	3,1	687	764	11,2	4,1	4,7	14,6
RJ	0,7	0,4	(42,9)	917	848	(7,5)	0,6	0,3	(50,0)
SP	42,3	48,2	13,9	2.331	2.378	2,0	98,6	114,6	16,2
SUL	280,9	269,7	(4,0)	1.737	1.785	2,8	487,8	481,3	(1,3)
PR	192,7	180,2	(6,5)	1.707	1.665	(2,5)	328,9	300,0	(8,8)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	2.267	16,3	102,8	104,3	1,5
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.770	12,0	56,1	77,0	37,3
NORTE/NORDESTE	489,3	479,4	(2,0)	463	647	39,7	226,5	310,0	36,9
CENTRO-SUL	563,9	545,5	(3,3)	1.605	1.771	10,4	905,1	966,1	6,7
BRASIL	1.053,2	1.024,9	(2,7)	1.074	1.245	15,9	1.131,6	1.276,1	12,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	84,5	1.007	85,1
BA	84,5	1.007	85,1
CENTRO-OESTE	71,0	2.115	150,3
MT	7,5	1.660	12,5
MS	0,6	1.300	0,8
GO	52,0	2.380	123,8
DF	10,9	1.210	13,2
SUDESTE	197,0	1.604	316,0
MG	144,1	1.371	197,6
ES	4,7	800	3,8
SP	48,2	2.378	114,6
SUL	96,2	1.882	181,1
PR	55,5	1.720	95,5
SC	29,9	2.339	69,9
RS	10,8	1.450	15,7
NORTE/NORDESTE	84,5	1.007	85,1
CENTRO-SUL	364,2	1.777	647,4
BRASIL	448,7	1.632	732,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

Tabela 34– Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	910	1,1
DF	1,2	910	1,1
SUDESTE	5,2	736	3,8
MG	3,3	761	2,5
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,4	848	0,3
SUL	173,5	1.730	300,1
PR	124,7	1.640	204,5
SC	16,1	2.133	34,3
RS	32,7	1.876	61,3
CENTRO-SUL	179,9	1.696	305,0
BRASIL	179,9	1.696	305,0

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em fevereiro/2016



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão 1a safra - caupi

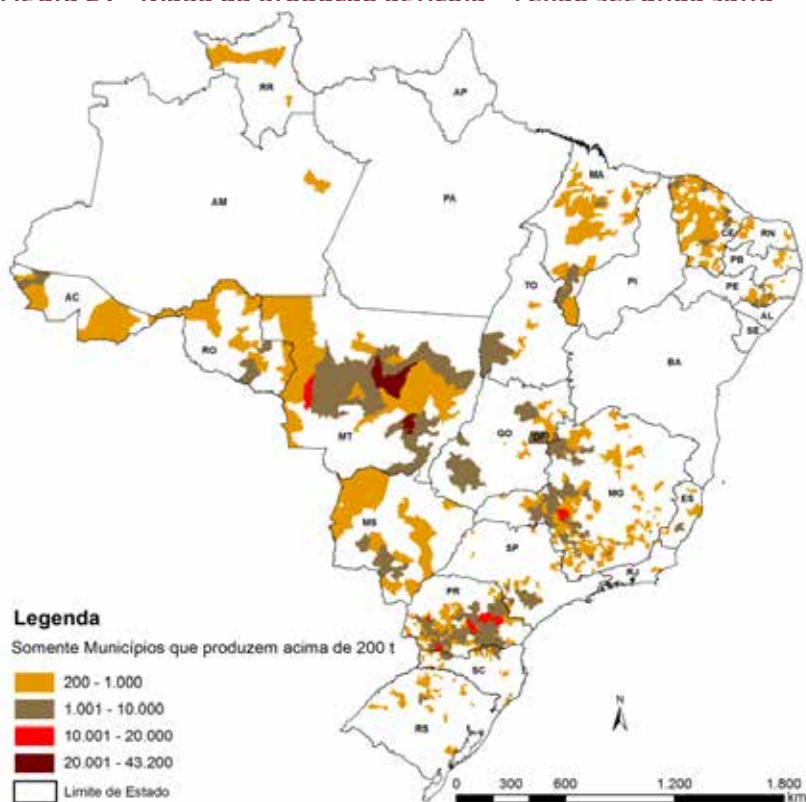
REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,8	655	2,5
TO	3,8	655	2,5
NORDESTE	391,1	569	222,4
MA	35,0	392	13,7
PI	211,7	492	104,2
BA	144,4	724	104,5
CENTRO-OESTE	0,8	1.350	1,1
MT	0,8	1.350	1,1
SUDESTE	0,6	700	0,4
MG	0,6	700	0,4
NORTE/NORDESTE	394,9	570	224,9
CENTRO-SUL	1,4	1.071	1,5
BRASIL	396,3	571	226,4
BRASIL	412,0	383	157,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

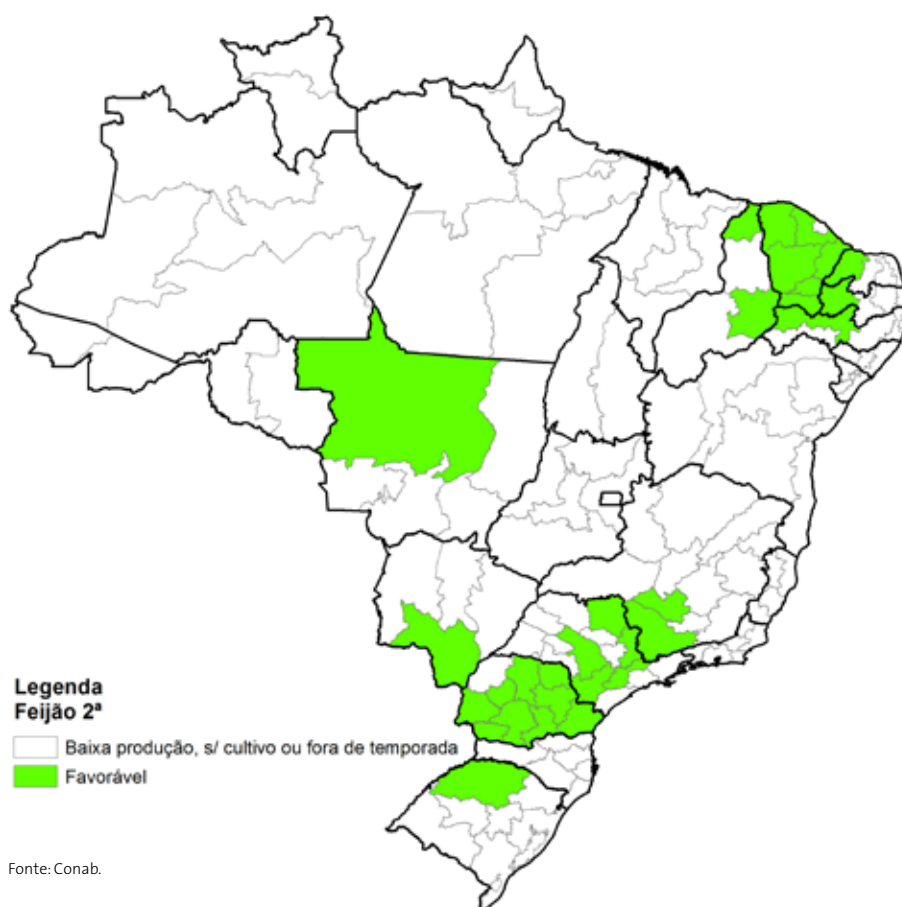
Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 22 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Tabela 36 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra	- norte e sudeste do PI (P) - todo estado do CE (P) - oeste do RN (P) - Sertão da PB (P) - Sertão de PE (P) - norte e sul de SP (P) - todo estado do PR (P) - norte do MT (P) - sudoeste do MS (P) - sul de MG (P) - noroeste do RS (P)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 37 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO					P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO				P	P	P		C	C	C		
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	47,8	(8,8)	762	787	3,4	40,0	37,7	(5,8)
RR	2,7	2,8	2,7	667	667	-	1,8	1,9	5,6
RO	22,0	22,0	-	722	748	3,6	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	582	552	(5,2)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.027	1.126	9,6	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	902	915	1,4	1,2	1,2	-
TO	13,4	8,7	(35,0)	825	896	8,6	11,1	7,8	(29,7)
NORDESTE	657,3	657,3	-	318	308	(3,2)	209,2	202,7	(3,1)
MA	55,0	55,0	-	549	577	5,1	30,2	31,7	5,0
PI	3,1	3,1	-	756	653	(13,6)	2,3	2,0	(13,0)
CE	393,8	393,8	-	309	279	(9,7)	121,7	109,9	(9,7)
RN	31,6	31,6	-	333	347	4,2	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	277	288	4,0	16,2	16,9	4,3
PE	115,2	115,2	-	246	271	10,2	28,3	31,2	10,2
CENTRO-OESTE	229,3	232,1	1,2	1.406	1.630	15,9	322,4	378,3	17,3
MT	199,2	199,2	-	1.358	1.589	17,0	270,5	316,5	17,0
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.690	5,6	25,6	23,7	(7,4)
GO	13,2	18,0	36,4	1.857	2.004	7,9	24,5	36,1	47,3
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.269	13,5	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	130,9	136,4	4,2	1.454	1.530	5,2	190,4	208,7	9,6
MG	105,9	111,6	5,4	1.487	1.450	(2,5)	157,5	161,8	2,7
ES	8,4	8,4	-	813	1.120	37,8	6,8	9,4	38,2
RJ	1,0	1,0	-	951	968	1,8	1,0	1,0	-
SP	15,6	15,4	(1,5)	1.606	2.371	47,6	25,1	36,5	45,4
SUL	248,6	236,8	(4,7)	1.485	1.828	23,1	369,1	432,9	17,3
PR	208,1	202,3	(2,8)	1.475	1.841	24,8	306,9	372,4	21,3
SC	20,2	18,1	(10,4)	1.450	1.800	24,1	29,3	32,6	11,3
RS	20,3	16,4	(19,2)	1.622	1.703	5,0	32,9	27,9	(15,2)
NORTE/NORDESTE	709,7	705,1	(0,6)	351	341	(2,9)	249,2	240,4	(3,5)
CENTRO-SUL	608,8	605,3	(0,6)	1.449	1.685	16,3	881,9	1.019,9	15,6
BRASIL	1.318,5	1.310,4	(0,6)	858	962	12,1	1.131,1	1.260,3	11,4

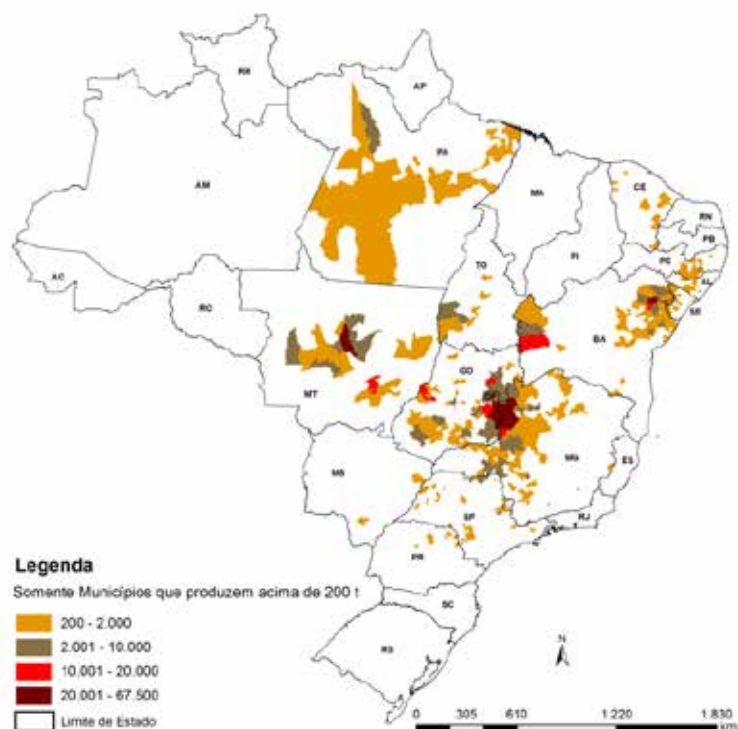
Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em fevereiro/2016



8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 39 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	C						P	P	P	C	C	C
TO	C						P	P	P	C	C	C
Nordeste												
CE	C							P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P	C	C	C
AL	C						P	P	P	C	C	C
SE	C						P	P	P	C	C	C
BA	C						P	P	P	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	C	C	C	
MS							P	P	C	C	C	
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF							P	P	P/C	C	C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP	C						P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

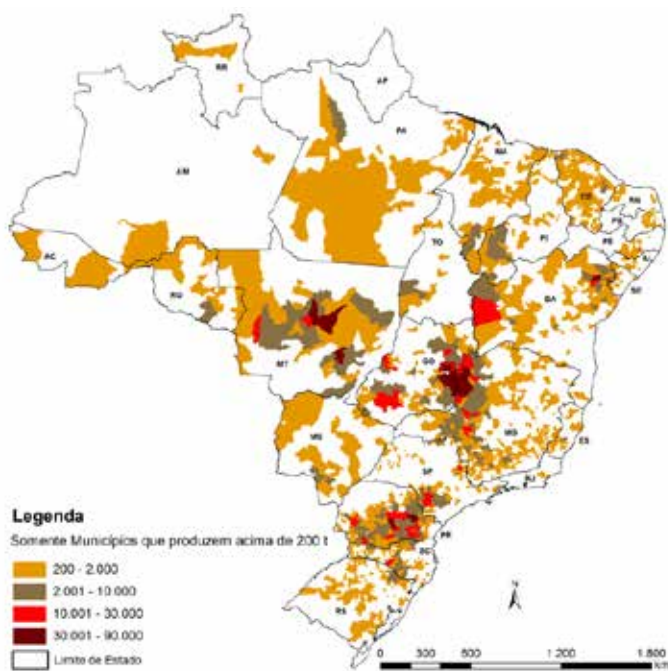
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	30,9	-	809	843	4,3	25,0	26,1	4,4
PA	28,0	28,0	-	760	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	2,9	2,9	-	1.281	1.611	25,8	3,7	4,7	27,0
NORDESTE	423,5	423,5	-	654	667	2,1	276,8	282,6	2,1
CE	10,3	10,3	-	1.054	1.164	10,4	10,9	12,0	10,1
PE	122,1	122,1	-	467	536	14,8	57,0	65,4	14,7
AL	47,0	47,0	-	458	546	19,2	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	736	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	212,6	212,6	-	771	735	(4,7)	163,9	156,3	(4,6)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	-	2.672	2.543	(4,8)	312,4	297,3	(4,8)
MT	76,8	76,8	-	2.566	2.352	(8,3)	197,1	180,6	(8,4)
MS	0,4	0,4	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	20,0
GO	36,5	36,5	-	2.868	2.886	0,6	104,7	105,3	0,6
DF	3,2	3,2	-	3.159	3.362	6,4	10,1	10,8	6,9
SUDESTE	92,1	92,1	-	2.533	2.587	2,1	233,3	238,3	2,1
MG	74,0	74,0	-	2.576	2.640	2,5	190,6	195,4	2,5
SP	18,1	18,1	-	2.359	2.369	0,4	42,7	42,9	0,5
SUL	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
PR	4,9	4,9	-	1.013	950	(6,2)	5,0	4,7	(6,0)
NORTE/NORDESTE	454,4	454,4	-	664	679	2,3	301,8	308,7	2,3
CENTRO-SUL	213,9	213,9	-	2.574	2.525	(1,9)	550,7	540,3	(1,9)
BRASIL	668,3	668,3	-	1.276	1.270	(0,4)	852,5	849,0	(0,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	82,5	(6,4)	775	802	3,5	68,4	66,3	(3,1)
RR	2,7	2,8	3,7	667	679	1,8	1,8	1,9	5,6
RO	22,0	22,0	-	723	750	3,8	15,9	16,5	3,8
AC	7,5	7,5	-	587	547	(6,8)	4,4	4,1	(6,8)
AM	5,5	5,5	-	1.018	1.127	10,7	5,6	6,2	10,7
AP	1,3	1,3	-	923	923	-	1,2	1,2	-
PA	28,0	28,0	-	761	764	0,5	21,3	21,4	0,5
TO	21,1	15,4	(27,0)	863	974	12,9	18,2	15,0	(17,6)
NORDESTE	1.565,3	1.556,4	(0,6)	453	509	12,4	709,2	793,0	11,8
MA	93,6	90,0	(3,8)	514	506	(1,6)	48,1	45,5	(5,4)
PI	214,4	214,8	0,2	362	494	36,6	77,6	106,2	36,9
CE	404,1	404,1	-	328	302	(8,0)	132,5	121,9	(8,0)
RN	31,6	31,6	-	332	348	4,8	10,5	11,0	4,8
PB	58,6	58,6	-	276	288	4,3	16,2	16,9	4,3
PE	237,3	237,3	-	360	408	13,2	85,4	96,7	13,2
AL	47,0	47,0	-	457	547	19,5	21,5	25,7	19,5
SE	31,5	31,5	-	746	737	(1,3)	23,5	23,2	(1,3)
BA	447,2	441,5	(1,3)	657	783	19,2	293,9	345,9	17,7
CENTRO-OESTE	421,1	422,0	0,2	1.863	1.991	6,9	784,3	840,3	7,1
MT	286,8	284,3	(0,9)	1.689	1.796	6,3	484,5	510,7	5,4
MS	17,1	15,0	(12,3)	1.608	1.667	3,6	27,5	25,0	(9,1)
GO	101,0	106,5	5,4	2.345	2.490	6,2	236,8	265,2	12,0
DF	16,2	16,2	-	2.191	2.432	11,0	35,5	39,4	11,0
SUDESTE	431,1	431,3	-	1.604	1.779	10,9	691,4	767,1	10,9
MG	339,0	333,6	(1,6)	1.512	1.672	10,6	512,4	557,7	8,8
ES	14,4	14,6	1,4	764	966	26,4	11,0	14,1	28,2
RJ	1,7	1,4	(17,6)	941	929	(1,3)	1,6	1,3	(18,8)
SP	76,0	81,7	7,5	2.189	2.375	8,5	166,4	194,0	16,6
SUL	534,4	511,4	(4,3)	1.613	1.797	11,4	862,0	918,9	6,6
PR	405,7	387,4	(4,5)	1.580	1.748	10,6	640,9	677,1	5,6
SC	72,9	64,1	(12,1)	1.812	2.136	17,9	132,1	136,9	3,6
RS	55,8	59,9	7,3	1.595	1.751	9,8	89,0	104,9	17,9
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.638,9	(0,9)	470	524	11,4	777,6	859,3	10,5
CENTRO-SUL	1.386,6	1.364,7	(1,6)	1.686	1.851	9,8	2.337,7	2.526,3	8,1
BRASIL	3.040,0	3.003,6	(1,2)	1.025	1.127	10,0	3.115,3	3.385,6	8,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

O plantio primeira safra da temporada 2015/16 foi concluída com significativo atraso em função das adversidades climáticas nas principais regiões produtoras. A cultura se encontra em plena colheita e observa-se um mercado abastecido com um significativo volume colhido, todavia, as chuvas corroboraram para uma menor oferta de grãos de alta qualidade. Logo, a menor oferta do grão de nota elevada acarretou, ao longo de janeiro, aumento nos preços do produto nos

principais mercados. A tendência é que os preços continuem elevados ocorrendo um bom estímulo para o plantio da segunda safra de feijão.

O consumo nacional tem variado entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, em razão da disponibilidade interna e dos preços praticados no mercado que induzem o consumidor a adquirir mais ou menos produto.



O quinto levantamento da safra 2015/16, feito pela Conab, estima, para a primeira safra, uma redução de 2,7% na área a ser plantada, mas em contrapartida um aumento médio de 12,8% na produção, em comparação aos números registrados na safra anterior.

Para a temporada 2015/16, tomando os dados de produção estimados em 3.385,6 mil toneladas, a Conab

estima que o estoque de passagem final estabilize em 144,7 mil toneladas, correspondente a menos de um mês de consumo. Para essa estimativa foram projetados os estoques iniciais em 89,1 mil toneladas, o mesmo consumo da safra anterior em 3.350 mil toneladas, as importações em 110 mil toneladas e as exportações em 90 mil toneladas.

8.1.5. GIRASSOL

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Girassol

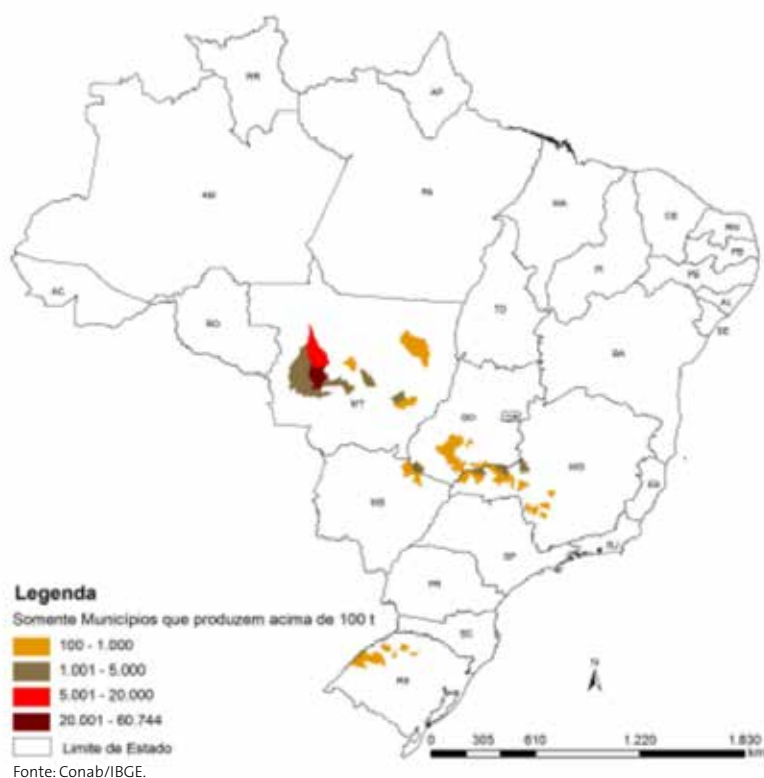


Tabela 42 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	94,2	-	1.352	1.610	19,1	127,4	151,7	19,1
MT	86,4	86,4	-	1.348	1.608	19,3	116,5	138,9	19,2
MS	0,4	0,4	-	1.500	1.438	(4,1)	0,6	0,6	-
GO	7,4	7,4	-	1.386	1.644	18,6	10,3	12,2	18,4
SUDESTE	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
MG	14,0	14,0	-	1.465	1.517	3,5	20,5	21,2	3,4
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	111,5	-	1.374	1.590	15,8	153,2	177,3	15,7
BRASIL	111,5	111,5	-	1.374	1.590	15,8	153,2	177,3	15,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.6. MAMONA

As expectativas são boas para a safra 2015/16 de mamona, com excelente crescimento na área nacional para essa safra, alcançando 125,1 mil hectares, que representa um crescimento de 52,4% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares, puxada pela retomada da produção na Bahia, maior produtor brasileiro desta cultura.

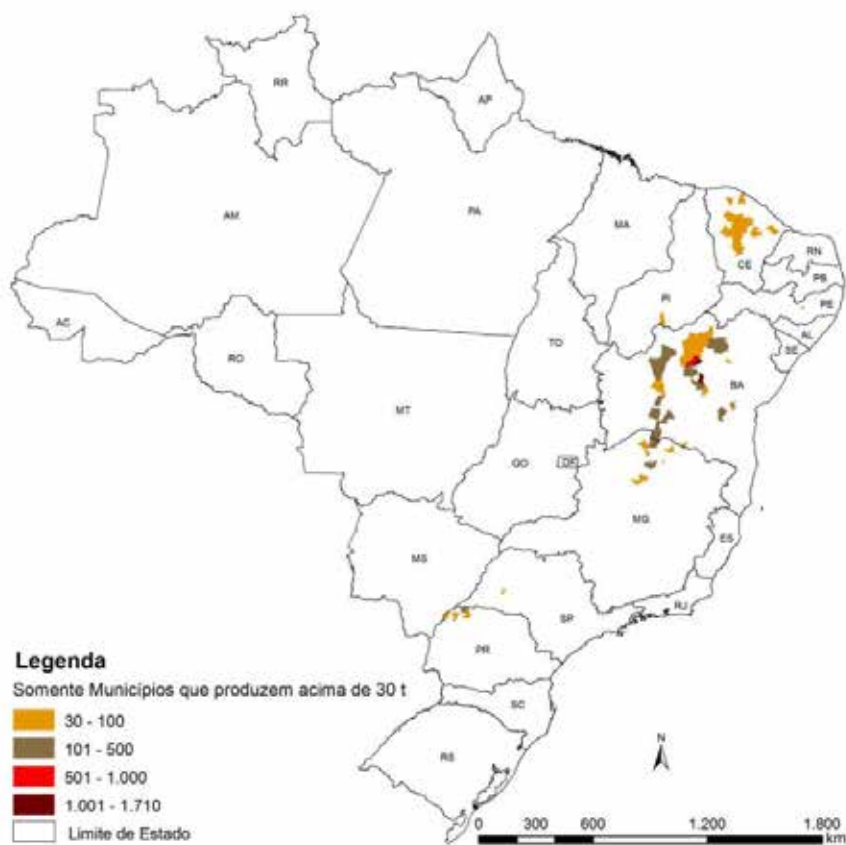
Para a Bahia, a estimativa é de que sejam cultivados 115,9 mil hectares, aumento de 65,3% em relação à safra anterior, que foi de 70 mil hectares, produção de 95 mil toneladas de mamona, acréscimo de 111,6% em relação à safra passada que foi de 44,9 mil toneladas e produtividade de 820 kg/ha, acréscimo de 28,1% em relação à safra 2014/15, que ficou em 640 kg/ha. O estímulo ao aumento da área pode ser atribuído aos adequados índices pluviométricos atuais, como também ao preço do produto no mercado. Na região de Irecê, principal produtora, a estimativa é que já tenha sido plantado 50% da área total.

O Ceará apresenta redução na área em relação à safra passada, que foi de 9 mil hectares, representando um decréscimo de 27,8%. Produção de 1,1 mil toneladas, decréscimo de 21,4% mil toneladas em relação à safra passada que foi de 1,4 mil toneladas. A produtividade de 166 kg/há mostra crescimento de 6,4% em relação à safra 2014/15, que ficou em 156 kg/ha.

Em Minas Gerais, neste levantamento confirma a forte tendência de redução das áreas de cultivo de mamona no estado, estimado em 37,5%, em razão dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante à comercialização. Concentrado, basicamente na região Norte de Minas, o plantio da mamona está estimado em 0,5 mil hectares. A produtividade está estimada em 900 kg/ha, 194,1% maior em comparação com a safra passada, que foi de 306 kg/ha, incremento também na produção de 0,5 mil toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 0,2 mil toneladas, variação de 150%.



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: p - plantio; c - colheita; p/c - plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	124,6	53,3	576	777	35,0	46,8	96,8	106,8
PI	0,6	0,6	-	506	506	-	0,3	0,3	-
CE	9,0	6,5	(27,8)	156	166	6,4	1,4	1,1	(21,4)
PE	1,6	1,6	-	142	244	71,8	0,2	0,4	100,0
BA	70,1	115,9	65,3	640	820	28,1	44,9	95,0	111,6
SUDESTE	0,8	0,5	(37,5)	306	900	194,1	0,2	0,5	150,0
MG	0,8	0,5	(37,5)	306	900	194,1	0,2	0,5	150,0
NORTE/NORDESTE	81,3	124,6	53,3	576	777	35,0	46,8	96,8	106,8
CENTRO-SUL	0,8	0,5	(37,5)	306	900	194,1	0,2	0,5	150,0
BRASIL	82,1	125,1	52,4	573	777	35,7	47,0	97,3	107,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em fevereiro/2016

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Neste quinto levantamento a área semeada com milho primeira safra apresentou redução de 6,8%, atingindo 5.723,4 mil hectares quando comparada com a safra passada, registrando no entanto, crescimento de 1% em relação ao levantamento anterior divulgado pela Conab. Na Região Centro-Sul foi onde ocorreu a maior redução nacional, estimada em 11,8%, comparado com o exercício anterior.

No Rio Grande do Sul a área plantada com milho sofreu nova redução, aumentando em 1,4% a estimativa divulgada no mês passado, devido, principalmente, ao alto custo de produção, à concorrência com o milho produzido no Paraná e no Mato Grosso e às áreas perdidas para soja, dentre outros. Além disso, está ocorrendo a segregação das áreas semeadas destinadas à produção de silagem para produção de grãos. A falta de definição leva a crer que a área para produção de grãos, nessa safra, deve ficar entre 850 e 950 mil hectares. A colheita avança no estado, alcançando mais de 50% do volume produzido. As lavouras mais atrasadas são aquelas localizadas nas regiões sul e norte do estado. O resultado está acima da expectativa, favorecido pelas chuvas constantes que ocorreram durante o ciclo. Várias lavouras de sequeiro tiveram produtividades semelhantes às das áreas irrigadas. As precipitações afetaram favoravelmente os custos de produção devido à diminuição dos períodos de irrigação. A produtividade deverá ser recorde para o estado, o que fará a produção ficar próxima da registrada na safra anterior. Continua chamando a atenção a quantidade de milho destinado à silagem, onde em alguns municípios a área de silagem é maior que a destinada à produção de grãos.

No Paraná a área plantada com milho primeira safra deverá apresentar forte redução, cerca de 21,6% quando comparada com a safra passada. O milho primeira safra encontra-se na maioria das lavouras em fase de maturação, com algumas lavouras já colhidas. Apesar de algumas lavouras estarem com produtividade inicial abaixo da expectativa, a produtividade média encontra-se dentro do que foi estimado nas regiões oeste e sudoeste. Isso se deve ao fato que os produtores tinham expectativa acima disso, já que fizeram investimentos de ponta. No centro oriental paranaense a produtividade ainda não foi reduzida, entretanto, todas as fontes afirmam que essa safra foi problemática pelo excesso de chuvas durante o florescimento, que associado à baixa luminosidade, deve acarretar perdas. As ocorrências de chuvas até a primeira semana de janeiro foram preocupantes, mas a estiagem subsequente melhorou o panorama.

Em Santa Catarina o plantio do milho ocorreu de forma escalonada, aproveitando os períodos de estiagem durante a época de plantio, que foi marcado por excesso de chuvas devido ao El Niño. A maior parte das lavouras encontra-se nas fases de floração e formação de grãos, após passarem por um período de escassez de chuvas que teve seu início na segunda semana de janeiro, quando ocorreram as últimas precipitações com volumes significativos. Muitas lavouras, principalmente as implantadas em solos mais rasos e compactados, já mostram os sinais típicos da falta de umidade do solo. Para estas lavouras, técnicos e produtores já contabilizam uma redução da produtividade projetada inicialmente, sendo variável em função do estágio de desenvolvimento. Nas lavouras



mais adiantadas o potencial produtivo é considerado satisfatório, pois se desenvolveram sob condições climáticas que possibilitaram umidade necessária para a formação de grãos em boa parte das áreas.

Na Região Sudeste as lavouras vêm se desenvolvendo bem. A ocorrência de chuvas fortes e contínuas na primeira quinzena de janeiro na maior parte do estado acabou dificultando e atrasando o controle de pragas e doenças, provocando casos pontuais de perdas em lavouras mais adiantadas, particularmente as plantadas sob irrigação, e que já se encontravam no ponto de colheita. Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio de milho primeira safra apresentou queda de 15,2% em relação à safra anterior, passando de 1.022,4 mil para 867,5 mil hectares. Os custos de produção sofreram aumento substancial nesta temporada e os produtores vêm enfrentando dificuldades para obtenção de financiamento. Como as perspectivas são mais favoráveis para o mercado de soja, os produtores acabaram optando por aumentar o plantio desta oleaginosa, com intenção do plantio sequencial da segunda safra de milho. As lavouras estão se desenvolvendo bem, e se encontram predominantemente nas fases de frutificação e floração. Grande pressão de ataque de lagartas, apesar das chuvas e doenças fúngicas, mas a estiagem ocorrida em meados de janeiro viabilizou a aplicação para o controle.

Em São Paulo as lavouras apresentam-se com excelente padrão e a cultura já passou o período mais crítico de seu desenvolvimento. Parte das lavouras já estão com espigas formadas e, nesse caso, fica afastado o risco de perdas nas lavouras. Em razão das boas condições climáticas deverá haver crescimento na produtividade.

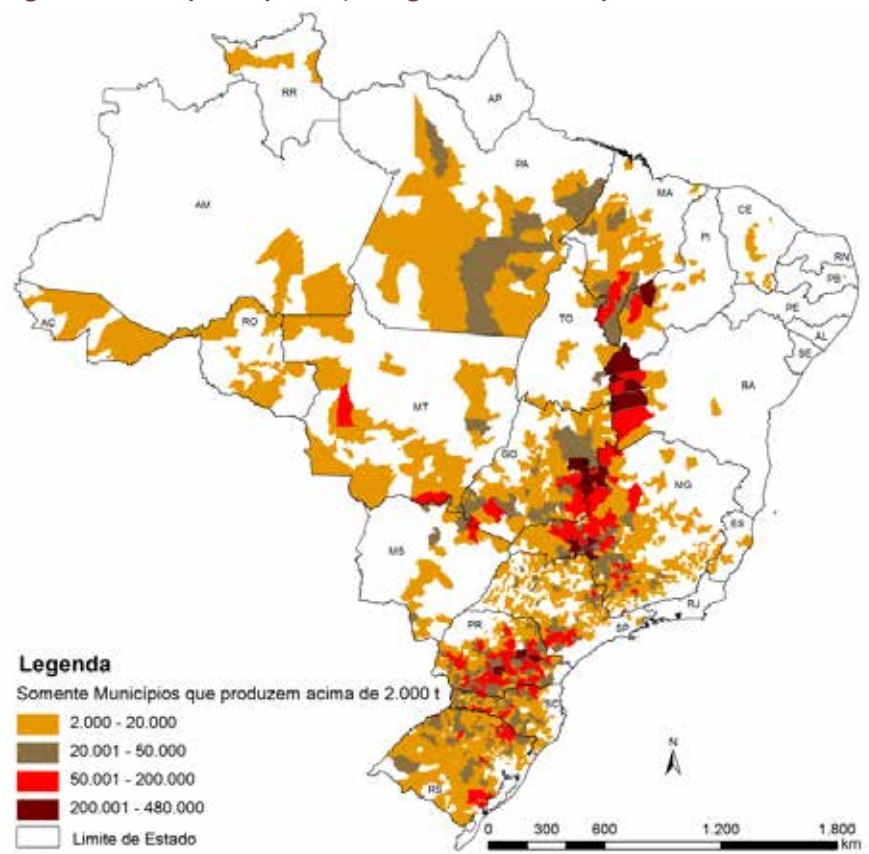
Na Região Centro-Oeste o atual levantamento apontou redução na área plantada de 9,6%. Em Goiás, principal produtor regional, as lavouras indicam a possibilidade de bons rendimentos em função das chuvas abundantes na fase reprodutiva. Algumas lavouras encontram-se na fase entre enchimento de grãos e maturação.

Na Região Norte e Nordeste a área plantada deverá apresentar variação positiva de 0,8%, quando comparada com a do exercício anterior. Na região do Matopiba as condições desfavoráveis ao plantio, observadas em novembro e dezembro, estão se normalizando. No Maranhão, em decorrência da situação climática, houve retardamento do plantio e os produtores aguardam a regularidade das chuvas. A perspectiva é de forte diminuição da área plantada na safra 2015/16 devido, principalmente, ao aumento dos preços dos insumos e da instabilidade do clima que até o agora não permitiu que as chuvas em quantidade suficiente animassem os produtores nas operações de plantio. No Piauí as chuvas que ocorreram na segunda quinzena de novembro e dezembro foram insuficientes para estimular o plantio e o quadro de estiagem estava impossibilitando a normalização do plantio na região sudoeste que é a principal produtora do estado. Com as chuvas de janeiro ocorreu uma forte migração de áreas anteriormente destinadas para a soja e a expectativa atual é de aumento de 14,8% na área em relação à safra anterior.

Na Bahia a estimativa é de que a lavoura de milho seja cultivada em uma área de 512,3 mil hectares, em sintonia com as expectativas dos primeiros levantamentos. Dentre as motivações para esta elevação deve-se destacar a maior oferta de sementes, a melhoria das condições climáticas observadas em janeiro e as condições favoráveis do mercado para o milho. Em Tocantins, conforme previsto, observou-se forte aumento da área plantada em relação à safra anterior. Essa ação decorreu, principalmente do plantio em áreas destinadas inicialmente à cultura da soja, justificado pelo atraso e necessidade de replantio da leguminosa, que fez com que parte dos produtores optassem pelo cereal. Outro fator que contribuiu para o incremento da semeadura desta gramínea foi a atual conjuntura de mercado em relação aos preços do grão. Nesta avaliação verificou-se também um aumento significativo estimado da área plantada na região de Colinas do Tocantins, justificado pelo grande número de propriedades rurais que operam no segmento da pecuária.

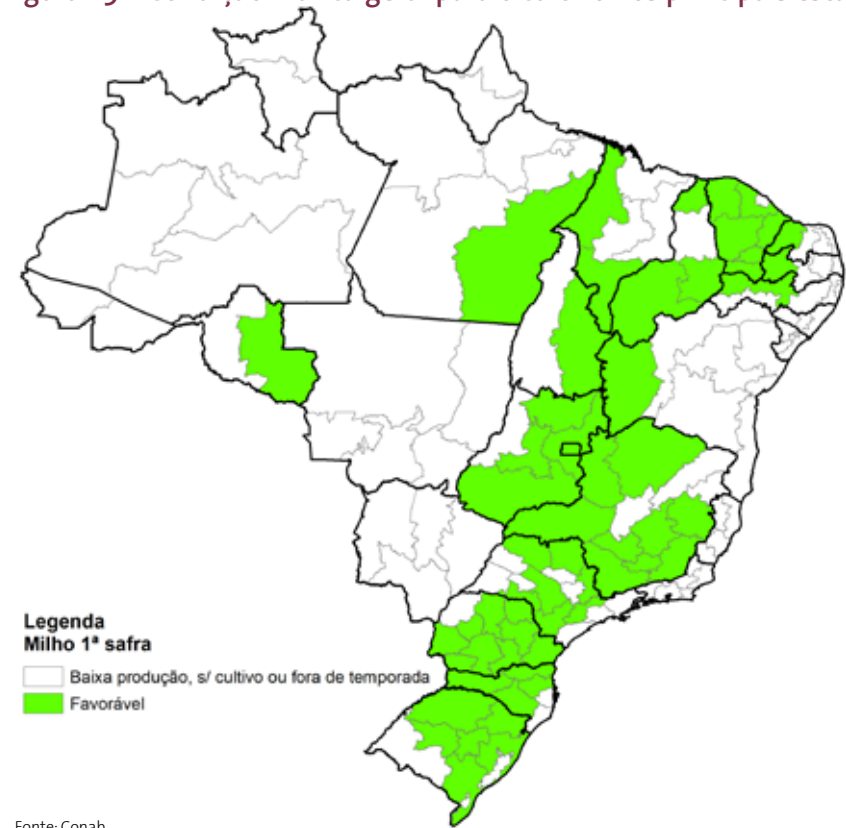


Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.



Tabela 46 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- leste de RO (FR) - sudeste do PA (G/DV) - leste de TO (G/DV) - oeste do MA (DV/F) - sul do MA (G/DV) - norte do PI (P) - sudoeste do PI (G/DV) - sudeste do PI (P) - todo estado do CE (P) - oeste do RN (P) - Sertão da PB (P) - Sertão de PE (P) - oeste da BA (G/DV) - todo estado de MG (FR) - todo estado de SP (FR) - todo estado do PR (FR) - todo estado de SC (FR) - todo estado do RS (FR) - todo estado de GO (FR) - DF (FR)		- todo o estado do PR (M/C) - todo o estado do RS (M/C) - todo o estado de SC (M/C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 47 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	391,4	(0,6)	3.239	3.273	1,1	1.275,5	1.281,1	0,4
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	42,1	(8,4)	2.174	2.174	-	100,0	91,5	(8,5)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.561	9,8	96,3	101,4	5,3
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	216,3	(1,1)	3.232	3.196	(1,1)	706,8	691,3	(2,2)
TO	64,3	71,5	11,2	4.914	4.765	(3,0)	316,0	340,7	7,8
NORDESTE	2.056,5	2.077,3	1,0	2.165	2.184	0,9	4.452,9	4.536,0	1,9
MA	380,1	344,0	(9,5)	2.500	2.633	5,3	950,3	905,8	(4,7)
PI	380,5	436,9	14,8	2.495	2.265	(9,2)	949,3	989,6	4,2
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
BA	511,8	512,3	0,1	4.525	4.410	(2,5)	2.315,9	2.259,2	(2,4)
CENTRO-OESTE	361,6	327,0	(9,6)	6.930	7.616	9,9	2.506,0	2.490,6	(0,6)
MT	63,6	45,2	(29,0)	7.205	7.425	3,1	458,2	335,6	(26,8)
MS	20,5	14,8	(27,8)	8.500	9.000	5,9	174,3	133,2	(23,6)
GO	250,7	240,2	(4,2)	6.690	7.636	14,1	1.677,2	1.834,2	9,4
DF	26,8	26,8	-	7.326	7.000	(4,4)	196,3	187,6	(4,4)
SUDESTE	1.435,4	1.265,4	(11,8)	5.436	6.014	10,6	7.802,1	7.609,6	(2,5)
MG	1.022,4	867,5	(15,2)	5.340	6.000	12,4	5.459,6	5.205,0	(4,7)
ES	17,8	14,8	(16,6)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(22,7)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	392,6	381,1	(2,9)	5.889	6.203	5,3	2.312,0	2.364,0	2,2
SUL	1.895,0	1.662,3	(12,3)	7.412	7.477	0,9	14.045,5	12.428,3	(11,5)
PR	542,5	425,5	(21,6)	8.633	8.503	(1,5)	4.683,4	3.618,0	(22,7)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.770	0,3	3.189,1	2.906,8	(8,9)
RS	941,0	862,7	(8,3)	6.560	6.843	4,3	6.173,0	5.903,5	(4,4)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.468,7	0,8	2.338	2.356	0,8	5.728,4	5.817,1	1,5
CENTRO-SUL	3.692,0	3.254,7	(11,8)	6.596	6.922	4,9	24.353,6	22.528,5	(7,5)
BRASIL	6.142,3	5.723,4	(6,8)	4.898	4.953	1,1	30.082,0	28.345,6	(5,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Nesta temporada o clima irá ditar a magnitude das safras de milho segunda safra em todo o país, uma vez que o atraso no plantio da soja poderá trazer uma forte repercussão no plantio do cereal. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, em função do atraso da colheita e do subsequente plantio do milho segunda safra, optou-se por manter a área do ano passado, 3.352,9 mil hectares, até que se obtenha informações mais seguras sobre a intenção dos produtores. No Paraná, segundo produtor nacional, o forte ritmo da colheita da safra de soja está ditando a velocidade com que o milho segunda safra está sendo implantado, consolidando um aumento na área plantada que deverá ultrapassar os 2 milhões de hectares. Praticamente todos os municípios do estado devem incrementar

a área semeada com milho e isso será importantíssimo para o abastecimento interno do estado, visto que, com as exportações acima do esperado concomitante à queda da produção da primeira safra, o Paraná deverá apresentar um déficit do cereal, preocupando o setor de suinocultura e avicultura. A área plantada com o cereal nesta temporada deverá atingir um incremento de 0,7% em relação ao exercício anterior, partindo de 9.550,6 mil para 9.618,4 mil hectares.

A posição consolidada da área brasileira de milho, reunindo, a primeira e segunda safra, deverá atingir na temporada atual 15.341,8 mil hectares, representando no momento, uma redução de 2,2% em relação ao observado no ano passado.



Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

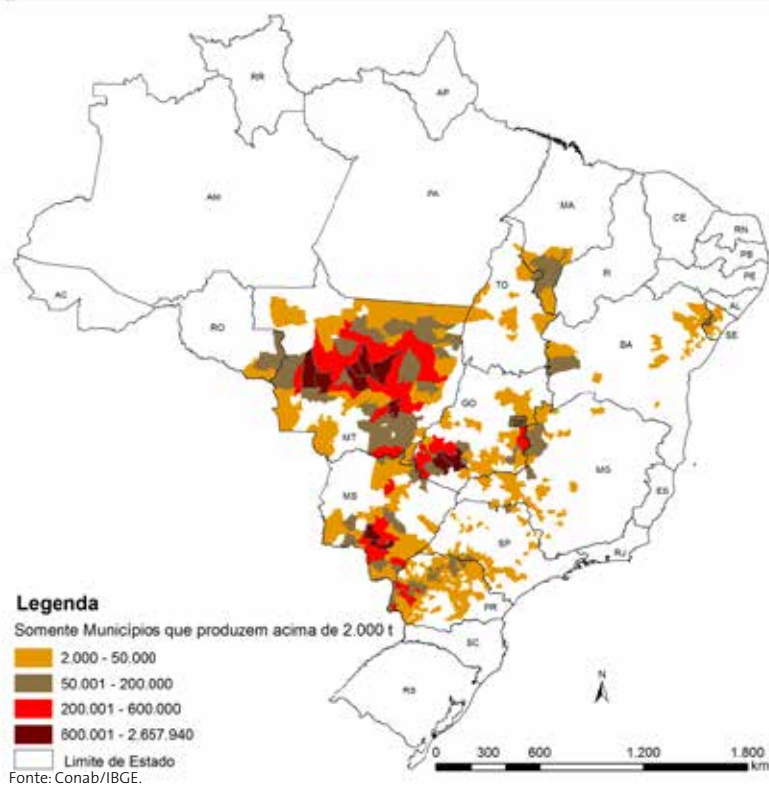


Tabela 49 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Figura 29 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Tabela 50 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra	- sul de SP (P) - todo estado do PR (P) - todo estado do MS (P) - todo estado do MT (P) - sul de GO (P)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



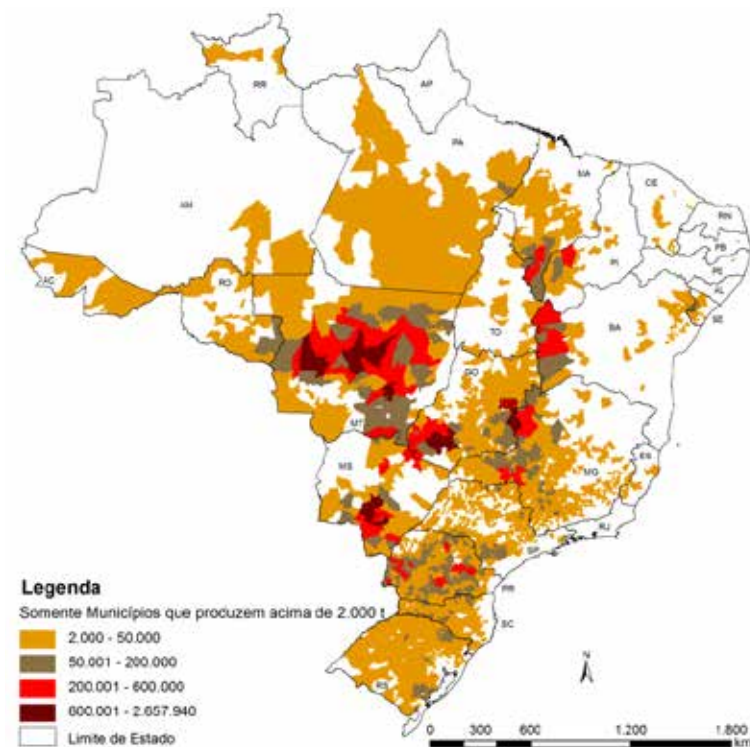
Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	229,2	(16,2)	4.700	4.704	0,1	1.285,6	1.078,1	(16,1)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.611	-	551,3	551,0	(0,1)
TO	154,0	109,7	(28,8)	4.768	4.805	0,8	734,3	527,1	(28,2)
NORDESTE	618,9	613,3	(0,9)	2.893	3.069	6,1	1.790,2	1.882,2	5,1
MA	134,2	134,2	-	3.867	4.104	6,1	519,0	550,8	6,1
PI	25,9	20,3	(21,8)	4.437	4.648	4,8	114,9	94,4	(17,8)
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	252,5	252,5	-	1.812	1.761	(2,8)	457,5	444,7	(2,8)
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.118,6	-	6.060	6.029	(0,5)	37.076,1	36.892,1	(0,5)
MT	3.352,9	3.352,9	-	6.056	5.944	(1,8)	20.305,2	19.929,6	(1,8)
MS	1.615,0	1.615,0	-	5.640	5.614	(0,5)	9.108,6	9.066,6	(0,5)
GO	1.112,3	1.112,3	-	6.578	6.777	3,0	7.316,7	7.538,1	3,0
DF	38,4	38,4	-	9.000	9.317	3,5	345,6	357,8	3,5
SUDESTE	625,3	629,1	0,6	5.212	5.058	(3,0)	3.259,1	3.182,0	(2,4)
MG	255,2	259,0	1,5	5.505	5.721	3,9	1.404,9	1.481,7	5,5
SP	370,1	370,1	-	5.010	4.594	(8,3)	1.854,2	1.700,2	(8,3)
SUL	1.914,3	2.028,2	5,9	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.956,2	6,9
PR	1.914,3	2.028,2	6,0	5.840	5.895	0,9	11.179,5	11.956,2	6,9
NORTE/NORDESTE	892,4	842,5	(5,6)	3.447	3.514	1,9	3.075,8	2.960,3	(3,8)
CENTRO-SUL	8.658,2	8.775,9	1,4	5.950	5.929	(0,4)	51.514,7	52.030,3	1,0
BRASIL	9.550,6	9.618,4	0,7	5.716	5.717	-	54.590,5	54.990,6	0,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 52 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	620,6	(7,0)	3.838	3.801	(1,0)	2.561,0	2.359,2	(7,9)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	161,6	(2,4)	3.935	3.976	1,0	651,3	642,5	(1,4)
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.561	9,8	96,3	101,4	5,3
AM	15,5	15,5	-	2.540	2.612	2,8	39,4	40,5	2,8
AP	1,8	1,8	-	907	933	2,9	1,6	1,7	6,3
PA	218,7	216,3	(1,1)	3.232	3.196	(1,1)	706,8	691,3	(2,2)
TO	218,3	181,2	(17,0)	4.811	4.789	(0,5)	1.050,2	867,8	(17,4)
NORDESTE	2.675,4	2.690,6	0,6	2.333	2.385	2,2	6.243,1	6.418,1	2,8
MA	514,3	478,2	(7,0)	2.857	3.046	6,6	1.469,2	1.456,5	(0,9)
PI	406,4	457,2	12,5	2.619	2.371	(9,5)	1.064,3	1.083,9	1,8
CE	480,6	480,6	-	315	539	71,1	151,4	259,0	71,1
RN	25,9	25,9	-	288	455	58,0	7,5	11,8	57,3
PB	62,9	62,9	-	322	476	47,8	20,3	29,9	47,3
PE	214,7	214,7	-	271	376	38,7	58,2	80,7	38,7
AL	30,1	30,1	-	1.007	628	(37,6)	30,3	18,9	(37,6)
SE	176,2	176,2	-	3.794	4.390	15,7	668,5	773,5	15,7
BA	764,3	764,8	0,1	3.629	3.535	(2,6)	2.773,4	2.703,9	(2,5)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.445,6	(0,5)	6.108	6.110	-	39.582,1	39.382,6	(0,5)
MT	3.416,5	3.398,1	(0,5)	6.077	5.964	(1,9)	20.763,4	20.265,2	(2,4)
MS	1.635,5	1.629,8	(0,3)	5.676	5.645	(0,5)	9.282,9	9.199,8	(0,9)
GO	1.363,0	1.352,5	(0,8)	6.599	6.930	5,0	8.993,9	9.372,2	4,2
DF	65,2	65,2	-	8.312	8.365	0,6	541,9	545,4	0,6
SUDESTE	2.060,7	1.894,5	(8,1)	5.368	5.696	6,1	11.061,2	10.791,5	(2,4)
MG	1.277,6	1.126,5	(11,8)	5.373	5.936	10,5	6.864,5	6.686,7	(2,6)
ES	17,8	14,8	(16,9)	1.363	2.432	78,4	24,3	36,0	48,1
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.294	(4,2)	6,2	4,6	(25,8)
SP	762,7	751,2	(1,5)	5.462	5.410	(1,0)	4.166,2	4.064,2	(2,4)
SUL	3.809,3	3.690,5	(3,1)	6.622	6.607	(0,2)	25.225,0	24.384,6	(3,3)
PR	2.456,8	2.453,7	(0,1)	6.457	6.347	(1,7)	15.862,9	15.574,3	(1,8)
SC	411,5	374,1	(9,1)	7.750	7.770	0,3	3.189,1	2.906,8	(8,9)
RS	941,0	862,7	(8,3)	6.560	6.843	4,3	6.173,0	5.903,5	(4,4)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.311,2	(0,9)	2.634	2.651	0,6	8.804,1	8.777,3	(0,3)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.030,6	(2,6)	6.143	6.197	0,9	75.868,3	74.558,7	(1,7)
BRASIL	15.692,9	15.341,8	(2,2)	5.396	5.432	0,7	84.672,4	83.336,0	(1,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Em relação ao quadro de oferta e demanda de milho, cabe ressaltar que o mercado externo, em janeiro, não ofereceu muitas alterações significativas nos preços do cereal em Chicago, variando entre US\$ 3,5 e 3,7/ bushel (US\$ 137,78 a 145,66/t), respectivamente.

O que efetivamente afetou o aumento dos preços do milho no mercado interno foram dois fatores:

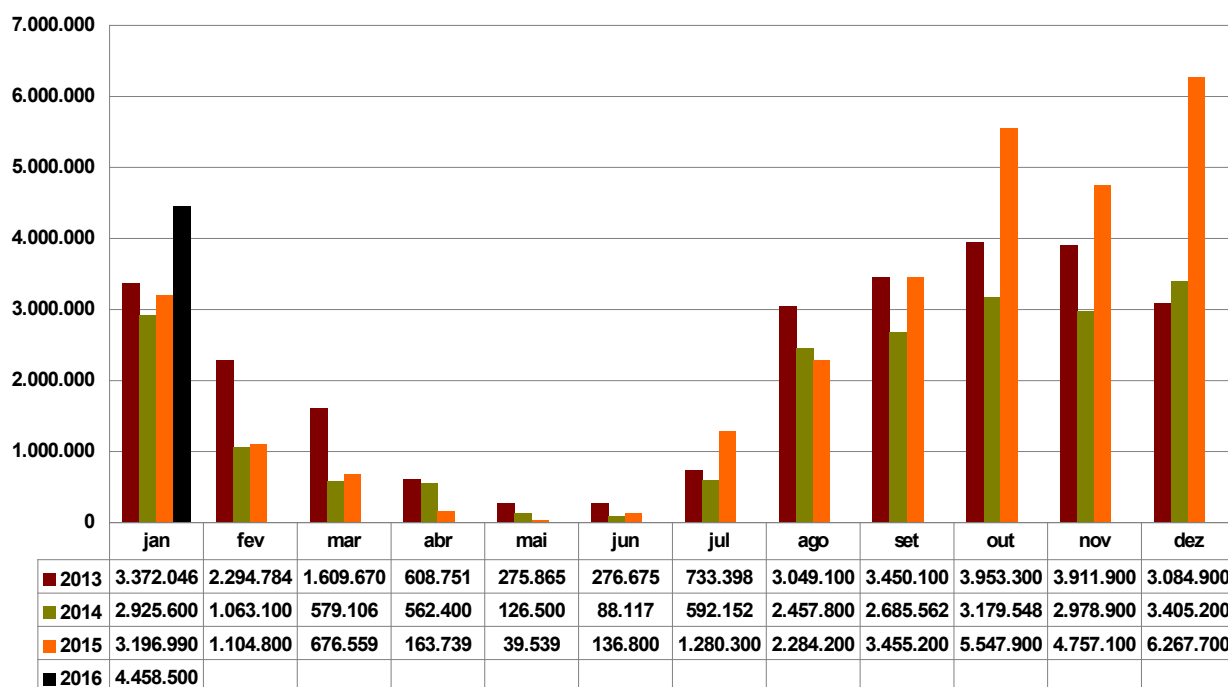
- 1 – A elevação do dólar, o qual superou os R\$ 4,00, aumentando os preços de paridade de exportação;
- 2 – Maior demanda pelo cereal, em uma forte disputa entre os demandantes internos, em especial, os setores de proteína animal e o mercado exportador que continua aquecido.

Em relação às exportações, janeiro fechou com 4,5 milhões de toneladas de milho embarcadas segundo



a Secretaria do Comércio Exterior, fechando a safra 2014/15 em 30,2 milhões de toneladas.

Gráfico 91 - Exportações brasileiras de milho de janeiro/13 a janeiro/16



Fonte: SECEX

* Exportações até a 3ª semana de janeiro

Contudo, muito produto da safra velha ainda foi negociado com o mercado externo, por essa razão, acredita-se que os estoques de passagem de 10,5 milhões de toneladas já estejam em grande parte negociados para embarque em fevereiro e março.

Assim, a disponibilidade real do cereal para atendimento da demanda interna é bem abaixo do que o mercado necessita no momento.

Desta forma, os preços internos já trabalham em muitos locais acima da paridade de exportação, sendo mais interessante ao produtor que ainda detiver estoque de milho disponível, negociar no mercado interno.

Os preços atuais em Mato Grosso estão variando entre R\$ 21,00 e R\$ 25,00/60kg, no Paraná de R\$ 32,00 a 35,00/60kg e no Rio Grande do Sul, as cotações estão variando entre R\$ 31,00 e 36,00/60kg.

8.1.8. SOJA

O quinto levantamento de safras da Conab aponta para um incremento nacional na área plantada de 3,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, confirmou o incremento de 3% em relação à safra passada. O Mato Grosso, maior produtor nacional, em virtude da instabilidade climática, observada desde o início do plantio apresenta lavouras em praticamente todos os estágios de produção. Isso se deve à identificação particularmente no médio norte mato-grossense e no meio e sul do Vale do Araguaia, do forte atraso no plantio, que causou situações distintas. A primeira foi a do replantio das lavouras que comparado com o levantamento anterior realizado

pela Conab, imaginava-se ser maior do que ocorreu efetivamente. A segunda tendência observada entre os produtores foi a de não assumir riscos e plantar a lavoura quando as chuvas estivessem estabilizadas e ainda uma terceira situação, que foi a aposta dos produtores em acreditar no forte potencial de recuperação da oleaginosa e não promover replantios. Essas ações combinadas, que tinham promovido um indicativo de redução na produtividade já no levantamento anterior de 2,9% em relação ao ano passado, ampliou-se para 4,2% neste. A atual produtividade média estadual está estimada em 3.004 kg/ha, comparada com 3.136 kg/ha da safra anterior.



Em Mato Grosso do Sul a produtividade das lavouras deve permanecer inalterada em relação à obtida no exercício anterior, situando-se em torno de 3.120 kg/h. Em áreas pontuais observou-se o registro de perdas por alagamento e em outros relatos sobre as dificuldades em realizar o controle fitossanitário devido às condições adversas, como solos encharcados, que impossibilitavam o trânsito de equipamentos em áreas cultivadas. Com relação aos aspectos fitossanitários foram citadas incidências de baixa a média intensidade de lagartas e percevejos. Quanto à sanidade das lavouras foram registrados casos de ferrugem asiática em níveis superiores ao da safra anterior. A cultura encontra-se predominantemente na fase de maturação, e até o momento a colheita não atinge 2% da área cultivada, concentrada na região sul do estado. Nas demais regiões este processo terá início nos próximos dias e se concentrará em fevereiro.

Em Goiás as chuvas intensas atrasaram as aplicações de fungicidas intensificando a ocorrência de ferrugem e antracnose. A estimativa é de que o estado já colheu algo em torno de 2% da área. Focos de ferrugem apareceram nos municípios de Jataí e Rio Verde e o tempo chuvoso tem prejudicado a entrada de máquinas no campo para controle de pragas. Outra preocupação é com relação aos preços dos fretes em função da alta dos combustíveis e principalmente pelas condições de tráfego nas rodovias devido a precariedade das rodovias goianas.

A área plantada de soja na Região Sul deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil para 11.528,8 mil hectares, apresentando um incremento de 4,1%. Continua intensa a preocupação com os efeitos do clima sobre todas as lavouras.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja deverá crescer 3,9% em relação ao período anterior. O aumento ocorre sobre as áreas anteriormente semeadas com milho, áreas de campo nativo e de pastagens, podendo chegar a 5,5 milhões de hectares. O aumento não será maior por conta da redução da soja cultivada em várzea, devido ao alto custo e a produtividade ser inferior ao das terras altas. A semeadura foi prejudicada devido ao excesso de umidade no solo e uma parcela da área foi realizada fora da melhor época. Além de causar problemas na germinação, o excesso de água carregou parte do solo mais fértil e o fertilizante aplicado na adubação de base. Continua a semeadura da soja segunda safra realizada sobre a resteva do milho. Está previsto que na região das Missões e boa parte do Noroeste a soja ocupe mais de 60% das áreas semeadas anteriormente com milho para grão e 90% das áreas semeadas com milho silagem, que é colhido mais cedo. As chuvas excessivas do final de 2015

estão fazendo falta em 2016. Foram 24 dias de estiaagem com temperaturas máximas entre 30 e 40 graus e a umidade relativa do ar abaixo de 12%. A soja que estava no período de floração foi prejudicada, causando o abortamento das flores e a queda das vagens em formação. O evento atingiu uma extensa área no estado. Além das lavouras em floração, a soja de replante, áreas em germinação, de várzea e as novas lavouras abertas nessa safra, sofreram em decorrência do déficit hídrico, principalmente porque as plantas estavam sob regime de umidade em excesso, portanto, com raízes superficiais. A colheita deve começar no início de fevereiro nas áreas semeadas com soja superprecoce. Em Santa Catarina a soja encontra-se totalmente semeada, uma vez que as últimas lavouras foram implantadas em dezembro, após a colheita das culturas de inverno e quando as condições de solo eram mais favoráveis, haja vista as constantes chuvas ocorridas no período de plantio. Desta forma, a cultura apresenta-se com diversas fases, variando do início do estágio vegetativo até a colheita, uma vez que sua implantação ocorreu de maneira intermitente, aproveitando as folgas nos períodos de chuva. De forma geral, as condições das lavouras são consideradas boas, apesar da instabilidade climática dos últimos meses. Excesso de chuva durante o período de plantio atrapalhou o avanço da atividade, causando estragos em algumas lavouras logo após a semeadura pelo acúmulo de água, arrasto de sementes e fertilizantes, etc., necessitando, em certos casos, replantio de parte da área. A falta de chuvas desde o início da segunda semana de janeiro, tem causado preocupação em várias regiões, haja vista que boa parte das lavouras encontra-se em floração e formação de grãos, mais vulneráveis, portanto, às instabilidades climáticas.

No Paraná, apesar da preocupação que havia sobre a produtividade da soja esse ano devido à alta pressão de ferrugem, dias nublados, chuva excessiva, antracnose e mancha foliar, as primeiras lavouras colhidas têm produzido bem. A média está em torno de 3.400 kg/ha e alguns produtores estão chegando a colher mais de 4.400 kg/ha. A área de soja safrinha é diminuída tanto pela baixa produtividade, como também pela preocupação com a ferrugem asiática, que assola cada vez mais as plantações, preocupando os produtores. Apesar da segunda safra ser favorável à produção de sementes, os produtores estão sentindo o forte ataque de ferrugem que ocorre com maior intensidade na segunda safra. Outro fator que está pesando na decisão dos produtores é a alta cotação do milho, que está cerca de 50% superior à mesma época no ano passado.

Na Região Sudeste as estimativas de plantio de soja em Minas Gerais, maior produtor regional, apresenta-



ram incremento, confirmando a tendência de avanço em áreas de milho. No entanto, em face da maior dificuldade de obtenção de financiamento na presente safra, bem como de tentar equilibrar as expectativas de rendimento com as estimativas de custos de produção, notadamente em áreas arrendadas, parte das áreas de lavoura acabaram migrando para cana, pastagem, semente de capim ou olerícolas. A área de plantio da soja está estimada em 1.445 mil hectares, 9,5% acima da safra passada, que totalizou 1.319,4 mil hectares.

As lavouras se encontram principalmente nas fases de frutificação e floração, com apenas um pequeno percentual já em maturação e início de colheita. Há registro de casos pontuais de perdas por chuva na colheita, e tem sido forte a pressão de pragas, como lagartas e doenças, notadamente de final de ciclo e ferrugem, com necessidade de pronto controle através de pulverizações com inseticidas e fungicidas, ações que foram realizadas no início da segunda quinzena de janeiro, aproveitando a estiagem. As expectativas são bastante otimistas, tanto em termos de produção quanto de qualidade.

Em São Paulo devido às boas condições climáticas, observadas em praticamente todas as regiões produtoras do estado, deverá haver ganhos de produtividade. A leguminosa está apresentando excelente desenvolvimento em face das boas condições climáticas registradas no estado, nos últimos três meses.

Na Região Norte e Nordeste o plantio da safra 2015/16, particularmente na região do Matopiba, deverá iniciar na sua maior parte em janeiro, quando as precipitações pluviométricas apresentaram normalização. Na Bahia, o aumento da área cultivada de soja em detrimento das áreas de milho e de algodão deve-se à combinação positiva da normalização do clima, dos bons preços obtidos no momento da comercialização antecipada e pela liquidez. Na microrregião de Barreiras, os plantios de soja irrigada já foram iniciados desde outubro nas áreas irrigadas por sistema de pivô central. Estima-se que a produtividade para essa área irrigada alcance 70 sacos/ha e encontram-se no final do estágio reprodutivo. Na Região Sudoeste o plantio já está finalizado e as estimativas de produção são otimistas, principalmente devido às chuvas ocorridas no período. O veranico observado em novembro e dezembro influenciou no custo de produção das lavouras, o que pode reduzir as margens de lucro. As lavouras

de soja em sequeiro, na microrregião de Barreiras, tiveram início do plantio realizado a partir de 15 de outubro, e devido à irregularidade das chuvas é possível encontrar plantas em estágios diversos, desde lavouras germinando até plantas com vagens no início do enchimento, e ainda, áreas que foram replantadas. No Maranhão, apesar de ser a lavoura mais importante do estado, a área plantada com soja nesta região, na data da pesquisa, não alcançava 5% do total, acompanhando a normalização das chuvas na região. Os produtores que plantaram nas primeiras chuvas de outubro foram obrigados, na sua grande maioria, a fazer o replantio ou optar pelo plantio de milho primeira safra ou mesmo pelo plantio de milheto para formação de palhada para o plantio direto. Nesse levantamento foi observada uma significativa diminuição na área plantada da região sul do estado, o que influencia diretamente a expectativa de área a ser plantada com o milho segunda safra.

No Piauí os plantios ocorrem nos municípios da região sul do estado, abrangendo parte da mesorregião sudoeste, nas áreas de plantio da agricultura de cerrado. Apesar das chuvas terem se regularizado, o veranico em torno de 30 dias nos meses de novembro e dezembro, causaram perdas de áreas, replantio, migração de cultura e atraso no calendário de plantio habitual. Por conta do atraso do período chuvoso, a Secretaria de Política Agrícola do Mapa estendeu o período de zoneamento agrícola do ano safra 2015/16 para a cultura da soja no estado até 31 de janeiro de 2016.

Em Tocantins, apesar do crescimento observado nos números, a área plantada de soja nesta safra foi afetada pelas condições climáticas adversas, causando o atraso no plantio e a necessidade de replantio de significativas áreas semeadas nas primeiras precipitações em novembro. Posteriormente algumas dessas áreas passaram por estiagem, que irão repercutir na produtividade, principalmente naquelas que utilizaram sementes precoce. Algumas áreas que seriam destinadas ao plantio da soja foram substituídas pela semeadura do milho.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, apresentando um incremento de 3,6%, que totaliza 33.234 mil hectares.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola –Soja

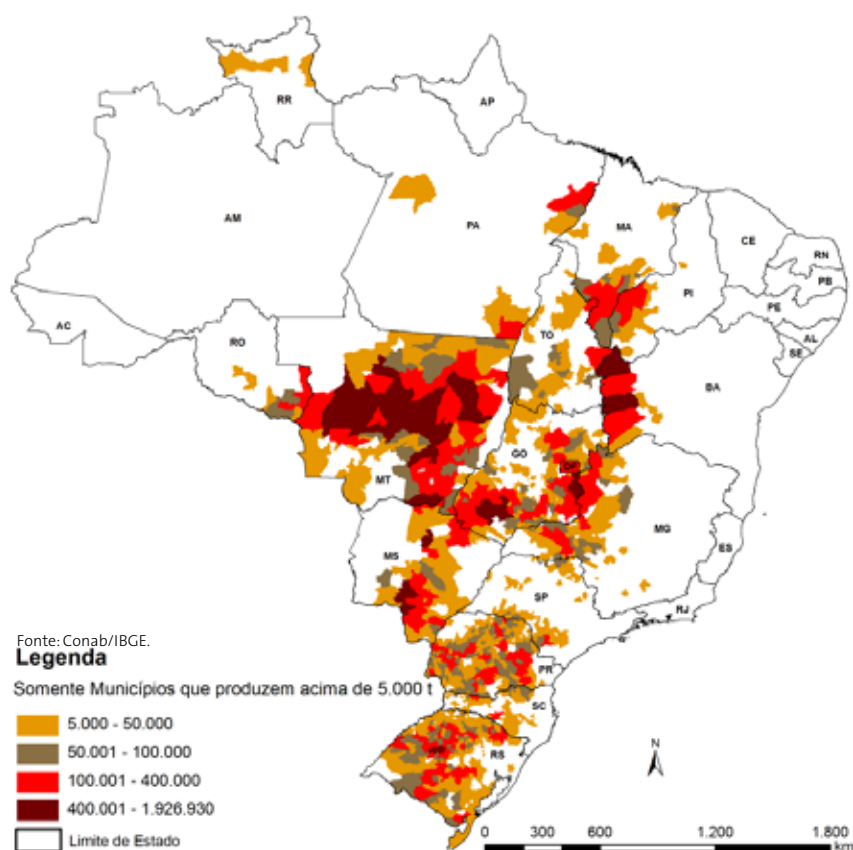


Tabela 53 – Calendário de plantio e colheita – Soja

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
 Fonte: Conab.



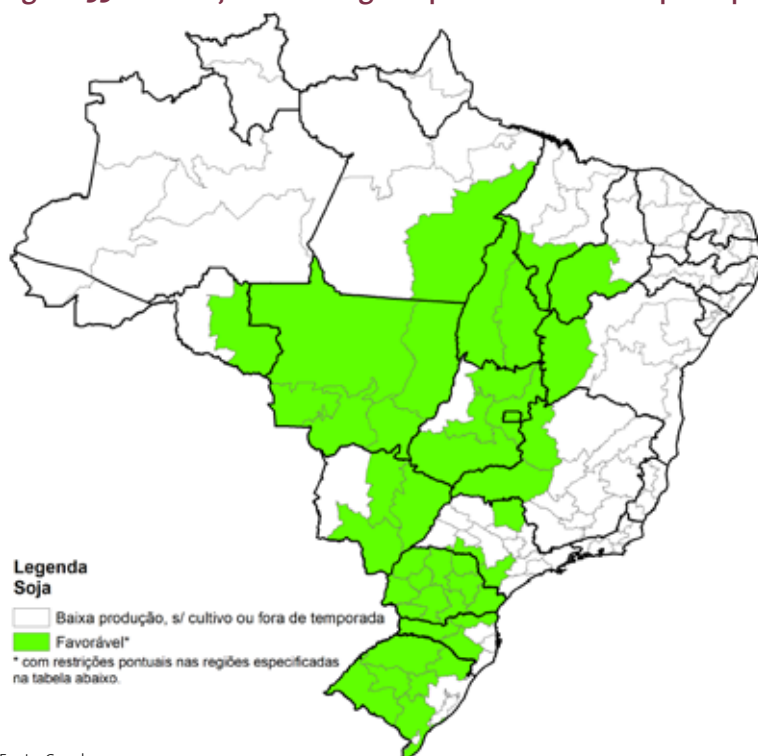
Tabela 54 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.503,8	4,3	2.976	2.832	(4,9)	4.289,5	4.258,2	(0,7)
RR	23,8	45,0	89,0	2.685	3.338	24,3	63,9	150,2	135,1
RO	231,5	245,0	5,8	3.166	3.168	0,1	732,9	776,2	5,9
PA	336,3	336,3	-	3.024	3.024	-	1.017,0	1.017,0	-
TO	849,6	877,5	3,3	2.914	2.638	(9,5)	2.475,7	2.314,8	(6,5)
NORDESTE	2.845,3	2.841,9	(0,1)	2.841	2.913	2,5	8.084,1	8.277,9	2,4
MA	749,6	700,1	(6,6)	2.761	2.750	(0,4)	2.069,6	1.925,3	(7,0)
PI	673,7	621,8	(7,7)	2.722	2.883	5,9	1.833,8	1.792,6	(2,2)
BA	1.422,0	1.520,0	6,9	2.940	3.000	2,0	4.180,7	4.560,0	9,1
CENTRO-OESTE	14.616,1	15.054,8	3,0	3.008	3.020	0,4	43.968,6	45.471,6	3,4
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	3.004	(4,2)	28.018,6	27.456,6	(2,0)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	3.120	-	7.177,6	7.581,6	5,6
GO	3.325,0	3.414,8	2,7	2.594	3.000	15,7	8.625,1	10.244,4	18,8
DF	56,1	70,0	-	2.626	2.700	2,8	147,3	189,0	28,3
SUDESTE	2.116,2	2.304,7	8,9	2.775	3.065	10,4	5.873,5	7.063,7	20,3
MG	1.319,4	1.445,0	9,5	2.658	3.000	12,9	3.507,0	4.335,0	23,6
SP	796,8	859,7	7,9	2.970	3.174	6,9	2.366,5	2.728,7	15,3
SUL	11.074,1	11.528,8	4,1	3.071	3.111	1,3	34.012,3	35.861,6	5,4
PR	5.224,8	5.443,7	4,2	3.294	3.393	3,0	17.210,5	18.470,5	7,3
SC	600,1	630,1	5,0	3.200	3.360	5,0	1.920,3	2.117,1	10,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.800	(1,2)	14.881,5	15.274,0	2,6
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.345,7	1,4	2.887	2.885	(0,1)	12.373,6	12.536,1	1,3
CENTRO-SUL	27.806,4	28.888,3	3,9	3.016	3.060	1,5	83.854,4	88.396,9	5,4
BRASIL	32.092,9	33.234,0	3,6	2.998	3.037	1,3	96.228,0	100.933,0	4,9

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa fevereiro/2016

Figura 33 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..



Tabela 55 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- leste de RO (FR) - sudeste do PA (DV) - todo estado do TO (DV) - sul do MA (DV)- sudoeste do PI (DV) - oeste da BA (DV) - noroeste e Triângulo de MG (F) - norte e sul de SP (FR) - norte, oeste, leste e sudoeste do PR (FR) - centro-sul e sudeste do PR (F) - norte, sul e oeste de SC (F), exceto regiões pontuais - todo estado do RS (F), exceto regiões pontuais - todo estado do MS (FR) - todo estado do MT (FR) - todo estado de GO (FR) - DF (FR)	- regiões pontuais do norte do PR (M/C)** - regiões pontuais do estado do MT (M/C)** - regiões pontuais do estado do MS (M/C)** - regiões pontuais do sul de SP (M/C)** - regiões pontuais do sul de GO (M/C)**	- norte do PR (M/C), exceto regiões pontuais - todo estado do MS (FR), exceto regiões pontuais - todo estado do MT (FR), exceto regiões pontuais - sul de SP (M/C), exceto regiões pontuais - sul de GO (M/C), exceto regiões pontuais	- regiões pontuais do estado do RS (F)** - regiões pontuais do norte, sul e oeste do SC (F)**

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no início de janeiro de 2016 seu quadro de oferta e demanda mundial. Nesse relatório, o Usda reduz de 108,35 milhões de toneladas para

106,95 milhões de toneladas a produção de soja em grãos da safra colhida em setembro de 2015, americana.

Tabela 56 - Produção mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 DEZEMBRO	2015/2016 JANEIRO
Estados Unidos	84,29	82,79	91,39	106,88	108,35	106,95
Brasil	66,50	82,00	86,70	96,20	100,00	100,00
Argentina	40,10	49,30	53,50	61,40	57,00	57,00
China	14,49	13,05	11,95	12,15	11,50	12,00
Paraguai	4,04	8,20	8,19	8,10	8,80	8,80
Índia	11,70	12,20	9,50	8,70	8,00	8,00
Canadá	4,47	5,09	5,36	6,05	6,24	6,24
Outros	14,84	16,20	16,28	19,32	20,22	20,02
Total	240,43	268,82	282,87	318,80	320,11	319,01

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2016.

O Usda não modificou o quadro de importação mun-

dial de soja, e manteve as importações de soja da China em 80,5 milhões de toneladas.



Tabela 57 - Importação de soja mundial - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 DEZEMBRO	2015/2016 JA- NEIRO
China	59,23	59,87	70,36	78,35	80,50	80,50
União Europeia	12,07	12,54	13,29	13,39	13,70	13,70
México	3,61	3,41	3,84	3,82	4,05	4,05
Japão	2,76	2,83	2,89	3,00	2,90	2,90
Taiwan	2,29	2,29	2,34	2,52	2,55	2,55
Turquia	1,06	1,25	1,61	2,20	2,30	2,40
Tailândia	1,91	1,87	1,80	2,41	2,35	2,35
Indonésia	1,92	1,80	2,24	2,00	2,30	2,30
Egito	1,66	1,73	1,69	1,95	2,05	2,05
Rússia	741,00	717,00	2,05	1,99	2,05	2,05
outros	6,25	7,66	9,66	10,61	12,01	12,31
Total	93,47	95,94	111,73	121,90	125,67	126,76

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2016

Apesar do mercado internacional já prever uma redução no consumo interno de soja em grãos americano, este departamento manteve em 51,44 milhões os

esmagamentos totais da safra 2015/16, e subiu levemente o consumo chinês.

Tabela 58 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 DEZEMBRO	2015/2016 JA- NEIRO
China	60,97	64,95	68,85	74,50	80,25	80,70
Estados Unidos	46,35	45,97	47,19	50,98	51,44	51,44
Argentina	35,89	33,61	36,17	40,24	42,00	42,85
Brasil	38,08	35,24	36,86	39,93	40,00	40,00
Europa	12,41	13,16	13,44	14,20	14,80	14,80
Índia	9,65	9,90	8,30	7,00	6,45	6,45
México	3,68	3,65	4,03	4,18	4,35	4,35
outros	21,36	23,66	26,47	31,66	34,44	34,76
Total	228,39	230,14	241,31	262,67	273,73	275,35

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2016.

Devido a estes fatores os estoques de passagem mundial tiveram uma pequena redução passando de 82,58 milhões de toneladas na divulgação de dezembro de 2015 para 79,28 milhões de toneladas na divulgação

de janeiro de 2016, tendo como principal baixa a redução dos estoques de passagem americanos. Mas mesmo assim, os estoques de passagem mundiais e americanos continuam altos.

Tabela 59 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2011/12	2012/13	2013/2014	2014/2015	2015/2016 DEZEMBRO	2015/2016 JANEIRO
Argentina	15,95	20,96	26,05	31,66	30,36	28,96
Brasil	13,02	15,36	16,02	19,01	19,06	19,31
China	15,91	12,38	13,88	17,03	16,58	15,18
Estados Unidos	4,61	3,83	2,50	5,19	12,65	11,96
União Europeia	0,80	0,30	0,53	0,58	0,43	0,56
outros	3,62	3,39	3,38	3,47	3,50	3,31
Total	53,91	56,22	62,36	76,93	82,58	79,28

Fonte: USDA.

Nota: janeiro/2016



Após a divulgação deste relatório, a Bolsa de Chicago (CBOT) entrou em “alvorço” e os preços futuro deram uma boa elevada, fechando a semana após a divulgação em média de UScents 889,16/bu (US\$ 326,71/t.), chegando a ser cotado a UScents 896,00/

bu (US\$ 329,22/t.). Mas ao passar esta “euforia”, e sem fundamento de mercado, pois os estoques de passagem mundiais continuam altos, o mercado arrefeceu e voltou para os patamares anteriores.

Gráfico 92 - Soja - preços internacionais 2015(FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



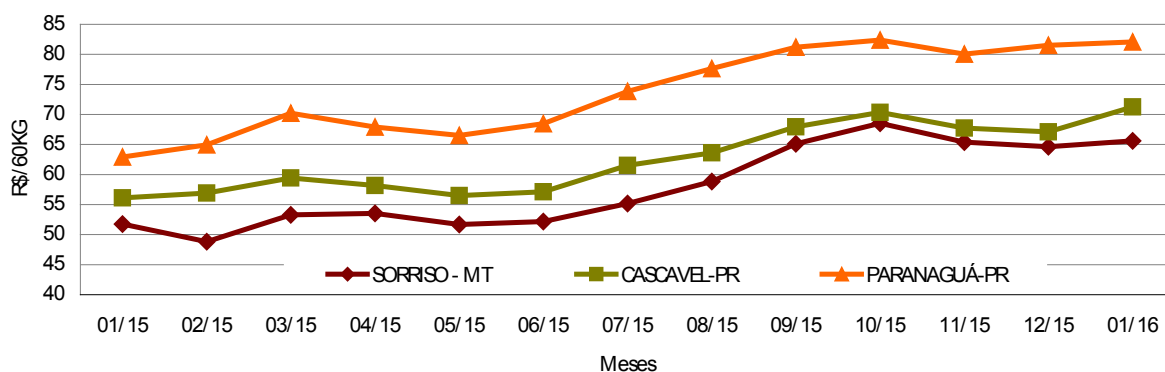
Fonte: CME Group.

Mercado nacional

Conforme divulgado em relatórios anteriores, o comportamento dos preços após a colheita da safra americana é de alta, e apesar dos preços internacionais em baixa, e “andando” lateralmente, os preços nacionais continuam subindo devido à alta do dólar frete

ao real e, neste mês, voltou a ficar superior aos meses anteriores, permanecendo abaixo apenas de outubro de 2015, onde o dólar bateu recorde e ficou acima dos quatro reais.

Gráfico 93 - Preços médios mensais pagos ao produtor - 12 meses - em R\$/60kg



Fonte: Conab.

Continuando as grandes exportações do ano de 2015, que foi de 54,32 milhões de toneladas, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações dos 22 dias úteis de janeiro de 2016 foram estimadas em 394,4 mil toneladas. Estas exportações foram

385% maiores que as exportações estimadas em janeiro de 2015. Para 2016 as exportações brasileiras de soja em grãos são estimadas em 56,75 milhões de toneladas.



Tabela 6o - Exportação produtos selecionados - jan/2016 até 4ª semana - 20 dias úteis

Soja em grãos		JAN/2016 (A)			Dezembro/2015 (B)			VAR. % (A/B)			JAN/2015 (C)			Var.% (A/C)		
		"US\$ milhões"	1.000 t	US\$/t	"US\$ milhões"	1.000 t	US\$/t	Valor	Quant.	Preço	"US\$ milhões"	1.000 t	US\$/t	Valor	Quant.	Preço
	Média diária	7,382	19,722	374,3	12,8	33,2	385,2	-42,4	-40,7	-2,8	1,7	4,1	411,3	341,6	385,3	-9,0
	Acumulado	147,6	394,4		281,7	731,4					35,1	85,3				

Fonte: MDIC/SECEX. Janeiro/2016: 20 dias úteis; Janeiro/2015: 21 dias úteis; Dezembro/2015: 22 dias úteis.

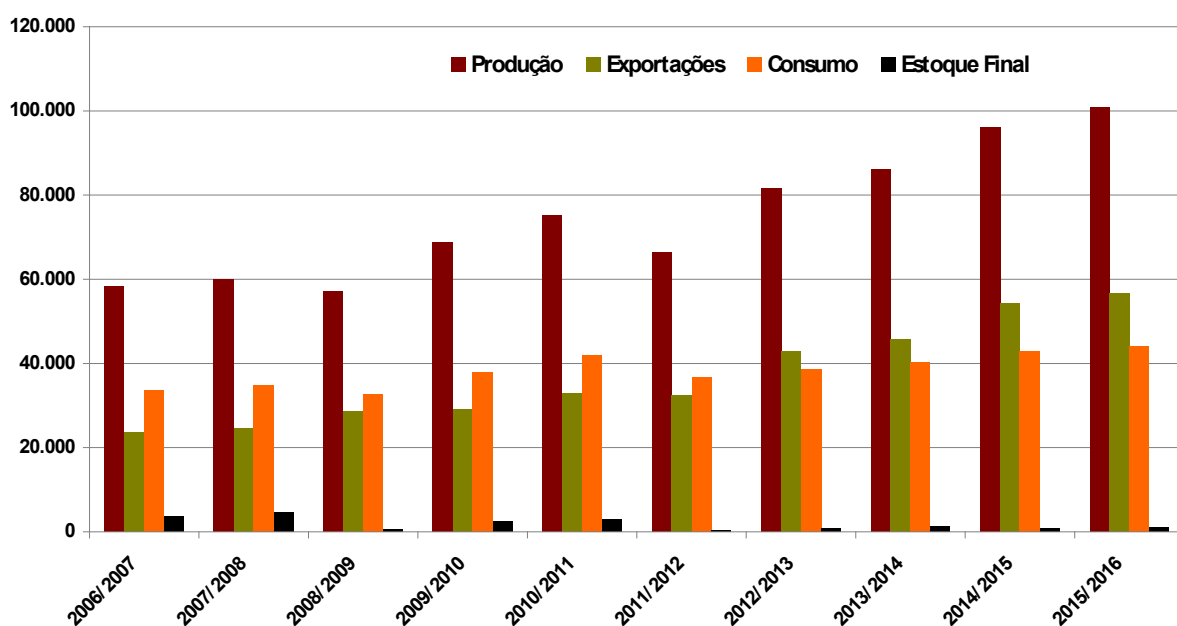
Elaboração: Departamento de Estatística e Apoio à Exportação - DEAEEX.

Dias Úteis Acumulados: jan/2016=20; dez/2015=22; jan/2015=21

O consumo total brasileiro é estimado em 44,1 milhões de toneladas, terminando o ano com o estoque

de passagem de 1,17 milhão de toneladas, ainda dentro dos patamares normais.

Gráfico 94 - Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de soja no Brasil nas últimas 10 safras - mil t

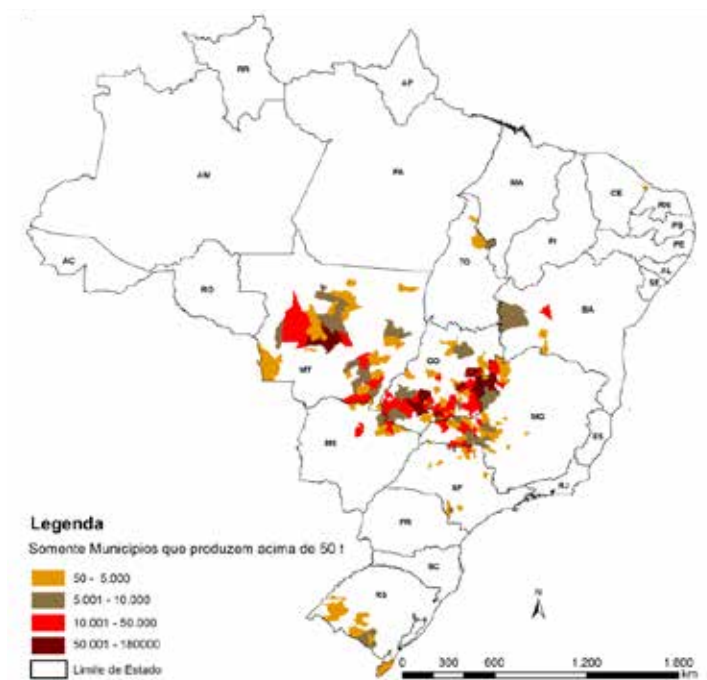


Fonte: Conab..



8.1.9.SORGO

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 61 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P	P	C	C	C				
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P		C	C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.



Tabela 62 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	19,7	(7,9)	1.849	1.713	(7,4)	39,6	33,7	(14,9)
TO	21,4	19,7	(7,9)	1.849	1.713	(7,4)	39,6	33,7	(14,9)
NORDESTE	155,7	121,4	(22,0)	871	1.093	25,5	135,6	132,6	(2,2)
PI	6,2	2,4	(60,6)	2.548	1.888	(25,9)	15,8	4,5	(71,5)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,6	-	1.522	1.522	-	0,9	0,9	-
PE	6,2	6,2	-	430	751	74,7	2,7	4,7	74,1
BA	142,0	111,5	(21,5)	811	1.091	34,5	115,2	121,6	5,6
CENTRO-OESTE	360,6	360,6	-	3.356	3.157	(5,9)	1.210,1	1.138,4	(5,9)
MT	111,7	111,7	-	2.610	2.478	(5,1)	291,5	276,8	(5,0)
MS	13,0	13,0	-	3.700	3.339	(9,8)	48,1	43,4	(9,8)
GO	232,6	232,6	-	3.661	3.441	(6,0)	851,5	800,4	(6,0)
DF	3,3	3,3	-	5.763	5.384	(6,6)	19,0	17,8	(6,3)
SUDESTE	174,4	186,6	7,0	3.696	3.275	(11,4)	644,5	611,2	(5,2)
MG	160,6	172,3	7,3	3.700	3.243	(12,4)	594,2	558,8	(6,0)
SP	13,8	14,3	3,3	3.645	3.662	0,5	50,3	52,4	4,2
SUL	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
RS	10,5	10,5	-	2.426	2.426	-	25,5	25,5	-
NORTE/NORDESTE	177,1	141,1	(20,3)	989	1.180	19,3	175,2	166,3	(5,1)
CENTRO-SUL	545,5	557,7	2,2	3.447	3.183	(7,7)	1.880,1	1.775,1	(5,6)
BRASIL	722,6	698,8	(3,3)	2.844	2.778	(2,3)	2.055,3	1.941,4	(5,5)

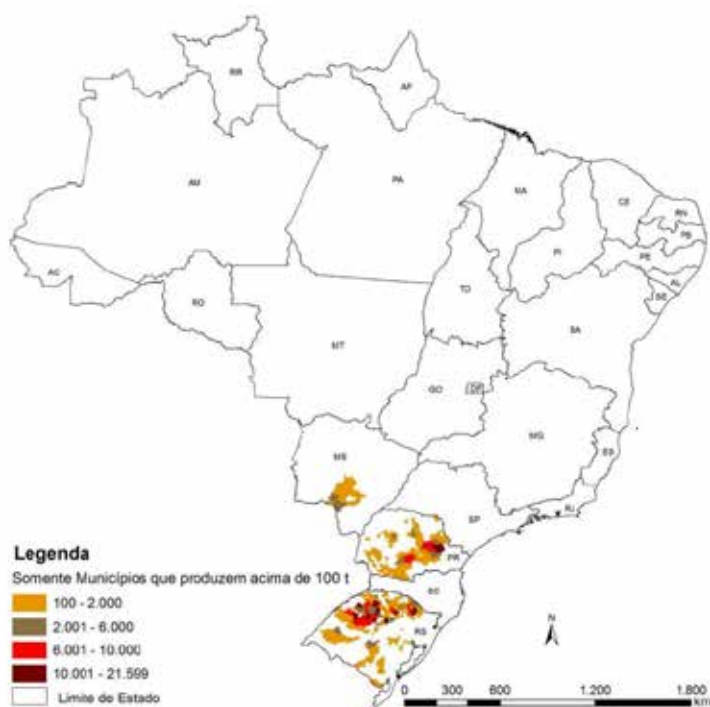
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 63 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
RS	C	C					P	P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 64 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

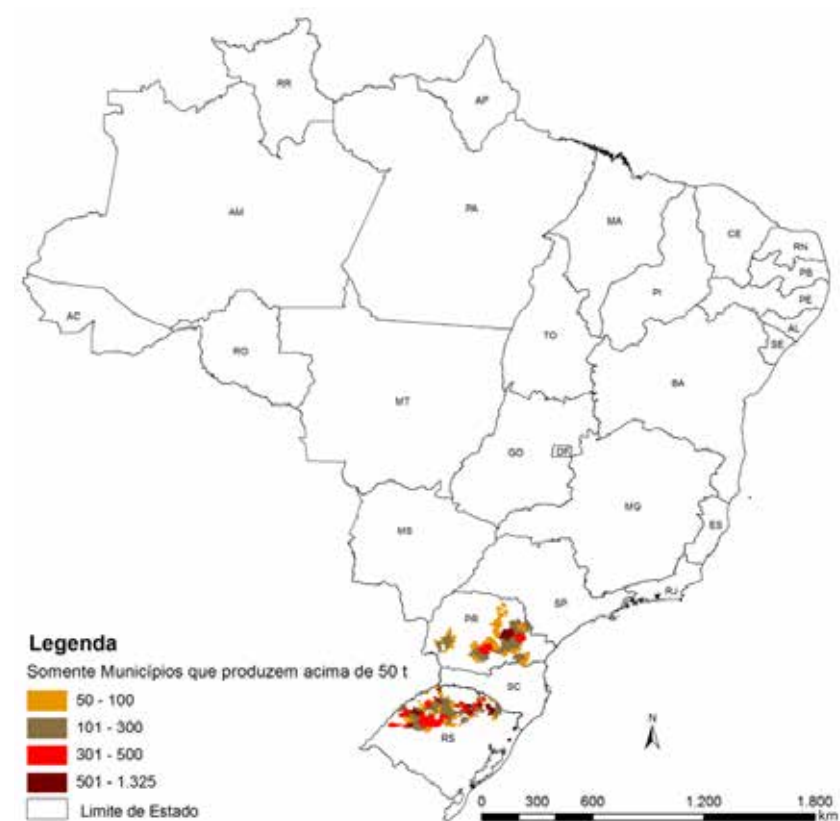
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	7,6	13,0	71,1	1.474	1.500	1,8	11,2	19,5	74,1
MS	7,6	13,0	71,0	1.470	1.500	2,0	11,2	19,5	74,1
SUL	146,1	176,5	20,8	2.027	1.879	(7,3)	296,2	331,7	12,0
PR	57,1	58,1	1,8	2.429	1.959	(19,3)	138,7	113,8	(18,0)
RS	89,0	118,4	33,0	1.770	1.840	4,0	157,5	217,9	38,3
CENTRO-SUL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2
BRASIL	153,7	189,5	23,3	2.000	1.853	(7,4)	307,4	351,2	14,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2.2. CANOLA

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 65 – Calendário de plantio e colheita – Canola

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul	C							P				C
PR	C							P				C
RS	C							P				
Centro-Sul	C							P				
Brasil	C							P				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 66 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

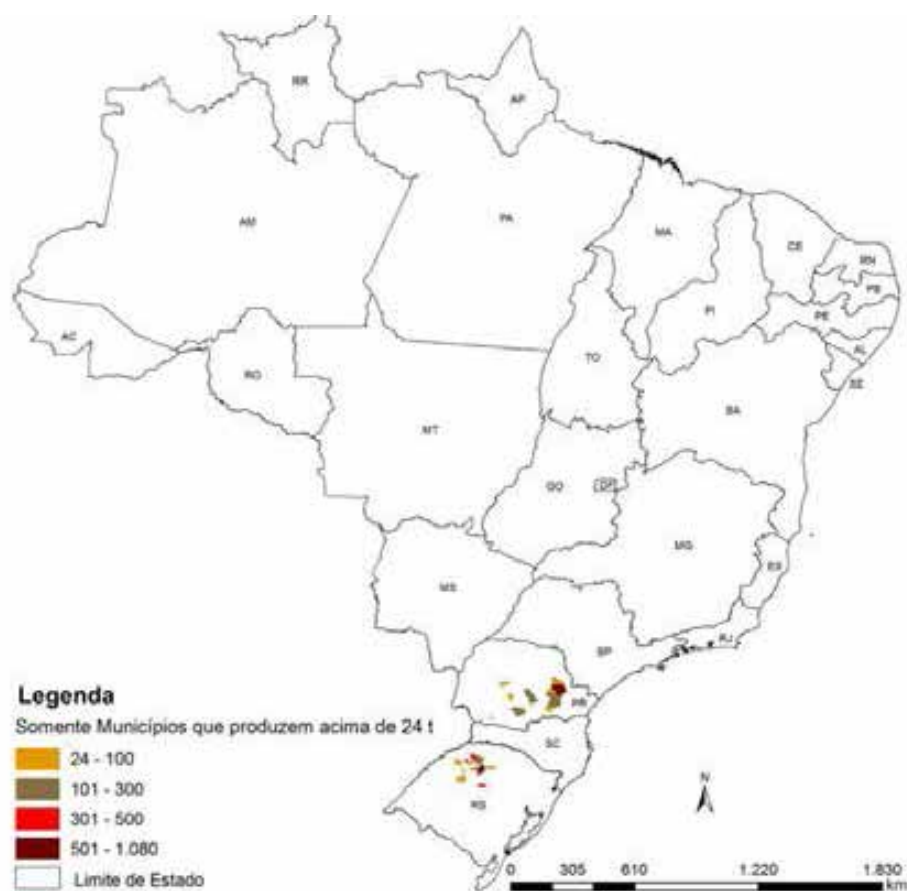
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
PR	5,7	7,9	38,6	1.436	1.403	(2,3)	8,2	11,1	35,4
RS	39,0	36,5	(6,4)	720	1.200	66,7	28,1	43,8	55,9
CENTRO-SUL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2
BRASIL	44,7	44,4	(0,7)	812	1.236	52,2	36,3	54,9	51,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2.3. CENTEIO

Figura 37 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 67 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul									P			
PR									P			
RS								PP				
Centro-Sul		CP										
Brasil		CP										

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 68 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

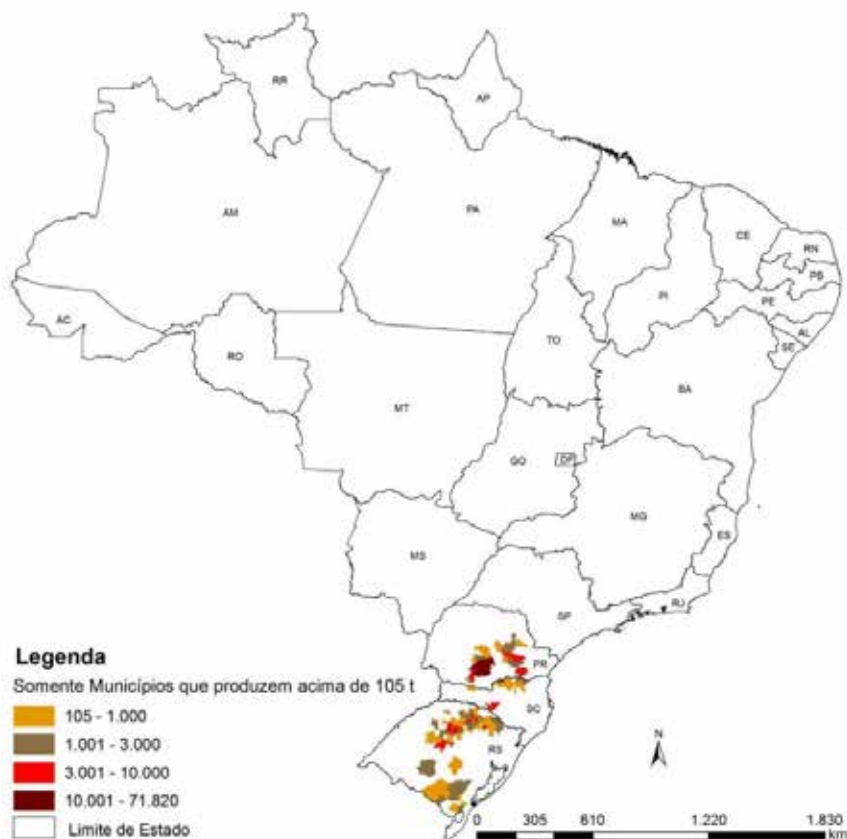
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
PR	1,3	1,2	(8,0)	2.103	1.890	(10,1)	2,7	2,3	(14,8)
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.200	(20,0)	0,8	0,6	(25,0)
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)
BRASIL	1,8	1,7	(5,6)	1.944	1.706	(12,2)	3,5	2,9	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2.4. CEVADA

Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 69 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/	09	
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C							P	P	P		C
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 70 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

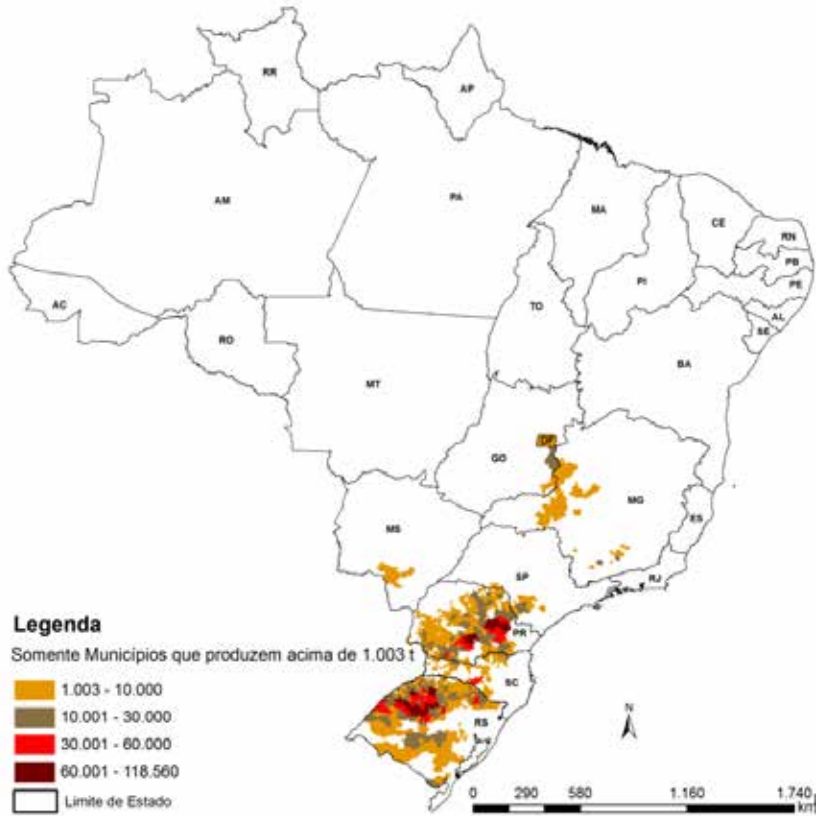
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)
PR	53,2	50,1	(5,8)	3.547	3.689	4,0	188,7	184,8	(2,1)
SC	1,0	2,8	180,0	3.300	1.380	(58,2)	3,3	3,9	18,2
RS	63,0	49,5	(21,4)	1.800	1.500	(16,7)	113,4	74,3	(34,5)
CENTRO-SUL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)
BRASIL	117,2	102,4	(12,6)	2.606	2.568	(1,5)	305,4	263,0	(13,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2.5. TRIGO

Figura 39 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 71 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P/C	P/C	C	C	C
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 72 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	23,3	26,2	12,4	3.682	3.363	(8,7)	85,8	88,1	2,7
MS	12,0	15,0	25,0	2.000	2.000	-	24,0	30,0	25,0
GO	9,9	9,6	(3,3)	5.397	5.054	(6,4)	53,4	48,5	(9,2)
DF	1,4	1,6	14,3	6.000	6.000	-	8,4	9,6	14,3
SUDESTE	130,5	156,4	19,8	2.717	3.247	19,5	354,6	507,8	43,2
MG	68,0	82,2	20,9	3.004	2.982	(0,7)	204,3	245,1	20,0
SP	62,5	74,2	18,7	2.404	3.541	47,3	150,3	262,7	74,8
SUL	2.604,2	2.266,2	(13,0)	2.124	2.179	2,6	5.530,7	4.939,0	(10,7)
PR	1.388,5	1.339,9	(3,5)	2.731	2.506	(8,2)	3.792,0	3.357,8	(11,5)
SC	75,7	65,0	(14,1)	2.939	1.800	(38,8)	222,5	117,0	(47,4)
RS	1.140,0	861,3	(24,4)	1.330	1.700	27,8	1.516,2	1.464,2	(3,4)
CENTRO-SUL	2.758,0	2.448,8	(11,2)	2.165	2.260	4,4	5.971,1	5.534,9	(7,3)
BRASIL	2.758,0	2.448,8	(11,2)	2.165	2.260	4,4	5.971,1	5.534,9	(7,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa fevereiro/2016

8.2.5.1. OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

A produção de trigo, estimada pela Conab em dezembro de 2015 foi de 5.534,9 mil toneladas, ante às 7.070,3 mil toneladas na primeira avaliação de agosto de 2015, ou seja, recuo de 21,8% frente à estimativa inicial. A quebra foi resultado do dano causado pelo clima na cultura de trigo nas zonas de produção da Região Sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul.

Os problemas causados na safra, da ordem de 1,53 milhão de toneladas exigirão maiores importações, que

poderá superar 5,75 milhões de toneladas, acréscimo que deverá ocorrer no primeiro semestre de 2016, não obstante a redução da moagem, em vista da não disponibilidade de trigo de boa qualidade para todos os moinhos a partir de janeiro.

Entre janeiro e dezembro de 2015 foram importadas 5,17 milhões de toneladas, 73,8% de origem Argentina, 10,9% do Paraguai, 8,7% dos Estados Unidos e 6,1% do Uruguai.



Em 2015, a região Nordeste importou 2,62 milhões de toneladas e a Região Sudeste 1,38 milhão de toneladas. Há expectativa de maiores importações pelo Brasil no primeiro semestre de 2016, devido à reduzida oferta interna de trigo de boa qualidade em função da elevada perda de safra. Por outro lado, a estimativa das exportações deverá ser de 900 mil toneladas, ante às 1,3 milhão de toneladas previstas anteriormente.

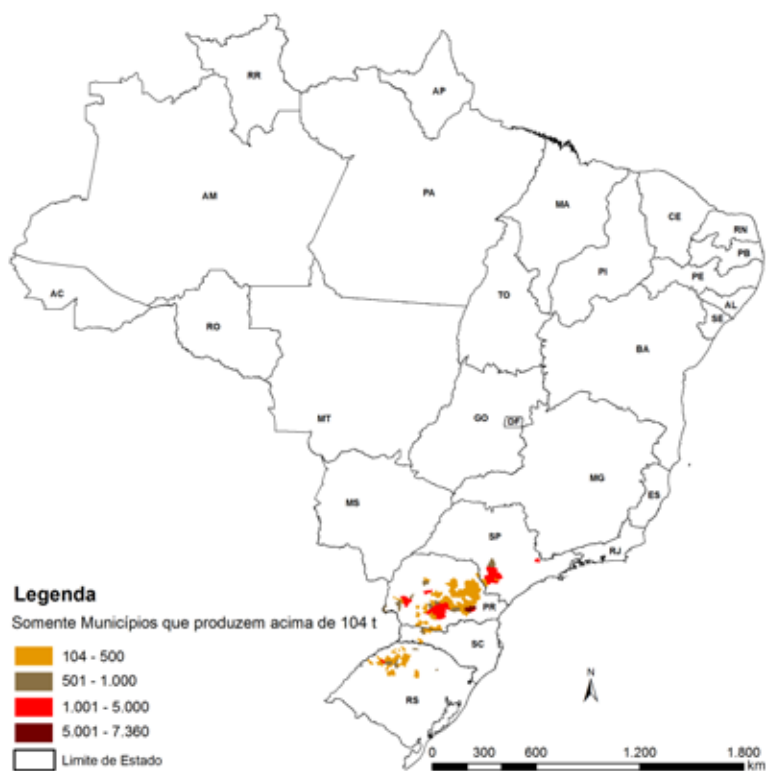
Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo,

a previsão da moagem industrial foi estimada em 10 milhões de toneladas, próxima às estimativas da Abitrigo.

Nessa conjuntura, o consumo interno deverá ser de 10,3 milhões de toneladas, ante às 10,7 milhões de toneladas em 2014, viabilizando um estoque de passagem, em julho de 2016, de aproximadamente 1,19 milhão de toneladas, pouco superior a um mês de consumo.

8.2.6. TRITICALE

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Tríticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 73 Calendário de plantio e colheita – Tríticale

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste								P				C
SP	C							P				C
Sul		C						P	P			
PR		C							P			
SC		C							P	P		
RS		C						P	P			
Centro Sul								P				
Brasil												

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.



Tabela 74 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %	Safra 2014	Safra 2015	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	4,3	(78,5)	2.400	3.140	30,8	48,0	13,5	(71,9)
SP	20,0	4,3	(78,6)	2.400	3.133	30,5	48,0	13,5	(71,9)
SUL	19,1	17,2	(9,9)	2.503	2.523	0,8	47,8	43,4	(9,2)
PR	12,8	10,9	(14,8)	2.713	2.829	4,3	34,7	30,8	(11,2)
SC	0,6	0,6	-	2.600	1.870	(28,1)	1,6	1,1	(31,3)
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.015	-	11,5	11,5	-
CENTRO-SUL	39,1	21,5	(45,0)	2.450	2.647	8,0	95,8	56,9	(40,6)
BRASIL	39,1	21,5	(45,0)	2.450	2.647	8,0	95,8	56,9	(40,6)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa outubro/2015





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 75 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.508,4	5,0	1.862,5	800,0	740,0	322,5
Arroz em casca	2010/11	2.457,4	13.613,1	825,4	16.895,9	12.236,7	2.089,6	2.569,6
	2011/12	2.569,6	11.599,5	1.068,0	15.237,1	11.656,5	1.455,2	2.125,4
	2012/13	2.125,4	11.819,7	965,5	14.910,6	12.617,7	1.210,7	1.082,2
	2013/14	1.082,2	12.121,6	807,2	14.011,0	11.954,3	1.188,4	868,3
	2014/15	868,3	12.448,6	550,0	13.866,9	11.900,0	1.300,0	666,9
	2015/16	666,9	11.475,3	1.000,0	13.142,2	11.800,0	1.100,0	242,2
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.115,3	110,0	3.529,1	3.350,0	90,0	89,1
	2015/16	89,1	3.385,6	110,0	3.584,7	3.350,0	90,0	144,7
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	350,0	96.857,9	55.959,5	30.877,7	10.020,7
	2015/16	10.020,7	83.336,0	500,0	93.856,7	58.391,0	29.000,0	6.465,7
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.332,8	45.692,0	1.414,8
	2014/15	1.414,8	96.228,0	324,1	97.966,9	42.850,0	54.324,0	792,9
	2015/16	792,9	100.933,0	300,0	102.025,9	44.100,0	56.750,0	1.175,9
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	31.185,0	1,0	32.021,3	15.500,0	15.500,0	1.021,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.897,5	12,0	8.208,1	6.380,0	1.400,0	428,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.750,0	12.459,5	10.367,3	900,0	1.192,2

Nota: Estimativa em fevereiro de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

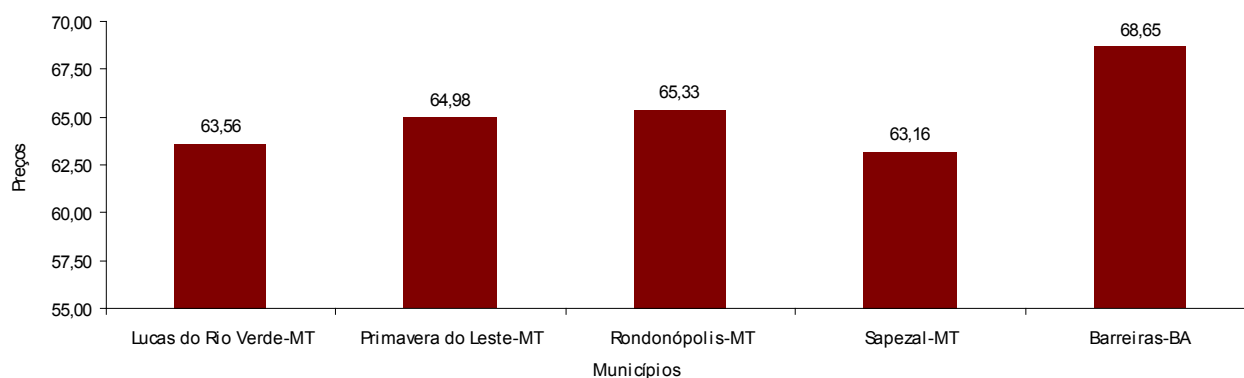
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

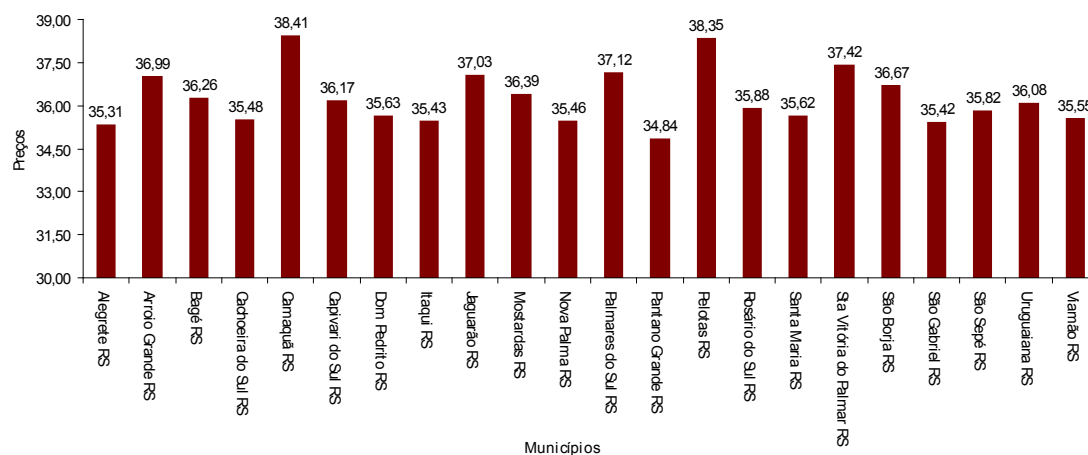
Gráfico 95 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

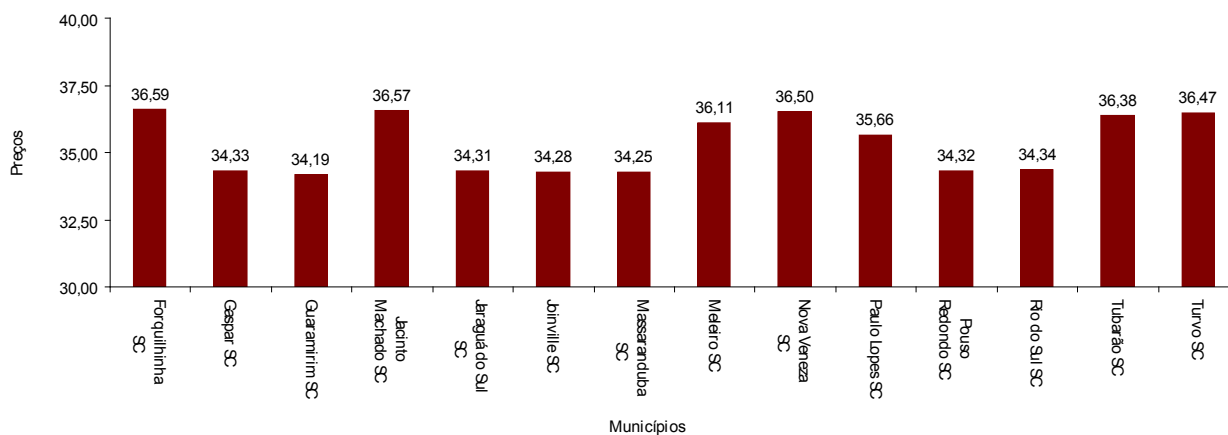
Gráfico 96 - Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 97 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

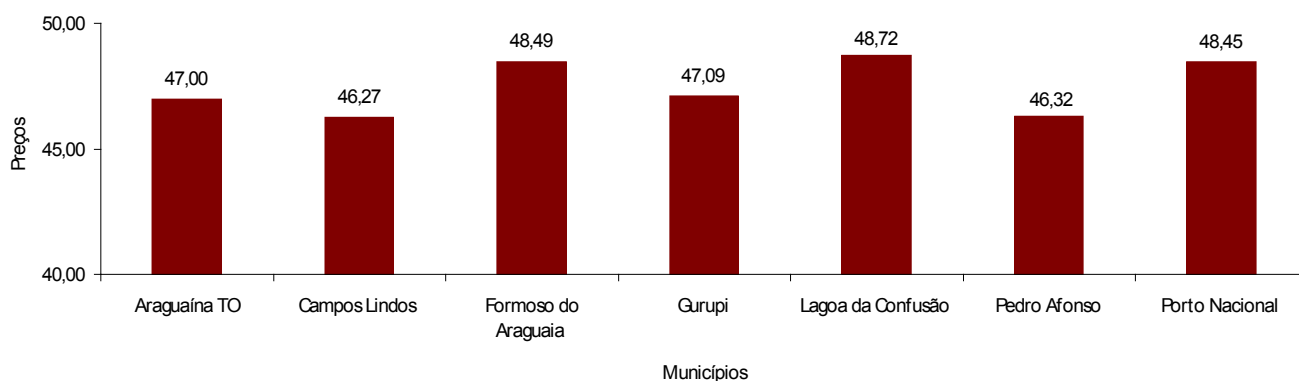


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



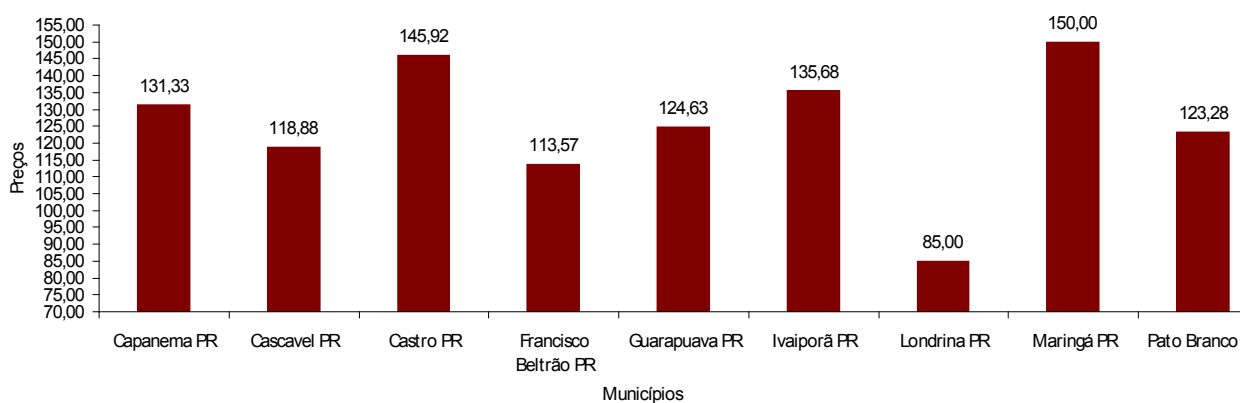
Gráfico 98 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

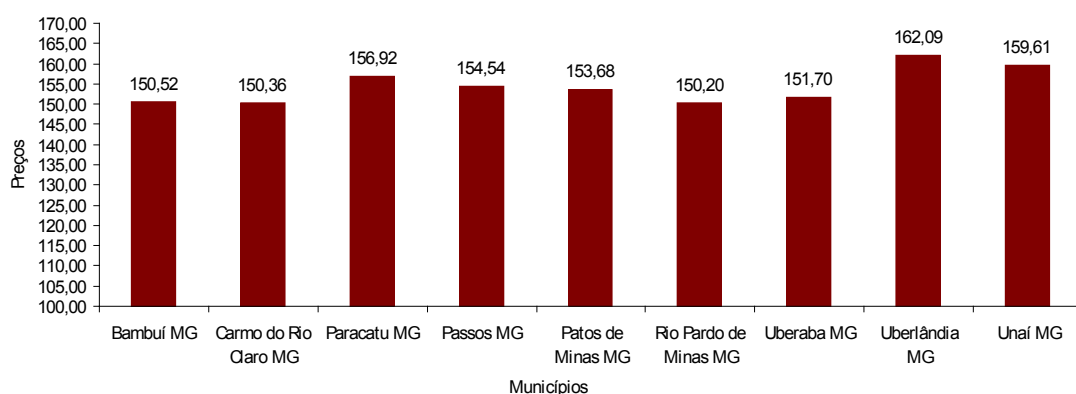
Gráfico 99 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 100 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

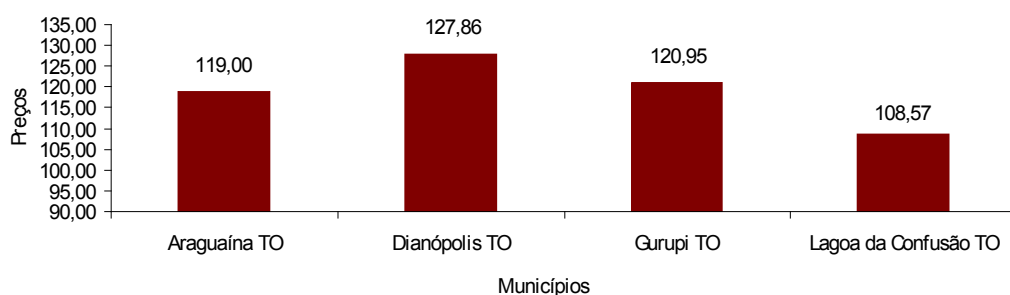


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



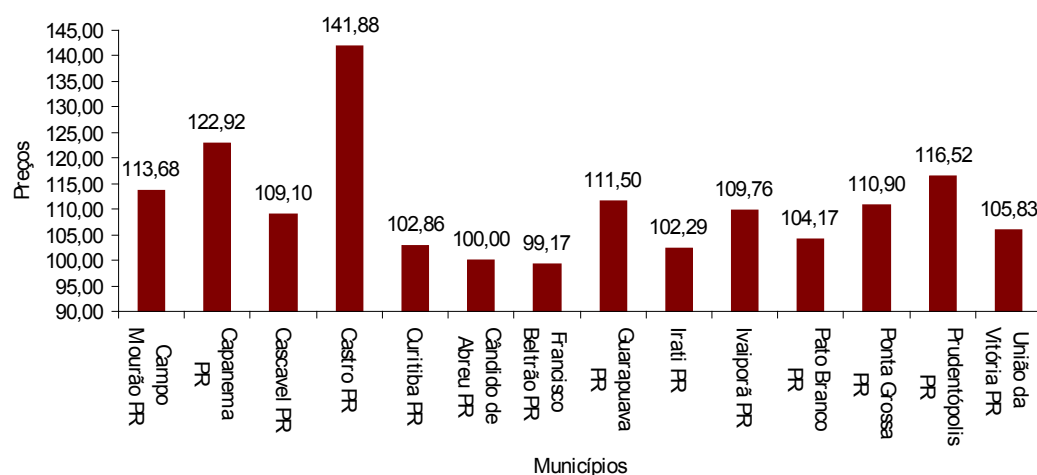
Gráfico 101 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

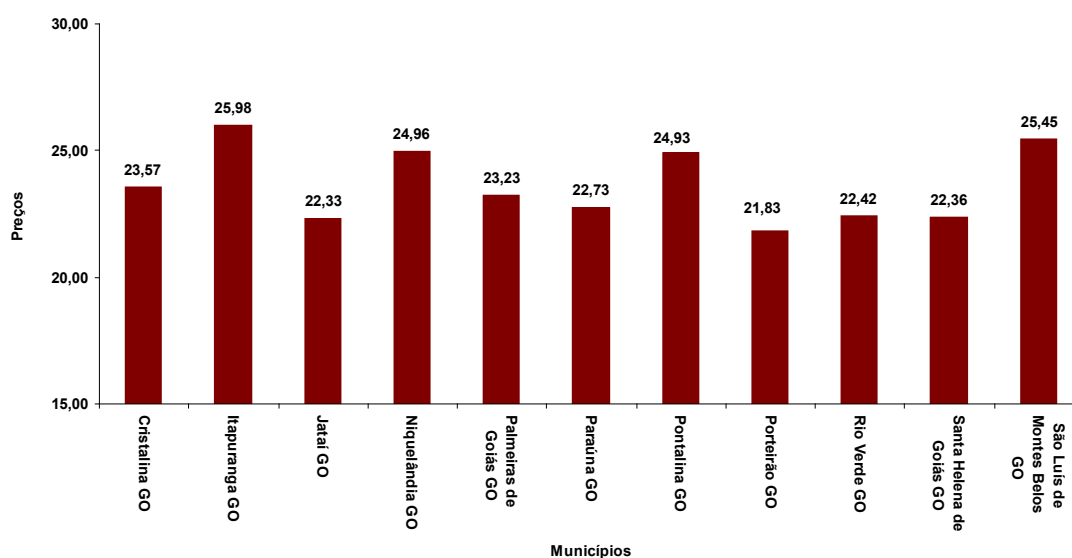
Gráfico 102 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 103 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

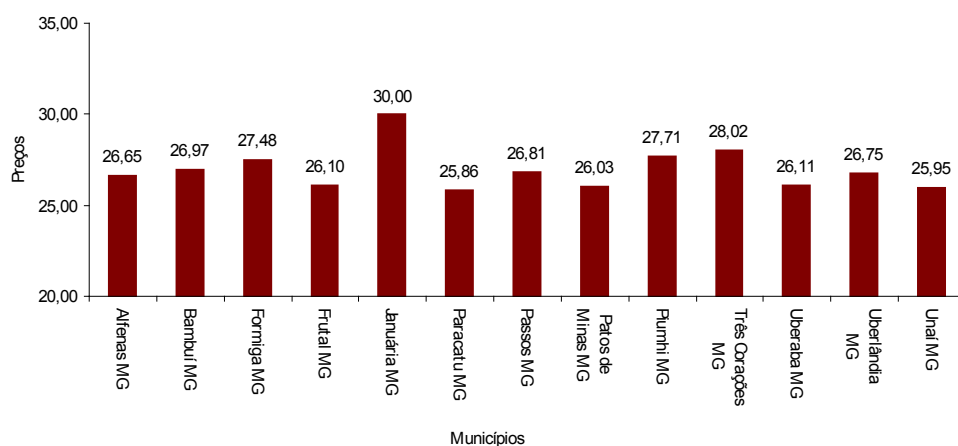


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



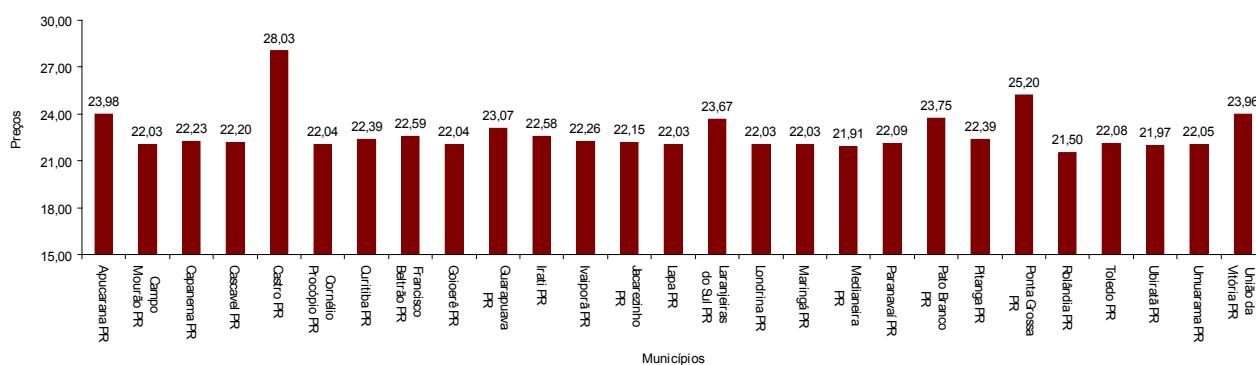
Gráfico 104 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

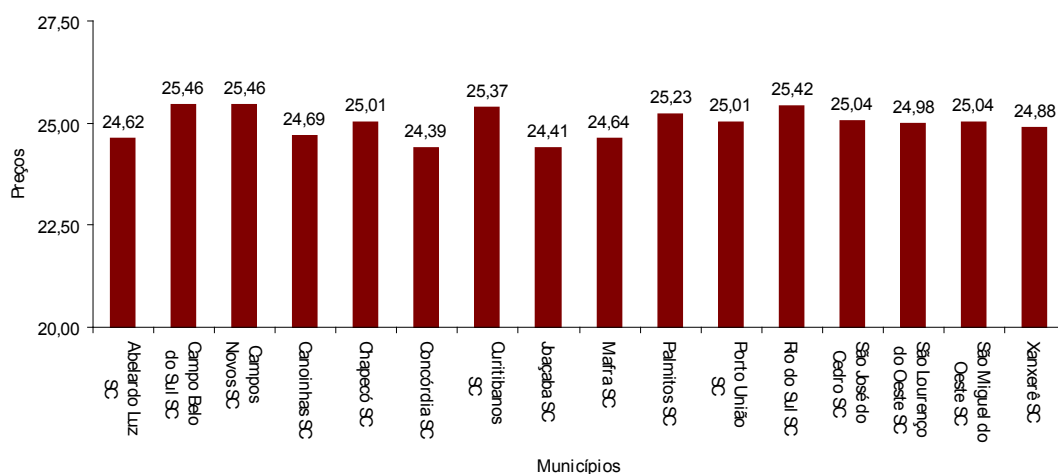
Gráfico 105 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 106 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

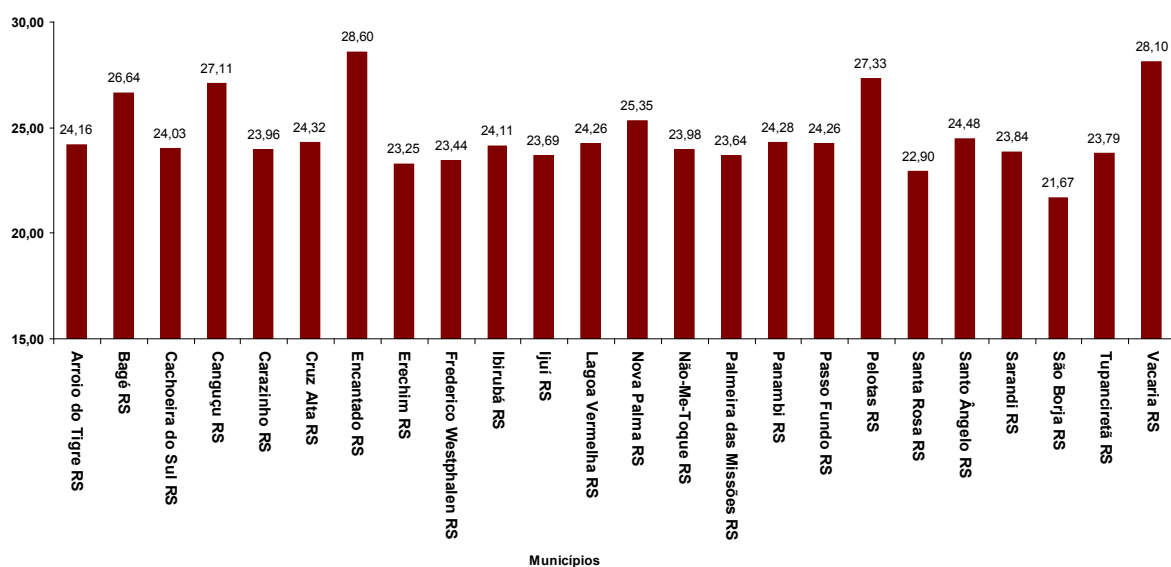


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



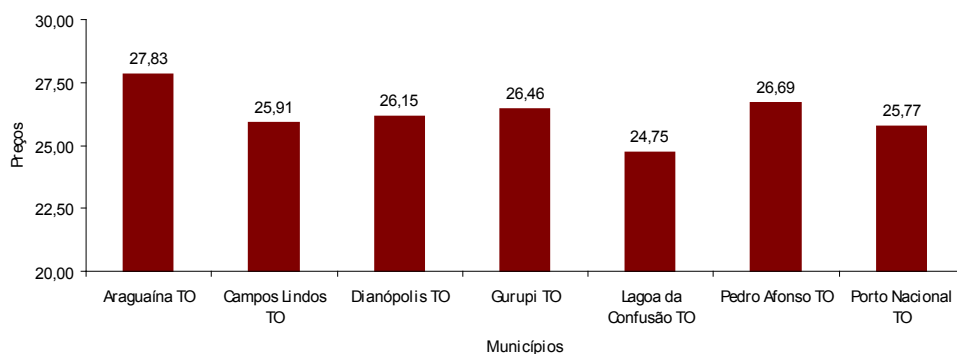
Gráfico 107 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

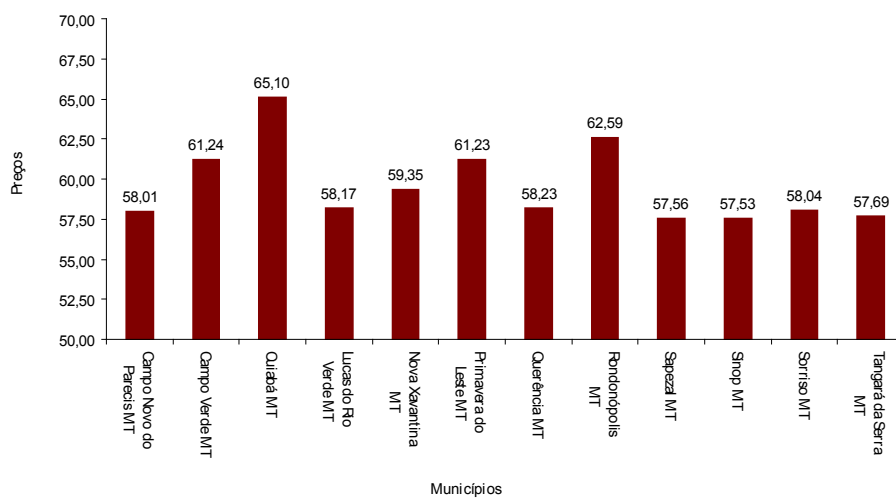
Gráfico 108 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 109 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

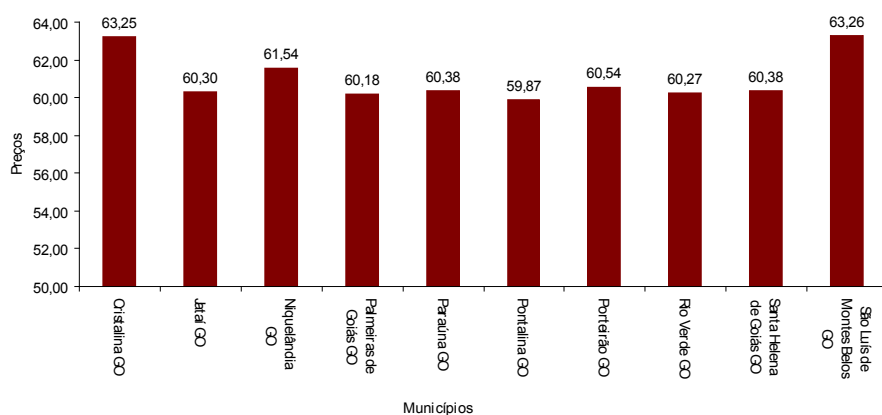


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



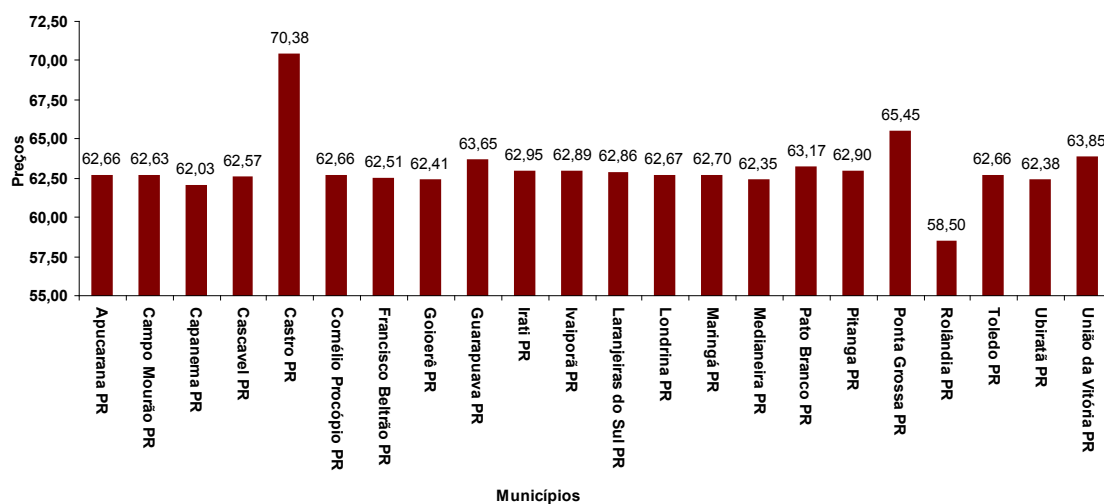
Gráfico 110 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

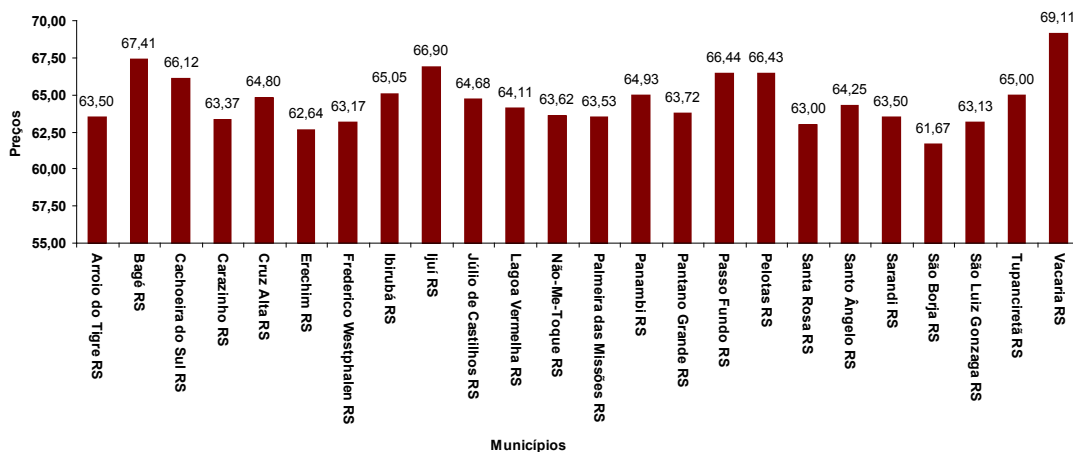
Gráfico 111 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

Gráfico 112 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

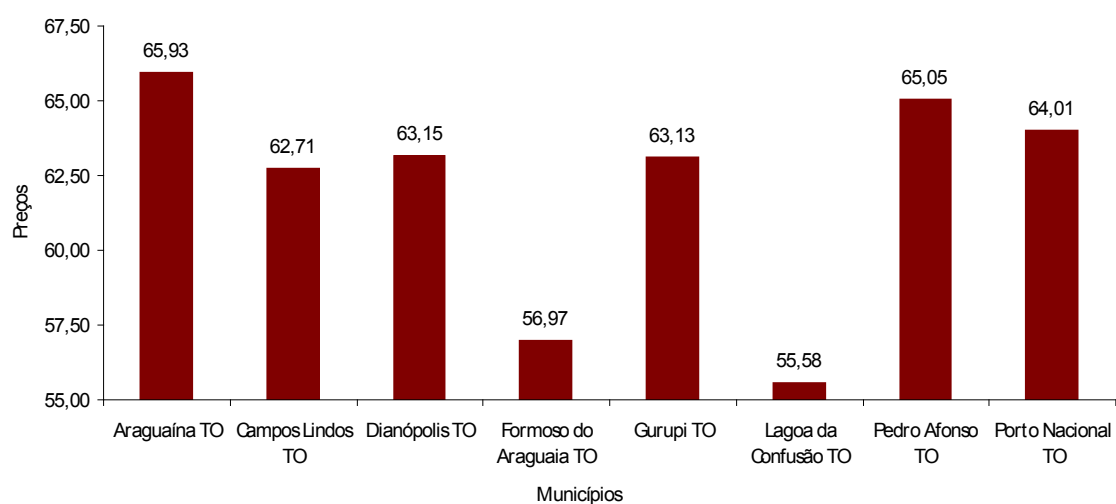


Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016



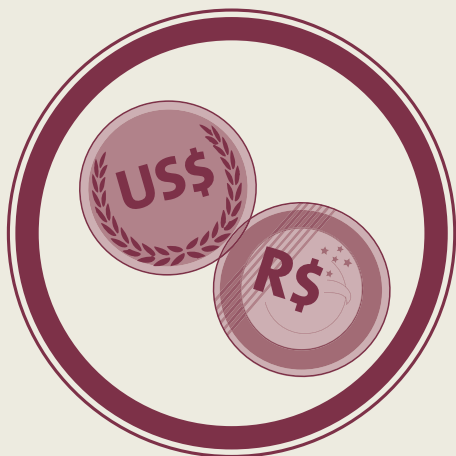
Gráfico 113 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: janeiro 2015 a janeiro 2016

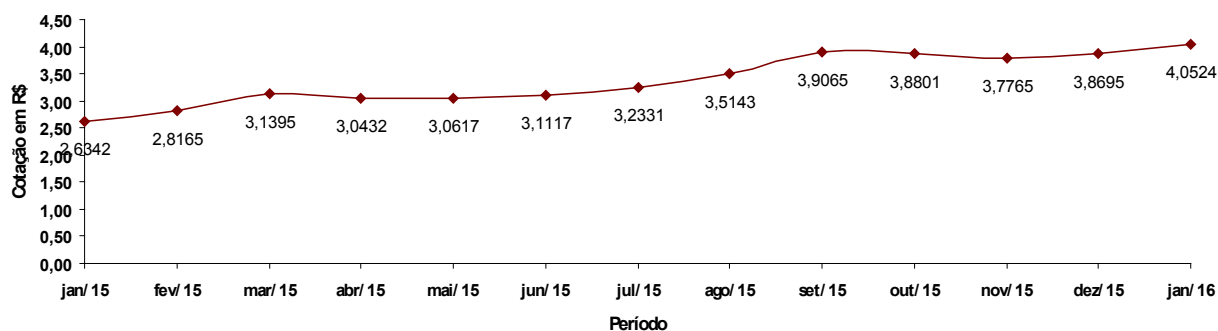




11. CÂMBIO

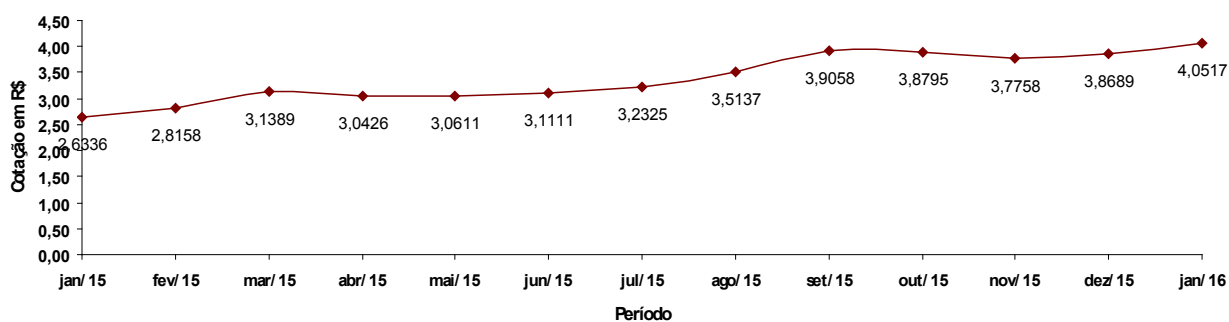
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2016.

Gráfico 114 - Câmbio venda - Janeiro de 2015 a janeiro de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 115 - Câmbio compra - Janeiro de 2015 a janeiro de 2016



Fonte: Bacen.





12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Historicamente, o país é exportador de produtos agropecuários. Para fins desse relatório pode-se destacar a soja e o milho como culturas que tiveram incremento de exportação neste ano de 2015, como pode se observar no texto abaixo, que também comenta outras culturas.

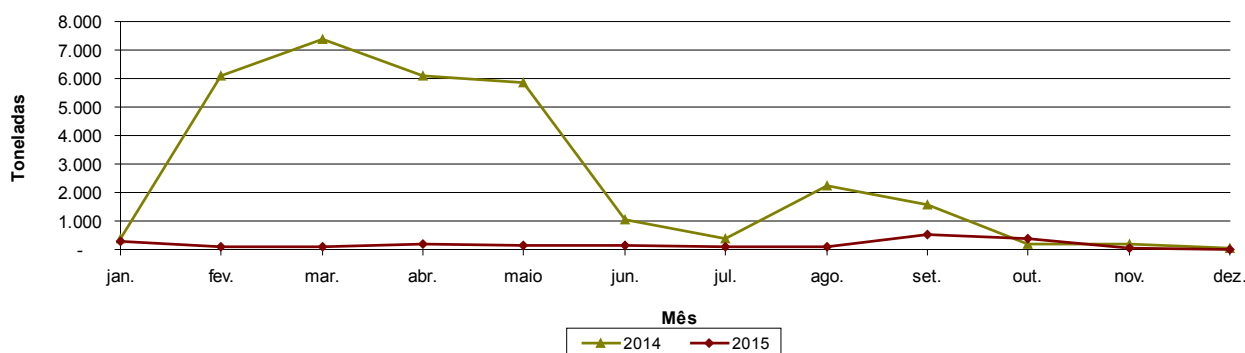
No segmento da importação, observa-se o trigo como destaque em relação às culturas que são mencionadas neste relatório.

12.1. ALGODÃO

A exportação de algodão bruto, de Janeiro a Dezembro 2015 atingiu 834,3 mil toneladas, 11,43% superior ao quantitativo de 2014. O montante de recursos auferidos com a exportação em 2015 envolveu US\$ 1.290,4 bilhões de dólares americanos, enquanto que no ano anterior, o valor referente à exportação atingiu US\$ 1.356,5 bilhões de dólares americanos.

A importação de algodão em 2015 foi inferior ao ano de 2014 como se observa no gráfico abaixo. A quantidade importada neste ano é 93% inferior à do ano passado.

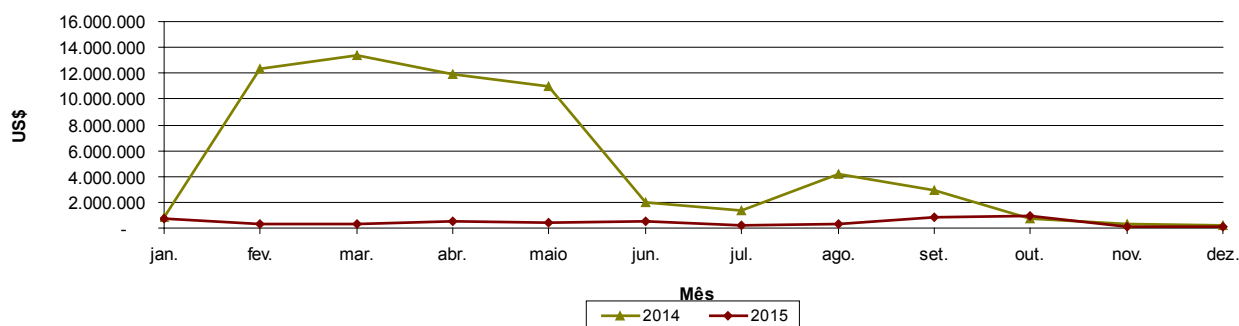
Gráfico 116 - Exportações brasileiras de algodão, em bruto - Toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

Gráfico 117 - Exportações brasileiras de algodão, em bruto - US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

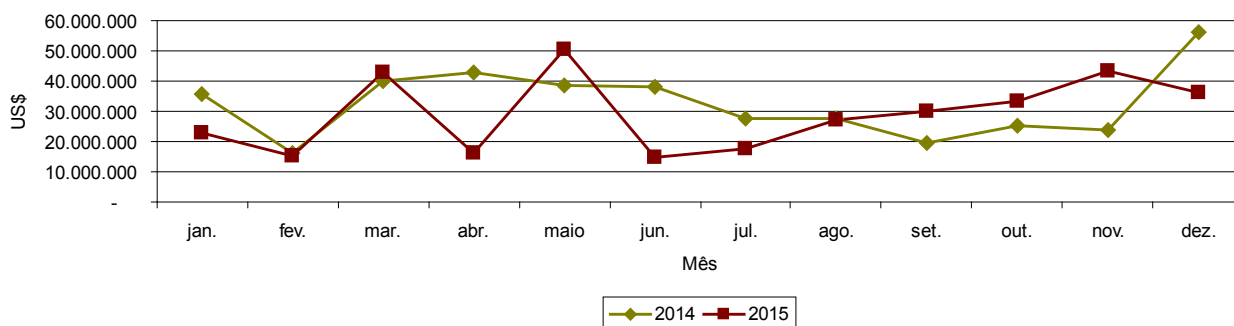
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

12.2. ARROZ

O comportamento da exportação de arroz em 2015 é diferente de 2014. A quantidade exportada cresceu em torno de 5% em relação ao ano anterior. No entanto, o montante obtido é inferior ao arrecadado em 2014.

Outro aspecto interessante é o comportamento da exportação em 2015 é de maior incremento a partir do segundo semestre deste ano, como se observa dos gráficos abaixo.

Gráfico 118 - Exportações brasileiras de arroz - US\$

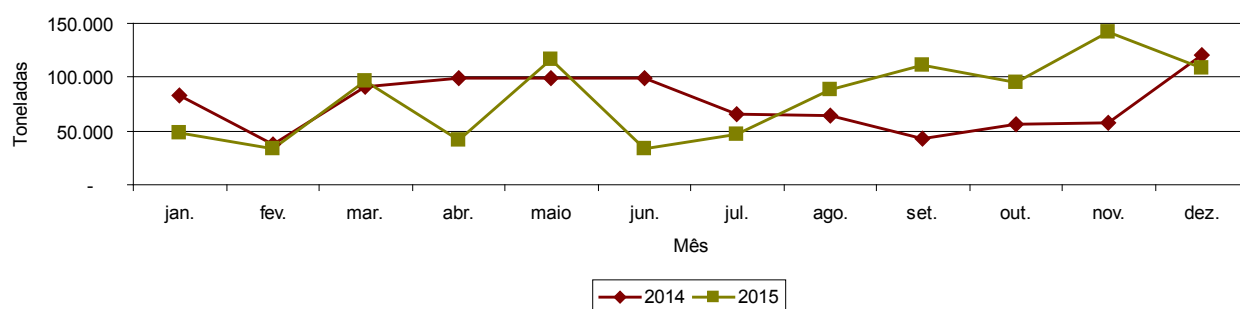


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..



Gráfico 119 - Exportações brasileiras de arroz - Toneladas



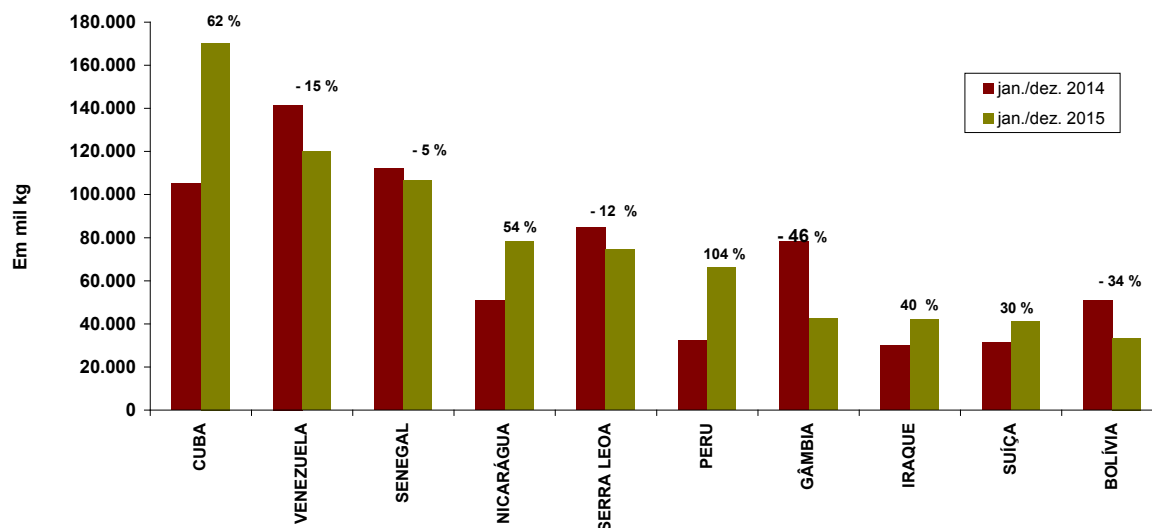
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

Observa-se, comparando o período de janeiro a dezembro de 2014 e 2015, que houve redução de exportação para Gambia (45,66%), Bolívia (33,92%), Venezuela (15,23%), e Serra Leoa (11,89%) . No mesmo

período, houve aumento da exportação para o Peru (103,50%), Cuba (62,14%), Nicarágua (54,08%), Iraque (40%) e Suíça (30,40%).

Gráfico 120 - Exportações brasileiras de arroz - Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

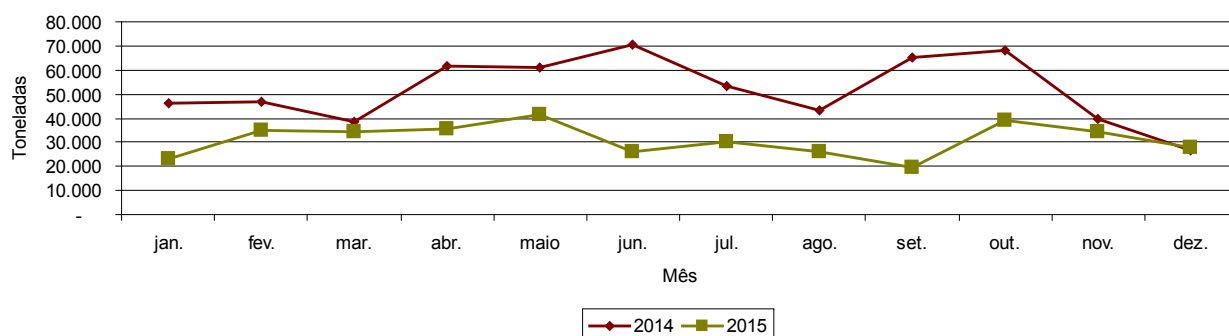
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

A importação de arroz de Janeiro a Dezembro de 2015 (145,1 mil toneladas) é inferior ao ano de 2014 (292 mil toneladas), se comparada com o mesmo período. O

gráfico abaixo demonstra a redução do quantitativo importado.



Gráfico 121 – Importações brasileiras de arroz, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

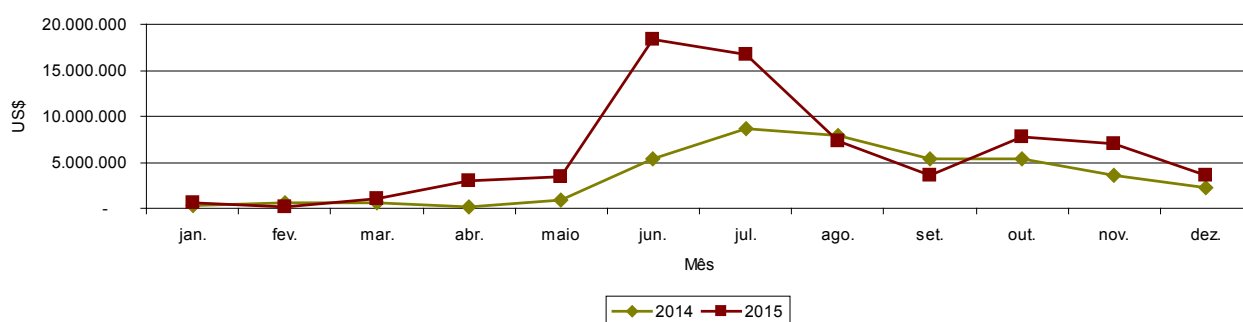
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

12.3. FEIJÃO

Nos anos de 2014 e 2015, a exportação de feijão atingiu 184,4 mil toneladas. De janeiro a Dezembro de 2015 o quantitativo exportado foi de 120,6 mil toneladas, quase o dobro no mesmo período de 2014. O montan-

te envolvido na exportação de 2015 atingiu US\$ 72,4 milhões de dólares americanos, enquanto que em 2014 a exportação gerou 40,9 milhões de dólares.

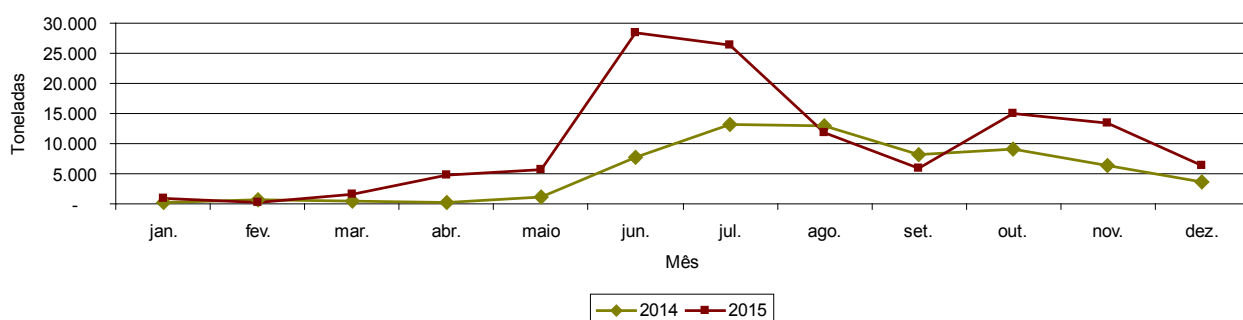
Gráfico 122 – Exportações brasileiras de feijão, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

Gráfico 123 – Exportações brasileiras de feijão, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

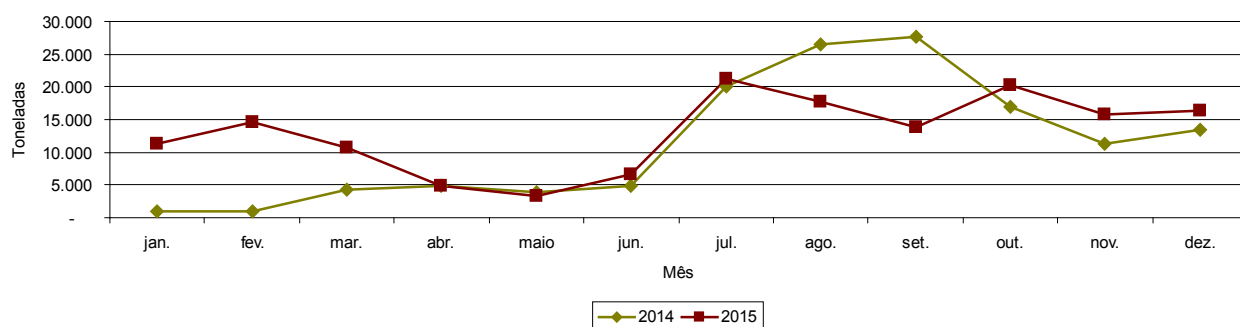
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..



No período de Janeiro a Dezembro de 2015, o País importou 157 mil toneladas de feijão que ultrapassa o

quantitativo importado em todo o ano de 2014, que foi de 135,8 mil toneladas.

Gráfico 124 – Importações brasileiras de feijão, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

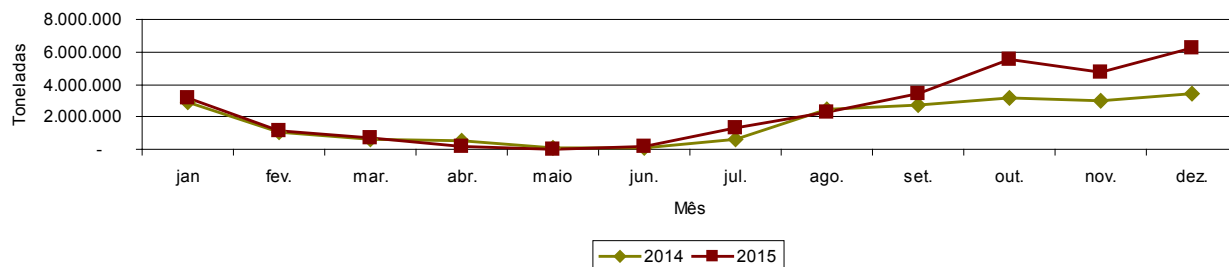
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

12.4. MILHO

A exportação de milho nos anos de 2014 e 2015 perfazem o quantitativo de 49,5 milhões de toneladas, gerando receita de US\$ 8.813,6 bilhões de dólares americanos. No período de Janeiro a Dezembro de 2015 foram exportados 28,9 milhões de toneladas, enquanto no mesmo período de 2014 as exportações

atingiram 20,6. O gráfico abaixo demonstra que o incremento no embarque produto a partir de setembro/15. A situação é a mesma ao observar o montante envolvido na exportação, como se observa dos gráficos abaixo:

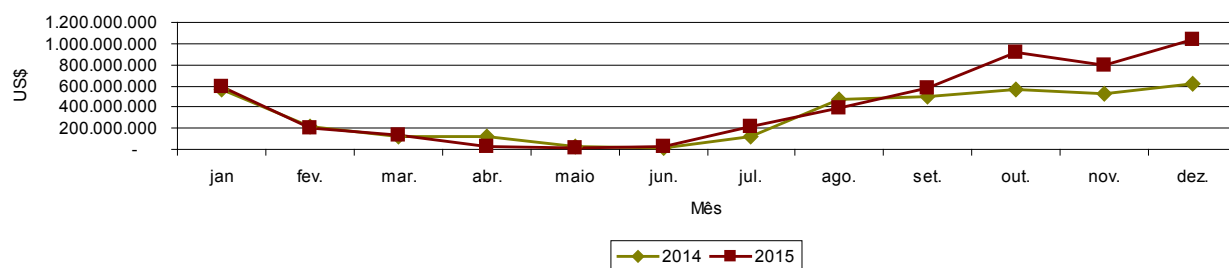
Gráfico 125 - Exportações brasileiras de milho, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

Gráfico 126 - Exportações brasileiras de milho, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

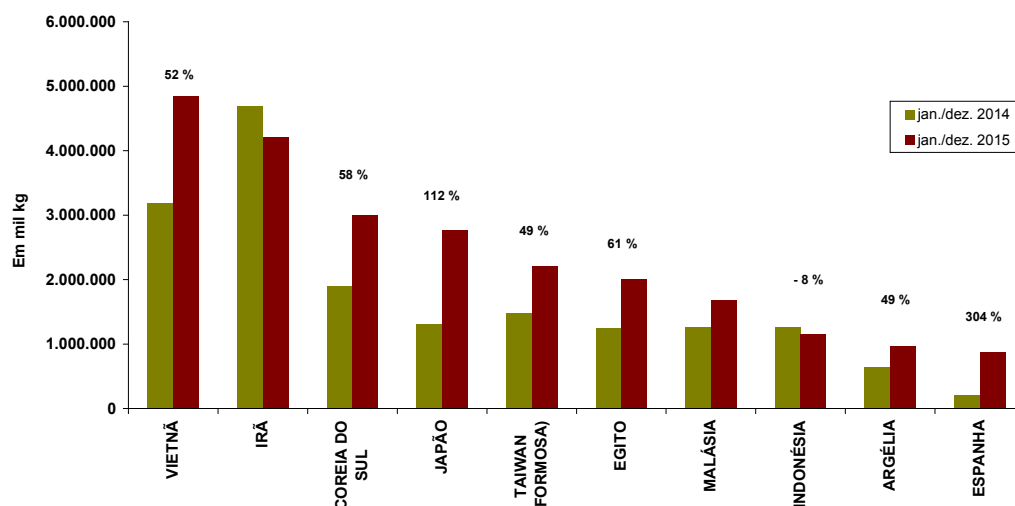
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.



Quando se observa o gráfico abaixo, pode-se registrar que em praticamente todos os destinos o quantitativo de milho superaram o ano de 2014, destacando-se a Espanha (303,61%), o Japão (111,68%), Egito (61,19%), Coreia do Sul (58,10%) e Vietnã (51,99%). O Vietnã (4,8

milhões de toneladas), o Irã (4,2 milhões de toneladas) a Coreia do Sul (3,0 milhões de toneladas) e o Japão (2,7 milhões de toneladas) são os principais destinos do produto.

Gráfico 127 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores

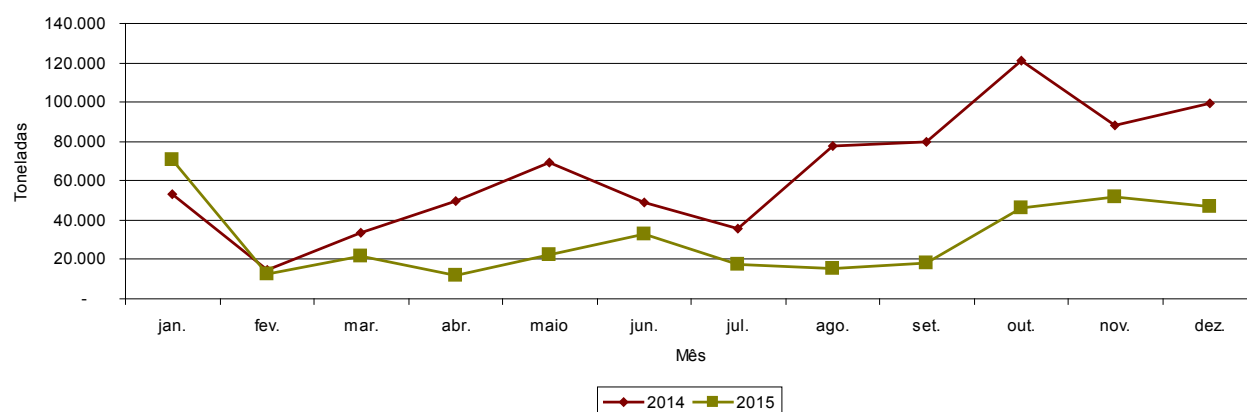


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

A importação de milho em 2015 é inferior ao ano de 2014, como se observa no gráfico abaixo.

Gráfico 128 - Importações brasileiras de milho, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

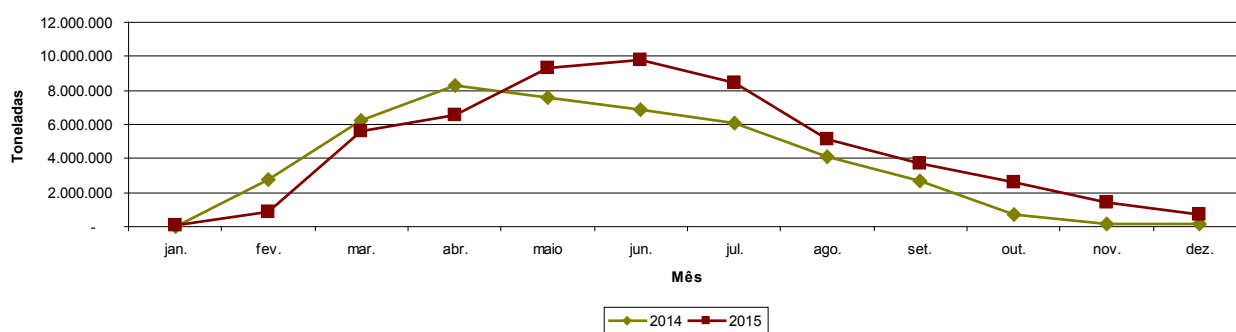
12.5. SOJA EM GRÃOS

A exportação de soja no período de Janeiro a Dezembro de 2015 atingiu 54,3 milhões de toneladas e seu comportamento é superior ao mesmo período de 2014 (45,7 milhões de toneladas). Deve-se destacar que a exportação de soja atinge aproximadamente

8,6 milhões toneladas a mais do que todo o ano de 2014. Essa situação reflete no montante envolvido na exportação. Os gráficos abaixo indicam o comportamento da exportação de soja.



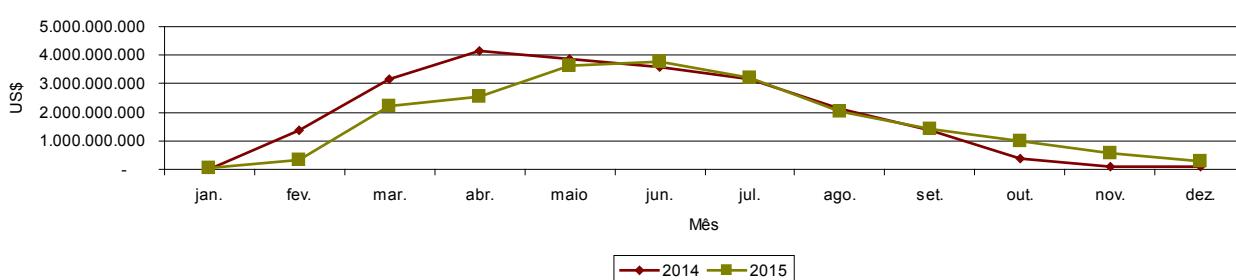
Gráfico 129 – Exportações brasileiras de soja em grãos, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

Gráfico 130 – Exportações brasileiras de soja em grãos, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

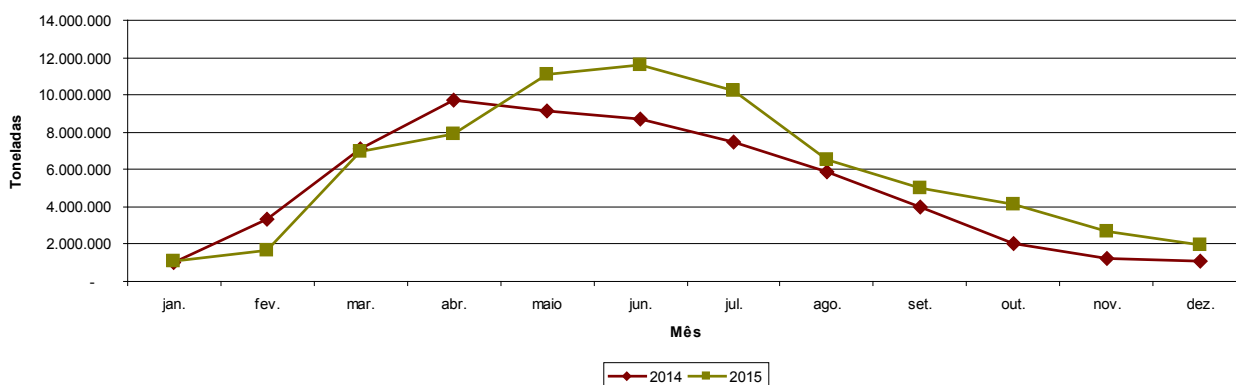
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

12.6. COMPLEXO SOJA

No período de Janeiro a Dezembro de 2015, a exportação do complexo soja atinge a 70,8 milhões de toneladas e 27,9 bilhões de dólares americanos, como se observa dos gráficos abaixo. Comparando o período

de Janeiro a Dezembro de 2014 e 2015, foram exportadas aproximadamente 10 milhões de toneladas a mais no ano de 2015.

Gráfico 131 – Exportações brasileiras complexo soja, toneladas

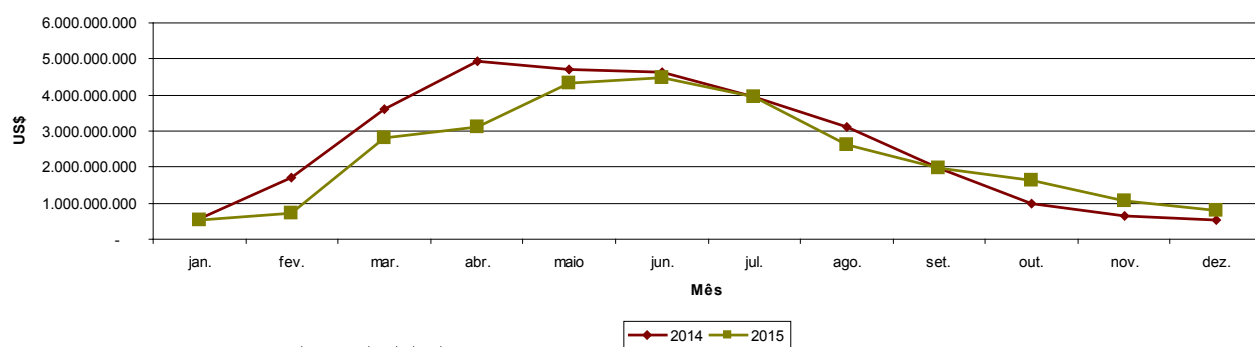


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..



Gráfico 132 – Exportações brasileiras complexo soja, US\$



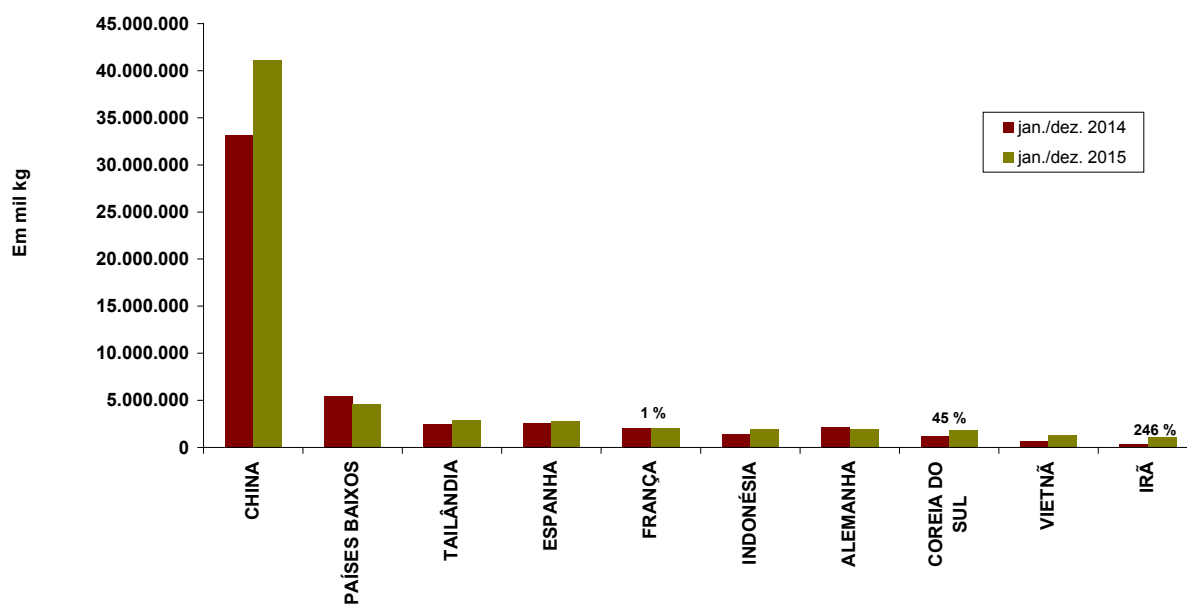
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015..

Dentre os principais países importadores do complexo soja, destaca-se a China que aumentou em 23,99% comparando o período de Janeiro a Dezembro de 2014 e 2015. O Brasil exportou para China, em

2015, 41,3 milhões de toneladas. Importante destacar que, nesse mesmo período, registrou-se incremento de embarques do complexo soja para o Irã (245,74%), Vietnã (79,85%) e Indonésia(51,63%).

Gráfico 133 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

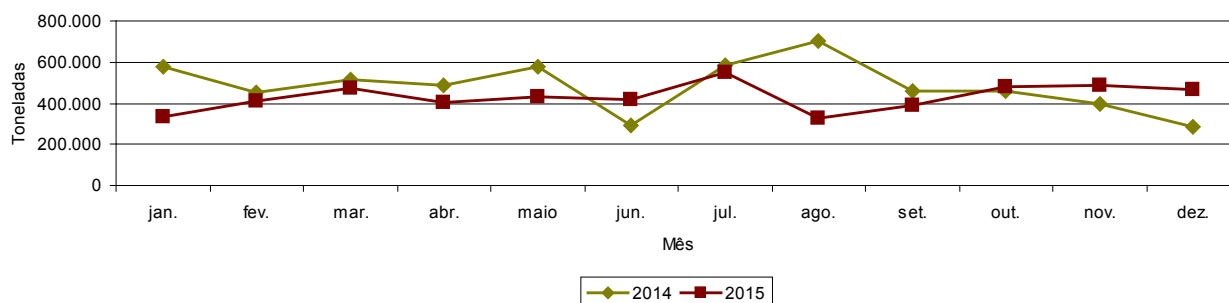


12.7. TRIGO

O Brasil, no período de Janeiro a Dezembro de 2015 importou 5,17 milhões de toneladas de trigo, enquanto que no mesmo período de 2014 o quantitativo era de

5,78 milhões de toneladas, o que refletiu em menor desembolso na importação do produto, como se observa nos gráficos abaixo.

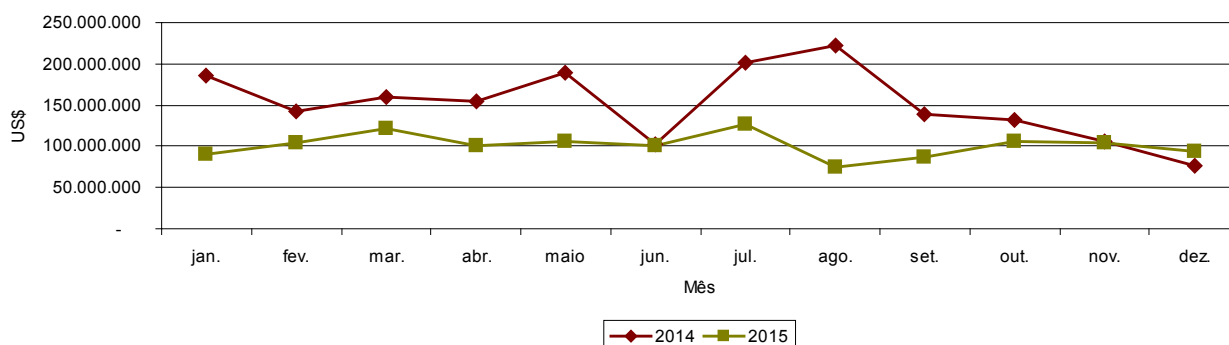
Gráfico 134 – Importações brasileiras de trigo, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

Gráfico 135 – Importações brasileiras de trigo, US\$



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

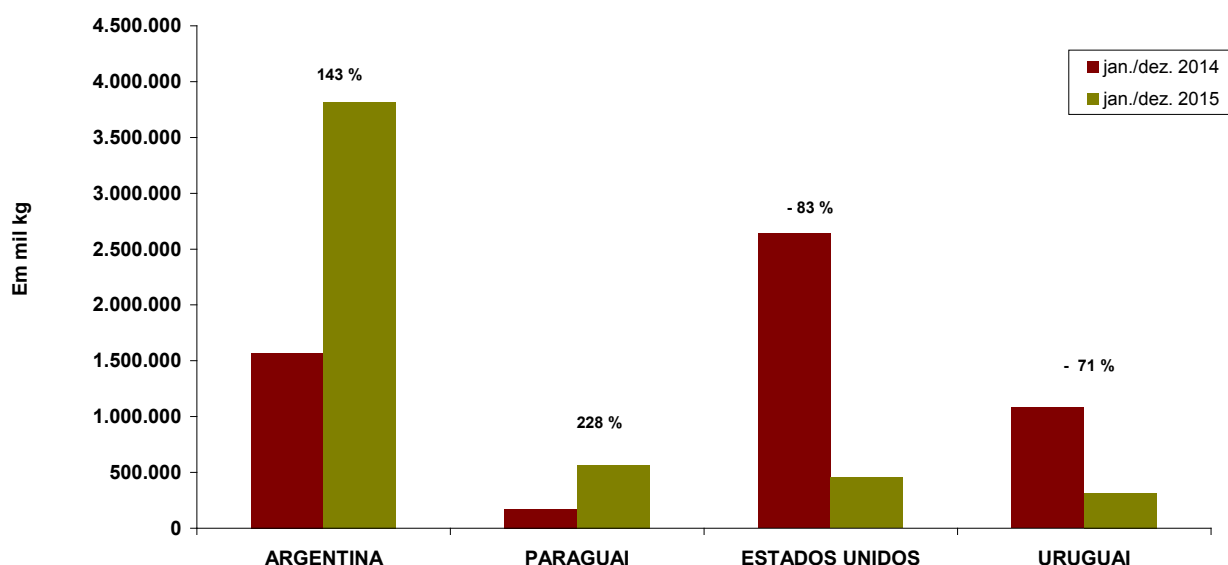
Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

Pode-se observar que no período entre Janeiro e Dezembro de 2015, a Argentina (3,8 milhões de toneladas

e o Paraguai (567 mil toneladas) forma os principais fornecedores de trigo para o abastecimento nacional.



Gráfico 136 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



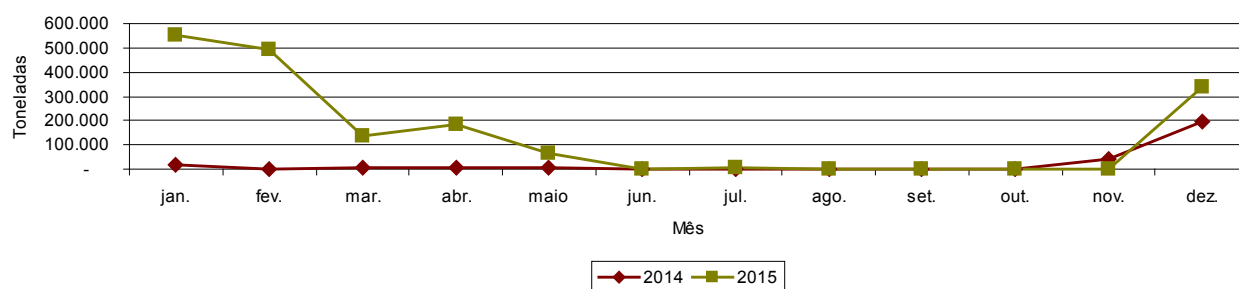
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.

No período de Janeiro a Dezembro de 2015 a exportação de trigo atingiu 1,7 milhões de toneladas, com geração de receita no montante de US\$ 352,0 milhões de dólares americanos. A performance da exportação é destaque, pois no ano de 2014 o quantitativo exportado foi de 277 mil toneladas.

Pode-se observar que no período entre Janeiro e Novembro de 2015, a Argentina e o Paraguai forma os principais fornecedores de trigo para o abastecimento nacional.

Gráfico 137 – Exportações brasileiras de trigo, toneladas



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a dezembro de 2015.





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br

9



772318

685002



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

